

LICÇÕES

OR 475
E. 2. B
PER P 436
LIC

*Ao meu illustre collega, D. Eduar.
do Olympio Farreiral, offerico es-
ta prova de consideração.*

Martiniano Mendes Pereira

Grammatica luso-latina



OU

estudo comparativo das linguas portugueza e
latina com outras,
obra composta a vista dos escriptos de
Bopp, Diez, Leupol, Burnouf, Oppert e outros,

POR

Martiniano Mendes Pereira,



MARANHÃO—1884.

Typ. do Frias.

LICÇÕES

DE

Grammatica luso-latina

PARTE 1.^a

DA ETYMOLOGIA

CAPITULO 1.^o

Da palavra e sua natureza.

LICÇÃO 1.^a

DA GRAMMATICA E SUA DIVISÃO.

§ 1. A Grammatica ou é a sciencia dos principios geraes da expressão do pensamento por meio da palavra fallada ou escripta em todas as linguas, ou a arte que ensina os preceitos particulares, empregados por uma linguá determinada na expressão do pensamento e applicados áquelles principios.

1 Assim a Grammatica portugueza é a arte, que ensina os preceitos para exprimir o pensamento por meio de palavras portuguezas; a Grammatica latina a de exprimi-os por meio das palavras d'esta lingua.

2 Tem por fim a presente Grammatica expôr aquelles principios e preceitos, ou fazer o estudo da Grammatica não só como sciencia, mas tambem como arte.

3 A expressão pode referir-se a ideia ou ao juízo: quanto a expressão em si, esta se faz por meio da palavra fallada ou escripta. Quando na expressão se

empregam gestos ou outros quaesquer signaes, que não seja a palavra, ella deixa de ser do dominio da Grammatica.

Divide-se pois a Grammatica: 1.º, em duas partes: a que trata da expressão da idéa, isto é, da *palavra*, e a que trata da expressão do juizo, isto é, da *proposição* ou *oração*; esta é a *syntaxe*.

4 Como a palavra pode ser fallada ou escripta, d'ahi vem: 2.º, a subdivisão da primeira parte em outras duas: a que trata da expressão da idéa por meio da palavra fallada, e a que trata d'essa expressão por meio da palavra escripta, tomando a ultima o nome de *orthographia*.

5 E assim como a palavra pode ser considerada simplesmente em sua natureza, pode tambem selo quanto ao modo de pronuncial-a. D'ahi vem: 3.º, outra subdivisão da Grammatica em outras duas partes, chamadas *etymologia* e *prosodia* ou *orthoepia*.

LICÇÃO 2.ª

DA ETYMOLOGIA.

§ 2.º A etymologia é a parte da Grammatica que ensina a natureza e origem das palavras.

6 Palavra é um signal elemental da oração, com que se exprime uma idéa que faz parte do juizo.

7 A *etymologia* estuda a palavra: 1.º, nas idéas que exprime, e a distribue em classes; 2.º, em cada uma das partes em que cada palavra se divide, e denomina-as *raizes*, *prefixos*, *infixos* e *suffixos*; 3.º, nos sons que a compõem, e é a parte phonetica. Mas o estudo d'esta parte da Grammatica ficaria esteril, enfadonho e obscuro, se não fosse auxiliado pela *historia* e *comparação*. E' por meio d'estes dois auxiliares que a

etymologia, sciencia inteiramente nova, como diz Mr. Auguste Brachet, pode chegar a origem das palavras e conhecer as leis de transformação das linguas; foi assim que se pode descobrir que a linguagem se desenvolve segundo leis invariaveis, e segue em suas transformações regras necessarias.

8 Estas transformações se operam por meio de dois processos, que Max Muller chamou a *renovação dialectal* e *alteração phonetica*. Em virtude d'estes processos pode-se formular as duas leis seguintes :

1.^a *Emquanto uma lingua não se fixa pela escriptura ou litteratura, pode transformar-se em differentes dialectos.*

2.^a *As palavras de uma linyua podem-se tornar differentes, alterando profundamente seus elementos componentes e apagando-lhes o sentido primitivo.*

Foi em virtude da primeira lei, que certos missionarios, fazendo com todo o cuidado um vocabulario da lingua d'uma das tribus selvagens da America central, quando voltaram a esta tribu dois annos depois, viram que esse vocabulario já não servia mais, porque a lingua já não era a mesma. Foi em virtude da segunda lei, que a palavra latina *viginti*, por exemplo, derivou-se das duas *duo* e *decem*, a franceza *vingt* de *deux* e *dix*. *Vi*, dois, está por *dis*, que se corrompeo em *bis* (duas vezes) e perdeu o *d* inicial e o *s* final; *ginti*, dez, está por *dasati* (sanskrito, década), perdendo a syllaba inicial *da*, trocando a sibilante pela lingual, o *a* por *i* e inserindo um *n* euphónico. O mesmo se applica a palavra portugueza *vinete* que se deriva da latina, perdendo a syllaba *gi* e mudando o *i* final em *e* mudo, que tem o mesmo som.

9. O portuguez é um dos seis dialectos, que nasceram da lingua popular de Roma, levada por suas legiões para as colonias. Os outros dialectos são: o francez, hespanhol, italiano, provençal e valáco.

CAPITULO 2.º

Da historia e comparação.

LICÇÃO 3.ª

DOS ELEMENTOS DO PORTUGUEZ.

§ 3.º As palavras latinas, que passaram para o portuguez, atravessaram o periodo romano e depois outro periodo, que chamaremos do portuguez antigo.

10 Muitas d'essas palavras já se haviam passado do grego para o latim (escriptores ha de opinião que estas duas linguas a principio constituíam uma só), que por sua vez as receberam do sanscrito.

D'aqui se deduz que para estudar bem o portuguez, é necessario não só ir buscar a origem de suas palavras e o modo de formal-as nas linguas antigas, como comparar os periodos intermediarios da mesma lingua. Temos portanto de comparar o portuguez antigo com o moderno e com o romano, para podermos remontar a origem latina, e, achada esta, proceder do mesmo modo até o sanscrito, a fonte mais antiga, onde nos é dado beber os esclarecimentos possiveis.

11 Mas não é o portuguez a unica lingua derivada da latina (n. 9), e porque a troca das letras em todas ellas se effectua com a mesma persistencia, salvo algumas excepções, não podemos estudar qualquer das mesmas linguas sem o auxilio das outras.

Tomemos para exemplo a palavra *pai*. Vemos, remontando ao portuguez antigo, que esta palavra era *padre*; e como na passagem do latim para o romano as letras não se conservam sempre as mesmas, comparando-a com *pater*, vemos trocar-se a dental forte *t* pela branda *d*, e, alem d'isso, que o *r* mudou de lugar por *metathese*. Ora toda a palavra se compõe de duas partes (ou mais, § 55): raiz e terminação, de

modo que em *pater* e *padre* a raiz é *pá* e a terminação *tr* ou *dr* (suffixo sanskrito *tr*). Este suffixo *tr* é empregado em sanskrito para significar em geral o que faz ou pratica alguma acção, e em particular, como neste caso, nomes de parentesco. Quanto a raiz, *pá* significa sustentar ou governar, mais particularmente, o que governa a familia, o *pai*. Temos mais a observar que, conferindo a palavra portugueza com a das outras linguas, temos em hespanhol e italiano *padre* (grego $\pi\alpha\tau\epsilon\rho$). Quanto a palavra portugueza, deve-se notar alguma differença entre ella e a das outras linguas, principalmente a latina, d'onde veio immediatamente. Mas esta differença, que se explica pela necessidade de não confundil-a com a actual *padre*, que tem o sentido de sacerdote, o *pai espiritual*, só attinge o suffixo, consistindo na perda do *e* mudo final ou atonico, perda tão frequente e a que estão sujeitas taes vogaes. Não está no genio da lingua acabar suas palavras por consoante; a perda do *e* arrastou a do *r*, que, como liquida, está mais exposta a alterações e até a suppressão. Afinal o *d* não pode resistir e resolveo-se em *i*, que, formando diphthongo com o *a*, adherio a elle, assegurando á palavra uma certa extensão. Verifica-se ainda que a etymologia da palavra *pai* é verdadeira, desde que vemos figurar a raiz d'ella em outras palavras com a mesma significação de *proteger*, como na lingua antiga *parança*, protecção, amparo, defensão, ajuda; *paranho*, amparo. Entre o portuguez *pacato* e o latim *placatus* ha um intermediario antigo, que é *pagado*; entre *pagar* e *pacare* temos *peccar*, etc. Este podia confundir-se com o vocabulo actual *peccar*, e por isso mudou-se para *pagar*. Portanto, observadas as regras de transformação das letras, e, conhecidas as que são conservadas em nossa lingua, convem indagar, se na lingua antiga ha alguma forma correspondente, que esclareça a actual pela comparação com a palavra latina, grega ou sanskrita, comparada tambem com a das outras linguas neo-latinas.

12 Cremos que a comparação já se pode estabelecer a partir do duodecimo seculo, posto que haja quem pense que só do tempo de D. Diniz é que se pode considerar como formada a lingua portugueza.

Seguindo sempre este methodo, não obstante ser novo entre nós, chegaremos, ao passo que estudarmos o portuguez em suas origens, a conhecer tambem o latim. Mas, como na formação do portuguez entram, cada um com seu contingente, o arabe, o gothico, allemão e o grego, comparando estas linguas, d'esta comparação resulta naturalmente o estudo das mesmas linguas e dos dialectos latinos (*umbrio* e *osco*) em consequencia da comparação estabelecida entre si e ellas, bem como da dos dialectos allemães e outros; mas este estudo não pode deixar de ser feito na medida do espaço de que dispomos.

Querendo, por exemplo, saber a origem da palavra *noite*, achamos que em latim a palavra correspondente é *nox,-ctis*, em francez *nuit*, em italiano *notte*, em hespanhol *noche*, em grego *νύξ* (*nyx*), *νυκτός* (*nyktós*). Vê-se que o grupo *ct* ou *kt* é commum ao grego e ao latim, o qual se converteo em francez e portuguez em *it*, italiano *tt*, hespanhol *ch*. D'aqui se pode concluir que, como *noite*, as palavras *leite*, *oito*, *biscoito* (*lacte*, *octo*, *biscoctus*) e outras, nas quaes existe o grupo *it*, salvo algumas excepções, como *trecho* de *tractus*, hespanhol *trecho*, teem a mesma derivação.

13 Comparando as palavras latinas com as portuguezas, que d'aquellas se derivaram, vê-se que estas variaram em alguma cousa o sentido das primitivas, sendo esse sentido ora mais lato, ora mais restricto, do que este, e as vezes até contrario. Temos, por exemplo a palavra *lacerare* que significava *despedaçar*, *desmembrar*, *esquartejar*, *despojar*, *consumir*, *estragar*. O verbo antigo *lazerar* tem tambem a significação de *causar damno*, *offender*, *quebrar*, *despedaçar*, *romper*; mas *lacerar* já significa simplesmente *dilacerar*, *despedaçar*, *rasgar*. *Mortalitas* quer dizer condição de

morrer, sujeição a *morte*; mas da palavra *mortalitas* derivou-se *mortalidade* não só com esse sentido, mas significando também o numero dos obitos, e *mortandade* (antigo *morteydade*), que significa o grande numero d'elles. *Mortarium* significava não só o *almofariz*, *gral*, *collirio*, como a *cal* e *areia* que naquelles se piza; mas *morteiro* (antigo), só tem o ultimo sentido, e o *morteiro* actual o de *canhão* e o de *gral*.

Mr. Brachet cita *charpentier*, *carpentarius*, que significava *o que faz coches*; em portuguez *carpinteiro* é todo o official que trabalha em madeira. *Caballus* era o sendeiro; mas *cavallo* é generico e comprehende não só o sendeiro como o *cavallo de sella*. A mesma differença nota o mesmo philologo entre *minare*, *encaminhar* e *mener*; *jumentum*, *jumento*, e *jument*; *peregrinus*, *peregrino* e *pelerin*; *arista* e *arête*, *aresta*; *carruca* e *charrua*, etc.

14 O estudo do sentido das palavras é muito mais difficil do que o da *forma*; este é todo material, ao passo que o d'aquelle não, e já pertence ao dominio da *psychologia*.

15 O latim, sendo transportado ás Hespanhas pela conquista romana, absorveo a lingua que ahi se fallava, o celta, e soffreo por sua vez, alguns seculos mais tarde, notavel modificação em consequencia da invasão da peninsula pelas tribus germanicas, depois substituidas pelos arabes. A historia nos apresenta uma luta prolongada, que se terminou paulatinamente pela expulsão dos ultimos. Ainda durava a lucta, quando Affonso de Castella deo em dote ao Conde D. Henrique, francez de origem, que se casou com D. Tharreja, sua filha, o condado de Portugal. A comitiva do Conde, vinda de França, devera ter introduzido no portuguez grande copia de palavras francezas, ainda augmentada com o contingente trazido por D. Affonso III, que viveo muitos annos em França, para onde mandou seu filho estudar. Com o contacto das duas nações, Portugal e Hespanha, muitas palavras castelhanas deveriam ter-se introduzido no portuguez,

alem de outros elementos, cuja existencia se explica em grande parte pelos factos da historia nacional.

Entretanto ia-se formando aos poucos este bello idioma, para o qual concorreram muitos elementos diversos, como o celta, o grego, o latim, o germanico, o arabe, o francez, o italiano, o hespanhol, o provençal, o allemão, o slavo, o inglez e depois tambem os idiomas da India e Africa e o tupy, posto que estes contingentes sejam pequenos.

§ 4.º Com os povos da peninsula iberica, relativamente a conquista romana, aconteceu o mesmo que com os das Gallias, pois que elles afinal adoptaram a lingua dos conquistadores; os povos das Hespanhas tomaram completamente os costumes romanos e até se esqueceram da propria lingua, como nos informa Strabão. O elemento celtico portanto, que entrou na composição do portuguez, não pode deixar de ser limitado. Constituem este elemento, alem de outras, estas palavras: *bagagem, barra, bico, betonica, bicia, betula, vidueiro ou bidueiro, bardo, calhandra, cerveja, dolmen, druida, dathro, galerno, garrotear, galeota* e talvez *goleta*, que Constancio dá como voz turca, *arnez, jarrete, marga, marne, pote* (de *pâ* beber), *caes, truão, touca, vassallo*.

§ 5.º Ao elemento celtico segue-se chronologicamente o latino; o grande numero de vocabulos d'esta procedencia, formando a quasi totalidade do portuguez, prova que esta lingua é filha da latina.

16 Menco proximo do latim do que o italiano no que diz respeito as vogaes, pois que esta lingua nos apresenta organização mais simples (*Diez*), porem mais visinho do systema phonico francez, do que do hespanhol, o portuguez apresenta na maior parte de suas formas a maior semelhança com o latim. Nascido do latim vulgar, como as outras linguas romanas, elle não offerece todavia grandes differenças do latim classico, pois que em muitos casos deixa a forma popular, para seguir o mais possivel a classica, in-

troduzida mais tarde pelos eruditos (1), e constituindo o que se chama o elemento de origem sabia. Assim, das duas formas *duplare*, *abante*, *ebriaca* (latim vulgar) e *duplicare*, *ante*, *ebrius* (latim classico), ao passo que o francez segue a primeira, dizendo *doubler*, *avant*, *ivraie*, o portuguez ao lado de *dobrar*, *avante*, tem *duplicar*, *antes* e *ebrio*. Não obstante dizer com a lingua popular de Roma:—*semana*, *caminho*, *batalha*, *beijar*, *tornar*, o portuguez diz com os patricios:—*via*, *pugnar*, *oscular*, *reverter*.

17 Muitas palavras não passaram do latim ao portuguez, nem as outras linguas, por não offerecerem corpo bastante áquella resistencia precisa para seu uso, ao passo que outras desapareceram, porque não deram formas identicas. No primeiro caso *spes*, para conservar-se, foi preciso ampliar-se em *esperança*; no segundo *bellum* (guerra) confundir-se-hia, visto não haver no portuguez o genero neutro, com *bellum* (*bello*), e deixaria de exprimir a idea do derivado do germanico *werra*; *rivus*, rio, expulsou *amnis*, *flumen* e *fluvius*, que só pode conservar-se, para exprimir a ideia do que corre, no composto *effluvio*; *porta* fez desaparecer *janua* e *ostium*; *radius*, raio, *fulmen*. Outras vezes foi a forma primitiva que desapareceu, ficando os diminutivos: de *acus* fez-se *agulha* (*acucula* por *acicula*), processo de que já havia dado exemplo o latim popular, fazendo de *apis* *apicula*, do qual sahio *abelha*, que significa litteralmente *abelhasinha*.

18. O latim possuia a faculdade de formar substantivos dos participios passados dos verbos, e o portuguez o imitou fielmente, como o francez. De *scribo* veio *scriptum*, de *escrever* o *escripto*, como se diz o *lavado* (costa ou corôa, que o mar banha e deixa depois em sêcco), o *ensopado*, o *assado*, a *bebida*, a *comida*, etc. Mas esta faculdade chegou em portuguez até a formar substantivos dos infinitos, tirando-lhes a terminação, a maneira do francez, se é que não seguiu

(1) Dr. Heraclito Graça.

o processo opposto. De *appellar* veio *appello*, de *purgar purga*, de *levar leva*, de *multar multa*, de *mamar mamma*, de *peitar peita*, de *provar prova*, etc.

A imitação do latim o portuguez formou verbos novos com o participio passado dos outros verbos; de *cogitus* fez *cogitar*. O latim popular por seu lado de *usus*, *rasus*, *ausus* fez os verbos *usare* (por *uti*), *usar*; *razare* (*radere*), *arrazar*; *ausare* (*audere*), *ousar*.

§ 6.º Em seguida damos a lista das palavras romanas: *abbreviare*, *acia*⁽¹⁾ aza, *acicula* (agulha), *aditare*, *adjutare*, *adperlinere*, *adplanare*, *ceramina* (arame), *ala*, *aliorsum* (alhures), *allaudare*, *alabar* (antigo. louvar), *amarescere* (amarujar), *amaricare*, (amargar), *amicabilis*, *amma* (ama), *amplare* por *amplificare* (ampliar, amplificar), *appropriare*, *aquagium* (agoagem), *arboreta* (arbusto), *artitus* (artista), *astrozus* (de que se formou desastroso), *astrum* (astro, d'onde vem desastre), *astrus*, *astrum* (atrio), *augmentare*, *aucella*, *avicella*, por *avicula* (avesinha, *avicula*), *baburros*, burro, latim *babulus*, (pabulo), *baia* (bahia), *ballare* (bailar, provavelmente de origem germanica), *bassus*, basso, baxo, bas, (baixo), *baro*, *barus*, (barão), *baselus* (baixel), *bostar* (de bos, bosta), *batualia* (batalha), *batuere* (bater), *belare*, balar, *bellax* (só no superlativo. *bellacissimo*), *bibo* (beberrão), *blitum* (bre-do), *boatus*, *bucca*, (bocca), *burdo* (bordão), *burgus*, *burrae* (burla), *burricus*, *buricus*, *caballicare* (cavalgar), *caballus*, *cai* ou *kai* (caes), *caldaira* (caldeira), *cambota*, *caminata*, (chaminé), *caminus*, *campana* (campa, campainha), *campiones*, *canava*, (cava, celleiro), *canna*, *capa*, *capanna* (cabana), *capere* (caber), *capitanus*, *capritus*, *caprio* (cabrão), *capulum* (cabo, corda), *cara*, *carabus*, *carpa*, *casa* (por *domus*), *casula*, *cattare*, *causa* (em vez de *res*), *cecinus* (cisne), *ciconia* (cegonha, de tirar agua), *circare* (cercar), *collina* (por *collis*), *columellus* (colmilho), *colpus* (golpe),

1) As palavras que estão griphadas são as usadas antes de Carlos Magno. (Diez).

combrus, *cortinae*, *costuma* (costume, mos), *crema* (creme), *cucus*, *cusire* (coser), *dativa* (dativa), dejectare (deitar), dementare (dementar), deputare, *diffacere* (desfazer), *deviare* desviar, *directura* (direitura), *directum* (por jus, direito), *discappillare* (descabellar), *discursus*, *disseparare* (separar), *disunire*, *drapus* (trapo), *ducere se* (conduzir-se), *duellum* (forma de bellum, arcaico), *dulcire* (adoçar, adocicar), *duplare* por *duplicare* (dobrar), *esca* (isca), *exagium* (ensaio), *excaldare* (escaldar), *excolare* (escorrer), *extradicare*, *eradicare* (desenraizar), *falco* (falcão), *falsare* (falsear), *farnus* por *fraxinus*, freixo, *fata* (por parca, fado), *ficatum* (figado), *fictus* (ficto), *flasco* (frasco), *fluidus* (por *fluidus*, fluido), *focacius* (fogaça), *focus* (fogo), *follicare* (folgar), *forestis* (floresta), *fortia*, *forcia* (força), *frigidare* (esfriar), *fundibulum* (funil), *furo* (furão), *gabalum* (gabela), *gamba* (gambia), *gannat* (engano), *gavia* (gaivota), *geniculum* (joelho), *gluto* (glutão), *grandire* (engrandecer), *granica* (por *horreum granja*), *gubernum* (por *gubernaculum*, governo), *gubia*, *guvia*, *gubia*, *gulveia* (goiva, provavelmente de origem ibérica), *gyrare* (girar), *hereditare* (herdar), *hostis* (hoste), *impedicare* (impedir), *impostor*, *improperare* (d'onde vem *improperio*), *incapabilis* (incapaz), *incensum* (por *thus*, incenso), *inceptare* (encetar), *incrassare* (engraixar, engordar), *inculpare* (inculpar), *infans* (infante), *intimare*, *iterare* (errar, vagar), *jejumare* (jejuar), *intimare* (intimar), *jentare*, *jubilare*, *juramentum*, *justificare*, *lacte e lactem* (leite), *lanceare* (lançar), *latus* (ao lado), *levisticum* (por *ligusticum*, *ligustico*, planta), *licinium* (lichino), *ligatio* (ligação), *longano*, *longabo* (linguiça), *lorandrum* (loendro), *macror* (magresa), *malitas* (maldade), *mamma* (mammã), *mammare*, *manducare*, *mantum*, *marcus*, *mare*, *masca* (mascara), *masticare*, *matrina*, *matrinia* (madrinha e madrasta), *mfadietas* (metade), *mejare* (mijar), *melicus* (por *medicus*), *meliorare*, *mensurare*, *merces* (mercê), *mili-mendrus*, ou *milimendrum* (meimendro), *minaciae* (ameaças), *minorare*, *minutalis* (por *minutus*), *moder-*

gelo (gelo), gravar, gris (gris), garupa, groselha, grupo, guia, galardão (werdon?), guarita, guerra (werra), guindar, guisa; içar, (hissen), jardim (garden, inglez); lata, leste (lest), lista, lote (lot, lôs?), loja, lingua (élingue), maráo, magano (magan?), mala, maná (manne), manequim, marco (marc), marchar, maca, (hamac), marechal (marahscalh), marco, mastro (mast?), marquez, momo. (möwe) musgo; norte (nord), nuca, ovens (hamban), oeste (owest), orgulho; quilha; raça, rapaz, rato, rico, roquete (rochel), roubar; sala (salo?), salgueiro, senescal (simiskalh), sombrio, singrar, sopa, sul (sud), talinga (talingar?), tanque, texugo, tarja, tirar, toalha, tonel, tocar, topete (toupet), tregua; ucha (huche); vaso, vagar.

§ 8.º Sobre a influencia do elemento grego na formação do portuguez, pode-se applicar o que diz Mr. Auguste Brachet sobre a formação do francez, isto é, que o grego pouco concorreo para esta formação. Todavia damos em seguida a lista das palavras gregas usadas nas linguas romanas, segundo Diez:

Anco, ἄγκος, *agonia*, ἄγωνία, *asco*, αἴσχος, *acidia*, ἀκηδία, *atomo*, ἄτομος, *bastão* (de βαστάζειν, conduzir), *bocal*, βαυκάλιον, *gruta*, βόθρος, *briso*, βριάιν, *bolsa*, βύρσα, *geração*, γενεά, *gin-te*, γυμνήτης, *discolo*, δύσκολος, no sentido de desenxabido, *ermo*, ἔρημος, como adjectivo, *sumo*, ζωμός, *hemisranea*, ἡμικρανία, *tio*, que tambem se derivá do gothico *thius*, θεῖος, *cara*, κάρα, *escaravella*, κάραβος, *catapulta*? καταβολή, *calma*, καῦμα, *colla*, κέλλα, *golfo*, κέλιπος, *gondola*, κόνδου, vaso para beber, *lapa*, λάπαθον, *Macario*, nome proprio, μακάριος, *feliz*, *oxalico*, nome de um acido ὄξάλιος, *azedo*, *pagem*, tambem do gothico, παιδίον, *rapaz*, criado, *pelejar*, παλαιεν, *palavra*, παραβολή, *comparação*, no sentido de discurso, *pétala*, πέταλον, *chato*, πλατύς, *sirga*, σείρα, *rebocar?*, *sereia*, σειρήν, *sapar*, σαπαρ *σχάπτειν*, *esmeral*, σμύρις, *smirris*, *talento*, τάλαντον, *peso*, *trado*, elemento romano, τέρετρον, *truto*, id., τρύκτης, *fanal*, φανός, *farol*, φάρός.

§ 9. Temos agora de tratar do elemento estran-

geiro, no qual figuram em primeiro lugar as linguas romanas. Mas devemos observar, que só tratamos aqui das palavras adoptadas em portuguez depois de sua formação, porque, se, como já vimos, ainda não se pode considerar formada a lingua antes do conde D. Henrique, as palavras francezas nella então introduzidas não podem deixar de ser consideradas como elemento formativo. Das linguas romanas é a portugueza, que mais conserva a formação latina; e, quanto a franceza, tambem esteja muito proxima d'esta, não podemos, sem negar a influencia do elemento francez, deixar de reconhecer que o portuguez tem modos de formação, que lhe são proprios, e não se confundem com os das outras linguas romanas.

19. É o grupo *ch*, por exemplo, que pode pôr em evidencia este modo de formação peculiar a nossa lingua. Sabemos que *ch* provem dos grupos latinos *cl*, *pl*, *fl*, e que estes grupos são representados: em italiano por *chi*, *pi*, *fi*; em hespanhol por *ll* (*j*, *ch*); em valáco por *chí*, *pl*, *fl*, sendo conservados em provençal e francez. Mas isto não quer dizer que os tres grupos latinos não sejam tambem conservados em portuguez, como em *clamar* de *clamare*, *plano* de *planis*, *inflamar* de *flammare*, havendo ao lado d'estas palavras *chamar*, *chão*, *chamma*. Assim, todas as vezes que encontrarmos palavras, em que as letras *cl*, *pl*, *fl* não sejam conservadas, ou deixem de ser representadas pelo *ch* portuguez, podemos com certeza concluir que ellas não pertencem a lingua, mas foram adoptadas de outras, como a palavra italiana *piano* que vem de *planus*.

E' segundo estas regras e outras, que daremos a respeito de cada uma das letras, que passamos a apresentar as listas das palavras estrangeiras adoptadas pelo portuguez.

20. *Elemento Italiano*: acariciar, adagio, affronta, alarma, agio, aria, alerta, alteza, andante, andantino, anspeçada, aquarella, arcada, archivolta, arlequim,

arpejo, arcabuz, arsenal, attitudo; bagatella, baqueta, balcão, ballão, balaustre, balaustrada, balanço, bambochata, banco, bandeira, barraca, barricada, bastar, bastião, bastonada, bequadro, belladona, belveder, bemol, balança, billião, butio, bomba, bote (golpe), bufão, borrasca, bussola, bravata, bravura, bronze, brusco, buril, bulletim, burlesco, busto, barca; cabriola, cadencia, calção, calafetar, calibre, calma, cambista, cambio, camafeo (cammeo), camarim, camarista, cambeta, camisola, canalha, que se introduzio em portuguez por intermedio do francez (1); candi, canêve (antigo), canhão, cantata, cantão, capote, capricho, carabina, caracolar, caravella, caravonada, carcassa, caricatura, carmim, carnaval, carroça, cartel, cartão, cartucho, casaca, cascata, casamata, cassino, cassarola, castello, catacumba, catafalco, cavalgada, cavallaria, cavalleiro, cavatina, cabeção, coronel, capão, charlatão, chusma, cicerone, cidadella, cidadão, coche, comparsa, concerto, contractar, contrabando, cornija, cortejo, cúpula, cortesão, crescendo, cruzado, couraça, cimalha; desinvolto, desinvoltura, doge, ducado; escola, escalada, esgrima, emboscar, emboscada, embrulho, ésbirro, escarlatina, escorcineira, espineta, esquadra, escapada, escaramuça, escapar, escopeta, escolta, espadão, espadachim, espião, esplanada, espontão, esquinencia, estacada, estancia, estuque, estafeta, estampar, estoque, esvelto; fachada, fanal, falsete, festão, filigrana, florète, frangipana, fragata, fresco, fuga; gabinète, gabião, garrafa, gazeta, gigantesco, generalissimo, girandola, gondula, grutesco; isolar, improvisar, incarnado, incognito, infantaria, impregnar; jovial; laguna, lazareto, lazaroni, lavanda, lava, loendro, loto; macarrão, madrepora, madrigal, malandrino, marrasquino, marmita, mascarada, modelo, mosaico, mosquete, moscatel, medalha, maçapão, mercantil, moscada; nicho, numero, oratorio, opera, orviatão; pagina, paladino, palheta, pennacho,

(1) Dr. Heraclito Graça.

pantalonas, parada, paravente, parapeito, partasana, pasquim, pasquinada, passada, pastel, patacho, patulha, pavonear-se, pavez, peccadilho, pedante, peruca, piano, panada (agua), piastra, pedestal, pilastra, pistache, pista, pistola, pistão, pitoresco, pilhar, poltrão, pomada, porcellana, postiço, presto, prestidigitador, perfil, populaça; quadrilha, quadro; raqueta, rabeça, reducto, represalia, revolta, resposta; salada, sacada, saltimbanco, sarabatana, setim, sentinella, sepia, sequim ou zequim, serenissimo, sedenho, samarra, sollejo, soldado, solo, soprano, sorvete, soldadesco, sorte, siroco; talhada, tramontana, tarantula, tartana, tenor, timbales, torso, talisman, trampolina, trombone, tara, tarifa, torquesa; vedêta, vaquêta, villa, violino, violoncello, volcão, volta, voltear; xarope; zebalina, zeste.

§ 10. *Elemento hespanhol*: abricote; anchova, alasão, albino, alcova, arrumar, ajudante, algazarra; baunilha, barroco, benjoim, bizarro; cabaço, capitão, casuista, cassolêta, castanholas, caramello, camarada, caparção, canella, cabrestante, caserna, cedilha, cigano, chocolate, cochonilha, creoulo, corredor, coronel; dominó, disparate, desembarcadouro; embaixada, embarcadouro, el dorado, embargo, esquadra, espadão; galão, grandeza, guitarra; hacanea; indigo; jasmim, junquillo; lacaio, limão; manilha, mantilha, marmelada, matamouro, merino, mesquinho, mulato, musaranha; nacarado, negro; paina, parangona, pintada, platina; recife, regular, risco; salada, sarabanda, savana, serenata, sesta, sobrecarga, sobresalto; tabaco, tomate, transe, tulipa.

§ 11. O provençal floreceo desde o seculo undecimo até o decimo quarto em que começou a descahir. Não seria para admirar que deixasse vestigios d'aquella epoca de esplendor nas linguas congeneres, e que, ou directamente, ou por intermedio das outras linguas irmãs, se tenham introduzido no portuguez palavras d'essa lingua. Pertencem ao provençal as palavras: avalanche⁽¹⁾; carregar, cabo, corsario, ci-

garra, cabrito, cruzada, cornalina, caixa, cadeado, chalé; dourada, donzella; espada; forçado; granada; maltrapilho, menestrel; rodar; veiga.

§ 12. *O elemento allemão*, que contem as palavras existentes em portuguez, differe do elemento germanico, em que este comprehende as palavras introduzidas na lingua latina do seculo terceiro ao decimo, e que foram por ella transmittidas á nossa. As que formam o primeiro elemento são: bivaque, bloqueio; hurrah; lansquenet; obuz; sabre; vagomestre; chucrute; brande; kirche; flecha; renna; gravar; valsar; bismuto; cobalto; caparosa; manganez; potassa; quartzo; espatho; zinco; nikel (sueco); bahú; chique; vampiro; colza (flamengo).

§ 13. *O elemento inglez* contem as palavras: vagão, tunel, expresso, coke, jury, bill, club, mitingne, pamphleto, cheque, esplin, conforto, humor, chale, redingote, alligator, bife, bilhete, rosbife, pudim, bolto, dollar, grogue, gin, ponche, rom, jockey, buldogue, grume, tilbury, festival, lanche, whiste, dande, crupe, dique, cabrestante, cuter, slibusteiro, paquete, pacote, pulia, hyate.

§ 14. Constituem o *elemento slavo*: polca, mazurca, redova, caleche, palacio, sable, estepe, knoute, czar, cossaco, gravata (russo), hussardo (magyar).

§ 15. *O elemento semitico* deo-nos: seraphim, cherubim, gehenna, behemoth, pascoa, cabala (do bebreo, vindo por intermedio do latim), rabbino (talmudico), alcorão, dolman, bey, caravana, derviche, firman, janisaro, narguilhé, odalisca, pachá, caravaçarará, cemitarra, dragomano, califa, mameluco, marabú, minarêto, marfim, mesquita, turbante, chacal, gazella, girafa, gineta, onça, talisman, zequim, serralho, sultão, visir, bazar, azimuth, nadir, zenith, alcali, alcool, alambique, almanak (do latim barbaro—almanachus⁽¹⁾), alchimia, elixir, borax, ambar (malaio—ambar), sene, açafração,

(1) O Dr. Heraclito Graça é de opinião que esta palavra nos veio directamente do francez.

julepo, arrobe, xarope, algebra, algarismo, rabi, zero, cifra, barregão, barregã, algodão, cotão, tafetá, kiosque, divan, sofá, armazem, nacar, laca, quilate, laranja, azul, talco, algalia, algazarra, xeque, mate, azar, café, tamarino, tamara, almirante, carmezim e muitas outras arabes.

§ 16. O *elemento oriental* deo: betele, ou bethel, nababo, horda (mongol), manejos, mandarim, junco, catuá, juncal, mandoni, bazaruco, dopo, brahmane, bezoar, chalé, chabuço, palanquim, pagode, pariá, cornacá, bambú, monção, chá, canario, ourangotango (malaio) e outros; mandubi, zebra (africano).

§ 17. O *elemento americano*, e sobretudo o *tupi*, deo-nos as palavras: ananaz, cajú, cacáo, jacaré, chocolate, guaraná, colibri, condor (kuntur, quichua), jalapa, quina, quinino, sagú, tabaco, tapioca, tatuagem, tucupim, quandú, yapú, cururú, anta, cutia, tapuia, tiririca, espocar, peteca, entocar, gapuiar, catucar, popocar, pererecar, entejuar, encangar, pinchar, capinar, embiocar, bobuiar, eatinga, tocaia, tocaiar, oca, pirão, mandioca, tingui, timbó, anajá, sapucaia, urucú, tejupá, e muitos outros nomes de fructas, arvores, animaes, etc.

§ 18. O *elemento historico* tambem forneceo palavras a lingua portugueza. Em geral pode-se dizer que as linguas indicam factos e epochas da historia, e não é para desprezar o auxilio, que a esta sciencia pode prestar o estudo dos idiomas. É assim que qualquer vocabulo da lingua tupi, introduzido no portuguez, recorda a epoca do descobrimento do Brazil por Cabral. Porem não é d'isso que tratamos aqui, mas d'aquellas palavras que se dirivam dos nomes de cidades ou pessoas e designam cousas concretas, objectos materiaes e sobretudo invenções ou importações novas. Eis alphabeticamente sua lista: artesiano, attico (de Attica), anglecismo, arminho (de Armenia), algaravia (de Algarve), amphitryão, atlas,

CAPITULO 3.º

Dos sons de que as palavras se compõem.

LICÇÃO 4.ª

DIVISÃO DAS LETTRAS.

§ 21. Os sons de que as palavras se compõem, são expressos por meio de signaes escriptos, aos quaes se dá o nome de lettras: é a reunião d'estes signaes que recebe o nome de *abecedario* ou *alphabeto*, palavra composta dos nomes das duas primeiras lettras do alphabeto grego, *alpha* (α) e *beta* (β).

22 O alphabeto latino compõe-se das seguintes lettras: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, x, y, z*, alem do *apostrophe*, que indica a supressão de uma vogal ('), e do (¨), que substitue o *m* ou *n*.

23 As lettras se dividem em vogaes e consoantes. As vogaes são: *a, e, i, o, u, y* e as nazaes correspondentes: as mais são consoantes. Estas se dividem segundo o organo pelo qual são pronunciadas; se são pela garganta, chamam-se gutturaes, como *c* (com o som de *k* antes de *a, o, u*), *g* (antes de *a, o, u*), *k*, *q, x* (com o som de *ks*), *ch* grego (com o som de *k*). Chamam-se linguaes, se são pronunciadas pela lingua, e taes são: *ch, g* (com o som de *x* e *j*, este antes de *e, i*), *j, ç, s, c*, (antes de *e, i*) e *x* (com o som de *ch*), *x*, (com o som de *s*, e *z*). São palataes as que se pronunciam com o paladar ou ceo da bocca, e são: *l, lh* (ou *l* molhado), *n, nh* (ou *n* molhado), *r* brando, *r* forte ou dobrado (*rr*). As dentaes pronunciam-se com os dentes, como *d, t, th*. As dento-labiaes pronunciam-se com os dentes e labios e são: *f, ph, v*. Finalmente as labiaes pronunciam-se com os labios somente, sendo ellas *b, p, m*.

24 Os Grammaticos antigos faziam outra classe das semi-vogaes, isto é, letras que ora se consideram como vogaes, ora como consoantes, e taes são: *l, r, v, y*.

Ainda outra classe era a das sibilantes, isto é, das que se pronunciam como soprando-se, e são: *c* (antes de *e, i*), *s sh*. Outra classificação mais das consoantes consiste em dividil-as em *sonoras* e *mudas*, sendo *sonoras* as que teem por si um som, ou que, emitidas sem o soccorro de vogaes, podem comtudo deixar ouvir uma sorte de som interior e nasal; contrario as *surdas*. São sonoras primeiro que tudo as vogaes, e entre as consoantes *k, c* (com o som de *k*), *ch, q, p, ç, s, ph*; as mais são surdas.

As letras tambem se consideram *fortes* e *fracas*: são fortes todas as que não forem nazaes e semi-vogaes, que são fracas. As nazaes são vogaes, cujo som é tambem emitido pelo nariz.

As liquidas são assim chamadas por sua natureza mobil e fluida e pela facilidade com que se confundem com as semi-vogaes, e taes são: *r, n, v* que permutam-se com *l*; *v* com *r* e *m*; *m* com *v* e *l*; *y* com *l*; *l* com *n*. As mais são *mudas*.

As letras ainda se dividem em *tenues* e *medias* e cada uma d'estas classes em aspiradas e não aspiradas. As *tenues* são *c, ch, x, k, q, t, p, ph, r, y, s*; as *medias*: *g, j, d, b, m, n, v*. As aspiradas se formam pela combinação do *h* (unica aspirada simples) com qualquer tenue ou media (meio pelo qual as transcreveremos), como *ch, f, th, ph, dh, nh*.

Comprehende-se que algumas d'estas classificações não podem ter hoje applicação, e quando muito servem para explicar as leis euphonicas das linguas primitivas, sem às quaes, como no sanskritto, torna-se difficil no estudo comparativo, que temos a fazer, sua intelligencia, e podendo influir nas linguas modernas, destinamos para tratar d'essas leis a parte assim denominada, ou *modificações euphonicas*, § 53.

Comprehende-se tambem que o alphabeto latino é

deficiente para exprimir muitos sons, ou signaes particulares, quando se trata de transcrevel-os de outras linguas para a nossa.

25 O alphabeto sanskrito, por exemplo, compõe-se de 46 letras propriamente dictas, e entre ellas ha uma classe das chamadas *cerebraes*, cuja pronuncia se faz dobrando profundamente a lingua sobre o paladar, de modo que produz um som que parece vir da cabeça, pelo que os Grammaticos indios as chamam *capitães* (*murdhanya*), correspondentes as dentaes, mais ou menos e que transcreveremos por **ṭ, ṭṭ, ḍ, ḍḍ, ṇ**. Os Grammaticos indios tambem incluem **l** e **r** na classe das vogaes, que se dividem em breves e longas. Segue-se o alphabeto sanskrito:—

Vogaes simples: *a, á, i, í, u, ú, L, L, R, R.*

« compostas: *é*, igual a *a* mais *i*; *ó*, igual a *a* mais *u*.

Consoantes gutturaes: *k, kh, g, gh, N.*

« palataes: *ch, tch, dj, djh, nh.*

« cerebraes: **ṭ, ṭṭ, ḍ, ḍḍ, ṇ.**

« dentaes: *t, th, d, dh, n.*

« labiaes: *p, ph, b, bh, m.*

Semi-vogaes: *y, r, l, v.*

Sibilantes: *ç, sh, s.*

Aspirada simples: *h.*

Diphthongos: *æ, æ, ou.*

D'estas letras as duas primeiras columnas são das tenues, sendo a segunda das tenues aspiradas. As duas columnas seguintes são das medias, sendo a quarta das medias aspiradas. A quinta columna é a das nazaes.

LICÇÃO 5.^a

DAS VOGAES.

§ 22. As vogaes ou são primitivas ou derivadas. As primitivas são: *a, á, i, í, u, ú*. As derivadas são as

que resultam da combinação de qualquer das primitivas com outra, como *é*, *ó*.

26 As vogaes estão sujeitas a duas leis muito importantes, a saber: á da *gradação* e á do *peso*. Todas as vezes que se insere um *a* breve antes de outra vogal primitiva, diz-se que ella está no primeiro gráo, empregando-se o que se chama *guna*, que significa *qualidade*. Contrahindo-se as vogaes *i*, *u* com *a*, obtem-se os sons *é* e *ó*. Se o *a* que se insere é longo a vogal passa ao segundo gráo, que se chama *und-dhi*.

27 Entre as tres vogaes primitivas verifica-se que o *a* é a mais pesada d'ellas, o *i* a mais ligeira, estando o *u* a respeito do peso entre o *a* e o *i*. Comquanto seja só em sanskritto, que estas duas leis tem applicação rigorosa, não é menos certo que ellas influem nas linguas derivadas, como o latim e portanto o portuguez.

28 Mas antes de tratar d'este assumpto, vejamos quaes são em latim os representantes das vogaes do sanskritto. Segundo Bopp, o *e* breve latino é a alteração mais frequente do *a* sanskritto; o *o*, como em grego, substitue mais raras vezes a mesma letra, como *octo* de *ashátáú*, *novem* de *návam*, *nova-s* de *náva-s*, *socer* de *çvaçuras*, etc. O *é* e o *ó* breve latino são os substitutos mais ordinarios do *á* longo sanskritto, como em *sopio* (dormir), *svápáyámi* (durmo). O *a* longo conservou-se em *máter*, *fráter*, sanskritto *mátá*, *bhrátá* e nos accusativos pluraes femeninos, como *novás*, *equás* (*návás*, *áčvás*). O *á* longo sanskritto tambem se alterou em *é* latino, como *sémi*, igual a *sámi*, o qual tambem resulta da contracção do *guna* do *i*, como *sté-s* de *tísh-tíé-s*. Este *guna* tambem é representado pelo *æ*, que nos monumentos mais antigos da lingua se escrevia *ai*, como *quaiso* por *queso*, *quaistor*, *questor*. Raras vezes *ai* é representado por *oi*, do qual veio *ai*, como *foedus* (por *foidus*) de *fid*, que com o *guna* é igual a *faid*. Quanto a vogal sanskritta *u*, *R*, seu representante latino é talvez *ra*, *ur* e *ar* com metathese,

como *ars* (thema *art*), de *kr-ti-s*, *jecur* de *yákr* e *estartus* por *stra-tus* de *str-ta-s*.

29 Sendo o *guna* muito raro em latim, o é também em portuguez. Todavia pode-se citar como exemplo a palavra *aurum*, derivada de *uro*, queimar, que perdeu sua significação de *brilhar*; d'este verbo também procedeu *aurora* (no sentido de *brilhante*), que se conservou em portuguez. *Foedus*, que contem o *guna* de *faidus* de *fid*, n. 28, ligar, raiz de *fido*, *infido*, conservou-se nos derivados, *federativo*, *federação*. Da mesma raiz procedeo *fides*, do qual nos veio com syncope *fiel*, *infiel*, como attestam *fielidade* (portuguez antigo), *fidelissimo* e *fidelidade*, *fiduciario*, e com *guna fé* e composto *contra-fe*. No portuguez antigo encontra-se *fiadoria*, *fiaduria*, *fiadura* no sentido de *fiança*, que também nos parecem derivados da mesma raiz por meio de um *guna* irregular, por *faidura* e *fedura*. *Feudo* (portuguez antigo *feu*) a contem em si, porque, segundo Viterbo, esta palavra compõe-se das iniciaes de *fides ero vobis domino vero meo*. *Feito*, portuguez antigo, no sentido de *negocio*, *contracto*, está no mesmo caso.

30 O latim se mostra igualmente sensível a differença de gravidade entre *a* e *i*: dá-se, por exemplo, mudança de um *a* primitivo em *i* nas syllabas abertas, quando ha sobrecarga proveniente de composição ou dobramento, caso em que a mudança é de rigor, *abjicio*, por *abjacio* (de *ab* e *jacio*), *tetigi* de *tango*. Nas syllabas fechadas (as em que a vogal é seguida de duas consoantes ou de uma no fim da palavra), ha ordinariamente *e* por *i*, conforme o mesmo principio de enfraquecimento, que tem o nome de *apophonia*, como *abjectus*, *inermis*, ou então o *a* primitivo se conserva, como *contactus* (de *cum* e *tango*), *exactus* (de *ex* e *ago*). Em portuguez temos *objecto*, *jacto*, *inermis* por *in-arme*; *inimigo* por *in-amigo*, *projectar*, *projecto*, *malificio* por *mali-facio*, por *malufacio*. O *a* também se enfraquece em *u* em latim e portuguez, como em *quatuor*, *quatre*, de *catvâras*. Em *lignum*, *lenho* ha um enfraquecimento do *a* em latim e do *i* em *e* em por-

tuguez, do *a* da raiz sanskrita *dah* queimar, equivalendo aquella palavra a *combustivel*.

O enfraquecimento do *a* em *u* é produzido em latim, como em sanscrito, em virtude da sobrecarga da composição, a qual se effectua em *conculco*, *insulsus* (por *concalco*, *conculcar*, *insulsus*, *insulso*). As liquidas, como as labiaes, teem certa afinidade pelo *u*, mas seguramente a lingua teria preferido, diz Bopp, conservar o *a* de *calco*, *salsus*, se o *u* não fosse mais ligeiro do que o *a*. As labiaes tomam o *u* em formas compostas, em que se devia esperar o *i*, *occupo*, *aucupo*, *nuncupo*, *contubernium*, em vez de *occipo*, etc.

31 As mutilações feitas nos diphthongos *ae*, *ai*, *au*, quando os verbos em que figuram são sobrecarregados de composição, repousam no mesmo principio da mudança de *a* em *i* e *u*, renunciando esses diphthongos, para aliviar-se, a seu primeiro elemento, mas alongando por compensação o segundo, sendo *i* e *u* mais ligeiros que *ai* e *au*, como *acquiro*, *occido*, *collido*, *conclúdo*, *accúso*, (de *causa*), por *acquairo*, etc. Em vez do *au* de *fauz*, *fauces*, temos um *ó* em *suffôco*, que não é a contracção de *au*, mas a suppressão do segundo elemento do diphthongo, a qual compensou-se com o alongamento do *a* mudado em *ó*, como em *sópio* de *svápáyami*. Em portuguez temos *clausurar* e *concluso*, *adquerir*, *occidente*.

O *u* é mais pesado do que o *i*, pois o latim, para aliviar o peso da palavra, muda sempre em *i* o *u* final do thema da quarta declinação, quando é o primeiro membro do composto, como *fructifer* por *fructu-fer*, em portuguez *fructi-fero* de *fructo*. O *u* tambem se muda em *v* entre duas vogaes.

Das vogaes inorganicas o *e* radical em latim é mais pesado do que o *i*, como se vê em *lego*, *rego*, *sedeo* por opposição aos compostos *colligo*, *erigo*, *assideo*; em portuguez *ler*, *leitura*, *lido*, *colligir*. Mas *e* final parece ser mais ligeiro do que *i*, que se muda em *e* breve antes de *r*, especialmente nos casos sem flexão dos themas neutros em *i*, como *mite* ao lado do masculino *miti-s*.

A relação de formas, como *corporis, jecoris, corpus, jecur* prova que o *o* breve é mais ligeiro do que o *u*. Em portuguez porem, a considerar-se *grave* a palavra primitiva, em relação a *gravissimo, gravidez*, o *e* final é mais pesado do que o *i*. O mesmo em relação a *corpo* com *corpusculo*. Mas *gravame* e *incorporar* parecem mostrar que o portuguez não é muito sensível ao phenomeno da *apophonia*, n. 30. O *e* é as vezes um complemento inorganico, como em *canis* de *cvans, juvenis* de *yuvans* e no adjectivo *tenuis* de *tanu*, Bopp, § 791.

§ 23. Passando agora as consoantes diremos, que em geral o latim antes de duas consoantes prefere o *e* ao *i*; e começando pelas gutturaes, chega-se a conhecer que em *nakha-s, unguis, gharmás* (calor), as aspiradas são substituidas pela tenue e media, e em portuguez pela nazal palatal, como *unha* e pela tenue respectiva, como *calor*. Outras vezes a tenue aspirada *kh* é substituida, tanto em latim como em portuguez, pela palatal aspirada, como *çankhás*, vindo de *kan'khá-s, concha, concha*.

32 As palataes, pelo menos a tenue e media, provieram das gutturaes e devem ser consideradas como amollecimento d'ellas; só se encontram antes de vogaes e consoantes fracas (semi-vogaes e nazaes (n. 24—3) e reaparecem quase sempre as gutturaes antes de consoantes fortes e no fim de palavra. Nas linguas congeneres em vez das palataes encontram-se ou gutturaes ou labiaes, alterações das gutturaes, como *vátsh* voz, *panhtsha* (quinque), *tchatvás* (quatuor), em portuguez, cinco, quatro.

A tenue aspirada *tch* é uma alteração do grupo *sk, sc*. Da raiz *tchid* fender, veio o latim *scindo* e o portuguez *rescindir* e talvez *scisão, cesura scintillar*. Como se vê o portuguez converte o grupo *sc* em sibilante na pronuncia, apareecendo só na escriptura. A não ser assim, pronunciar-se-hia *resquindir, resquisão, esquintillar*. Em portuguez antigo temos *scitosamente* por *scientemente, scólfito* por *esculpido, sconducto*, etc.

33 As cerebraes ou linguaes sãõ modificações das dentaes. Suas mudas aparecem raras vezes no começo das palavras, a nazal nunca. A raiz mais usada é **dh**, voar. As dentaes mudam-se em cerebraes depois de *sh*, pela afinidade dos sons cerebraes pelo *sh*.

34. Das dentaes o latim perdeu a aspirada que as vezes substitue, como o portuguez pela labial aspirada, como *dhûma-s*, *fumus*, *fumo*, ou pela dental media, que tambem representa o *theta* grêgo, Θ, θ. Reconhece-se em *infra*, *inferior*, *infimus*, palavras da mesma familia que as *sanskritas* *adhás* em baixo, *adharas inferior*, *adhamás infimus*. No osco é a mesma cousa, pois o *f* de *mesiai* corresponde ao *dh*, de *mādhyâ* e *d* do latim *medius*, medio, meio, que supprimio completamente a aspiração; o que acontece frequentemente nesta lingua no meio das palavras, ainda na classe de consoantes que dispõem de aspirada, como *mingo* (*mijar*), *lingo* (*lamber*), *mih*, *lih*; o dativo *tibi* (*tubhyam*) e a terminação *bus* (*bhyas*). O latim muda o **dh** em *l*, como em *lacrima* em vez do grêgo δάκρυ, -υος (*dákry-yos*), mudança que passou para o portuguez. O mesmo em *dah* (queimar), *lignum*, *lenha*. O *dh* tambem é substituido por *r*, como em *meridies* por *medidies*, que o portuguez supprimio em *meiodia* e o francez em *midi*. Esta mudança é muito frequente nas linguas *malayo-polynesianas* (Bopp). O *t* tem muita predilecção pelo *s* antes, *st* (veja-se este grupo).

35 Em latim a aspirada sonora labial *bh* é substituida no principio da palavra por *f*, e no meio, as mais das vezes por *b*. De *bhara* veio *fero* e de *fero* *levar*. Das labiaes o latim conservou, como o *sanskrito*, o *m* final, que o portuguez converteo no diphthongo *ão* nas palavras que antigamente terminavam em *om*. O *p* em latim muda-se em guttural, mas a labial primitiva pode não desaparecer em todas as palavras, como em *patch* (*cozer*), *panis*, o que é cozido.

Das semi-vogaes o *y* é representado em latim e portuguez pelo *j*, como *yugh*, *jungo*, *jungir*, *j*, que o portuguez supprimio, e que o latim vocalisa em *i* sem-

pre que se acha antes de alguma consoante, como *alius* *aljus* de *anyá-s*, *outro*. Pode-se aproximar da mesma palavra o latim *ille*, que quer dizer o *outro* em relação a *hic*, este, e não, é rara na historia das linguas a producção de duas palavras differentes na forma, mais ou menos analogas no sentido, por uma só e mesma forma primitiva; *ullus* é da mesma origem que *ultra*, *ulterior*, *ultimus*, posto que a vogal da forma primitiva pouco se alterasse.

Em latim as vezes se suprime a semi-vogal *v*, como em *sermo* de *svar* (portuguez *sermão*), a semilhança do grego que não a tem. As vezes tambem o *v* sanskrito se muda em *f* grego depois de *s* inicial, como acontece em latim, em que tambem se vocalisa em *u*, como em *svas suus*, e outras vezes se endurece em guttural, como *vic-si* (*vixi*), de *vivo* (sanskrito *ghív*). O *c* de *facio* é o *v* do causativo *bhaváyámi*, de *bhu* ser (em latim devia ser *fu*). Para o portuguez passaram depois estas mudanças. Das labiaes é representado em latim: o *bh* por *f* e *b*, Bopp, §§ 16 e 18.

37 As semi-vogaes e liquidas confundem-se e muitas vezes se permutam por causa da sua uaturesa mobil e fluida. Assim *r* muda-se em *l*, como de *rutsh* brilhar (sanskrito, *ruk*). veio *lux*, *luceo* latino, de *ritsh* (de *rik*) abandonar, *linguo*, portuguez *luz* e *delicto*, *delinquir*; *n* em *l*, como latim *alius*, gaelico *eile*, sanskrito *anyá-s*; *v* em *l*, como no suffixo latino *lent* e sanskrito *vant* (veja-se estes suffixos), *dhána-vant*, *opulent* (de *dhána*, *opus*, *riqueza*); *v* em *r*, como sanskrito *cras*, latim *cras*, portuguez antigo *cras* (*procrastinar*), *creresco*, *crevi* de *çvi*, (de *kvi*), *ploro* de *plá-váyámi* (raiz *plu*, latim *flu*, por *plu*, *pluit*); *m* em *l*, como em *flá*, comparado com o sanskrito *dhumá* soprar (estando o *f* pelo *d*): *v* em *m*, como em *mare*, sanskrito *vari* (agua), *clamo*.

38 Quanto ás sibilantes, o *ç* é quasi sempre a alteração de um antigo *k*, o que explica porque é ordinariamente representado nas linguas da Europa por gut-

tural, como *çvan*, comparado com o grego *κύνων*, -*ó*, (*kyón*, -*o*), latim *canis*, cão; *danç* com *δάκνω* (*dáknó*), *lacero* e gothico *tak*, lacerar; *dáçan* com *δέκα* (*déká*), *decem*, gothico *taihum*, armorico *dek*, irlandez *déagh*, *deiche*, *dez*; *çuçká-s* com *siccus*, sêcco, zend *huska*; *çvaçura-s*, com *socer* sogro, gothico *svaihra*; *çváçrú-s*, *socrus* sogra. Mas nestas duas ultimas palavras portuguezas a mudança foi para a guttural media.

A segunda sibilante corresponde ao *ch* francez e *sh* inglez e substitue o *s* em certos casos determinados. Assim, depois de *k* ou *r* só pode haver *sh*, como *dakshina-s*, *dextra*, a mão direita. Como se vê, o latim *decstra* tem um *s* depois de *c*. Esta letra é extremamente rara como inicial, e das palavras sanskritas, que se podem considerar terem passado por intermedio do latim para o portuguez, *sex*, *seis* de *shash*, é que se pode affirmar tel-a possuido, mas já mudada em *s*.

A outra sibilante é o *s*, que antigamente em portuguez se dobrava no principio das palavras; ordinariamente existe em todas as linguas, e é muito sujeita a mudanças no fim das palavras. Todavia é difficil admittir que o *s* final se tenha mudado immediatamente em *u* (contido no diphongo *ó* por *au*), mudança que tem lugar quando o *s* final é precedido de *a* (veja-se a letra *s*), e a palavra seguinte começa por *a* ou consoante sonora; deve-se pois suppor que o *s* se muda primeiro em *r* e o *r* em *u*, como se vê no francez, em que *al* se converte em *au* (*animal*, *animaux*). *Eram*, *ero* está por *esam*, *eso*; *quorum*, *quarum* pelo sanskrito *késham* (vindo de *késám*, porque o *s* mudou-se em *sh* por causa do *e* que o precede). Encontra-se tambem em latim e em portuguez *r* final por *s*, como *amor*, *dolor*, *odor* e nos comparativos. É frequente em latim inserir-se a nasal antes de sibilante, como *mensis*, de *más*, *ensis* de *asi*'-s, Bopp, § 791.

39 O *h* em Bengala é uma letra dura e corresponde em latim a *h* ou *g*. Compare-se *háimantá-m*

com *hiems* inverno. Em *anser*, *ganso* o portuguez representa pelo *g* o *h* sanscrito (que foi supprimido em latim), vindo talvez por intermedio do gothico, pois que em allemão é *gans*, tanto que a raiz gothica *vag* mover, corresponde ao latim *veho* de *vâh*, e de ambas essas raizes vieram para o portuguez, de um lado *vehiculo* e de outro *vaga* (a que se *mova*), *vigã*; da raiz *lh*, gothico *laigo*, latim *lingo*, proveio o portuguez *lingua* (a que *lambe*), d'onde derivou-se *linguiça*, do antigo *linguinça*, ou *linguarica*, e até *longaricas*. De *had* (de *hard*) com a antiga tenue em lugar do *h*, proveio o latim *cord*, nóminalivo *cor*, *cordis*, e talvez o gothico *hairtó*, portuguez *coração*. Algumas vezes o *h* é o resto da aspiração de outra letra que não é *gh*, como se vê na terminação do imperativo sanscrito *hi* de *dhi*. Outras vezes parece que esta aspiração se converte em *g*, como no portuguez antigo *mesgo* (meio de alguma cousa), que pensamos vir de *madhyá-s*, meio.

40 As nazaes em geral preferem ajuntar-se às mudas a que depois se ajunta uma vogal. As raizes que teem nazaes antes de mudas, renunciám antes áquellas do que a estas, como *bandh* faz *bad-dá-s* ligado.

LICÇÃO 6.^a

DA CONVERSÃO DAS LETTRAS LATINAS EM PORTUGUEZAS. VOGAES.

§ 24. Mr. Auguste Brachet em seu excellente *Dictionnaire étymologique de la langue française* diz que a troca das letras latinas em francezas apoia-se em dois principios, que se podem designar com os nomes de *acção menor* e *transição*. Como estes dois principios podem ser applicados ao portuguez, passamos a expo-los, segundo o auctor francez.

41 O primeiro principio consiste na effectividade de uma lei natural ao homem, de fazer tudo com o me-

nor esforço possível. É em virtude d'este principio que a linguagem tem por causa a necessidade de diminuir o esforço, e por fim chegar a pronunciação mais facil. É por isso que se nota nas linguas a tendencia para enfraquecer as lettras. É assim que do latim *agua* veio o portuguez *agua*, do latim antigo *kivitatem* sahio *civitatem* e o portuguez *cidade*, de *saponem* *sabão*.

42 Outras vezes é pelo phenomeno da *assimilação*, que as linguas de duas lettras diversas postas em contacto, mudam uma d'ellas na outra, como o latim e portuguez que fizeram de *patricidium*, *parricidium*, *parricidio*. D'aqui se conclue que ha escalas de sons que as linguas descem, sem tornar depois a subi-las; se do grupo *tr* desceo para *rr*, não é mais possível subir de *rr* para *tr*: ou deve-se ficar em *rr*, ou descer mais um degrão, adoçando o som para *r*. Se o *s* em *arbos* se transformou no *r* de *arbôr* e *arvore*, não é mais possível fazer de *arvore* *arvose*.

43 Tambem acontece que, se a palavra contem algum som aspero, proveniente de letra dobrada, para facilitar-se a emissão do som e com o mesmo fundamento, separa-se, supprime-se ou troca-se uma d'ellas; ou finalmente troca-se outra qualquer consoante da palavra por letra differente; do latim *cribrum* fez o portuguez *crivo*, supprimindo um dos *rr* e mudando o *b* em *v*, mas conservou *peregrino* intacto, sem duvida porque não havia como em *cribrum* duas vezes a combinação do *r*: 1.º com outra consoante dura, como o *c* guttural; 2.º com o *b*, ao passo que em *peregrino* o som aspero do *r* abrandou-se com a combinação das quatro vogaes da palavra, facilitando assim extraordinariamente a pronuncia. O mesmo acontece, quando ha *ll* na palavra.

Este phenomeno chama-se *dissimilação*. A troca de um dos dois *rr* por *l*, e de *l* por *r* funda-se em que, tendo o latim dois suffixos de origem commum: *alis* e *aris*, servia-se de *alis*, quando havia na palavra um *r* e de *aris*, quando havia *l*, como *muralis* por *muraris*,

stellaris por *stellalis*. *Lusciniola* deo em portuguez *rouxinol*, *lilium*, *lirio*.

44 Pelo principio de *transição* as palavras não se transformam immediatamente em outras sem passar por grãos intermediarios. *Adjuvare* não passou immediatamente para o portuguez, mas para o romano *adjutare* (donde veio-nos *adjutorio*) e d'ahi para o portuguez antigo *adjudar*, do qual veio *ajudar*.

45 Todas estas alterações se fazem por meio de modificações chamadas figuras de palavras, as quaes consistem em *addição*, *suppressão* e *troca* de letras ou de seus lugares. A figura pela qual se accrescenta alguma letra, tem lugar; 1.º, no principio da palavra, e chama-se *prothese* (*atambor* por *tambor*); 2.º, no meio e chama-se *epenthese* (*Mavorte* por *Marte*); 3.º, no fim e chama-se *paragoge* (*error* por *erro*). A que supprime letra dá-se: 1.º, no principio da palavra e chama-se *apherese* (*sentar* por *assentar*); 2.º, no meio e chama-se *syncope* (*esprito* por *espirito*); 3.º, no fim e chama-se *apocope* (*mármor* por *marmore*). A figura pela qual se troca uma letra por outra chama-se *antithese*, como *ingrez* por *inglez*; chama-se *metathese* a que troca o lugar das letras, como *cravão* por *carvão*. Todas estas figuras são muito usadas não só na mudança das palavras de uma lingua para outra, como na mesma lingua.

§ 25. Dividimos o estudo da troca das letras em duas partes: uma relativa á das vogaes, outra á das consoantes. A importancia das vogaes em romano, diz Diez, depende principalmente do *accento tonico*; as vogaes que o teem, não estão sujeitas em sua mudança a regras precisas, o que não se dá nas que não o teem ou *atonicas*, sujeitas a mudanças muito mais arbitrarías. As vogaes dividem-se em longas e breves, e tanto umas como outras o são por natureza e posição.

46 A vogal *a* manteve-se intacta em portuguez. Mas ella se enfraquece em *ei* e *e*, as vezes, e é o caso mais importante, pela influencia do *e* ou *i* que se lhe ajunta,

como *primarius* primeiro; *basium* beijo; *cerasum* cereja, e pela resolução do *c* em *i*, como *factus* feito, *lacte* leite, *denarius* dinheiro. A comparação com o francez nos dá um *i* em *premier*, *baiser*, *cerise* e *fait*, o que indica que o portuguez antigo inseria o *i*, como se pode verificar pela pronuncia verdadeiramente portugueza, que nestas e outras palavras é tal, como se ellas fossem escriptas assim: *primairo*, *baijo*, *janairo* (antigo), etc., com o *a* muito fraco. Mas ha palavras em que o *c* não se resolve em *i*, como *facto*, *acto*, com quanto antigamente se dissesse *aito*. Antes de *m a* muda-se em *o*, como *fome* de *fames*, conservando-se ordinariamente nesta posição, como em *fama*, *dama*, *gamo*; nesta ultima palavra o segundo *a* mudou-se em *o*. *Sam.* sanscrito, tornou-se *com* em portuguez, o *cum* latino. Sendo o *a* atonico, mas estando antes de syllaba tonica, muda-se em *e*, como *sma-ragdus* *esmeralda*, e tambem sendo inicial, como *aspangus* *espargo*. Depois da syllaba tonica, *a* atonico muda-se em *ei*, como de *oliva* *oliveira* (vid. suffixo *arius*), mas o *a* inicial é por via de regra preferivel no dominio romano.

47 *E* tonico: 1.º muda-se, a) em *ei*, como *feria*, *feira*, b) em *i*, como *vindemia*, *vindima*; 2.º, antes de vogal tonica muda-se em *i*, como *denarius* *dinheiro*; 3.º. depois de vogal tonica muda-se, a) em *a*, como *quisque cada um*, *dies dia*, b) em *i*, como *corrígere*, *corrígir*, *frigere frígir*, *redimere remir*, *strugere estrugir*, c) em *ão*, como *coleus* (por influencia do *l* antecedente), *scribere* *escrivão* (por influencia do *v*).

48 *I*, sendo tonico, 1.º, muda-se, a) em *e*, como *obedire obedecer*, *juniperus genebra*, *cuniculus coelho*, *arista aresta*, *concupere conceber*, *invidia inveja*, b) em *a*, como *bilanx*, *balanx*, *balança*, *widalon* (antigo alto allemão), *galardão*, *constringere constranger*, *ibi ahi*; 2.º, antes de vogal tonica o *i* muda-se, a) em *a*, como *mirabilia maravilha*, *hirundo andorinha*, b) em *e*, como *silvaticus selvatico*, *selvagem*, *Hispania Hespanha*, *Philippus Felipe*, *implere encher*, *testimonium testemunho*,

vindemia vendagem; 3.º, depois de vogal tónica *i* muda-se, *a*) em *e* final, como *unicornis unicorné*, *sementis semente* (pela perda da consoante e porque o *e* final tem o som de *i*), *b*) em *o*, como *auripigmentum ouro-pimento* (por influencia do *r* antecedente), *melius melhor* (pela resolução do *j* em *i*) *pejus peor*.

49 O tónico, 1.º, muda-se em *u*, como *testimonium testemunho*; 2.º, antes de vogal tónica muda-se em *e*, como *horologium relógio*; 3.º, depois da tónica muda-se em *ão* sendo final, como *latro ladrão*, *occasio ocasião*.

50 *U* tónico, 1.º, muda-se em *o*, como *medulla miollo*, *Augustus Agosto*, *gruis grou*, *murio molho* e *salmoura* (para evitar o hiato, e por influencia do *m* seguinte); *vericundia*, *vergonha*; 2.º, antes da vogal tónica muda-se, *a*) em *e*, como *juniperus genebra*, (*b*) em *o*, como *cuniculus coelho*; 3.º, depois da tónica muda-se, (*a* em *ão*, como *focus fogão*; e sendo final, como *cuniculus coelho*, *iniquus iniquo*, muda-se em *o*, *b*) em *i*, e para evitar hiato, como *duo*, *dois* (por metathese).

51 Acrescenta-se *e*: 1.º, antes do grupo *sc*, como *scribere*, escrever (exceptua-se *sciencia scaleno*, *scena*, *scenario*, *scalido*, etc.); 2.º, antes do grupo *sp*, como *spes*, *esperança*, *speculum espelho*, *spectaculum espectáculo* (exceptua-se *sphinge*, *splenitis* e outros); 3.º, antes do grupo *st*, como *struo estrugir*, *sto estar*, *stylum estylo* (exceptua-se: *stase*, *stranguria* e outros); 4.º, *o* em *augurium agouro*.

52 Supprime-se: 1.º, *a* em *asparagus espargo*; 2.º, por influencia do *n* antecedente o *e* em *tenebra treva* e em *opera obra*; 3.º, o *i* antes de *c*, como *vericundia vergonha*; depois do *n*, como *anima alma*; por influencia do *r* precedente, como *mорий morro*; 3.º, o em *horologium relógio*, e por influencia do *l* *Olisipo Lisboa*; 5.º, *u* em *periculum perigo*, *agouro* de *augurium*; 6.º, *ius* final por influencia do *r* em *pensatorius* (romano), *pensador*; 7.º, *ium* final por influencia do *r* em *augurium agouro*.

§ 26. A reunião de duas vogaes, pronunciadas de uma só vez, forma *diphthongo*. Os diphthongos latinos pouco se transmittiram as linguas derivadas, porque de tempos antigos elles começaram a resolver-se em vogaes simples; outros, como *ai*, *ei*, *oi* cahiram em desuso desde o tempo das guerras civis, mas *æ* e *æ* conservaram-se até o seculo 3.^o e 4.^o, segundo Diez. O portuguez representa o primeiro por *e*, como *Cæsar* *Cesar*, *cæcus* *cego*, e as vezes por *i*, como *ætas* *idade*, *æquus* *igual*, *cæmentum* *cimento*, *quæro* *inquirio*, *Galæcia* *Caliza*; outras tambem por *a*, como *æger* *acre*, *agro*, *vinagre*. O segundo é representado por *e* e as vezes por *ei*; como *fæmina* *femea*, *pæna* *pena*, *mæstus* *mesto*, *cæna* *ceia*; por *i*, como *mæcha* *micela*; por *u*, como *mærus* *muro*.

§ 3. Se porem o portuguez não herdou os diphthongos latinos, elle os creou por conta propria e numerosos, em consequencia de attracção ou de perda de consoantes. Taes são: *ae*, *ai*, *ao*, *au*; *æe*, *æi*, *æo*; *ea*, *ei*, *eo*, *eu*; *ia*, *ie*, *io*, *iu*, *oa*, *oe*, *oi*, *ou*, *õe*; *ua* (antigamente *ûa*, como *ûa* por *uma*), *ue*, *ui*, (e tambem *uim*, *muim*), *uo*. O diphthongo em que entra o *i* escrevia-se antigamente tambem com *y*, como *pay*, *rey*. *Ue*, *ui*, *uo* as mais das vezes se apresentam em palavras de origem sabia ou poetica, n. 16, como *equoreo*, *quesito*, *inquerir*. Como o *e* e *i*, o *e* e *u* atonicos se confundem, encontra-se a mesma palavra escripta de modo differente, como *pae*, *pai*, *mão*, *mau*. D'estes diphthongos: 1.^o, *ai* procede de attracção, como *aipo* de *apium*, *caibo* de *capiro*, *gaivota* do hespanhol *gaviota*, *raiva* de *rabies*; as vezes de perda de consoante, como *vaidade* de *vanitas*, *cantais* de *cantatis*. Em *aplainar* e *esfaimar* não seguimos a opinião de Diez, que suppõe o diphthongo produzido por influencia do francez *plain*, *faim*; consideramos o *i* como euphónico; 2.^o, *ei* forma-se por attracção em *feira* de *feria*, ou pela resolução de alguma consoante em *i*, como *inteiro* de *integer*; provindo tambem, a) de *ai* ou *ae* de palavras antigas, hespanholas ou latinas,

como *janeiro* de *janairo*, *frei* de *fray*, *eira* de *aera*, *leigo* de *laicus*; b) de *e* longo, por euphonia, como *ideia* *idéa*, *feito* de *féo*, *cheio* de *chéo* de *plenus*, *freio* de *fréo*, de *frenum*; 3.º, *oi* forma-se por attracção ou resolução de alguma consoante em *i*, como *goiva* de *gubia*, *biscoito* de *biscoctus*, sendo tambem usado principalmente no portuguez antigo por *ou*, como *agoiro* de *agouro*, *augurium*, e por *au*, como *soidade* por *saudade*, podendo tambem ser o resultado de suppressão de consoante, como *soidão* (antigo) por *solidão*; 4.º, *ui* procede de attracção e de resolução de consoante em *i*, dando-se o inverso a respeito do *c*, *ruivo* de *rubeus* e *rubro*, *muito* de *multum*, *fruito* (antigo) por *fructo*, e talvez por euphonia, como *enxuito* (antigo), por *enxuto* de *exsutus*; 5.º, *ou* é o representante do *au* latino, como de *aurum* *ouro*; provem: a) de attracção do *u*, como *houve* de *habui*, b) de *iu*, como *couro* de *corium*, *foi* de *fuit*, c) de resolução de consoante, como *doutor* de *doctor*, d) da ampliação euphonica do *o* ou *u*, como *choupo* de *populus*, *dou* de *do*, *estou* de *sto*, *sou* de *sum* (e as vezes tambem representa o *ó* longo, ou tonico proveniente de *ou* por attracção, como *póvo* por *pouvo* de *populus* ou de *au*, como *pobre* de *pauper*; 6.º, *uae* provem de suppressão de consoante, como *iguaes* de *acquales*. O mesmo a respeito de *uai*, *uei*.

§ 27. A reunião de vogaes que não se podem pronunciar facilmente, chama-se *hiato*. Para desfazel-a o portuguez emprega a elisão, a attracção da primeira vogal, a contracção e a inserção de alguma consoante. Os casos mais importantes do hiato ou vieram já do latim, ou resultam de composição latina ou romana, ou finalmente de suppressão de consoante romana.

54 Ou a primeira vogal tem o accento tonico, ou não: 1.º, se tem, insere-se uma consoante, por exemplo *v*, *u* ou *o*, como *vidu-vium*. Em portuguez, a), *h* indica a existencia do hiato, como *cahir* de *cado*, *sahir* de *salire*, bem como *j* ou *g*, como *estrugir* de *struere*, *trage* (antigo) de *trahe*; ou *z*, como *traze* de *trahe*; ou *lh*, como *escaravelho* de *scarabæus*; b), por elisão, como

parede de *pariete*; *c*), por deslocação do accento, como *piédade* de *pietas*; 2.º, se não tem, e a primeira vogal é *e*, *i* ou *u*, a destruição do hiato é facil e opera-se frequentemente, como *devo* de *debeo*, *tina* de *tinea* (de *teneo*?). O *u* converte-se em *o*, como *continuo* de *continuus*.

54 Como *i* e *e* se equivalem, ou o *e* tem o valor de *i*, os romanos empregavam um pelo outro nas desinencias *eus*, *ius*, como *alleum allium*, e encontra-se *filea* por *filia*. Neste caso tambem já tinha lugar em latim a conversão do *i* em *j*, *g* ou *ch*, dependendo isso da natureza da consoante antecedente, bem que não estejam de accordo todas as linguas romanas. Em portuguez o *i* depois do *l* e *n* converte estas consoantes em *lh* e *nh*, como *filho* de *filius*, *Junho* de *Junius*, *alho* de *alium*, *conselho* de *consilium* (excepto *lirio* de *lilium*, *exilio*), *calcanhar*, *campunha*; *ingenho* (excepto *calumnia*); com suppressão do *d*, como *vergonha* de *vericundia*; com a da vogal, como *estranho* *extraneus*; com conversão do *ch* em *j*, como *grancha* (antigo), *granja*. Depois de *m*, *i* converte-se em *g* em *vendagem* de *vindemia*, ou supprime-se, como *vindima*.

55 Quando o *r* precede os diphthongos atonicos *ius*, *ia*, *ium*, de que nascem *ari*, *eri*, *ori*, *uri* (*us*), ou o *i* é attrahido pela vogal tónica e forma com ella diphthongo, o que é commum a todas as linguas romanas, ou consonifica-se, ou supprime-se: 1.º, *ari* em portuguez dá lugar ao diphthongo *ei*, como *primeiro*, *feria*, *feira*. Em *muria* o *r* se mudou em *lh*, supprimio-se o *i* e deo *mólho*. Em portuguez antigo encontra-se *adversairo*, *qversairo* (*adversario*), *notairo* (*notario*), *salayro* (*salarvo*), *contrayro*, *vigairo*; portuguez moderno *cavalleiro*; 2.º, *eri*, como *captiverium* (captiveiro), *madeira* de *materia* (latim baixo); 3.º, *ori*, em portuguez antigo *oir*, como *adjudoiro*, *adoboiro*, *aradoiro*, *coyro* de *corium*, dá em portuguez moderno habitualmente *our* e tambem *uri*, como *bebedouro* (*bibitorium*, latim baixo). Depois de *s*, *t*, *c* supprime-

se o *i*, consonifica-se ou torna-se mudo, com importantes excepções, como *igreja* de *ecclesia*, *cerveja* de *cervisia*, *beijo* de *basium*, por *bêjo* (*i* euphónico), *queijo* de *casium* (idem); 2.º, depois de *t* suprime-se e o *t* converte-se em *ç*, como *justiça* de *justitia*, *Março* de *Martius*; em *z*, como *razão* de *ratio*, *cupidez* de *cupiditia*, *avestruz* (*aves trullio*), *dureza* de *duritia*; 3.º, depois de *c* (*ch*, *qu*), como *braço* de *brachium* (*ch* em *ç*), *culça* de *calcius* (*c* em *ç*), *juízo* de *judicium* (*c* em *z*); por *atracção*, como *suspeita* de *suspicio* (*c* em *t*).

Depois de consoantes doces e de *v*: 1.º, depois de *d i* converte-se em *j*, supprimindo-se o *d*, como *hoje* de *hodie*, *inveja* de *invidia*, *vejo video*; 2.º, depois de *g* suprime-se o *i*, como *fugio fujo*; 3.º, depois de *b* este se muda em *v*, como *debeo devo*, em *j*, como *haja* de *habeam*; *raiva* de *rabies*, *ruivo* de *rubeus*; 4.º, depois de *v*, este muda-se em *g* e *j*, como *ligeiro* de *leviarius* (baixo latim), *fojo* de *fovea*. Depois da forte *p*, dá-se a atracção em portuguez, como *aipò*, *caibo*. As palavras modernas ou pouco populares estão fóra d'estas regras, e conservam a forma latina, sendo por isso que ha palavras duplas, sendo uma latina e sábia e outra nacional, como temos *feria* e *feira*, *paço* e *palacio*, etc!

56 Quando *u* atónico está em *ua*, *ue*, *ui*, *uo*, *uu*, tem a mesma sorte que o *i*. Do mesmo modo que o *i* se transforma em *j*, *u* converte-se em *v*, como de *claudo chave*.

57 Para destruir-se o hiato procedente de composição, emprega-se a elisão, seja a composição latina ou romana, como de *unde d'onde*, de *o do*, *co-operire cobrir*. Mas é muitas vezes tolerado, como *co-existir*. Os hiatos procedentes de supressão de consoante, posto que as vezes tolerados, são destruidos ou por contracção, ou por inserção de outras consoantes. No primeiro caso está *magister mestre* (ai igual a *e*), *dedisti deste*, *videre ver*. No segundo caso *v* é inserto

depois de *u*, *o*, e muitas vezes depois de *a*, como *papilio pavilhão*, *caulis couve*, *laudare louvar*.

58 Segundo Diez o *é* gothico correspondente ao *a* do antigo alto allemão, penetrou nas linguas romanas. Em portuguez temos *vaga* de *wac* (antigo alto allemão), *végo* (gothico). Mas o *a* originario conserva-se ordinariamente, ainda quando degenerado em *e*, como *albergue* ou *alvergue* (*heriberga*), *harjis* (gothico), e nos nomes proprios, como *Cuntario*, *Cundahari*, *Clotario*, *Gualtario*, *Walthari*. O diphthongo *ie* no qual se converte o *e* latino, transmittio-se em raras das poucas palavras, em que se produzio, como *elmo* de *helm*.

Os romanos reproduzem o *i* allemão (que Ulfilas exprime por *ei* com a mesma exactidão que o *i* latino, como *giga*, (*gige*), *gris* (*gris*), *lista*.

59 *E* é a representação mais habitual do *i* e gothico *ai* e antigo alto allemão *ē*, como *fresco frisc*, *elmo*, gothico *hilms*, mas o *i* conserva-se, ainda que em alto allemão tenha-se enfraquecido em *e*, como *feudo* de *vihu*, *vehu*; *esquife skif*, *britar*, anglo-saxonio *brittian*. *O* conserva-se, como *espolio* de *spuola*, *spólo*. Esta letra fornece o diphthongo *uo* que o latim não produzia. *U*, quando é longo fica intacto, como *exdruxulo*, *strúhhal*. Quando é breve, reproduz-se por *o*, como *estofa*, *stupa*.

60 O diphthongo *ai*, ant. alt. all. *ei* ou *e*, não é estranho ao romano, com quanto faça ordinariamente ouvir só a vogal accentuada. Se os allemães houvessem fornecido aos romanos a forma já enfraquecida *ei*, o resultado seria sem duvida *ei* em portuguez, *gala* (*geil*). O diphthongo *au*, ant. alt. all. *au* (raras vezes), *o*, *ou*, é tratado como o latim *au*, como *galopar* (gothico *hlajpan*), *roubar* (*roubon*). Persiste em *Austria* (*Ostar*, neerlandez *Austr*), *loução*, *cousimento* (antigo). *Iu* é raro e sua representação incerta, como em *esquivar*, em que o *u* está consonificado, em *c* (*skiuhan*). Aparece tambem no nome proprio *Gudestheo*, gothico *guths thius* (servo de Deus).

61 O fraco peso das vogaes atonicas explica porque

ellas se suprimem na primeira syllaba ainda que seja longa, como *episcopus*, *bispo*; nelle por *in illo*. Nos *proparoxitonicos* ou palavras *exdruxulas* supprime-se ordinariamente a vogal seguinte atonica, principalmente *u* ou *i*, como *oculos* *olho*, *positus* *posto*. Em latim já isso tinha lugar, como se vê em inscrições muito antigas, como em *dedro* por *dederunt*, *Lebro* por *Liberio*, *caldus*, *hercle*, *lamna*, *valde*, *vinclum* e no latim classico *ardus* por *aridus*, *cante* por *canite*, *proclum*, *porgo*, *spectaclum*, no estylo poetico. Mais tarde ainda *spectum* por *speculum*, *masclus*, *baclus*; *frigda*, *tabla*, que já são formas romanas.

LICÇÃO 7.^a

Das consoantes.

§ 28. As consoantes são simples, dobradas e multiphas. Quando ha duas consoantes desiguaes, é regra que a primeira desaparece. Se, suprimida alguma vogal, ficarem juntas tres consoantes, sendo a do meio muda ou *f*, suprimem-se estas ultimas letras, só podendo conservar-se entre duas liquidas. *R* e *s* entre duas consoantes persistem tambem e forçam a precedente a desaparecer ou a enfraquecer-se. É ainda importante etymologicamente o lugar que a letra occupa na palavra, isto é, se é inicial, media ou final.

62 As consoantes são sujeitas a mudanças, como as vogaes. As liquidas resistem alguma cousa; trocam-se frequentemente (*m* só com *n* diz Diez), mas não abandonam facilmente seu dominio, senão nos casos já indicados. Mas *l* vocalisa-se ou desaparece por causa de producção vocalica. De todas as aspirantes é o *s* que offerece mais constancia, o que não se dá com o *v* e *j*; o *h* é um simples signal sem som. As aspirantes não se trocam entre si, e o desenvolvi-

mento de *f* em *h* e de *h* em *f*, como de *v* em *j* são casos isolados. As mudas resistem com grande firmeza sendo iniciais, cada uma em seu grão. No meio a forte torna-se branda e esta se resolve as vezes em vogal: *t* muda-se em *d*, *c* em *g*, *p* em *b*; o *d* dissolve-se, *g* perde-se em *i*, *b* na semi-vogal *v*. É o que se chama a *substituição romana das consoantes*, a qual contrasta completamente com a germanica que procede ao inverso, isto é, eleva-se, segundo Diez (1), da branda a forte e d'esta a aspirada. Em irlandez nos grupos *rp*, *sp*, *st*, *sc* e em outros em kymrico, cornico e bretão a forte (o que é desconhecido em romano) torna-se branda, a qual não se conserva na inicial; sendo media e final, *b* e *d* podem aspirar-se e *h* resolver-se em *u* ou *v*, não podendo afirmar-se que a este respeito o celta influio no romano, pois que este enfraquecimento remonta aos primeiros seculos da idade media.

63 Ha notavel coincidência entre o systema romano e os dialectos prækritos, segundo Diez, cuja exposição resumimos, em relação a sua origem, o sanskrito: *t*, *t*, *p* descem a *tl*, *d*, *b* (mas *k* não desce a *g*). A syncope attinge igualmente entre vogaes *t*, *k*, *p*, *d*, *g*, *b*, *v*, *j* e de mais as sibilantes. A tendencia romana acha-se quasi identicamente, porem do modo ainda mais systematico, em uma das linguas germanicas: em dinamarquez a forte organica sempre se conserva como inicial; a media e final só depois de consoante, descendo a branda depois de vogaes. Em romano tambem e sob a influencia das vogaes molles (*i*, *e*), as gutturaes deram chiantes (linguaes palataes e sibilantes).

Mudanças ha de letras que não se podem accomodar a regras, mas ao sentimento, e isto acontece

(1) Segundo Bopp a substituição germanica procede assim: as antigas tenues (fortes) tornam-se em germanico em aspiradas (brandas) e as medias em tenues. *P*, *t*, *k* convertem-se em *f*, *th*, *h*, estas em *b*, *d*, *g* e estas em *p*, *t*, *k*. É o mesmo.

pela assimilação e dissimilação, de que já tratámos, sendo nesta tendencia euphonica que se funda a troca das liquidas entre si. Outro processo é a *analogia*, pela qual se leva a palavra a uma certa correspondencia de forma com outra de sentido proximo. Em baixo latim *octember* formou-se segundo *september*. Pela mistura de radicaes pode nascer uma palavra nova de outras duas, como *segundo* (conforme) de *secundum* e de *sequente*. Pelo contrario podem-se tambem differencar pela forma muitas significações de uma só e unica palavra latina, ou muitas palavras com o mesmo sentido ou com sentido muito proximo, como *pensar* e *pesar* de *pensare*; *póvo* e *chópo* de *populus*.

64 A perda das consoantes não attinge a inicial, que é de grande solidez; a primeira syllaba desaparece toda, mas só quando é atonica, ou quando tem a apparencia de dobramento. A syncope se restringe geralmente as brandas, e em portuguez estende-se as liquidas *l* e *n*; a apocope é muitas vezes applicada. De todas as consoantes são as liquidas *l* e *r* as mais sujeitas a *metathese*, de ordinario por attracção de alguma muda, comparando-se a mobilidade das liquidas á das vogaes *i* e *u*, a que se encontram facilmente as outras vogaes.

65 A consoante dobrada em virtude de sua maior intensidade conserva-se intacta, e é comparada a vogal tonica, sobretudo quanto ás mudas. Se a letra dupla é diminuida quantitativamente, não o é quanto a qualidade, isto é, por exemplo, *pp* pode simplificar-se em *p*, mas não se muda em *b*, como *p* simples. *ll*, *nn*, *ss* podem amollecere-se, mas só perdem parte de sua substancia.

66 O latim, pelo menos no começo e meio de palavras, repugna com muitos grupos de consoantes, que o grego supporta. Faltam-lhe os grupos iniciaes *mn*, *sm*, *tm*, *du*, *dr*, *cm*, *cn*, (excepto *Cneus*), *cs* (*x*), *ct*, *bd*, *pm*, *pn*, *ps*, *pt*. No meio (exceptuados os compostos com particulas), são excluidos, por exem-

plo, os grupos: *sl, sn, sg, tl, tm, tn, dm, dn, dr*, (salvo *quadrans* e os mais aparentados), *cn, pn*; são muito raros: *ld (calculus), cl, gl, bl*. O romano não tolera até os grupos de consoantes multiplas que o latim admittia. O portuguez possui os compostos de mudas iniciaes com *l* ou *r*, isto é *tr, cr, gr, pr, br, cl, gl, pl, bl*, mas não conservou *cn*, nem *gn* nas palavras populares e sim *fl* e *fr*. O grupo de *s*, ao qual se pode ajuntar *r* e *l* é muito usual e bem assim *vr*, sendo *vl* menos usado e *ul*. Outros grupos, como *tn, dl, dn, bm, bn*, faltam completamente. O latim tolera todos estes grupos, pelo menos nos compostos (*at-nepos*), mas o portuguez não tem *ts, ds, cs* (mas *x* com este som), *ps, bs, dj, bj, dv, bv*. A maior aversão do romano é pelos grupos de duas mudas; encontra-se porem em portuguez *ct* e *pt*, mas diz Diez que em palavras de origem bastarda, bem como os grupos compostos de *s*, como *transpor*, sendo media. *Lm, ln, rm, rn*, compostos de duas liquidas, conservaram-se; nem sempre *mn, rl, nr, lr, nm*. As chiantes, sons ainda ignorados do romano (diz Diez), toleram antes, mas não depois, o contacto das liquidas *l, n, r*.

67 A assimilação penetrou profundamente na estrutura da lingua latina e contribuiu essencialmente para sua euphonia. Foi assim que *ml* se transformou em *ll*, *mn* em *nn*, *ms* em *ss*, *nm* em *mm*, *nr* em *rr*, *ns* em *ss*, *rl* em *ll*, *rs* em *ss*, *tr* em *rr*, *dn* em *nn*, *dr* em *rr*, *ds* em *ss*, *dt* em *tt*, *dc* em *cc*, *dg* em *gg*, *dp* em *pp*, *df* em *ff*, *ct* em *tt*, *gn* em *nn*, *pm* em *mm*, *br* em *rr*, *bs* em *ss*, *bc* em *cc*, *bg* em *gg*, *bp* em *pp*, *bf* em *ff*. O portuguez segue algumas d'estas assimilações e tem outras novas, e em geral é a primeira consoante que se assimila á segunda. Nos compostos das preposições *ad* e *sub*, ora ha assimilação do *d* e *b*, ora perda d'estas consoantes e ora ellas se conservam, como *objecto* (de *ab*), *sujeito* (de *sub*) e *subjugar, advertir, assentir, suppor, attrahir*. Mas a consoante dobrada nem sempre é filha da multipla que se assimila; ás

vezes tambem é o resultado de um dobramento occulto, como veremos.

68 Ha outro phenomeno que se parece com a assimilação e vem a ser a redução de consoantes de gráo differente ás do mesmo gráo, de sorte qite, como em grego e serbio, a forte se accomoda á forte e a fraca á fraca. Mas o portuguez nem sempre exprime graphicamente a consoante dupla e tanto escreve *sujeito*, como *subjeito*.

69 A syncope foi de grande importancia em latim nas consoantes multiplas, sobretudo da muda antes da liquida. As gutturaes, por exemplo, desaparecem em *flamma* de *fragare*, *hodie* de *hoc die*; as labiaes em *somnus* de *sopire* (de *scap*), e as dentaes em *arsum* de *ardere*. Se *sopnus* parecera duro aos latinos, *somnus* o pareceo tambem aos romanos, que o substituiram por *sonnus*, e fizeram da syncope o uso mais frequente possivel: é geral, por exemplo, á de *n* ou *r* antes de *s*; é parcial em grande numero de casos, como em portuguez *doce* de *dulcis*. O romano abranda ou facilita muitas vezes o encontro de consoantes, que lhe desagrada, prepondo uma vogal auxiliar, ou inserindo terceira consoante. No ultimo caso (por exemplo, *lr*, *nr*, *nr*, *sr*, *ml*, *mn*), a inserção da vogal não era admissivel, pois que estes grupos provem precisamente da perda da vogal anterior, o que não acontece, quando os grupos de consoantes são originarios, como *engarrafar* por *engarfar*. Isto acontece com o grupo inicial, ainda que não haja dureza, como *caranguejo*, por *cangrejo* (Camões), baixo latim *snaida* por *snaida*. É notavel que as línguas do sudoeste empreguem como vogal de inserção 'a da syllaba radical precedente, como *teremis* de *terminus*.

70 Inserem-se tambem consoantes, ainda quando não se trate de adoçar a expressão, sendo as liquidas preferidas em todas as inserções. O *l* é muitas vezes apposto a consoante inicial; o *m* é preposto a outra labial, como *trempe* de *tripus*; o *n* insere-se antes de dentaes e gutturaes, como *lontra* de *lutra*, *nenhum* de

nec unus. A posposição do *r* a muda é frequente, como *fralda, estrella (stella)*. *Trompa* parece ter duas inserções. O reforço da inicial por meio de *s* encontra-se em *estragão*.

§ 29. Passamos a tratar de cada uma das consoantes portuguezas e dos grupos que formam.

B inicial conserva-se. Em alguns lugares de Portugal confunde-se com o *v*. O medio conserva-se ou muda-se em *v*, o que já acontecia no seculo 6.º (em que se dizia *deviti* por *debiti*. Em portuguez moderno ha troca em *cavallo (caballus)*, *maravilha, livrar*. Troca-se ou conserva-se em *divida* e *debito* de *debere, haver* e *habito* de *habere, mobil* e *movel* de *mobilis*. *B* final muda-se em *v*, como *deve* de *debet*, ou conserva-se, como *bibit bebéo, Jacob, Jacobus*. *B* muda-se em *m* em *dom* do latim antigo *debenus, canhamo* de *cannabis*; em *f* (já em latim), como *bubalus, bufalo*.

Grupos: *bl* e *br* conservam-se, ou muda-se o *l* em *r*, como *oblidar* (antigo), *obrigar; obligar, obrigação, obrigamento; sublime, sublimis*. *Bt* assimila-se ou supprime-se em composição, como *supposto* e *sotoposto (sub-positus)*, *sotomestre*, (portuguez antigo) *obtro* (outro), *obturgar* (outorgar). Em *bs* supprime-se o *b*, como *esconder* de *abscondere, escuro, obscuro, substancia* (vulgar) de *substantia*, e tambem *substancia*; ha resolução em *u* (portuguez antigo) *austinete, austinado (abstinente, obstinado)*. *Bj, bv* teem tendências para a assimilação no latim, que já dizia *ovvertit*; em portuguez conserva-se, como em *subjugar subverter, obviar*, mas supprime-se em *sujeito*. *Mb* conserva-se no portuguez moderno, como *ambos (ambo)*; no antigo supprime-se o *b*, como *amos, ambos; plomo*, de *plumbum, chumbo*. O *b* allemão ora conserva-se, como em *roubar* de *rouben*, ora muda-se em *f*, como *estufa (stuba)*, normando *stofa*, ora em *p*, como em *palco* de *balco, poltrão* de *bolstar*. O arabe muda-se em *p*, como *julepe* ou *julepo* de *gholab*.

§ 30. *C* latino ou é guttural, palatal (conforme a letra seguinte), ou sibilante; guttural antes de *a, o, u*,

de consoante ou no fim, ficando guttural sem persistir constantemente como forte. No principio conserva-se ordinariamente, mas ha exemplos de mudar-se em doce, como *gomma* (latim *gummis*), do grego *κόμμι* (*kómmi*), *gato* (*catus*), *gruta*, *κρίπτη* (*kripté*), *grosso*, *crassus*, *carregar*, *carricare* (baixo latim). No meio e depois de vogal tem a mesma sorte que o *t* e devia mudar-se em doce, como no latim *negotium* de *nec otium*; *sagrado*, *sacratus*, *vago*, *vacuus*, *advogado*, *avocatus*, *amigo*, *amicus* e outros muitos. Conserva-se em *pouco*, *paucus* e em *ico*, *ica*, *icar*, como *medico*, *musica*, não havendo syncope em *icar* ou *ic*. Converte-se em *u* em *douto*, de *doctus*, e em *i* em *feito* de *factus*, seis de *sex* (*secs*). No fim não é tolerado e muda-se em *z*, como *dize*, *faze* (de *dic*, *fac*); em *m* e *n*, como *nem* (*nec*), *assim* (*sic*), *pente* (*pecten*), ou perde-se, como *então* (*entonces*, antigo), *tunc*. Converte-se em *ch* em francez por influencia do *a* de *ca*, quer o *a* se conserve, quer se converta em outra vogal, e por intermedio d'esta lingua vieram para o portuguez: *inicial*, *chapeo* (*chapeau*), de *capellum* (baixo latim), *chancellor* de *cancellare*, *charneira* de *charnière* de *cardinaria* (baixo latim), *charrua* (*charrue*) de *carruca*, *chaminé* de *cuminata* (baixo latim); *medio*, *marchante* de *mercatantem* (*idem*), *prancha* de *planca* (*idem*). Conserva-se antes de *o*, *u* latino, como *coalhar* (*coagulare*).

Diez explica a mudança do *c* antes do *a* em *ch* pela influencia do *k* aspirado dos dialectos allemães, ou pela influencia do *a*, que Pott observa ser parente proximo do *h*, cuja aspiração poderia depois degenerar em chiente e nota que o *a* é sujeito a mesma mudança em *j*.

O latim já havia perdido o som duro do *c* antes de *e*, *i*, *æ*, *œ*, convertendo-se em sibilante, som que transmittio as linguas romanas. Sendo final, o *c* é representado por *z*, como *cerviz* (*cervicem* de *cervix*), *cruz* (*crucem*), *noz*, *dez*, *paz*, *voz*, *vez*. A historia d'esta mudança não é isenta de incertesa, como bem observa

Diez, e, com quanto o umbrio tenha *cesna*, igual a *cena*, *pase*, igual a *pace* (*kena*, *pake?*), é certo: 1.º, que, durante o imperio do Occidente o *c* era pronunhiado com som duro antes de todas as vogaes; 2.º, que as palavras latinas admittidas no allemão são escriptas com *k* antes de *e*, *i*, como *keller* (*cellarium*), *kicher* (*cicer*), sendo que taes palavras só poderiam passar para o allemão por occasião da invasão germanica, pois então as relações eram mais numerosas do que no tempo da conquista da Germania pelos romanos; 3.º, que nas cartas do 6.º e 7.º seculos o *c* era escripto com a lettra *z* (*k* grego) antes de todas as vogaes, como *fecit*, *zibitate* (*fecit*, *civitate*). É difficil admittir que o *z* seja simplesmente a representação do signal latino *c*, porque os *scribas* tinham por fim indicar a pronuncia viva sem se occuparem da orthographia latina; 4.º, que os sacerdotes romanos da Bretanha escreviam, por exemplo, *cyning* (*king*) *rex*, ainda no fim do seculo 6.º; 5.º, que a sibilção do *c* antes de *i*, seguido de outra vogal deve ser mais antiga, porque nas cartas mais antigas *c* confunde-se com *t*, que se distinguiam nos primeiros tempos do imperio romano, como em *nuntius*, *condicio*. Depois *c* e *t* foram escriptos tambem com *z*, *zeta*, *tzeta* e com *z* latino. Em uma carta gothica lê-se *unkja*, *uncia*; 6.º, depois do seculo oitavo *c* é enfim admittido antes de *e*, *i* no alphabeto allemão em vez de *z*, ainda quando se siga vogal, devendo *c* ter nascido provavelmente no seculo septimo. Corssen diz que no tempo do exarcado e da invasão dos Lombardos na Italia os romanos pronunhiavam os nomes de seus gloriosos antepassados *Kæsar*, *Kiker* o. (1)

Sabe-se pela historia das linguas que o slavo, parecido nesta parte com o romano, não empregava, como o antigo sloveno, as gutturaes *k*, *g* e *ch* antes das vogaes tenues (*e*, *i*); mas *k* ora se converte em *ch*, ora em *tz* e *g*, ora em *zh*, ora em *z*; o *ch*, que

(1) Diez, I, 233 e nota 1.ª

falta em romano, converte-se em *sh* e *s*. Outras vezes em portuguez *c* ordinario guttural é representado por outras sibilantes ou palataes, como em *murcho* (*murcidus*), *vicimus* (*visinho*), e quando se perde a vogal entre *ch* e *t*, o *ch* tambem desaparece, e converte-se em *z*, como *amisade* de *amicitas* (baixo latim). É apenas admissivel, diz Diez, que a guttural se conservasse em alguns casos; em portuguez a vogal decisiva modificou-se, como em *lagarto* de *lacertus*, convertendo-se a guttural em doce. Talvez que em *raiz*, *pulga* tivessem influido os nominativos *radic-s*, *pulec-s*; entretanto o transporte directo de algumas d'estas palavras da terceira para a primeira e segunda declinação, é phenomeno ainda mais verosimil, porque realisa-se muitas vezes, pois em latim classico dizia-se *fulica* ao lado de *pulix*, e quanto a *duque* é inegavel que a guttural de *duc-s* conservou-se antes de *e*.

Grupos: *cc* dobrado em portuguez e antes de *e*, *i* tem a sorte do simples, conservando o primeiro *c* o som guttural, como em *accidente*, *acelerar*, *afflicção*, *facção*, ou mudando-se em *i*, como *eis* (*ecce*). *Ct* ora soffre assimilação, ora resolução do *c* em *i* (forma indigena), ou *u*, como já vimos, formando diphthongo, ora (no que differe de *cs*), resolução das duas consoantes em palatal depois de passar, como parece, por *it*, o que é raro, ora enfim conserva-se, ou perde o *c*, como já acontecia em latim; temos *sitis* por *sictis* de *siccus*, *sêde*; *fructa* (de *fructus*), *coito* de *coctus* em *biscoito*; *tecto*, *douto*, *auto* (alto portuguez antigo): *condoito* (*conductus*), *oystubro*, *auçom* (*acção*), *autivo*, *contrauto*; moderno: *colcha* (*culcitas*), *trecho* (*tractus*). As vezes ha fusão de dois *ii*, como *dito* por *diito* de *dictus*, sendo attrahido pela vogal inicial no grupo *net*, como *pintado* de *pinctus* de *pictus*; excepto: *ungido* de *unctus*, theoricamente por *onjt* (portuguez antigo *onjudo*), *Sancho Sanctiys*. Exemplo de adoçamento: *conduzido* de *conductus*. *Cs* (*x*) assimila-se como em latim: *assis axis*; mas equivalendo em por-

tuguez ao *x*, esta letra tem diversos sons que correspondem as mudanças a que está sujeito o grupo *cs*. Com o som de *ch* temos *frouxo* (*fluxus*) e com inserção de *n*: *enxame*, *enxergar*, *enxundia*, *ensaio* (*exagium*). Com resolução do *c* em *i* temos *seis* de *sex*, *secs*, e com *x* com o som de *z* em *exemplo*. Com mudança do *a* precedente em *ei* temos *madeixa* (*metaxa*), *eixo* (*axis*), *seixo* (*saxum*), excepto *extremo*. Conserva-se com o som de *cs* em *fluxo*, *nexo*, *sexo*, *toxico*. Com o som de *ç* em *tecer* (*texere*). Com o de *s* em *texto*, *sexto*. Com o de *z* em *exame*, *eximir*, *exilio*, *busina* (de *buccina*, equivalente a bucsina). Quando o grupo *cs* tem o som de *ch* (*x*), este parece repousar na fusão intima de *s* com *i* ou *u*, proveniente da resolução de *c* por um processo a principio geral, como *coxa* de *cojsa*, depois *cosja*; *puxar* de *pulsare*, *puisar*. De inversão de *cs* em *sc* temos o exemplo de *flascido*, que no francez é *flasque* (*flaccidus*), e de *tascar*, do saxonio *tax*. Sendo medio e antes de *e*, *i* segue quasi identicamente a regra do *cs*. Mudado em *ch* temos *feixe*, *peixe* de *fascis piscis*; em *x*, *rouxinol*; em *sg*, *fisga* de *fuscina*. Conserva-se em *crescer*, *pascer* e supprime-se o *s* em *conhecer* de *cognoscere*. *Sr* e *sc* (veja-se *s*). *Lc*, *nc*, *rc*, *tc*, *dc* mudam frequentemente a guttural forte em guttural ou em palatal doce, ou conservam-n'a. Esta mudança anomala só se pode explicar pela visinhança de linguaes e dentaes; assim de *lc*, *delgado* de *delicatus*; de *nc* (proveniente muitas vezes da syncope de *ndc*), como *manducar* de *mand'care* e *manjar*, *vingar* de *vind'care*; de *rc*, *carregar* de *carricare*, *forjar*; *tc*, *selvagem* de *silvaticus*, *viagem* de *viaticus*, *hereje* de *hereticus*; de *dc*, *julgar* de *judcare* (mudança de *d* em *l* e *c* em *g*), *pejo* de *pedica* (*dc* em *j*). *C* allemão e arabe. Veja-se *k* e *ch*.

§ 31. D inicial conserva-se. O medio entre duas vogaes supprime-se, como *cahir* de *cadere*, *crer* de *credere*, *cru* de *crudus*, etc., ou muda-se em *nh*, como *ninho* de *nidus*; mas conserva-se em *auditorio*, *agradavel* (*gauditais*), *credo*, *adorar*, etc. Inserindo *v* te-

mos: *louvar, ouvir*. Conserva-se ainda nos suffixos *ido, udo, ado*, mas supprime-se em *éde*, na segunda pessoa do plural dos verbos—em *er*, como *humido, recebido, amado, membrudo, recebeis, recebêdes* (antigo). É protegido pela consoante antecedente, como *esmeralda* (pelo *l*), *soldar*. O final perde-se, como *crú, nó, nú*, mas conserva-se para proteger a vogal final, como em *fraude, sede*, e em composição como *adquirir*. Mudando-se o *t* antes de *i* palatal (*j*) em *z*, igual a *ts*, o *d* muda-se em *z*, igual a *ds*, como no baixo latim, em que é precedido pelo *di*, como *zabulus* por *diabulus*, *zebus* por *diebus*. Em portuguez só conhecemos *Mezopotamia* (em que o *z* está por *d*), o paiz que está no meio dos dois rios, Tigre e Euphrates, por *Mediapotama*. A mudança do *d* em *l, n, r* já se observa em latim, como *lacrima, lagrima* por *dacrima*, *calamidade* de *cadamitas*, *palafrenero* de *paraveredus*, *meridiano* de *meridies* por *medi-dies*, *do meio dia*, *do sul*. Muda-se em *g*, como em *golfinho* (de *delphinis*) ao lado de *delphim* e *golphim*.

Grupos: *dr* perde o *d*, que é substituído por *i*, segundo Diez, como *rir* de *ridere*; mas parece-nos que esta substituição não tem lugar, por já haver um *i* na palavra, no qual se funde o *e*, que muda-se em *i* em *concluir* de *concludere* e conserva-se em *crer* de *credere*, tendo sido attrahido depois da perda do *d*. *Dc*. Veja-se *c*. *Dj* supprime o *d*, como *ajudar* de *adjuvare*, conservando-se em *dv*, como *adventicio*, ou supprimindo-se, como em *avir*, *avindo* de *advenire*. *Md*. Veja-se *M*. *Nd* conserva o *d*, como *onde* de *unde*, o qual é as vezes substituído por *t*, como em *coentro* de *coriandrum*. Supprime-se e converte-se o *n* em *nh* em *grunhir* de *grundire* e depois *grunnire*. *Gd*. Veja-se *C*.

§ 32. O *d* allemão, em antigo alto allemão *t*, é o mesmo que o *d* latino, mas é conservado ordinariamente, quer depois de uma, quer entre duas vogaes, como *dardo* (anglo-saxonio *daradh*). Com a pronuncia de *z* temos *brazão* (*bradon*). A mudança do *d* gothico

em *t* do antigo alto allemão influio no romano, ainda nos casos em que a segunda d'estas linguas preferio o *d*. O *d* arabe é reproduzido no portuguez, como em *tamarindos*, *tamarinhos* (vulgar *tamarinos*), de *tamarhendi*; *dala* ou *talha* de *dalâh*; *alarde* de *al'ar'd*; *almadrague* de *alma'tra'h*; *maravedi*, *marabitino*, *maravidim*, *marávidil* de *marábe'tin*.

§ 33. *F*. A differença entre *f* e *ph* em latim desaparece no portuguez, porque *ph* tem o som de *f* nesta lingua, o qual em portuguez muda-se: 1.º, em *b* nas palavras *rabano* de *raphanus*, *ábrego* de *africus* (um dos ventos); 2.º, em *v*, *Estevam*, *Christovam*, *trevo*; 3.º, em *p* em *assoprar* de *susto*, *napta* de *naphta*; conserva-se no meio em *symphonia*, excepto *sympathia*, e perde-se em *José* de *Josephus*. O *f* allemão conserva-se em portuguez, como *Fernando*, *mofo* (*muffen*), *cadafalso*. O arabe tambem se conserva, como *salua*, *salucho*, *farda*, *faro*, (*sârah*), *fustão*, *alferes*, (*alfâres*), *açafate*, *açafração*, *cafre* (*kâfir*), *calafetar* (*galafa*), *camphora* (*kâfûr*), *sanefa* (*sanifah*), *cifra* (*cifr*), *garrafa*, *girafa*, *marfim*, *xerife*. Diez dá como razão d'esta conservação o ter a pronunciação viva do arabe, que florescia na Hespanha, impedio a mudança neste paiz do *f* em *h*, e quando o arabe desapareceo, o ter-se já enfraquecido a tendencia para essa mudança, de sorte que a labial ficou intacta.

§ 34. O *g* teve a mesma sorte do *ç*; a letra seguinte é que fixa o seu valor. Antes de *a*, *o*, *u* e de consoante *g* conserva-se em *castigar*, *fragrante*, *fuga*, etc. Syncopa-se em *inteiro* (*integrum*), *leal*, (*legale*), *real* (*regale*), *Susa* (*Sigusium*), *frio* (*frigidus*), *esmeralda*. Resolve-se em *i* em *cheirar* (*fragare*), *lio* (*ligatus?*), igual a *lii-a-tus*, *lei* de *legem*, *irmão* de *germanus*, *dedo*, *mais* (*magis*), *mestre*, *vinte* (*viginti*), *trinta*, *quarenta*, *ensaio*, *ler*, *cuidar*.

A mudança do *c* em *ch* corresponde a do *g* em *j*, antes de *a* latino, como *jalde* (francez *jaune*), *jouver* ao lado de *gouver* (antigo), *jazer*, *joya* por *joia*. *G* é convertido em *c* em *Cadiz*, *Gades*. Antes de *e*, *i*

transforma-se em palatal chiante. Supprimidos o e e i finais, também é supprimido, ou faz-se representar por *i*, porque de ordinario palatal alguma é toleravel nesta posição, n. 74, como *rei*, *lei*. O som palatal do *g* antes de *e*, *i* não existia em latim, ao menos antes do seculo 7.º, porque, quando nos fins do sexto os Anglo Saxonios trocaram seu alphabeto pelo latino, deram a esta letra o som guttural doce antes de todas as vogaes. É provavel que o *g* tivesse d'antes o som de *z* (*dz*), correspondente ao *z* duro da forte *tz*, que depois foi cahindo para o palatal *j*, como *zelosus*, *geloso*, ou que se mudasse primeiro em *j*, isto é, *dj*, porque esta letra em romano tinha o mesmo som que *g* antes de *e*, *i*, tornando-se depois chiante ou aspirada, como o italiano *giorno* de *diurnus* (*djurnus*), parecendo também que tivesse por intermediario *tj*. Encontra-se realmente *jenitus* por *genitus*, *mensis* por *magii*, etc., e também *adgentes* por *agentes*. Mudança frequente é a do *g* em *s*, ou em algum som visinho, como em portuguez *terso* de *tergere* e *tersol* (*toalha* ou *manustergio* ou *manistergio* do altar). *G* muda-se em *lh* em *colher*, *cogere*, *coalhar*, *coagulare*.

Crupos: *gn* muda o *g* em *nh*, perdendo o *u* em *unha* de *unguis*. *Gu* é para *g* o que *qu* é para *c*. *Gm* muda o *g* em *m*, como *exame* (*examen*) de *exagmen*, de *exigere*), *flamma* *flagma* (de *flagare*), *jumento* de *jugumentum*, de *jungere*, *pimenta* (*pigmentum*). O *g* conserva-se em *pigmeo*, *fingimento*, *augmento*, *dogma*, *enigma*. *Gn* pode tomar formas diversas, como: 1.º, por transposição phonetica, mudando o *g* em *h*, como *cunhado* de *cognatus*, *desdenhar*, *manho* (Luz. 4, 32), hoje *magno*, *punho*, *punhado*, de *pugnis*; *senha*, *signum*; *tamanho* (*tam magnus*); 2.º, por adocamento, sem methathese: *reino*, *regnum*, *ensinar*, *insignare*; sem adocamento: *digno*, *signo*, e também: *dino*, *sina*. A perda do *g* quase que se verifica nas syllabas atonicas e finais, como *ensinar*, *indino*. (Luziadas). *Gl*: Veja-se *l*. Em *milagre*, *miraculum*, ha anthithese do *r* e *l* e mudança do *c* em *g*. Em *gd g*

aproxima-se do *d* e muda-se em *l*, como *esmeralda*, *amendoa*, por *amendola*; conserva-se em *Magdalena*, *amygdala*. *Ng* conserva-se seguido de *a, o, u* e precedido de *e, i* em *cingir*, *fungir*, *pungir*; mas muda-se: 1.º, em *j*, como *esponja* (por supressão do *i*); 2.º, em *d*, como *enxundia* (*anxugia*); 3.º, em *z*, como *franzir* e *frangir* (*frangere*); 4.º, em *nh*, como *renhir*; 5.º, perde o *g* em *pintar*, *pingere*.

72 O *g* allemão é diversamente representado, conservando-se em *Godofredo*, *Cotfrid*, *gabella*, (anglo-saxonio *gaful*); antes de *e, i* é ora guttural, como *albergue*, *vaga*, ora palatal, como *giga* (*gige*), *Gertrudes*, *Sigismundo* (*Gertruda*, *Sigismund*), *jardim* (*garten*); ora enfraquece-se em *desmaiar* (*magan*). Ha signal da forte do antigo alto allemão em *desfaltar* (*falkan* por *falgan*). O romano não differença o *k* do *g* arabe e os representa só por *c*. O que há de mais importante é que *k, q, g* conservam-se gutturaes antes de *e, i*, como *mesquinho* (*meskin*), *Guelfos* (*Kelfes*), *requeifa*, *requefeira*, *riqueifa* (antigo), *regeifa*, *arroba* (*arrobha*), *atalaya* (*thalhak*). Veja-se *J*.

§ 35. *H*. Esta letra era aspirada em latim: *profundo spiritu, anhelis faucibus, exploso ore fundetur*, disse Marcio Victorino (Diez). Depois o *h* latino, bem como o allemão e o espirito rude grego, tornou-se um signal quase sem valor em romano, e mudo. Em portuguez intercala-se para evitar o hiato (ou separar as syllabas entre duas vogaes), como já dissemos: transformou-se em *m* em *mim*; em *d* em *nada*, e supprimio-se em *aniquilar* (italiaño *annichilare*), mudando-se para *ch*, afim de não ser annullado. O allemão, sendo inicial, é substituido por *g*, como *garbo* (*herb*); por *c*, como *curuja* (*huvó*), *tacanho* (*zahi*). As vezes é representado por *f*, como *facha* (*hache*), *farpa* (*harpe*), e por *g* final, como *trigar* (gothico *threihan*).

§ 36. *Grupos: hl, hn, hk*. O portuguez suprime o *h*, ou converte-o em *f*, como *flanco* (*hlancha*), *lato* (*hlauts*), *Luiz* (*Hludowie*), *Heloisa* (*Hludovicia*); *galopar* (*gahlaupar*). No dominio romano tambem se intercalla

uma vogal *a*, que é parente do *h* e se attenua em *e*, entre as letras de qualquer dos grupos; em *hnapf* (*copa*) o *h* se transforma em guttural forte; em *harennga* (*hrung*), intercala-se o *e* por *a*. Nas palavras derivadas do antigo norrico intercala-se o *a* (*e*) e muda-se o *h* em *f*, como *ferir* (francez *fraper*), antigo norrico *hrappa?* *Hi* corresponde ao grupo latino *ct*, e d'elle não encontramos outro exemplo, senão *Bertholdo*, *Mathilde* (*Mahthilt*), Diez.

§ 37. *J*. A vogal seguinte não exerceo influencia alguma sobre as variações d'esta letra, que se acha na mor parte das linguas romanas, como em *Maia*, *ya* (por *já*, antigo), *maior*, *y* por *ahi*, *Yago* por *Thiago*, *ylmosfariz* por *almasfariz* por *almofariz*, *Yolante* por *Violante*, *Yrian*, *Yxeco*.

§ 38. *J* allemão sendo inicial toma a pronuncia do latino; no meio da palavra o *i* ou *j*, que pertence ao suffixo, é tratado como o *i* palatal e mostra-se nos casos em que o antigo alto allemão se suprime. Notamos que o *j* é o representante em latim do *y* sanskrito, e o romano do *j* gothico, tendo sua razão de ser no *i* final do nominativo latino ou no *j* confido no genitivo: 1.º, depois de *l*, *m*, *n*, *j* (*i*), como *agasalhar* (antigo alto allemão *ga-saljo*), *agadanhár* (*weidanjan*), *garanhão* (*hreino*, latim barbaro *waranio*). Depois de outras consoantes é representado menos regularmente, como *esturjão* (*sturjo*), *guarda* (*vardja*), *loja* (*laubja*), *ataviar* (gothico *ga-tévjan* ou *ga-taujan*), *chalupa* (nerlandez *sloep*, com inserção do *a*). O *j* originario latino unio-se ao *d*, degenerando em som doce, palatal ou chiante, como *jamais*, *jazer*, *cujo*. O *j* tambem se perde por ser som muito fraco, como em *mor* por *moor* (*major*) e coincide pouco mais ou menos com a aspirada hespanhola, como em *ligeiro*, *jarreta*, *jarra*, *jaula*; mas o *j* portuguez não serve, como o hespanhol, para exprimir os grupos latinos *ct*, *pl*, *tl*, n. 19.

§ 39. *K* aspirado em antigo alto allemão no meio e fim das palavras foi tratado pelo romano de modo

diverso do *c*, seu correspondente, porque este perde o valor antes de *c*, *i*, aquelle não. Se o latim *cilium* por *kilium* é representado em portuguez por *cilio*, o allemão *kiel* o é por *quilha*, *skina* por *esquina*, por *espinhaço* ou *espinha dorsal*.

A mudança do *c* latino em *g* é a regra, pelo menos a respeito do *c* medio, ao passo que é a excepção quanto as palavras allemãs. Assim *c* romano: *ca*, *co*, *cu* (*ga*, *go*, *gu*), *ce*, *ci*; allemão *k*: *ca*, *co*, *cu*, *che*, *chi* e seus analogos, como *escuna* (*scûn*, *schaun*), *Carlos* (*Karl*), *cozer* (*cohtar*, *koker*), antes de *e*, *escancção* (*skeinko* por *skanko*), *trapacear* (*neerlandez trekken*), *esquife* (*skif*), *esquivar-se* (*skiukan*), *manequim*. O *k* final suprime-se depois de *l*, como *marechal* (antigo alto allemão, *marahscalk*, o que cuida de cavallos), *senescal* (*siniscalc*, intendente).

§ 40. *Grupos: kn*. Este grupo não sendo tolerado em latim, foi dissolvido pela inserção de vogal, como *canivete* (*kneif*, inglez *knife*). *Sch* parece que se converte em *t* por intermedio do *tch*, como em *toco* (*schock*), que Constancio deriva do celta *tac*, *tacn*; *topar* (*scherpfen*). Em arabe converte-se em *x*, como *xaroco* (*schorug*), *xerife* (*scharif*), *enxaqueca* (*schaqiqah*), *xarope* (*scharûb*), *oxalá* (*enscha Allah*). Encontra-se tambem: *ch*, como *áchaque* (*aschaki*), *Acochete* (*Alqaschete*); *c* ou *s*, como em *Alcobaça* (*Alkobascha*), *sorvete*,⁽¹⁾ *schorb*; *j*, como em *jâez* (*ghahas*), *algebra* (*alghebr*), *alforge* (*alchorgh*). Attribue-se ao *ch* arabe o valor do *j* hespanhol, sendo em portuguez expressado por *f*, como *albafor* (*albachûr*), *alface* (*olchaseh*), *alfange* (*alchanghar*), *almofada* (*almechaddah*), *safrá* (*cachrah*), *tabefe* (*thabiche*). O mesmo acontece com o *h* aspirado, equivalente ao *ch* doce, como *forro* (*hhorr*), *Albufeira* (*Albohhezirah*), *almofaça* (*almeahas-*

(1) O Dr. H. Graça e A. Brachet derivam *sorvete* e *sorbet* do italiano *sorbetto*; Diez, I, 306, do qual colhemos todos estes apontamentos, deriva não só o italiano, como o hespanhol *sorbete* do arabe *schorb*, do qual derivamos a palavra portugueza, por ser a primeira fonte de todas as outras.

portuguez antigo *nembro, nembrar*, e *nh*, como *calenha* (antigo), *calumnia*. Esta mudança é mais frequente nas combinações *mt, md, mph*. A do *l* em *d* corresponde a do *m* em *b*, que por sua vez transforma-se em *v*. Já em latim se dizia *scamellum* por *scabellum*. O *m* final é frequente supprimir-se em portuguez, excepto em *homem*; mas temos: *sete, nove, dez, já*. Em latim o *m* já tinha som obscuro. «*M obscurum in extremitate dictionum sonat, ut templum, apertum in principio, ut magnus, mediocre in mediis, ut umbra* (Priciano, 555, Diez). Pode tambem o *m* tornar-se final pela suppressão das syllabas subseqüentes, assim: como de *quomodo, comba, come*, antigos. *Ml, mn, mr*, grupos nascidos da suppressão da vogal, intercalam um *b* como laço euphónico, como (*ml*) *combro, comoro, cumulus*; *mn* perde o *n* nos substantivos assim terminados como *arame, lume, nome*, e no meio, como *nomear, homem*; mas conserva-se em *especimen, abdomen, joven* (thema latino *juven*), e no meio, como *calumnia, contaminar, dominar*. Quando porem *mn* é grupo originario (latim *solemnis*), fica intacto, como *alumno*, supprimindo-se o *m* em *dono, dominus*; e o *n* em *dom*. Conserva-se em *somno*, etc. *Mr* conserva-se em *hombro, humerus*, com inserção de *b*. Quando o *m* se muda em *n*, o *d* substitue o *b* (veja-se leis euphónicas). *Mt, md* exprime-se habitualmente por *nd, nt* (mesma licção), como *conde, comitem; contar, comptare; senda, semita*. Conserva-se *md* em *circumdar*, e perde-se o *t* em *domar, domitare*. Sobre a inserção do *p* veja-se adiante. O *r* que precede o *m*, conserva-se, como em *dormir, dormitar*. *Mb*, veja-se *b*. *Mph* (grego), conserva-se, como em *nympha* e compostos, como *amphibologia*. *Nm* e *gm*, veja-se *n* e *g*.

§ 44. *N* transforma-se em líquida ou lingual, como, portuguez antigo, inicial: *lomear* por *nomear*; em *r*, como *sarar, sanare; timbre, tympanum*; em *m*, como *marfim*, arabe *nabfil*, principalmente antes de *b* e *p* como em latim. Supprime-se o *n* ordinariamente entre vogaes, como *alheio*, portuguez antigo *alhêo, alienus*;

aréa, arena; boa, cadeia (catena); ceia, coelho, geral, lua, meúdo (minutus), moeda, pessoa, pôr, saar (antigo pôr sarar), etc.; diffir por desfinir, dieiro por dinheiro, estrago por estranho, fûr por fînar, findar; melhor por menor, moimento por monumento, pea por pena. Mas conserva-se em jeno, abominar, fortuna, honor (honra), romano e regularmente no suffixo inus, como divino, matinas, peregrino, rapina, resina, ruina; outras vezes conserva-se com h para reforçal-o e evitar-se sua elisão, como advinho, caminho, rainha, regina; bainha, vagina; antigos: Christinha, determinhar, ordinhado e ordinar. Antes de consoante é usual, sobretudo antes de s, como o antigo começar por com-initiare. Sobre a supressão do n veja-se mn. Esta lettra tambem se perde como som articulado, mas nazalisando a vogal precedente, como meião, meião, medianus, mediana. Este phenomeno não fora preparado pela pronunciação latina do m ou do n em romano (Diez), pois quando o m era final, perdia-se. Outro phenomeno é o que se dá de nazalisação da vogal precedente, quando existe m ou n na syllaba seguinte, como em chamar, inimigo, tomar. Comtudo os portuguezes a pronunçiam sem o som nazal. Explicamos este phenomeno ou por influencia de palavras que tenham nazal dobrada, ou porque ella existio na mesma palavra, como se vê no grupo seguinte:

Grupos: Nn converte-se em nh, como canhamo, cannabis; grunhir, penha ao lado de cana, panno ou pano, penna, tinir. De nl não conhecemos exemplo. Em nm, n converte-se em l, como alma de anima; nr conserva-se ou inverte-se, como tenro e terno, genro de gener, honrar de honorare; como lr, em que se insere b, no portuguez antigo inseria-se um d, como hondrar, pindra (pignora). Este grupo com a inserção já aparece em portuguez com o d mudado em t, vindo do latim, como pintar. A inserção do d parece ter origem em um g palatal, como em pingere, pintar; fingere, fingir. Nd veja-se d. Ns (nç, nz) admite a syncope do n, como defesa e defenza, esposo de

para traz, como, portuguez antigo, *disperçar* de *dispre-tiare* em baixo latim. Supprime-se o *r* entre vogaes, como *próa* de *piora*; antes de *j* e *ch*, como *sobejo* do baixo latim *superculus*, *macho* de *marculus*, *sacho* de *sarculum*; depois de forte é frequente, como *arado* de *aratrum*, *rosto* de *rostrum*, *queimar* de *cremare*; com apocope do *r* final, *frei* por *frai* de *frater*, *mãe* de *mater*, *pai*, *gato* de *guttur*. A perda do *r* arrastou aqui a do *t* ou *d*, n. 11. *R* resolve-se em *l* com o pronome complemento objectivo, ou com a preposição e o artigo, como *amar* e *o*, dá *amal-o*; *por* e *o*, dá *pel-o*, por antithese.

Grupos: *Rs* perde a liquida, como *avesso* de *aversus*, mas não em *reverso*, *verso*; *travesso* de *transversus*, mas não *transverso*; *pecego* de *malum persicum*, mas não em *persico*; *pessoa* de *persona*, mas não *personificar*. *Re*, *mr*, *nr*, *tr*, *dr*, *sr*, *br*, veja-se *c*, *m*, *n*, *t*, *d*, *s*, *b*.

O *r* allemão depois de consoante inicial muda-se em *l* como *albergue* de *heriberga*. Conserva-se em *Bernardo* de *Bernhard*, mas não em *Beltrão* de *Bertram*. *R* arabe muda-se: 1.º em *l*, como *aquilé* de *alkera*, *anafil* de *annafir*; 2.º, em *d*, como *alarido* de *alarir*.

§ 48. *S* latino tem trez sons: é duro no principio e meio das palavras e depois de consoantes, salvo depois de *n*; doce entre vogaes e surdo no fim, em que, principalmente na lingua popular, acabou por perder-se. Nas linguas filhas é mais ou menos forte e nas raras vezes, que degenera em outros sons, toma o de *x* em portuguez precedido da syllaba *en* como: *des-en-xabido* de *des-in-sapidus*; *en-xarcia* do francez antigo *in-sarchies*; *en-xergar*, *en-xofre* de *in-sulphure*; *abaixar* do latim *bassus*; *paixão* de *passio*, medio. Mas esta pronunciação só attinge o *s* duro romano, *ss* medio, não o doce. Mudado em *r*, temos *churma* por *chusma*, *cirne* por *cisne*. No meio adoça-se, do-brando-se, como *assomar* de *sumere*.

Grupos: *rs* parece que perde o *s* em *parecer* do

latim barbaro *parescere*. Os grupos *sc*, *sp*, *st* são adoçados em portuguez pela prothese do *e* (salvo quando o *c* está antes de *e* ou *i*, como *sciencia*, *scena*), como *estar* de *sto*, *escada*, *espada*. O mesmo acontece com *sm*, como *esmeralda* do grego *σμάραγδος*—*smáragdos*, *esmeril*. Conservam-se estes grupos em *scaleno*, *scaldido*, *schisma*, *schisto*, *scopo*, *scorbuto*, *splenico*, *stalactite*, *stase*, *styptico*, pela maior parte de origem sabia. Outro meio de adoçar estes grupos consiste em supprimir o *s*, como *pasmár*, *pasmó* por *spasmo*, mas é raro. *S* entre vogaes tem o som de *z*; depois de consoante e no meio o *s* conserva-se e tambem antes de *q*, formando syllaba diversa, como *abster-se* de *abstinere*, *constranger*, *inspirar* de *inspirare*, *pasquim* do italiano *paschino*. As vezes tem lugar a confusão entre *sc*, *sp*, *st*, como, portuguez antigo *estoupro* por *scopro*. *St*, *sc*, *ns*, *rs*, *ps*, *bs* medios, veja-se *t*, *c*, *n*, *r*, *p*, *b*. O *sc* do medio alto allemão simplifica-se de diversos modos. O antigo alto allemão *burst* ou *brusta* dá *brocha*; *kriustar* dá *cruciar*. *S* arabe conserva-se em *sumagre* de *sommâq*; *assucar* de *sokkar*; *macio* de *masihh*, *açafate* de *assa-fatha*; muda-se em *z* em *azote* de *assauth*; *aranzel* de *arrasel*; em *ç* em *açucena* de *assûsan*; *taça* de *thassâh*.

§ 49. *Ç* é representado: 1.º, por *z* como *zero* de *çihhron* ou *zeroh*, (anel, circulo, que é a forma do zero (1)); *alcazar* de *qaçr*; 2.º, por *j* como *aljofar* de *aççofr*; 3.º, por *c*, como *alcance* de *alqanaç*. *Sch* é representado por *x*, como *xarope* de *scharâb*, *xaroco* de *schoruq*, *enxaqueca* de *schaqiqah*, *xerife* de *scharif*.

§ 50. *T*, *th*. Em *th* (como em *ch*, *dh*, *ph*) a aspiração desaparece. *Th* corresponde a forte, ainda nos derivados do grego. *T* inicial conserva-se; o medio é representado por modos diversos, mas a doce (*d*) é preferida, como *dedo* de *digitum*, *mêdo* de *metum*, etc. Conserva-se em *bruto*, *brutus*; *abeto*, *abete* de

(1) Dr. Heraclito Graça.

abietem. Em trigo ha syncope de *triticum*: em *cié*, de *creta*, *greda*, perde-se o *d*, como em *ojudar*, *adjutare*. O *t* final latino perde-se em *et*, *e*; *aut*, *ou*; *caput*, *cabeça*. O *t* final proveniente de apocope não é supportado e muda-se em *á*, como *cidade*, *civitat*; *lide*, *lit*; *rede*, *ret*, e é conservado só quando se segue vogal, como em *dote*; *espirito*, *leito*, ou nas palavras de formação recente ou estrangeira, a que se acrescenta uma vogal, como *soldado*, *debito*, *credito*. Antes de *e*, *i*, a que se segue vogal, o *t* converte-se: 1.º, em *ç*, como *graça* de *gratia*; 2.º, em *c*, como *palacio*, *palatium*; 3.º, em *z*, como *avareza*, *avaritia*; 4.º, em *g*, como *frigid*, do baixo latim *frictiare*. Já no baixo latim se notavam algumas d'estas mudanças. Isidoro disse: *cum justitia z litteræ sonum exprimat, tamen, quia latinum est, per t scribendum est, sicut militia*. (Diez). O grupo *tt* não dá a doce, como *gato* de *cattus*, *catus*, bem como nos compostos *attender*, *attestar*.

Grupos: tl, veja-se *l*. *Tr* se exprime por *dr*, como *padre* de *pater*, n. 11; *madre*, *mater*; *ladrão*, *latro*; *pedra*, *petra*, ou perde o *r*, como *frade*, *frater*. Outras vezes syncopa-se o *tr* e enche-se a lacuna com *i*, como *pai*, *mãe*, (portuguez antigo) *mare* de *matre*. *Tc*, *mt*, veja-se *c* e *m*. *St* (*ct*) medio transforma-se em *d*, *x* e *z*; outras vezes suprime-se, como (*t* no fim perde-se) em *depois*, *post*; *é*, *ést*; *gozo*, *gustus*; *rezar*, *recitare*; *congosta*, *angustia*; *queixa*, *questum*; *amizade*, *amicitas* (baixo latim). *St* inicial, *ct*, *pt*, *bt*, veja-se *s*, *c*, *p*, *b*.

T allemão conserva-se ou suprime-se, como em *tacão*, neerlandez *taai*, antigo alto allemão *zahn*; *tirar*, *trahere*, gothico *tairan*; *batel*, *fato*; muda-se em *d* ou suprime-se em *odiãr*, *guiar*. A transformação do *t* em *z* denuncia que esta letra é devida a influencia allemã, conservando-se ou mudando-se em *s* em portuguez, como em *sopa*, *zupfen*; *vaza*, antigo alto allemão *bazze*; *bocas*, *beitze*; *moço*, *mutze*; *petiscar*, *pfetzen*; *escar necer*, *scherzen*, ou em *ch*, como *flecha*, *bletzen*, *mocho*, *pinchar*.

Grupos: st nas palavras latinas simplifica-se em *x*,

como *brocha*. *T* arabe conserva-se, como *th* representa-se por *t*, como *retama*, *ratam*; *talisman*, *thelsam*.

§ 51. *V* inicial tem menos estabilidade do que as mudas, porque muitas vezes se transforma em um som mais forte. O medio conserva-se, como *levar*, *favor*, *favo*, *nave*, *novo*, etc. É sobretudo quando o *v* está entre vogaes, que se dá a supressão d'esta letra, como *boi*, *bovem*; *cidade*, *civitatem*; *neo*, *novo* de *nuevo*. O final tambem supprime-se, como *fulo*, *fulvus*; *motu*, *movitus*. *V* muda-se em *b*, o que já acontecia em latim, como *lavor*, *labor*; *bexiga*, *vevica*; *boda*, *voda*, *votum*. Degenera em *f* em *frasco*, *vasculum*; *trasfegar*, *tronsveho*. Mas a pronuncia allemã não tem influencia na troca do *v* latino em *f*, porque esta mudança em romano é excepção rara. O *v* vocalisa-se antes de consoante, como o *b*, por exemplo, portuguez antigo: *ou*, *obtrem*, *outrem* e em *estio* de *aestivus*, se é que não se supprime. Endurece-se em *g* guttural pela confusão com o *w* allemão, como, portuguez antigo, *aguelo*, baixo latim *avulos*, *avó*. Como transformação do *w* temos *guerra*, *werra*; *guisa*, allemão *wésa*; *guindar*, *winden*; *grinalda*, italiano *ghirlanda*, *wiara*; *Guilherme*, *Wilhelm*; *Callia*, *Galles*, *Wallia*; *guarnecer*, *wernen*; *tregea*, *triwa*, unico exemplo de *w* mudado em *g* no meio da palavra. O *v* substitue o *w* allemão em *vaga*, *vogar* para impedir que syllabas successivas começassem por guttural. A resolução do *w* em *o* deixou vestigios, como em *oeste*, inglez *west*; *Baldoino*, *Baltwin*; *Bertholdo*, *Bertwald*, *Regimwall* e *Reinaldo*.

Crupos: *sw* em *Suecia*, *Suissa*, *Suabia* equivale a *u*, bem como em *Sueiro*, *Suares*, gothico *svérs*, antigo alto allemão *suário*.

V arabe, como *w* allemão, é representado por *gu*, como *aguazil*, *vazir*; *Guadiana*, *Vadiana*, isto é, *flumen Ana*; *Guadalupe*, *Vadelüb*.

§ 52. *Z* em portuguez é som simples, isto é, não tem o valor de *ds* (*s* brando), mas tambem é representado por *d*, como *cidra*, *sizera*; por *g*, como *gengibre*, *zingiberi*, e por *j*, como *galgalejar*, por *gar-*

Vogaes.

Letras latinas	Italiano	Hispanhol	Portuguez	Provençal	Francez	Valaco
A	a	a	a	a	a, ai, e	a, u.
E longo	e	e	e	e	oi, e	e, ea.
E breve	ie	ie	e	e, ie	ie	ea, ie.
Por posição	e	e, ie	e	e	e	e, ea.
I longo	i	i	i	i	i	i.
I breve	e	e	e	e	e, oi	e.
Por posição	e	e, i	e, i	e	e	e, i.
O longo	o	o	o	o	eu, o	o, oa, u.
O breve	uo	ue	o	o, ue, uo	eu, o	oa, o, u.
Por posição	o	o, ue	o	o	o	o, ao, u.
U longo	u	u	u	u	u	u.
U breve	o	o, u	o, u	o	o, ou	u.
Pro posição	o	o, u	o, u	o	o, ou	u.
Ae	ie, i	e, ie	e	e	ie, e	e.
Oe	e	e	e	e	e	e.
Au	o	o	ou	au	o	au.

QUADROS DA TRANSFORMAÇÃO DAS LETRAS (de diez):

|

garejar; gargarrari. Z arabe, salvo raras excepções, conserva-se em portuguez, como em carmezim, qer-mazi; muda-se em g em girafa, zarrasah.

Consoantes medias (finaes entre parenthesis).

Lettras latinas.	Italiano.	Hespanhol.	Portuguez.	Provençal.	Francez.	Valaco.
B	v, b, <i>bb</i>	b	v, b	^s v	^s v	v, b.
Ca, co, cu	c, g, <i>cc</i>	g, c	g, c	(^s c), g, i, ch	g, i, ch (^s c)	c(c).
Ce, ci	tch	c (z)	c (z)	ç (tz)	ç (s, z)	tch.
D	d	^s d	^s d	z, ^s d (t)	^s d	d, z, (d).
F	f	f, b, v	f, b, v	f	f	f.
Ga, go, gu	^s g	^s g, y	^s g, i	g, j, ^s i (i)	g, j, ^s i (i)	^s g.
Ge, gi	d ^s j	^s g	j	^s j	^s j	g.
J	dj, j	i, y	j	j	j	dz, j.
L	l, r	l, ll, r	^s r, l	l, u, r	l, u, r	l, r.
M	m, mm (^s n)	m (^s n)	m (n)	m (m, ^s n)	m (n)	^s m.
N	n, l	n, l	n, ^s nh (^s n)	m (^s n)	n (n), r	n (n).
P	p, pp	b	b	b	v	p.
Qua, quo	qu	qu, g	qu, g	qu, c, g	qu, c, g	c, p.
Que, qui	qu, ch, tch	ç, q	ç, q	ç, q	ç, q	tch.
R	r, l, d	r, l	r, l	r, l	r, l	r, l.
S	s, sci	s, x	s, x	s	s	s, ch.
T	t, d, tt	d, t (d)	d, t	d (t)	^s t	t, tz, (t).
V	v, ^s b	^s v	^s v	^s v (u, f)	^s v (f, v, ^s b)	u, b.

O ^s indica a syncope.

Grupos.

Itinas.	Italiano.	Hespanhol.	Portuguez.	Provensal.	Francez.	Valaco.
cial	bi	bl	bl	bl	bl	bl.
edio	bhi	ll	ch	bl	bl	bl.
	ss	s, bs	s, bs	s	s, b	s.
	tt	ud	ud	t, pt	d, t	t.
cial	chi	ll, j, ch	ch	cl	cl	chi.
edio	cchi, gli	j, ll, ch	lh, ch	lh	il	chi.
	ss, stch	x, s, j	x, s	iss, ss	iss, ss, x	s, sh.
	tt	ch, ct, t	it, ct, t	it, ch	it, t, ct	t, pt,
	djdj	j	j	tdj	j, ch	—
	tr, dr	dr	dr	ir	ir	tr, dr
cial	fi	ll	ch	fl	fl	fl.
edio	fi	ll, ch	ch	fl	fl	fl.
cial	ghi	gl, ll	gl	gl	gl	ghi.
edio	gghi	j, ll	lh	lh	il	ghi.
	gn	nh, in	nh, in	nh, in	nh, in	mn.
onsoantes	l	l	l	l, n	u	l.
	rr	ldr	—	ldr	ndr*	—
	mbr	mbl	mbl, mbr	mbl	mbl	—
	—	mbr	m	mm, mbr	m, mm	—
	mbr	mbr	mbr	mbr	mbr	—
	nt	nd	nd	mt, nt	mt, nt	—
	ndj	nj	nj	ndj	ndj, ch	—
	ndj	ng, nh	nj, <i>nh</i>	ndj, nh	ndj, in	ndj.
	rr	ndr, rn	—	ndr	ndr, nr	—
	s	s	s	s	s	s.
cial	pi	ll, j, ch	ch, <i>lh</i>	pl	pl	pl.
edio	ppi, gli	j, ll, ch	lh, ch	lh	il	pl.
	ss	s	ss	iss	iss	s.
	tt	t, ut	t, ut	t, ut	t	t.
	rc	rg	rg	rj	rdj	—
	stch	ç, z, x	x, sç	ss, s	sc, ss	sh.
	—	<i>str</i>	—	<i>str</i>	str, tr	
	stch	x, z	x, z	ss	ss	st.
	chi	j, ll ch	lh	lh	il	—

73 *Observação sobre as consoantes portuguezas.* *B* intercala-se em *tarim(b)a*, persa *tarimah*; portuguez antigo *tambo, thalamus*; *tambora, tumulus*. *C* raras vezes exprime a doce—*g*—reforçada, como *Cadiz Gades*; confira-se *gates*, inglez, portas. Nos dialectos *c* tem o som de *te*. A distincção etymologica entre *ç* e *c* não é completamente pura de duvida; funda-se na lingua antiga e prova uma differença antiga na pronuncia. *Ch* é pronunciado em Traz-os-Montes como *tseh* e tem quase a mesma origem que o *ch* hespanhol. Sendo inicial corresponde ao *ll* hespanhol, proveniente de *cl, pl, fl*. Nas palavras não latinas, diz Diez (1), tem o som de *k*, como *patriarcha*. *D* final supprime-se, excepto nas palavras estrangeiras, em que é seguido de *e* fraco e insere-se logo depois do *l*, como *humilde, rebelde, toldo*. Os antigos dobravam o *f*, como *ffogo, ffalsas, ffilhos*. Tambem inseriam um *u* surdo depois do *g* nos casos em que actualmente se escreve só esta letra, como em provençal (*amiguo, amigo*). *G* antes de *e, i, e j* antes de todas as vogaes, coincidem etymologicamente com a aspirada hespanhola, como *jamaiz, ligeiro*, § 34. O *h*, que é conservado por causa da etymologia, representa tambem o *i* palatal, como *vindym-ha*, antigo, por *vindemia*. A pronuncia do *l* e *n* molhados, segundo Viterbo, começa no seculo 13.º Em vez de *lh*, que corresponde ao *ll* hespanhol, e de *nh*, os antigos empregavam o *l* dobrado e *gn*, como *muller*, (o segundo *l* parece que representa o *i* de *mullier*), *pignorar*. O *lh* só se emprega como inicial em *lhama* (estofa) *lhano, lhe* (pronome, portuguez antigo *nho*, pronome). *Lh* está por *ll* em *beho, grilho*; por *l* com *i* palatal em *batalha*, ainda quando o hespanhol emprega o *j*, *filho, alheio*, e por *cl, ll, gl, pl*, como *abelha, selha, telha, escolho* por *apic'la, sel'la, teg'la, escop'lo*. *M*

1 Os termos hebraicos em que ha o mesmo som, diz o Dr. Heraclito Graça, nos vieram pelo grego que os adoptou, e assim, porque não se dirá: nas palavras de origem grega?

no fim torna nasal a vogal precedente e perde a pronuncia labial: *n* toma parte nesta funcção do *m* ainda antes do *s* final, como *vintens*, *alguns*. Diez é de opinião que esta pronuncia do *n* não veio do francez (com a comitiva de Henrique de Borgonha, n. 15), mas formou-se independentemente em portuguez. Antes de *s* é habitual o *n*, que tambem se representa por *til*, sobretudo no portuguez antigo, como *chãos*, *grã* e *gran*, *bẽ* e *bem*. Etymologicamente a nazal portugueza corresponde ao *n* hespanhol, qualquer que seja sua origem, como *quem*, *quien*, excepto *mim*. *Om* foi substituido por *ão*, como *condição*, antigo *condiçom*, e antigamente *am* por *om*, como *nam*, *nom* de *non*. *Nh* provem de *nn*, como *canhamo*; do *n* simples em *rainha*: de *n* com *i* palatal em *vinha* de *vinea*, raras vezes de *gn* e *ng*, como em *desdenho*, *dedigno*, *renhir*. Os antigos dobravam o *r* e o *s*, para indicar o som forte, como *rrecebem*, *gerro*, *ssas*, *ssaber*, *consso*. *X*, quando conserva a pronuncia latina, tem o som de *s*, mas fazendo preceder este som de *i*, como *exordio*; no portuguez antigo tambem este *i* precedia o *x*, como *eixete*, *excepto*; quando tem o som de *ch*, corresponde em todos os casos ao *x* guttural e ao *j* hespanhol, com os quaes coincide etymologicamente. As vezes o *x* se confunde com o *ch*. *Z* tem o som duro, quando termina a palavra, ou se ajunta uma syllaba a syllaba final por elle terminada, como *fitz fizeram*. Emprega-se pelo *z* grego (ζ) e estrangeiro, e só raramente representa o *t* com *i* palatal, como *dureza*. Emprega-se por *c*, sobretudo nos verbos da segunda e terceira conjugação, como *fazes*, *doze*, *duodecim*.

LICÇÃO 8.^a

LEIS DE EUPHONIA.

§ 53. Comquanto seja sobretudo em sanscrito que se observam religiosamente as leis de euphonia, a

maior parte d'ellas se encontram nas linguas da Europa. Pareceo-nos conveniente, por isso, tratar d'ellas, para explicar as mudanças de letras em certas formas reputadas irregulares, das linguas derivadas, às quaes algumas passaram inconscientemente observadas. Quando, por exemplo, no verbo *embrenhar* trocamos o *n* da preposição *in* por *m*, seguimos a regra sanskrita, substituindo a nazal da ordem das dentes pela que pertence á das labiaes, por seguir-se-lhe uma letra d'esta ordem, o *b*.

Em sua exposição seguiremos L. Leupol e Bopp, que trata do assumpto sob o titulo de *modificações euphonicas*. Toda a materia pode referir-se a *euphonia das vogaes* e *euphonia das consoantes*. Uma e outra contem leis geraes e particulares; uma e outra considera a euphonia no meio da palavra e em palavras diferentes, quando se trata da ultima letra da antecedente e da inicial da seguinte.

1.^o No meio das palavras a vogal do radical se combina com a do suffixo ou flexão, em certos casos elide-se, em outros modifica-se. *A, á* elidem-se as mais das vezes, havendo verbos em que o *a* radical se conserva. *I* e *i* mudam-se na semi-vogal *y*, mas nos radicaes e themas monosyllabicos *i* e *i* tornam-se *iy* e bem assim quando muitas consoantes se accumulam; elidem-se *i* e *i* antes de vogal inicial de certos suffixos que servem de formar nomes derivados. *U* e *á* mudam-se em *uv* antes de vogal semelhante, e em *uv* ou *v* antes de vogal differente, e nos nomes derivados *u* só se elide antes do suffixo *imon*. *κ* se muda em *r*, e em *ar*, se ha muitas consoantes accumuladas. *Ri* se muda em *ar*, *ir*, *ir*, *ur*, segundo a natureza das letras que a acompanham. 2.^o Quando o radical acaba por diphthongo, este, antes de vogal, tende a resolver-se em seus elementos, e então o *i* e *u* componentes mudam-se em *y* e *v*. 3.^o Quando duas vogaes semelhantes, como *a* e *á* encontram-se uma no fim de uma palavra e outra no principio de outra, ellas se unem e formam uma vogal longa, como em

portuguez a preposição *a* com o artigo *a*. 4.º Se as vogaes não são semelhantes, e se ellas podem se unir, a colligação forma-se assim: *a, â*, seguidos de *i* ou *í*, dão *ê*; *a, â*, seguidos de *u* ou *û*, dão *ô*; *a, â*, seguidos de *l, ae*, dão *ae*; *a, â*, seguidos de *ó, ao*, fazem *ao*. 5.º Se duas vogaes não semelhantes não podem produzir alguma dupla ou diphthongo, a primeira se transforma em semi-vogal, a saber: *i* e *í* em *y*; *u* e *û* em *v* ou *w*; *κ* e *Κ* em *r*. 6.º Uma composta final antes de vogal tende a resolver-se em seus elementos, e então *i* e *u* componentes tornam-se *y* e *v*, a saber: *ô* torna-se *av*; *ai, ay; ao, av*. 7.º *ê* final antes de *a* breve não se muda em *ay*, mas o *a* da segunda palavra se elide e substitue-se por apostrophe, como, ao contrario em portuguez, *de* e *arte* se diz *d'arte* e não *de 'rte*. Antes de outra qualquer vogal *ê* perde o *i*, e torna-se simplesmente *a*. 8.º Os adverbios, interjeições e vocativos em *ô* (os vocativos podem seguir a regra geral ou ainda a de *ê*) são invariaveis. 9.º As preposições inseparaveis em *a* e *â* perdem a vogal final antes de *ê* e *ô*. Conservam ou tomam a final *â* antes de *κ* e *Κ*, que por isso se tornam *r*. 10.º *I, û, ê* no dual e plural ficam quasi sempre invariaveis, regra muitas vezes transgredida nos textos, sobretudo nas formas em *i*.

74 *Consoantes*. 1.º Em regra nenhuma palavra pode acabar em aspirada sem que se mude em sua analogia tenue, surda ou sonora, isto é, media, doce, segundo Diez. Se a final aspirada é sonora e pertencente a palavra que começa por *g, κ, d, b*, a aspiração transporta-se para esta lètra inicial. Geralmente palavra alguma pode acabar em duas consoantes, supprimindo-se a ultima, salvo se a penultima é *r*. 2.º Em palavras diferentes a surda final, seguida de sonora, muda-se em sonora de sua ordem, a saber: *k* em *g, tsh* em *dj, p* em *b*; a sonora final, se seguida de surda, ou de pausa, muda-se em surda de sua ordem. Assim, é a segunda consoante pronunciada, que determina a classe da que a precede. 3.º As mudas em

geral, excepto as palataes, podem ou seguir a regra geral, ou mudar-se em nazal de sua ordem, se está antes de nazal. Palavra alguma pode acabar em palatal, salvo *n*, a não ser em virtude de modificação euphonica.

§ 34. No fim da palavra *tsh*, *djh* mudam-se em *k*; *dj* em *k* ou *z*; *tch* em *z*, e desde então as surdas *k* e *z* seguem as leis de euphonia proprias. Se *tch* inicial é precedida de vogal breve, é dobrada por meio de sua tenue, o que não é observado muitas vezes, salvo quando os poetas querem alongar por posição a syllaba precedente, como em latim *relligio* em vez de *religio*. O mesmo uso se applica as nazaes finaes *n*, *ñ*, *n*, seguidas de vogal. 4.º As dentaes *t*, *th*, *d*, *dh*, seguidas de palatal, cerebral (salvo as respectivas nazaes), ou de *l*, assimilam-se a inicial seguinte. Seguidas de *ç*, as dentaes se mudam em *tsh*, e em virtude de reacção o *ç* transforma-se ordinariamente em *tch*. 5.º Depois de *n* final as surdas palataes *tsh*, *tch*, ou cerebraes *z*, *ñz*, ou dentaes *t*, *th* devem ser precedidas de sibilante, escrevendo-se a nazal em forma de *anunásika* (1). *N* final assimila-se ao *l* inicial, subscrivendo-se *anunásika*, e supprime-se no meio da palavra composta, seguindo as vogaes a euphonia propria. *M* final só subsiste antes das vogaes e labiaes *p*, *ph*, *b*, *bh*; do contrario accomoda-se a ordem da consoante seguinte: converte-se em *n* antes de gutturaes; em *ñ* antes de palataes; em *z* antes de cerebraes; em *n* antes de dentaes, podendo-se tambem nestes casos substituil-o pelo *anusvára* (2). Antes de sibilante *e* *h* transforma-se successivamente em *anusvára*, o que tambem tem lugar antes das semivogaes *y*, *r*, *l*. Se o *h* é seguido de nazal ou semivogal, es-

(1) É o som nazal, que importa na transformacção do *n* antes de sibilante (Bopp). Transcrevemol-o por (').

(2) Som que vem depois. É um som nazal que se ouve depois das vogaes e corresponde provavelmente ao *n* francez no fim das palavras ou no meio antes de consoantes (Bopp). Transcrevemol-o por *z*, §§ 43, 44 e 52, n. 73

tãs podem operar a euphonia através do *h* sobre o *m* final da palavra precedende e assimila-o. 6.º *R* é quasi a unica semivogal que se encontra no fim das palavras. Seguido de silencio, de surda (guttural *k*, *kh*) ou labial (*p*, *ph*), ou sibilante, substitue-se ordinariamente pelo *visarga* (1), e as vezes por sibilante que se accomoda a letra seguinte, regra que tambem se observa na formação dos compostos. Seguido de surda (palatal *tsh*, *tch*; cerebral *ʃ*, *ʃh*, ou dental *t*, *th*), é substituido quasi sempre por *ç*, *sh*, ou *s*. Seguido de *r*, supprime-se o *r* final, para não haver dois, mas a vogal precedente alonga-se, se é breve. 7.º As sibilantes *ç*, *sh* não podem subsistir no fim das palavras, senão por euphonia, e transforma-se em *ʃ*, e as vezes em *k*, letras que então seguem as leis proprias. *S* final, seguido de silencio ou surda (gutturales *k*, *kh*; labiales *p*, *ph*), é substituido pelo *visarga*. Seguido de surda (palatal *tsh* ou *tch* ou cerebral *ʃ*, *ʃh*), *s* final accomoda-se a consoante que o segue e torna-se *ç* antes de *tsh* *tch*; *sh* antes de *ʃ*, *ʃh*. Mas antes das dentales *t*, *th*, não muda. Todavia em composição antes de surda, guttural, ou labial, é quasi sempre conservado. Seguido de sibilante, accomoda-se a esta letra, ou muda-se em *visarga*, e até se pode rejeitar inteiramente. Seguido de sonora que não seja *r*, não sendo precedido de *a*, *á*, muda-se em *r*. Se a sonora é *r*, é rejeitado, alongando-se a vogal precedente; se é precedido de *a*, este se elide, e se começa por outra vogal, supprime-se sem se contrahirem as duas vogaes. Se é precedida de *á*, elide-se a consoante e o *á* não muda. Precedido de preposição inseparavel ou de dobramento não acabado em *a* ou *á*, o *s* inicial da raiz torna-se *sh*. Então a consoante seguinte, se é *h*, accomoda-se a elle; excepto: 1.º as raizes que contem *r* ou *R*; 2.º

(1) *Visarga* quer dizer *emissão*. É a aspiração final em que se transforma por euphonia o *s* ou *r* (*Bopp*). Transcrevemol-o por *h*.

as raizes em que o *s* inicial é seguido de consoante differente de *t*, *th*, *n*, *v*. 8.º Das aspiradas o *h* final não podendo subsistir, muda-se ordinariamente em *z*. Mas nas raizes que começam por *d* muda-se em *k*, e a aspiração retrotrahê-se para o *d*. *H* inicial, segundo a regra geral, transforma em sonora a surda final que o precede e torna-se ordinariamente e por assimilação, a aspirada d'esta sonora ou de qualquer outra. 9.º No meio da palavra a consoante final do radical não muda antes de vogal, semivogal ou nasal. Antes de qualquer outra sonora as surdas se mudam em sonoras não aspiradas de sua ordem. Se a final é aspirada, a aspiração transporta-se para a consoante seguinte, quando esta é *t* ou *th*, e para a precedente, se esta é *t*, *d*, ou *b*. 10.º Os themas nominaes que acabam em duas consoantes; perdem a ultima, quando as flexões começam por consoante, a menos que a penultima do thema seja *r*, o que tambem se pode applicar ás que não forem de declinação. 11.ª Das palataes *tsh* torna-se *k* antes de surda e *g* antes de sonora (excepto as semivogaes e nazaes). *Dj* final soffre na maior parte dos casos as mesmas transformações que *tsh*. *Tch*, e *djh*, muito raras no fim de radicaes, seguem regras que o uso ensinará. As cinco cerebraes *t*, *th*, *d*, *dh*, e *n* e a sibilante *c* no fim de radicaes antes de *t*, *th*, ou *dh* transformam estas lettras na cerebral correspondente, isto é, em *t*, *th* ou *dh*. 12.ª Das nazaes quase sempre se supprime o *n* final nos nomes e verbos, mas diz-se *hantum* no infinito. Se na raiz ha *n*, *R*, *r*, ou *sh*, o *n* do suffixo seguido de vogal ou semivogal torna-se *n*, havendo algumas excepções. O *r* dos prefixos *antar*, *dur*, *nir*, *pro*, *pari*, *pará*,*exerce a mesma influencia sobre o *n* do radical, e o mesmo tem lugar em algumas palavras compostas, quando a primeira contem *r* e a segunda *n*. *M* final da raiz, seguido de *t* supprime-se antes de suffixos ligeiros; muda-se em *n* em casos contrarios. A nasal subsiste as vezes, ainda no primeiro caso, mas então a vogal se alonga. Mu-

da-se tambem em *nh* (*amuscãra* necessario) antes da terminação *su* do locativo. 13.^a Na formação das palavras *y* e *v* quase nunca se encontram antes de consoante, caso em que usa-se supprimir, excepto antes de *bh*, e então ou supprime-se ou conserva-se, comquanto seja impossivel pronuncial-as. *R* e *l* subsistem no fim de radical antes de qualquer consoante; e se são precedidas de *i* ou *u*, estas vogaes se alongam. 14.^a *ç* final antes de *t*, *th* torna-se *sh*. Antes de consoantes sonoras de flexões verbaes (excepto as semivogaes e nazaes), torna-se *ç*. Antes de *s* de flexões verbaes muda-se em *k*. Antes de *su* nos nomes e adjectivos, ora torna-se *k*, ora *ç*. Antes de *bh* torna-se ora *g*, ora *ç*. *sh* final antes de *t* e *th* não muda, mas transforma estas dentaes em cerebraes *ç*, *çh*. Nas flexões verbaes antes de consoantes sonoras (salvo as semivogaes e nazaes), *s* final torna-se *d*. Antes de *s* torná-se *t*. Todavía antes de *si* da segunda pessoa não muda, se é precedido de *a*, *ã*. Se é precedido de outra vogal, os dois *ss* tornam-se *sh*, podendo o primeiro transformar-se em *visarga*. No imperativo em *spa* ordinariamente se rejeita o *s* do radical, o no imperativo em *dhi* o *s* do radical rejeita-se ou assimila-se. Nos nomes e adjectivos *s* final segue as mesmas regras das palavras separadas. Se este *s* pertence a raiz pura e é precedido de *i*, *u*, estas vogaes alongam-se, quando a flexão começa por consoante. O *s* inicial de flexões ou suffixos, precedido de vogal que não seja *a*, *ã*, e semivogal, torna-se *sh*, quando é alem d'isso seguido de vogal ou de alguma das consoantes *y*, *v*, *t*, *th*, *m*. 15.^a *H* final, seguido de *t*, *th*, *dh* muda estas dentaes em *çhçh*, desaparece e alonga a vogal breve que o precede, se ella não é *a*. Todavía, se a raiz começa por *d*, o *h* final, seguido de *t*, ou *th* muda ordinariamente estas dentaes em *dh* e torna-se *g*. Seguido de outra qualquer consoante, *h* torna-se *k*, se a consoante é surda, e *g*, se é sonora (excepto as semivogaes e nazaes). E mais na segunda hypothese o *d*

inicial recebe a aspiração perdida. Seguido de *s* em flexões verbaes, o *h* final muda-se em *k*. Nos casos dos nomes e adjectivos, o *h* final seguido de surda torna-se *ç*; seguido de sonora torna-se *çh*.

Em muitos manuscritos as consoantes são dobradas depois do *r*, pura fantasia dos copistas, á qual escapam todavia o *h* e as sibilantes. Devemos prevenir que em casos muito numerosos admittem-se ao mesmo tempo muitas mudanças euphonicas, sem que a grammatica possa dizer precisamente a qual d'ellas atter-se, Leupol.

75. Algumas d'estas regras passaram para o latim e depois para o portuguez, linguas em que são com mais ou menos rigor observadas. Entre outras apontaremos a segunda, quinta, undecima e decima segunda do n. 74, alem de outras. E' assim que, se em sanskritto o *t* de *harit* se muda em *d* antes do *a* de *asti*, (elle é), temos a mesma palavra em latim, — *viridis*, em que esse *d* figura antes da terminação *is*, cujo *i* é letra sonora, por ser vogal, n. 24—2. Em portuguez temos *verde* com a mesma mudança; em—*duas aves* vemos o *s* de *duas* pronunciar-se como se fosse *z*. — *duaz—aves*. Na palavra portugueza *louvar* a raiz latina é *laud* (*laudare*), que se contraheo em *lo*, perdendo-se o *d*, § 31, mas como se segue uma flexão, que começa por uma sonora (o *a*), a composta *a* resolveo, conservando-se, seu segundo elemento na semivogal correspondente *r*, inserindo-se um *u* euphónico, sendo por isso que o diplithongo *ou* representa o latino *au* (Veja-se o quadro das vogaes e n. 53).

§ 54. No latim, como no sanskritto insere-se um *s* entre a nasal, como em *man-s*—*tutor*, igual a *man* (por *manu*) *tutor*, isto é qui *manu* *tuetur*, e *monstrum* (de *monere*), que passou para o portuguez, *monstro*, n. 124.

As preposições latinas, *ab*, *ob* e *cum*, que provem das sanskritas *avá* e *sam*, tomam um *s* euphónico antes de *c*, *p* e *q*; a preposição *ab* até toma o *s* no estado isolado antes das mesmas letras, como *ab-s-*

condere, ab-s-que sollicitudinē. Esta regra passou para o portuguez, em que ha *ab-s-cesso, au-s-picio* por *ab-s-picio* (tupi *picá ver*) e no adverbio antigo *abscundudo* (*as e-s-condidas*). A razão d'isto é a tendencia que teem essas palavras para se unirem intimamente a raiz, Bopp, § 96.

Temos tambem em latim a inserção da labial euphonica, destinada a facilitar a ligação da nazal labial (*m*) com um som dental (*d, t*), facto commum ao latim antigo e as linguas germanicas: o latim insere *p* entre *m* e *t* ou *l* seguinte, o gothico entre *m* e *t*, como *sum-p-si, sum-p-tus*. Em portuguez temos *prom-p-to, sum-p-tuoso, as-sum-p-to*. O grego e o latim nesta colligação de consoantes supprimem ou modificam profundamente a ultima do radical, isto é, substituem a consoante de uma classe pela de outra. Nestas linguas ha menos occasião para o encontro das consoantes, porque, a excepção em latim de *es, fer, vel* e *ed*, na lingua antiga não ha raiz terminada em consoante, que não tome desinencias pessoaes, ou, pelo menos, algumas, com o soccorro de uma vogal de ligação.

Em latim tem sobretudo lugar a mudança euphonica antes do *s* do perfeito e *t* do supino e participios: a guttural sonora muda-se antes de *s* e *t* na surda *c*; a labial sonora *b* em *p* como em *rexi* (*rec-si*), *rec-tum* de *reg* (do sanskritto *raga-s*, rei); *scri-p-si, scri-p-tum* de *scrib*. O portuguez conserva no primeiro caso a guttural ou muda-a em palatal, como em *regi* de *rexi, regra*, excepto *recto*; no segundo muda a labial na semivogal *v*, como *escrever*, ou conserva o *p* como *escripto*, e portuguez antigo *escrepre, escrepraninha*.

Em latim o *h*, posto que seja consoante surda ou dura, conforme ao sanskritto, em que é molle, pode combinar-se, como aspirada, com consoante forte, e muda-se o *h* em tenue guttural antes de *s* como *vehit* (*vec-sit*) por *veh-sit* de *veho*, transportar). Antes de *t* e *th* o *h* latino fica fiel ao principio regulador do perfeito *vec-si, trac-si*, como *vec-tum, trac-tum*. O portuguez segue o mesmo principio, como *trac-ção trac-to*.

A raiz latina acabada em duas consoantes perde a ultima antes do *s* do perfeito, como *mulsi* de *mulg*, *sparsi* de *sparg*. O mesmo em portuguez, *esparso* de *esparg-ir*.

D dever-se-hia mudar em *t* antes de *s*, mas supprimindo-se, alonga a vogal radical, se é breve, como *di-vi-si* por *di-vi-(d)si*, ou, o que é mais raro, o *d* assimila-se ao *s* seguinte, como em *ces-si* de *ced* por *ced-si*. O portuguez segue a ultima regra em *divisorio*, *divisão*, mas conserva o *d*, supprimido o *s*, em *cedi*, *dividi* por *dividi*. (Compare-se §§ 31, 32).

Nas raizes acabadas em *t* em pequeno numero, tem lugar habitualmente a assimilação em latim, como *con-cussi*, de *cut*; mas temos *misi* e não *missi* por *mit-si* de *mit* ou *mitt*. Em portuguez temos os analogos *con-cus-são*, *per-cus-são* de *percutir*, *com-missão* e *com-mit-tente*, *mis-são* e *mis-sionario*, etc.

Ha tambem exemplos em latim de *b*, *m* e *r* assimilados por *s* em *jus-si*, *pres-si* e *ges-si* por *jub-si*, *prem-si*, *ger-si* de *jub*, *prem*, *ger*. Não é certo se o *r* de *gero* é primitivo ou se era *s*, como em *uro*, *ussi*, do sanskrito *uç*, queimar. Se o *g* latino é representante do *h* sanskrito, então a raiz é *har*, *hr*, tomar. Mas, se a media latina é primitiva, *gero* vem de *grah*, vedico *grabh*, tomar, ajuntando *gratus*, cujo sentido proprio seria analogo ao de *acceptus*. Se o *r* de *gero* é primitivo, sua mudança em *s* antes de *s* e *t* repousa no mesmo principio, pelo qual o *r* final em sanskrito se converte em *s* antes de *t*, *th* ou *s* inicial como *bhrátas*, *táráya*, irmão, salve ! por *bhrátar*, *táráya*, Bopp. Antes de *s* pode tambem o *r* mudar-se em *h*. Em portuguez temos *gestão*, *pressão*, *gerente*, *gestação*, *gerir* § 47. *grupos*. Pela lei primitiva *t* radical sanskrito deveria ficar invariavel antes do suffixo do supino *tum* e *d* mudar-se em *t*. Pelas leis phônicas do grego, que indicam degeneração da lingua, *d* ou *t* radical devia mudar-se antes de *t* em *s*, do que são restos em latim *com-es-tus*, *com-es-tura*, *claus-trum* (compare-se *es-t*, *es-tis* de *edo*, *claudo*), mas em vez

de *com-es-tus*, *com-es-tor*, temos *com-é-sum*, *com é-sor*, Bopp. Em portuguez temos talvez *m-es-a*, por *m-ed-sa* por *com-ed-sa* (compare-se *com-m-en-sal* por *com-m-ed-sal* de *edo*, comer, sendo aqui o *n* o representante do *d*, como nasal da mesma ordem). Talvez se possa formular a lei de que *d* se converte por euphonia em *s*, *n*. ou supprime-se antes de *s* e *t*, como se vê nos exemplos dados.

Outras leis euphonicas pode o leitor applicar ao portuguez e verá que a mudança das letras repousa e explica-se por essas leis; demanda isso um estudo muito minucioso, aturado e paciente, que alongaria muito este trabalho.

CAPITULO 4.º

Das palavras e sua divisão.

LICÇÃO 9.ª

DIVISÃO DA PALAVRA.

§ 55 A palavra pode ser considerada ou em sua totalidade, ou nas diferentes partes de que se compõe. Dividida numa palavra, pode ella conter um *prefixo* uma *raiz*, uma *terminação* ou *desinencia*, uma *modificação euphonica* e um *suffixo*.

76. *Affixo* é o termo generico com que se designam as particulas que se acrescentam a raiz e constituam antigamente palavras independentes e com sentido proprio, que perderam no decurso dos tempos. Se a particula acrescentada está antes da raiz chama-se *prefixo*, o qual modifica, precisa e restringe a significação, da palavra, sem determinar a classe a que pertence. Os prefixos são inseparaveis ou não; estes tem o nome de *preposição*. Se porem a particula está depois da raiz, chama-se *suffixo* e serve, segundo L. Leupol. para determinar a accepção da raiz, ou para permitir que receba a forma definitiva que ella deve ter no discurso. Chamaremos *infixo* a lettra, ordinariamente vogal, ou particula acrescentada a palavra, quer para facilitar a junção das partes componentes, e neste caso tem o nome de *vogal de ligação*; quer para dar-lhe melhor som, e neste caso designa-se pelo nome de *modificação euphonica*, de que já tratamos, e que ordinariamente consiste na troca de lettras.

Constancio diz que o termo *affixo* designa a lettra, syllaba ou syllabas que se ajuntam no fim do vocabulo e formam corpo com elle, devendo rigorosamente comprehender os prefixos e suffixos. Bouillet por seu lado define o *affixo* a particula que se põe no fim das palavras para ajuntar-lhes a idea accessória

de relação com uma das tres pessoas, como tem lugar nas linguas hebraica, syriaca, samaritana, turca, laponia, peruana, etc. Conservaremos porem a palavra em sua significação generica.

77. Não se deve confundir o suffixo com a terminação ou desinencia, Se a particula accrescentada serve somente para determinar o papel que a palavra tem de representar no discurso ou oração, como, se é verbo, substantivo, adverbio, etc. é *desinencia*. Mas, se entre esta e a *raiz* ha alguma outra particula, cujo fim é dar um sentido particular a palavra, é *suffixo*. A desinencia não dá novo sentido a palavra; o suffixo não lhe determina a classe; este é de sua natureza invariavel, aquella admite variações, que tomam o nome de *flexões* ou *inflexões*. Temos, por exemplo, a raiz *ed* comer; se lhe ajuntarmos o prefixo *com* por *con* já sabemos que o sentido desta palavra se restringe a particularidade de entender-se na companhia de alguém. Mas como o *d* se muda em *s* por euphonia, basta que este *s* se troque por *r* (o que equivale a supprimil-o, ajuntando depois a terminação *er*), a palavra entra na classe dos verbos. Se em vez da terminação *er* ajuntarmos o suffixo *do* (de *tus* de *ta*), apparece a necessidade de uma vogal de ligação na qual se funde o *e* da raiz *ed* (o *i*), e *com-i-do* por *com-ed-ido*, já pertencerá a classe dos participios; e se em vez do *o* de *do* empregamos *a*, patenteia-se o facto de estar o suffixo *do*, *da* já combinado com a terminação que accomoda a palavra a essa classe; de modo que a palavra primitiva, a raiz, foi toda supprimida em *comido*, para reaparecer em outras da mesma familia, como *com-es-ti-vel*, *com-m-en* (por *ed*)-*sa-l*, *com-e-dor*, etc.

78. A raiz é tudo o que em uma lingua ou familia de linguas, como a define Max Muller, não se pode reduzir a forma mais simples ou primitiva, ou, como diz o Dr. Sousa, a parte da palavra que exprime a idea de modo geral e abstracto, e, afim de que possa entrar na linguagem, precisa accrescentar-se-lhe uma terminação.

Ha differença entre raiz e *radical*. A raiz é a parte mais simples da palavra, e só toma o nome de radical, quando vem ajuntar-se-lhe algum suffixo, que podendo constar de uma só lettra, une-se de tal modo a raiz, que parece confundir-se com ella, do que pode ser exemplo a palavra *comido*.

As raizes segundo Max Muller dividem-se: 1.º em *primarias*, que se compõem: *a* de uma só vogal, como *i*, *ir*; *b*, de uma vogal e uma consoante, como *ad*, *comer*, inglez *eat*; *c*, de uma consoante e de uma vogal como *dâ*, *dar*; 2.º em *secundarias*, que se compõem de uma consoante, uma vogal e uma consoante, como *tud*, ferir (*contundente*); nestas raizes a primeira ou a ultima consoante serve por suas modificações para marcar os differentes matizes do sentido geral, conservando a idea generica, que lembra a raiz em questão, como a raiz sanskrita *lih* (latim *li*) *lamber*, *lingua*, a que lambe; *loq* fallar (sanskrito *lab*); *labio* o que obra a acção de fallar; *louvor*, o que louva, litteralmente, falla que louva; *loquela*, eloquencia; 3.º em *terciarias*, que se compõem: *a*, de uma consoante, uma consoante e uma vogal, como *plu*, correr (*p/leides*, constellação pela qual regulavam os mariuheiros a hora de navegar); *b*, de uma vogal, uma consoante, uma consoante, como *ard* ferir (*ard-ente*); *c*, de uma consoante, uma consoante, uma vogal e uma consoante, como *spash*, espreitar (*spcio*, *suspeita*, *espectaculo*); *d*, de uma consoante, uma vogal, uma consoante e uma consoante, como *misr* ou *miça*, misturar (latim *miscere*); *e*, de uma consoante, uma consoante, uma vogal, uma consoante e uma consoante, como *spand*, tremer (*espantar*). Dividem-se ainda as raizes em verbaes e pronominaes, cujos nomes estão indicando o que são. Bopp é de opinião que não ha raizes nominaes, pois as denominadas verbaes tanto servem para compor verbos, como nomes, o que se verifica na raiz *sta*, da qual procede tanto *estar*, como *estado*.

Os prefixos mais usados são os seguintes, empregados nas tres linguas, a saber:

(Sanskrito *a*, *an* (privativo).

A, *an*. (vid. *a*, *ab*). | *A*, *an*. (acephalo).

Sanskrito *abhi*. (para) Bopp. § 999.

Amb, *am*, *an* exprimem relação com um espaço. Forma completa --*ambi*. Compare-se *omph*. Veja-se *circum*, que differe por ter menos precisão. Ex: *amb-o*, *am-icus* (se vem do *eo*), *anceps*, *anquiro*.

Amb, antes de vogal em latim e portuguez (excepto *amigo*, *anhelo*); *amp* em *amp-ulheta*; as vezes *em*, como *em-bolo*; antes de consoante as vezes *ambi* (*ambito*); mais *am* (*am-plexo*); *in* (*in-querir*).

Sanskrito *adhi* (sobre, para).

Ad indica direcção para, as vezes para cima (*ascendo*) e oppõe-se a *de*; para traz, proximidade, com algumas ideas accessorias; começo de acção, tendencia, paixão. augmento E opposto a *ab*. Encontra-se *ar* por *ad*, a qual exprime proximidade, como *in* a entrada, *apud* a aproximação.

Ad não altera o *d* antes de vogaes; assimila-o antes de *c*, *f*, *g*, *l*, *u*, *p*, *r*, *s*, *t*; desaparece antes de *g*, as vezes antes de *s*; muda-se em *c* antes de *qu* (em ambas as linguas) O *ad* tem um sentido particular analogo a significação do verbo medio, como *atrahir*, puxar para si.

Sanskrito *aná ut*, (no alto).

In exprime negação, as vezes com idea desfavoravel; opposição, direcção para, entrada; augmenta a força do simples; indica volta de um objecto

In muda o *n* em *m* antes de *b*, *p*, *m*; assimila-o antes de *l* e *r*; perde-o em *ignoto* e outros. *In* indica a negação (*inanimado* é o que nunca teve alma); *ex* a sa-

sobre si. É preposição em *indictus* (declarado) e prefixo privativo em *indictus* (não dicto). *In* nega absolutamente; *ve* vai além no sentido depravativo; *de* indica o que se aparta, como *informis* e *deformis*; aquelle indica o que não tem *forma*, este o que d'ella se aparta.

hida (*exanime* é o que já não tem alma); *in* vai além de *ne*, como *inscio* e *nescio*; *dis* indica separação não acabada; é menos negativo e rigoroso, como *infamar* e *diffamar*, tanto em latim como em portuguez, em que se nota a mesma differença entre *informe* e *disforme*.

Sanskrito *adhás*, *apa* (de, em separado), *ni* (de alto abaixo, separação), *upa* (para).

Sub exprime situação abaixo de, subordinação, diminuição, as vezes fraude. Spb a forma *subs* torna-se *sus* antes de algumas palavras que começam por *o*, *p*, *t*. Antes de *s* seguido de outra consoante, encontra-se o *b* elidido ou conservado

Sub, como em latim, conserva o *b* antes de vogal e de *b*, *d*, *j*, *l*, *n*, *s*, *t*, *v*; assimila-o antes de *c*, *f*, *g*, *m*, *p*, *r*. Como em latim, *sub* contem a idea de substituição, sucessão e de um objecto que está no meio de outro, como *subcarus*. Tambem *sob*.

Sanskrito *antá* (no fim), *anti* (perto),
अन्ति, em opposição

Ante indica que se põe um objecto adiante ou acima de outro, opposto ao que está depois; aproxima-se de *ad* e *apud*. *Pro* não indica essa opposição. *Pro* e *pri* tomam-se mais frequentemente em sentido temporal.

Ante differe de *anti*. O primeiro (*antepor*) significa o que é posto em um lugar em opposição ao que está depois; *anti* (contra *antiphase*) o que é contrario, como *anti-pathia*. É invariavel. As mesmas differenças que em latim.

Sanskrito *apa* (de, em separado).

Pra, prae, pri, pro, como o antecedente, indicam movimento para diante, e as vezes prioridade, superioridade, excellencia; equivale a *extra*; tem sentido favoravel; pôr por terra, no chão (*proster-nere*). *Pro* é relativo ao espaço e tempo; envolve idea de ordem, hierarchia. *Prae* é a mesma palavra que *pro* e *pri*, mas *pro* só indica que ha relação entre duas cousas, mas não distancia ou separação completa.

Pra, pre, pri, pro indicam, como em latim, a acção de pôr em frente, a vista, em publico, proteger, tornar saliente, prolongar; alonga o sentido do primitivo, como *pratico, produzir*. *Pre*, como em latim, indica que ha outra cousa que só vem depois, e faz fixar a attenção muito mais do que *ante* e *pro* sobre o objecto que está após. Indica a idea de ir alem, como *preter (preterir)* e antecipação. Equivale a *por* (em vez de).

Sanskrito *antar*, (entre).

Intro é composto de *in* e *tro* pôr *tar* (atravessar); oppõe-se a *extra*. Indica movimento para dentro (*introire, introduco*).

Intro differe de *in* em que o primeiro suppõe lugar todo fechado (*intrometter, introduzir, entrar; en por in*).

Sanskrito *antar* (entre).

Inter, intra, como o antecedente, indica espaço interior, em cujos limites se effectua a acção, desaparecimento ou destruição. Expressam as relações de espaço e tempo. Veja-se *per (interfluere, interficere, perdere)*.

Inter parece compor-se de *in* e *trans* (de *tar*, atravessar), pois tambem tem o sentido de passar a través, e como d'esta idea resulta a de perturbação ou destruição da cousa, *inter*, como o anterior, a indica.

Sanskrito *apa* (de, em separado).

Ab, a, au, abs. *Ab* só varia antes de vogal; antes de consoante e de *m, f, v*, as vezes *a*, e de *f* também *ab* (*afore*, e *abfore*). O *b* desaparece antes de *b* e fica o *a* breve. *Abs* perde o *b* em *aspello* e sempre antes de *c, q, t*. Veja-se *at* que parece ser o mesmo suffixo.

Ab, a, au, abs indicam afastamento, desvio, negação, destruição, certo grão de parentesco, ponto de partida, separação, direcção de cima para baixo, como *de*; é as vezes synonymo de *in*. Indicam despreso. Em *ab* não ha attenção ao espaço percorrido em *in* ha. *Abavus, avô*.

Sanskrito *api* ou *pi* (sobre); *upari* (sobre); *ati* (sobre); grego ὑπέρ.

Super exprime situação acima, mais alto e longe do que (figurado), abundancia, o superfluo. *Super* indica contiguidade, idea que não se contem necessariamente em *supra*.

Super, sobre, é inalteravel; é o opposto de *sub*. O opposto de *supra* é *infra*. A differença que ha em latim entre *super* e *supra* encontra-se entre *sobre* e *acima* em portuguez.

Sanskrito *átas* (d'ahi, de, fora de, longe de).

At parece que tem o mesmo sentido que o primitivo *átas* ou *ati* (alem), como *atavus* (*at-avus*, alem do avô). É empregado, como *ab*, para significar grão de parentesco.

At se confunde com *a* e figura em *atavismo*. Não temos palavra para exprimir o quarto avô, e servimo-nos para isso d'esta palavra em que parece estar supprimido o *t, a (t)-vô*.

Sanskrito *áva* (de alto abaixo, Bopp, § 1,000).

Áva indica movimento de alto abaixo, como *avernus*, que parece compor-se de *av'*, por *ab* com sup-

Ava parece ser o mesmo suffixo *ab* com mudança de *b* em *v*, ou *ab* tomou a significação de *ava*, per-

pressão do *b* e *verto*, fazer cahir do alto, ou *venire*, com metathese do *r*, como meio de ligar o prefixo. | dendo este o *v* e confundendo-se com *a* (*averno* estará por *avverno*). O *v* é letra que não dobra.

Sanskrito *avis*? (fora de), grego *εξ*, *εξ*, gothico *us*).

Ex (*e*) conserva regularmente o *x* antes de vogaes e de *c, p, q, s, t*; assimila-se ao *f* e desaparece antes de *b, d, g, j, l, m, n, v*. Differe de *a*, em que *ex* indica sahida e *a* a vinda de junto (*evadere, avertere*). Como *ab*, indica direcção de cima para baixo, e tambem o contrario, de baixo para cima (*evadere, emergere*). É intensitiva.

Ex (*e*) exprime sahida as vezes de baixo para cima, mudança de estado, negação d'este, acabamento da acção e por isso actividade, esforço, cuidado ou fadiga, uma acção particular; metaphoricamente origem, causa, materia e depois o tempo e principio. É tambem augmentativa e superlativa, como *excelso*.

Sanskrito *dur, dus* (mal).

Male indica estado peiorativo, e o mesmo que *se, ne, ve*.

Male, mal (*maleficio, malfeitor*).

Sanskrito *su* (bem).

Bene é opposto a *male*.

Bene, bem (*beneficio, bemfeitor*).

Sanskrito *pari* (em roda).

Circum indica o mesmo que *amb*, do qual differe por indicar precisamente um espaço circular, quanto não dê idéa do circulo perfeito, mas de simples contorno ou parte da peripheria; exprime movi-

Circum, de que parece formar-se *circulo*, perde o *m* antes de vogal, mas d'antes se escrevia e não pronunciava--se, excepto antes de *j* e *v* (*circumducere, circumdar*). Em latim muda-se em *circa* e é pre-

mento absoluto, posto que em linha curva.

Pari, peri em *paries, peripheria*.

Per exprime o mesmo que *inter*, movimento sobre um espaço e de meio atravessado; acção perfeita; *per* emprega-se no sentido material, *inter* no moral (*perire, interire*).

posição (*cerca*), em ambas as linguas.

Pari, peri tem o mesmo sentido que em sanskrito.

Parède.

Per no sentido peiorativo tem muita analogia com *de*, como *pejor* por *perior* e *deterior*, *peior*, *deteriorar*. *Pessimo* tambem parece compor-se de *per*.

Sanskrito *sam* (com).

Cum, con exprime pluralidade no sentido ou no objecto, homogeneidade, communiidade, dualidade, comparação, luta, relação, ligação, conexão, compressão, destruição, reforço de idea do simples. Antigamente *con*.

Cum conserva o *m* antes de *p, b, m*; assimila-o antes de *l, n (con), r*; muda-o em *n* antes das mais consoantes e suprime-o antes de vogal, *h* e *gn*; antes de *l, m* suprime-o ou assimila-o. Escreve-se tambem *cum* (*cumplíce*).

Sanskrito *prâti* (a, para, defronte, contra).

Pro, por, pol indicam o mesmo que *ante* e *prae*, em frente, adiante, em substituição.

Pro (*prorogar*), *por* (*portento*), *pol* (*polluir, polluto*).

Sanskrito *us* (de, fóra de), *ava* (de alto abaixo) *atas*.

De exprime sahida, ponto de partida, muitas vezes de alto abaixo, ablação, excepção, ou detrimento, peioração ou negação, cessação, alvo de um movimento, resultado completo, exgotamento, espaço per-

De differença-se de *ab* em que esta não envolve a idea de alvo no movimento, e *de* não contem as ideas accessorias que as vezes exprime *ab*. *Ex* exprime sahida, extracção, ao passo que *de* exprime

corrido, acção em seu progresso com as respectivas circumstancias e particularidades. Indica direcção de cima para baixo (*descendere*).

a relação intima entre a coisa separada e a de que é separada. Em ambas as linguas é depreciativa e privativa.

Sanskrito *nis? ni?*

Dis exprime separação de dois objectos precedentemente unidos, dispersão, destruição, negação. Oppõe-se a *cum*. A separação pode ser de objectos entre si ou das partes do mesmo objecto das quaes se destacaram outras, ou a separação de objectos em duas partes. Differe de *ab*, *ex*, *de* em que *dis* exprime a separação de modo mais terminante; *de* exprime separação, mas não total e sem solução de continuidade, e quando haja é só material; *de* exprime afastamento com direcção de cima para baixo ou outra idea.

Dis não se põe ordinariamente antes de vogaes e do *h*, a não ser em latim em *disamo* e *dishiasco*; muda-se em *dir* antes de *emo* e *habeo* tambem em latim. Antes das consoantes *c*, *p*, *q*, *t* e *s*, seguido porem de vogal (exceptuando a palavra *disertus*), não muda o *s*, o qual assimila-se antes de *f*, e é suprimido antes das outras consoantes e de *s* seguido de consoante. Antes de *j* ora se usa de *dis*, ora de *di* e as vezes emprega-se indifferentemente. Tem significação augmentativa.

Grego *συν?* (*sine?*)

Se exprime separação, privação, negação, defeito, desvio. Não se deve confundir este *se* com *se*, mutilação de *semi* em *semestris*, *selibra*, *semodius*. *Se* é a forma primitiva de *sine*

Se exprime com mais precisão do que qualquer outro prefixo, as ideas de fim e motivo. Temos em latim *secedere*, *segregare* e em portuguez *sedição* (*seditio*), *segregar*, *separar*,

(*se, ne*); encontra-se também sob a forma de *sed*. (Festo, p. 148); *se* antes de consoante, *sed* antes de vogal. Posto antes de verbo ou palavra verbal, tem o sentido de separação por motivo e fim determinado; antes de adjectivos e substantivos d'elle formados, denota falta da qualidade expressa pelo simples.

separação. *Seduzir*, em latim *seducere*, contem mais do que este a ideia peiorativa de enganar, litteralmente não conduzir direito, enganar, Dr. Sousa, Prefixos. Em *separar* pode-se notar perfeitamente a negação do simples; o mesmo em portuguez antes de adjectivos, *seductor*.

Sanskrito *na*, gothico *ni*, grego *vn*; Bopp, § 371.

Ne é identico a *n*, ambos com a vogal breve, que só se alonga, quando ha uma causa que o determina, como *nemo*, contrahido de *ne homo*. Na forma antiga é *nei*, na actual *quidni, nimirum, nihil*, etc. Distingue-se de *non* em que este nega a qualidade da cousa (é a negação *qualitativa*), e *ne* que a cousa existe (é a *modal*). *Haud* também modal, influe em uma só palavra, nega uma idea unica; *ne* nas palavras compostas e frases prohibitivas. *Haud* é a negação mais forte em latim. Dr. Souza, Prefixos.

Ne tem em ambas as linguas a mesma significação que *se*, como *negocio* e usou-se em todas as epochas do latim. Liga-se ao simples ou formando diphthongo, se as duas vogaes se prestam a isso, ou insere-se uma letra de ligação, que era *c* e depois *g*, para evitar o hiato em latim. Se o simples começa por consoante justapõe-se-lhe o *ne*. Ajunta-se *haud* aos verbos para rejeitar toda a duvida, ordinariamente antes dos que denotam simplesmente opinião, vontade, desejo etc. Dr. Sousa, Prefixos.

Sanskrito *vi* (afastamento, separação, privação), Bopp.

Ve encontra-se só antes de pequeno numero de pa-

Ve (*vehemente*), parece, como *dis*, exprimir dois

lavras, como *vecors*, *vegrandis*, *repallidus*, *vehemens*, *vescus*. Diz Aulo Gellio: *Ve enim particula . . . duplicem significatum, eundemque inter sese diversum capit: nam et augendæ rei et minuendæ valet, sicut aliæ particulae plurimæ.* Exprime o mesmo que *se*. Dr. Sousa. *Vi* (*vidua*), sanskrito *vidhavâ*, entra só na composição d'esta palavra latina, Bopp.

sentidos oppostos, mas não; *dis* faz as vezes significarem algumas palavras o contrario das simples e outras que a acção é feita em todas as particularidades, de todo, isto em latim. *Ve* accrescenta a palavra alguma cousa de defeituoso e nocivo. Dr. Sousa. *Vi* em *viuva* indica litteralmente que esta palavra tem o sentido da que está sem marido; é privativo.

Sanskrito *ût* (no alto).

Ul, op em *ultimus, optativus*. Estas duas palavras derivam-se de *ût* e *tamas*, desinencia do superlativo. *Op* não é pois o prefixo *ob* de *oppo*sto (*obpositus*).

Ul, op. *Op* não pode ser derivado de *api* (*ab*), nem de *abhi*, como *ul* em *ulterior* (de *ut* e *tara*, desinencia do comparativo sanskrito), mas de *ût* (no alto).

Sanskrito *abhi* (para).

Ob indica posição acima de, idea de cobrir, posição ou direcção de frente, ou ao lado de, resistencia, embaraço, as vezes condescendencia. Em certos casos tem sentido analogo a *circum*. *Ob præpositio* (*Festus*) *alias ponitur pro circum, at quum dicitur urbem obsidere.* *Ob* encerra as vezes idea de encontro fortuito, reciprocidade (*ocasio, obstrepere, obloqui*).

Ob conserva o *b* antes de vogal e de certas consoantes; assimila-o ordinariamente antes de *p, f, c, g*; perde-o em outros casos, dando as formas *ob, o, obs*, analogas a *ab, a, abs*. *Ob* diz muito menos que *de* e denota alguma cousa de superficial e passageiro. A idea de opposição é expressa em *ob* por extensão, pois tambem tem o sentido de harmonia.

Sanskrito *anú* (depois).

Post é empregado em pequeno numero de palavras, e indica posição trazeira, serie inferior, collocar após, estimar em menos. É opposto a *ante*.

Post tem diversos modos de ligação; ora conserva-se, como *postergar*, ora perde o *t*, como *pospor*, ora finalmente o *st*, como em *pomeridiano*.

Sanskrito *pra* (ante, avante) e *tar* (atravessar),
tirás, de *ta*.

Praeter e *trans* indicam idea commun de ir alem, passando adiante, ao lado de alguma cousa, atravessando um meio, as vezes com a idea accessoria de transmissão, transformação, etc. Só entra na composição de poucas palavras. *Trans* não soffre alteração antes de vogal, porem supprime-se as vezes, ordinariamente antes de *s* (*traddo*), e exprime passagem de um lugar a outro, acção de impellir de parte a parte, posição ulterior, como *traduco* (passagem de* um lugar a outro); *transfere* (transmissão). Compare-se o gothico *thair-h*. Veja-se *subter*.

Preter (*preterir*), forma-se de *per* e *ter* por *tar*; é commun a *super* em significar a idea de ir alem, mas em *super* o excesso é por cima, ao passo que em *preter* é em linha horisontal sem tocar no objecto excedido. Differe de *trans* em significar este—*da parte de alem*, indicando espaço atravessado, ao passo que *preter* indica passar adiante, ao lado de alguém ou alguma cousa. e *per* de *trans* em conter aquelle simplesmente a idea de atravessar um objecto, e este a de ir a outro lugar alem. *Trans* por *teras* (*termo*).

Sanskrito *upa* e *ter*?

Subter entra na composição de pequeno numero de palavras; compõe-

Subter é inalteravel, como em *subterfugio*, e indica a idea do que atra-

<p>se de <i>sub</i> e <i>ter</i> por <i>tar</i> (atravessar). Em <i>subtra- here</i> ha alteração por syncope do <i>e</i>, por <i>subter</i> e <i>veho</i> por <i>vaho</i> de <i>vah</i>.</p>	<p>yessa por baixo de alguma cousa, como em <i>subtrahir</i>: tirar (<i>veho</i>) o que está de baixo do poder de alguém (<i>subter</i>).</p>
---	---

Sanskrito *pára* (de volta, em sentido opposto).

<p><i>Re</i> indica movimento para traz, volta ao estado anterior, as vezes com a idea de dever, reduplicação, continuidade, duração, acabamento e até excesso, reciprocidade, repressão, as vezes negação; idea de alguma cousa de profundo, occulto, interior, intimo, reacção, renovação, augmento, afastamento.</p>	<p><i>Re</i> usa-se antes de consoantes, <i>red</i> antes de vogal em latim e portuguez, e alem do <i>d</i>, com a vogal de ligação <i>i</i>; em portuguez <i>re</i> tambem antes de <i>h</i>, como <i>reverter</i>, <i>reaparecer</i>, <i>redhibitorio</i>, <i>rehaber</i>, <i>redemptor</i>. O prefixo <i>re</i> é mutilação de <i>pára</i> (<i>re</i> em vez de <i>râ</i>), segundo Bopp.</p>
---	--

Sanskrito *upa*.

Sub.

Soto (*sotoposto*, posto de baixo) e *sota* (*sota carcereiro*).

Sanskrito *pâti-s* (senhor).

<p><i>Pot</i> em <i>potens</i>, <i>possum</i>, <i>potestas</i>, não é propriamente prefixo.</p>	<p><i>Pot</i> significa poderoso, senhor; <i>poder</i>, ser poderoso.</p>
---	---

Taes são os prefixos mais usados em latim e portuguez; mas ha ainda outras palavras, de que, como taes, se pode usar, como o adjectivo *un* em *unificar*, que se altera em *un*; *omni* em *omnipotente*; palavras que tambem podem ser consideradas como primeiro membro de compostos. Talvez esteja neste caso *sara*, que figura em poucas palavras, como *sarabatana*, *sarapintar*, *saracotear*, *sarabanda*. Nesta ultima não

é sem duvida prefixo, pois que vem do nome da comediante hespanhola *Zarabanda*, que pela primeira vez executou em França a dança assim chamada, Bouillet. Em *sarapintar* parece que houve syncope do *d*, estando por *sarda-pintar* (pintar de sardas ou manchas a ellas semelhantes). Em *saracotear* Constancio faz entrar o verbo arabe *sara* andar e *daura* em redor: mas vê-se que a ulttma parte é a palavra franceza *côte* ou *côté*. Talvez tambem forme a primeira parte a palavra *saráo*, dança, sendo *saracotear* dançar ou mover-se de lado. Em *sarcophago* entra sem duvida a palavra grega $\sigma\acute{\alpha}\rho\zeta$, carne e talvez em *sarcasmo*; *sarapatel* é o francez *chaire à pâté*. Parece estar no mesmo caso *sarrabulho*, que Constancio faz derivar do seltico *sar*, aspero. Parece poder inferirse do que ficou dicto que *sara* não é uma só palavra, mas diversas alteradas de modo que simula uma só.

LICCÃO 10.³

Das raizes.

§ 56. Ha em sanskrito cerca de tres mil raizes verbaes, divididas em dez classes. A primeira contem pouco mais de mil raizes e eleva um grão a vogal radical por meio do *guna* (inserção de *a* antes de *i* ou *u* da raiz, n. 26), ferindo-a com o accento tonico, como *bhud* saber (*bhaudhati*, *bhau*, igual a *bhó*), *bhódhati*, elle sabe. Este *a*, que é a característica da class., é de origem pronominal. A segunda contem setenta raizes pouco mais ou menos e ajunta as desinencias pessoaes immediatamente a raiz, como na sexta e septima classes, a qual deixa sem complemento característico, marcando com o *guna* as vogaes d'elle susceptiveis, quando a desinencia é ligeira, como *i*, *ir*; com o *guna ai*, igual a *é*, *émi*, *vou*, *i-más* (desi-

nencia pesada *más*), vamos. A terceira comprehende pouco mais ou menos vinte raizes e distingue-se da segunda pelo dobramento da syllaba radical, como *piám*, latim *bibo* (*bi*, igual a *pi*), raiz *pá* (portuguez *beber*; *be*, igual a *pi*). A quarta contem cerca de cento e trinta raizes e ajunta a syllaba *ya*, ficando sua vogal radical invariavel e recebendo o accento tonico, como *trás-ya-ti*, elle treme. Diferença-se do verbo passivo em que neste o accento tonico caher na syllaba *ya*, como *mah-yá-té*, é ligado, raiz *mah*, da qual parece que veio *nodus*, nó. A quinta, contendo pouco mais ou menos trinta raizes, caracteriza-se pela syllaba *nu*, cujo *u* recebe *guna* e o accento tonico antes das desinencias ligeiras, porque as pesadas trazem a suppressão do *guna* e attrahem sobre si o accento, como, raiz *tan*, estender, faz com a desinencia ligeira *mi*, *tan-ó-mi*, estendo; com a desinencia pesada *más*, *tan-u-más*, latim *ten-di-nus*, portuguez *es-ten-de-mos*. A sexta contem cerca de cento e cinquenta raizes e distingue-se da primeira em que não tem *guna* e faz cahir o accento tonico na syllaba que marca a classe, ou característica *a*, como *tud*, raiz, ferir, *tud-á-ti*, fere; *tud-á-mi*, firo. A septima classe só contem vinte e cinco raizes terminadas em consoante, inserindo a syllaba *na*, recebendo o accento na raiz antes das desinencias ligeiras e uma nazal do mesmo organ, que o da consoante final antes das pesadas, como raiz *yudj*; inserindo *na* faz *yu-na-dj*; com a desinencia ligeira *mi*, *yu-na-dj-mi* latim *jungi*; com a pesada *más*, *yu-n-dj-más*, *jungimus*, portuguez *jungi*, *jungimos*. A oitava, contendo dez raizes, distingue-se da quinta só em ajuntar um *u* em vez de *nu*, como *tan-u-mi*, *tan-u-más*, raiz *tan*. A nona classe põe *ná* antes das desinencias ligeiras e *ni* antes das pesadas, sendo a accentuação a mesma que da quinta, como *yu-ná-mi*, ligo; *yu-ni-más*, ligamos. A decima classe ajunta *áya* a raiz e é identica a formação do verbo causativo, como veremos. Todavia ha muitos verbos que teem a forma, mas não o sen-

tido de causativos, o que determinou a existencia d'esta classe, a qual se distingue das outras em estender-se a caracteristica a maior parte dos tempos geraes e até a formação das palavras com a suppresão do *a* final d'ella.

§ 57. O Dr. Sousa em seu *Tratado dos prefixos da lingua latina* diz: «que toda nomenclatura latina basea-se em cerca de duas mil e quinhentas raizes», as quaes são as mesmas raizes sanskritas com mais ou menos alteração, e passaram para o portuguez. Eis aqui algumas:

SANSKRITO	LATIM.	PORTUGUEZ.
Abhr, 1. ^a , andar errante.	aber, aberrare.	aber, aberrar.
Aç por ak, 5. ^a , penetrar.	ac indica o que tem ponta, acido, cortante, picante, acre, como cio, cieo.	ac as vezes muda-se em ag, agudô, acre; se, serrar; co, cortar.
Ah, ađ, 1. ^a , dizer, accrescentar.	ac, as vezes ad, como accresco.	ac e ad, accrescer.
As, 2. ^a , ser; 's, santi, são.	su, es, sum, esse, se, es, se.	se, so, es, ser, sou, és, é.
As, 2. ^a , estar sentado.	as, se, assideo, sedere.	se, es, assentar-se.
AR, 2. ^a , elevar, Bopp, § 124.	al, ol, ul (l por r), indicam a idea de altura, elevação, crescimento, altus, oleo, ãlmus.	al, el, ol, ul, alterar, elevar, oliveira (a que cresce), ulmeiro (idem).
Aç, 9. ^a , comer.	esc, esca.	
Bhá, 2. ^a , bhandj, 1. ^a , brilhar.	fruc, fructus, fulgere; indica ruptura, fragor.	fruc, fulg, frag, bri, bras, fructo, refulgir, fragua, brilho, braza.

SANSKRITO.	LATIM.	PORTUGUEZ.
<i>Bâsh</i> , 1. ^a , fallar.	<i>fal, fallere.</i>	<i>fal, par, fallar.</i>
<i>Badh</i> , 1. ^a , banhar-se.	<i>bal, balneum.</i>	<i>banh, banhar-se.</i>
<i>Bam</i> ou <i>vam</i> , 1. ^a , dar som.	<i>ban, bando?</i> (o que avisa, no sentido de pregação).
<i>Berh</i> , 1. ^a , falar.	<i>par, parabola?</i>	<i>pal, par, palavra, parabola.</i>
<i>Bhû</i> , 1. ^a , ser.	<i>fu, fui; fo, fore.</i>	<i>fo, for; fu, fui.</i>
<i>Bandh</i> , 9. ^a , ligar.	<i>fide, fides.</i>	<i>fe, fé; band, banda,</i> (a que liga): <i>fid, fiducia.</i>
<i>Bhud</i> , 1. ^a e 4. ^a , saber, <i>bhudista</i> .	<i>pi, sapientia, sapidus.</i>	<i>bed, sabedoria; pi, sapido.</i>
<i>Bhi</i> , 3. ^a , ter medo.	<i>phob, hydrophobo.</i>	<i>phob, hydrophobia.</i>
<i>Bhid</i> , 7. ^a , fender.	<i>find, findere.</i>	<i>fend, fender,</i> (n intercalado).
<i>Budj</i> , por <i>bhruäj</i> , 7. ^a , gozar.	<i>frug, fru, frugere, fruere.</i>	<i>fung, func, fru, fungivel, função, fructo.</i>
<i>Bhr</i> , 1. ^a , levar, <i>bhartR</i> o que sustenta, o esposo; <i>bharyâ</i> , a que é sustentada, a esposa.	<i>fer, fero; por, porto; ber, nubere</i> (por <i>na bere</i> , não sustentar ainda), <i>nuptiae.</i>	<i>lev, vô, por, levar, noivo</i> (o que ainda não sustenta, mas ha de sustentar), <i>transportar.</i>
<i>BhraB</i> , 1. ^a , soar.	<i>fra</i> (ruido subito), <i>frê, fri, fragor, fremitus, frigus.</i>	<i>fra, fragor; frê, fremente; fri, frio, frígido.</i>
<i>Bhrç</i> , 4. ^a , cahir.	idem.	idem.
<i>Bhandj</i> , 7. ^a , quebrar.	idem.	idem.

SANSKRITO.

LATIM.

PORTUGUEZ.

<i>Çri</i> , 9. ^a , fazer cosinhar.	<i>co, coquere</i> (do- bramento).	<i>co, cozer</i> (o <i>z</i> re- presenta o <i>q</i> do dobramento).
<i>Çrâ</i> , e <i>pach</i> .	idem (<i>c</i> por <i>p</i>).	idem (<i>c</i> por <i>p</i>).
<i>Çru</i> ou <i>sru</i> , 1. ^a , correr.	<i>cur, currere</i> .	<i>cor, correr; cur,</i> <i>curso.</i>
<i>Chûsh</i> , 1. ^a , chu- par.	<i>sug, sugere; suc,</i> <i>succus.</i>	<i>chup, chupar; suc,</i> <i>succo; sug, san-</i> <i>guisuga.</i>
<i>Çumth</i> , 1. ^a , en- xugar.	<i>sud?</i> , <i>sudario;</i> <i>sug, sugere.</i>	<i>xug, enxugar;</i> <i>xut, enchuto.</i>
<i>Dâ</i> , 3. ^a , dar.	<i>da, 3.^a, dare; de,</i> <i>dedi.</i>	<i>da, dar; 3.^a, do,</i> <i>dou, dado.</i>
<i>Daç</i> , 1. ^a , morder.	<i>lac, lacerare?</i> (<i>l</i> por <i>d</i>).	<i>lac, lacerar.</i>
<i>Dam</i> , 4. ^a , domar.	<i>dom, domare.</i>	<i>dom, domar.</i>
<i>Dhá</i> , 3. ^a , por.	<i>po, ponere</i> (<i>p</i> por <i>d</i>).	<i>po, pôr, (p por d).</i>
<i>Dhâok</i> ou <i>taok</i> , 1. ^a , aproximar- se.	<i>tang, tango, tac,</i> <i>tactûs.</i>	<i>toc, tocar; tac,</i> <i>lacto.</i>
<i>Dhâv</i> , 1. ^a , lavar.	<i>lav, lavare</i> (<i>l</i> por <i>d</i>).	<i>lav, lavar (l por</i> <i>d).</i>
<i>DhR</i> , 1. ^a , ter.	<i>te, tenere.</i>	<i>ter, ter, conter.</i>
<i>Dhup</i> , 1. ^a , fumar.	<i>fu, fumare.</i>	<i>fu, fumo.</i>
<i>Dhûr</i> , 4. ^a , ferir, furar.	<i>fer, ferire.</i>	<i>fer, ferir; fu, fu-</i> <i>rar.</i>
<i>Di</i> , 4. ^a , desapa- recer.	<i>de, 3.^a, destruere.</i>	<i>de, 3.^a, destruir.</i>
<i>Diç</i> , 6. ^a , mostrar, dizer.	<i>dic, dico, dig, di-</i> <i>gnus; dec, decet.</i>	<i>diz, dizer; dig, di-</i> <i>gno; dec, decete.</i>
<i>Dih</i> , 2. ^a , manchar.	<i>ting, tingere.</i>	<i>ting, tingir.</i>

SANSKRITO.	LATIM.	PORTUGUEZ.
<i>Djal</i> , 1. ^a , ser frio.	<i>gel, gelare.</i>	<i>ge, gear, gel, gelar</i>
<i>Djiv</i> , 1. ^a , viver.	<i>viv, vivere (aphe- rese do d).</i>	<i>vi, vida; viv, vi- ver.</i>
<i>Djnhá</i> , 9. ^a , co- nhecer.	<i>gnos, cognoscere.</i>	<i>conh?, nhec? co nhecer.</i>
<i>Drae</i> , 2. ^a e 4. ^a , dormir.	<i>dor, dormire.</i>	<i>dor, dormir.</i>
<i>Druh</i> , 4. ^a , odiar, prejudicar.	<i>tro, atrox; tru, trux.</i>	<i>tru, truculento; tro, atroz.</i>
<i>Du</i> , 5. ^a , affligir.	<i>do, dolor.</i>	<i>do, doer, dor.</i>
<i>Duh</i> , 2. ^a , orde- nhar.	<i>mulg, mulgere; mol, mollis.</i>	<i>denh?, ordenhar; te, teta, 3.^a; mol, molle.</i>
<i>Gad</i> , 1. ^a , fallar.	<i>gag, 3.^a; gague- jar?</i>
<i>Galb</i> , 1. ^a , ser au- daz.	<i>galb, galbeae?</i>	<i>gab, gabar?</i>
<i>GR</i> , 9. ^a , cantar, <i>ga, gae.</i>	<i>can, cano.</i>	<i>can, cantar.</i>
<i>Gu</i> , 6. ^a , desco- mer.	<i>ca, 3.^a, por ser a raiz dobrada, ca- care.</i>	<i>ca, 3.^a, (raiz do- brada), ga.</i>
<i>Guh</i> , 1. ^a , cobrir.	<i>co, cooperire; ga, toga; te, tego.</i>	<i>cob, cobrir; ga, te, toga, protector.</i>
<i>Hatch</i> , 1. ^a , ser mão.	<i>od, odisse.</i>	<i>od, odiar.</i>
<i>Hikk</i> , soluçar.	<i>sing, singultus.</i>
<i>HR</i> , 1. ^a , tomar.	<i>ger, gerere.</i>	<i>ger, gerir.</i>
<i>HRsh</i> , 1. ^a , horro- risar.	<i>hor, horrere.</i>	<i>hor, horror.</i>
<i>I</i> , 2. ^a , ir.	<i>i, ire.</i>	<i>i, ir.</i>

SANSKRITO.

LATIM.

PORTUGUEZ.

<i>Ir?</i> , 2. ^a , ir.	<i>il</i> , indica elevação, altura, <i>ilex</i> .	<i>il</i> , <i>illustre</i> .
<i>Kal</i> , 1. ^a , contar.	<i>cal</i> , <i>calculus</i> , <i>calx</i>	<i>cal</i> , <i>cul</i> , 3. ^a (raiz dobrada), <i>calcular</i> .
<i>Kam</i> , 1. ^a , amar.	<i>am</i> , <i>amare</i> .	<i>am</i> , <i>amar</i> .
<i>Klad</i> ou <i>kland</i> , 1. ^a , lamentar.	<i>clad</i> , <i>clades</i> ; <i>plan</i> , <i>plangere</i> .	<i>cal</i> , <i>calamidade</i> ; <i>pran</i> , <i>plan</i> , <i>pranto</i> , <i>plangente</i> .
<i>Kr</i> , 8. ^a , fazer, criar.	<i>cr</i> , <i>creare</i> .	<i>cr</i> , <i>crear</i> .
<i>Kram</i> , 1. ^a , andar.	<i>gra</i> , <i>gradi</i> .	<i>gra</i> , <i>degrão</i> ; <i>gre</i> , <i>progresso</i> .
<i>Kump</i> , ou <i>kumb</i> , 1. ^a , cobrir.	<i>co</i> , <i>cooperire</i> , 3. ^a , raiz dobrada?	<i>cob</i> , <i>cobrir</i> .
<i>Kun</i> , 6. ^a , aconselhar.	<i>con</i> , <i>consulere</i> .	<i>con</i> , <i>conselho</i> .
<i>Kum</i> , 10. ^a , contrahir-se.	<i>con</i> , <i>contractus</i> .	<i>con</i> , <i>contrahir</i> (<i>t</i> euphónico, ou <i>cum e traho</i>).
<i>Kup</i> , 4. ^a , tomar, irritar-se.	<i>cap</i> , <i>cep</i> , <i>cip</i> , <i>cop</i> , <i>cup</i> indicam capacidade, abundancia.	<i>cap</i> , <i>capaz</i> ; <i>cab</i> , <i>caber</i> ; <i>cip</i> , <i>recipiente</i> ; <i>cop</i> , <i>copia</i> ; <i>cob</i> , <i>cobiça</i> , etc.
<i>Lap</i> , 1. ^a , fallar.	<i>lab</i> , <i>labium</i> ; <i>loq</i> , <i>loqui</i> .	<i>lab</i> , <i>labio</i> ; <i>log</i> , <i>epi- logo</i> ; <i>loq</i> , <i>loquella</i> .
<i>Li</i> , 9. ^a , ligar-se.	<i>li</i> , <i>ligare</i> , <i>lignum</i> .	<i>li</i> , <i>ligar</i> , <i>linimento?</i>
<i>Lih</i> , 2. ^a , lamber.	<i>li</i> , <i>lingo</i> (<i>n</i> intercalado).	<i>la</i> , <i>lamber</i> ; <i>li</i> , <i>lingua</i> .
<i>Lup</i> , 6. ^a , romper.	<i>rump</i> , <i>rumpere</i> .	<i>romp</i> , <i>romper</i> .
<i>Lut</i> , 1. ^a , 4. ^a , 6. ^a , 10. ^a , ou <i>rut</i> , 1. ^a , disputar.	<i>lud</i> , <i>ludere</i> .	<i>lut</i> , <i>lutar</i> , <i>ludibrio</i> ; <i>lot</i> , <i>loteria</i> .

<i>Lubh</i> , 4. ^a , desejar vivamente.	<i>lub, lubet, lubido.</i>	<i>lib, libidinoso.</i>
<i>Mâ</i> , 2. ^a , medir, <i>mas</i> , 4. ^a	<i>me, metire (t euphonico).</i>	<i>me, medir (d euphonico).</i>
<i>Mad</i> , 4. ^a , embriagar-se.	<i>me, mel (o que é doce).</i>	<i>mel, mel (doce). molle?</i>
<i>Madjdj</i> , 6. ^a , mergulhar.	<i>merg, mergere.</i>	<i>merg, mergulhar.</i>
<i>Mah</i> , 4. ^a , immolar.	<i>mac, mactare, malum.</i>	<i>ma, matar, mal.</i>
<i>Mah</i> , 4. ^a , ser grande.	<i>maj, major.</i>	<i>mai, mais, maior.</i>
<i>Mall</i> , ou <i>mal</i> , ter.	<i>mal, malum?</i>	<i>ma, mão; mal, mal.</i>
<i>Man</i> , 1. ^a , 2. ^a , 4. ^a , pensar.	<i>mem, meminî; mon, monere.</i>	<i>lem, lembrança (b) ma, mancha; mo, admoestar.</i>
<i>Mé</i> , 1. ^a , mudar.	<i>mu, mutare (t).</i>	<i>mu, mudar (d por t).</i>
<i>Mih</i> , 4. ^a , urinar	<i>min, mingere (n).</i>	<i>mij, me, ineaio.</i>
<i>Misr</i> , <i>mich</i> , 10. ^a , misturar.	<i>mis, miscere; mix, mixtum.</i>	<i>mis, mistura; mix, mixto.</i>
<i>Mlax</i> , 4. ^a , murchar.	<i>mar, marcescere.</i>	<i>murch, murchar; mar, immarcescível.</i>
<i>Menâ</i> , 1. ^a , mencionar.	<i>mne, mnemosyna</i>	<i>mne, mnemonica; men, menção.</i>
<i>Ma</i> , 1. ³ , morrer.	<i>mor, morire.</i>	<i>mor, morrer.</i>
<i>Madj</i> , 1. ^a e 2. ^a , acariciar.	<i>mulc, mulceo.</i>	<i>man, amansar.</i>
<i>Mnd</i> , 9. ^a , morder.	<i>mord, modere; indica o que é molle, doce.</i>	<i>mol, molle, mor, morder.</i>

SANSKRITO	LATIM.	PORTUGUEZ.
<i>Mun</i> , 6. ^a , pro- metter.	<i>mun, munus.</i>	<i>mun, remunerar.</i>
<i>Nadj</i> , 6. ^a , estar nú, ter vergo- nha.	<i>nud, nudus.</i>	<i>nu, nú; nud, des- nudar.</i>
<i>Nah</i> , 4. ^a , atar.	<i>ne, neo; nec, necto.</i>	<i>no, nó, nucleo; nec, nexo.</i>
<i>Nil</i> , 1. ^a , ser azul.	<i>nil, Nilus.</i>	<i>nil, anil?</i>
<i>Nu</i> , 2. ^a , louvar.	<i>nug, nugae.</i>	<i>nug, nugas.</i>
<i>Pá</i> , 2. ^a , proteger, cobrir	<i>pa, pater; pro, protegere.</i>	<i>pa, pai; pro, pro- teger.</i>
<i>Pas</i> , <i>paç</i> , 1. ^a ; <i>spaç</i> , ligar	<i>spec, spectare.</i>	<i>esp, esperar</i>
<i>Pot</i> , 1. ^a , pedir.	<i>pet, petere, impe- tus</i>	<i>ped, pedir; pet, petição.</i>
<i>Pot</i> , 4. ^a , ser se- nhor.	<i>pot, potens; pos, possum.</i>	<i>pos, posse; pot, potestade; p'od, poder.</i>
<i>Path</i> , 1. ^a ; <i>pad</i> , 4. ^a , caminho.	<i>pon, pons, pe, pes.</i>	<i>pon, ponte; pe, pé, (tupi pe, caminho).</i>
<i>Pax</i> , 1. ^a , obrar de accordo.	<i>pac, pax, pacis.</i>	<i>pa, paz; pac, pa- cificar.</i>
<i>Phal</i> , 1. ^a , des- abrochar.	<i>flor, florere.</i>	<i>flor, florir.</i>
<i>Phul</i> , 1. ^a , idem.	idem.	idem.
<i>Pi</i> , <i>pá</i> , 1. ^a , beber.	<i>bi, 3.^a, bibere.</i>	<i>be, 3.^a, beber.</i>
<i>Piç</i> , 6. ^a , figurar.	<i>fig, fic, fingere.</i>	<i>fing, fingir; fig, figura; fic, ficto.</i>
<i>Plu</i> , 1. ^a , nadar, navegar.	<i>pl, o que corre, fluo; pl, pluma.</i>	<i>pl, fl u x o; pl, pluma.</i>
<i>PR</i> , 3. ^a , fartar	<i>pl, plenus, impleo,</i>	<i>far, fartar; pl, pleno; ch, cheio.</i>

SANSKRITO.	LATIM.	PORTUGUEZ.
<i>Pras</i> , 1. ^a (<i>pra</i> , <i>pro</i>). rocrear, produzir.	<i>pro</i> , <i>procreare</i> .	<i>pro</i> , <i>produzir</i> .
<i>Pratch</i> , 6. ^a , pedir	<i>prec</i> , <i>precari</i> .	<i>pre</i> , <i>deprecar</i> .
<i>Pú</i> , 9. ^a e <i>pavé</i> , 1. ^a . purificar.	<i>pur</i> , <i>purgare</i> ; <i>pu</i> , <i>putare</i> , <i>purare</i> .	<i>pur</i> , <i>apurar</i> , <i>puro</i>
<i>Puá</i> , 6. ^a , affogar.	<i>put</i> , <i>puteus</i> .	<i>pô</i> , <i>pôço</i> .
<i>Puth</i> , 4. ^a , sacu- dir, quebrar.	<i>quas</i> , <i>quasso</i> .	<i>sac</i> , <i>sacudir</i> ; <i>que</i> , <i>quebrar</i> .
<i>Púy</i> , 1. ^a , ser po- dre, feder.	<i>put</i> , <i>putere</i> , <i>pu</i> - <i>tridus</i> .	<i>pô</i> . <i>podre</i> , <i>aposte-</i> <i>ma</i> ; <i>pu</i> , <i>putrido</i> .
<i>Punhdj</i> , 2. ^a , pin- tar.	<i>ping</i> , <i>pingere</i> .	<i>pint</i> , <i>pintor</i> .
<i>Ras</i> , 10. ^a , gozar.	<i>ros</i> , <i>rosa</i> , <i>race-</i> <i>mus</i> .	<i>ros</i> , <i>rosa</i> ; <i>ra</i> , <i>raiz?</i>
<i>Rih</i> , 6. ^a , adorar.	<i>rit</i> , exprime a idea de venera- ção, culto, <i>ritus</i> .	<i>ri</i> , <i>rito</i> .
<i>Sach</i> , 1. ^a , seguir.	<i>seq</i> , <i>sequi</i> .	<i>seg</i> , <i>seguir</i> ; <i>seq</i> , <i>consequente</i> .
<i>Sad</i> , 1. ^a e 6. ^a , as- sentar-se.	<i>sed</i> , <i>sedere</i> .	<i>sed</i> , <i>sede</i> ; <i>set</i> , <i>as-</i> <i>sentar</i> (<i>as</i> prefixo, <i>n</i> característica).
<i>Skand</i> , 1. ^a , des- cer, <i>cahir</i> .	<i>sca</i> , <i>scu</i> , <i>scro</i> in- dicam o que é concavo.	<i>exca</i> , <i>excavado</i> ; <i>escu</i> , <i>escudo</i> ; <i>escru</i> , <i>escrutinio</i> , <i>esca</i> , <i>escada</i> .
<i>Skal</i> , 1. ^a , errar.	<i>scel</i> , <i>scelus</i> .	<i>scel</i> , <i>scelerado</i> .
<i>Sprç</i> , 6. ^a ; <i>stru</i> , 1. ^a , correr.	<i>sparge</i> , <i>spargere</i> ; <i>ru</i> , <i>ruo</i> .	<i>asperg</i> , <i>aspergir</i> ; <i>re</i> , <i>correr</i> .
<i>Sta</i> , 5. ^a , derribar.	<i>ster</i> , <i>sternere</i> .	<i>ster</i> , <i>consternar</i> .
<i>Stan</i> , 1. ^a , soar.	<i>ton</i> , <i>tonere</i> .	<i>estam</i> , <i>estampido</i> ; <i>tro</i> , <i>trovão</i> .

SANSKRITO.	LATIM.	PORTUGUEZ.
<i>Sthá</i> , 1. ^a , estar em pé.	<i>st</i> indica estabilidade, <i>sto</i> .	<i>est, estar.</i>
<i>Smb</i> , 1. ^a , memorar.	<i>me, memoria</i> , 3. ^a	<i>me, memoria</i> , 3. ^a
<i>Su</i> , 5. ^a ; <i>sû</i> , 2. ^a , 4. ^a , parir.	<i>su, suis</i> (a que pare).	<i>su, suino.</i>
<i>Swan</i> , 1. ^a , soar.	<i>son, sonare.</i>	<i>so, soar.</i>
<i>Swap</i> , 2. ^a , dormir	<i>som, somnus</i> , por <i>sopnus</i> ; <i>sop, sopire, sopor.</i>	<i>som, somno; sop, soporifico.</i>
<i>Swid</i> , 4. ^a , suar.	<i>sud, sudare.</i>	<i>su, suar, suor, sud? sudaria?</i>
<i>Su</i> , 2. ^a , 4. ^a , 5. ^a , extrahir succo.	<i>su, succum</i> , 3. ^a ?	<i>su, succo</i> , 3. ^a ?
<i>Tam</i> , 4. ^a , estar afflicto.	<i>tab?, tabere.</i>	<i>tab?, tabido.</i>
<i>Tan</i> , 8. ^a , estender.	<i>ten, tendo.</i>	<i>ten, estender.</i>
<i>Tap</i> , 1. ^a , queimar	<i>tep, tepere.</i>	<i>tep, tepido.</i>
<i>Tax</i> , 1. ^a , talhar, fabricar.	<i>tax, taxare.</i>	<i>tax, taxar.</i>
<i>TR</i> , 1. ^a e 6. ^a , atravessar.	<i>tra, trajicio</i>	<i>tra, atravessar</i>
<i>Tras</i> , 1. ^a , tremer	<i>tr, tremere.</i>	<i>tre, tremer.</i>
<i>Trsh</i> , 4. ^a , ter sede	<i>tor, torrere.</i>	<i>tor, torrar; tos, tostar.</i>
<i>Tul</i> , 1. ^a , levar, <i>tol, tollere</i> ; <i>tul</i> .		<i>tol, tolerar.</i>
<i>Twax</i> , 1. ^a , cobrir.	<i>teg, tegere.</i>	<i>tec, tecto.</i>
<i>Ubh e umbh</i> , 6. ^a , encher.	<i>ub, uberare.</i>	<i>ub, uberdade, ubre; ober, oberado.</i>
<i>Un</i> , 10. ^a , diminuir.	<i>nu, minuo.</i>	<i>nu, diminuir.</i>
<i>Urnu</i> , 2. ^a , cobrir	<i>urn, urna.</i>	<i>urn, urna.</i>

SANSKRITO.	LATIM.	PORTUGUEZ.
Ush, 1. ^a , queimar, brilhar.	ur, uro; aur, aurora (a brilhante).	us, combustão; aur, aurora.
Va, 2. ^a , soprar.	ven, ventus; aura.	ven, vento; au, aura.
Vatch, 2. ^a , chamar.	voc, vocare.	voc, invocar; vog, vogar.
Vac, 1. ^a , vagir.	vag, vagire.	vag, vagido.
Vah, 1. ^a , transportar.	veh, vehere.	veh, vehiculo, vehemente.
Vakh, vammhh, 1. ^a , vacillar.	vac, vacillare.	vac, vacillar.
Vam, 1. ^a , vomitar.	vom, vomitare.	vom, vomitar.
Vand, 1. ^a , gabar.	vend, vender; vant, vanitas.	vend, vender; vaid, vaidade.
Varh, 10. ^a , fallar, ferir.	ver, verbum; fari, fari.	fal, fallar.
Vast, 10. ^a , devastar.	vast, vastare.	vas, devastar.
Vas, 1. ^a , habitar.	vic, vicinus.	vis, visinho?
Vas, 2. ^a , vestir.	ves, vestire.	ves, vestir.
Vas, 4. ^a , ser fixo.	fic, fig, fixare.	fic, fixar; fig, figura (a que está fixa).
Vid, 2. ^a , ver.	vid, videre.	ve, ver; vi, visto.
Vax, 1. ^a , crescer.	au, augere.	aug, augmentar.
Vir, ser forte.	vir, vir.	var, verão.
VR, 1. ^a , cobrir.	bar, barbaras.	bar, barbaro.
Yu, 2. ^a e 7. ^a , ajuntar.	ju, jungere (u, característica).	u, unir; ju, jugo, jungir.

LICÇÃO 11.^a

DOS SUFFIXOS.

§ 58. Os suffixos sanskritos são:

A, suffixo primitivo masculino, feminino *â, î*; é considerado por Bopp identico ao thema demonstrativo sanscrito *a*, formando adjectivos e nomes de agentes, como *pla-va-s*, navio, isto é, o que *nada*, e convertendo-se em latim por enfraquecimento em *u*, para indicar permanencia, no que se distingue de *io*, que exprime acção temporaria, como *nau-frag-u-s* (*navis fracta*), *vad-u-m* (litteralmente, o que é atravessado), *vau*; *tor-u-s* (o leito, litteralmente, o que está estendido). Conserva o *a* em *mo-l-a* (*mô*, a que mõe): *tog-a* (*toga*, a que cobre, de *tego*); *legi-rup-u*, *indi-gen-a*, com uma só terminação por causa da sobrecarga da composição, que, segundo parece, obston a flexão livre. Esta desinencia é em latim de sua natureza passiva e objectiva.

79 Os adjectivos em que entra o suffixo *a* são sobretudo empregados no fim de compostos, como *pro-sic-uus*, *fructi-fer'*, *armi-ger'* (por *fructi-fer-us*, *armi-ger-us*). Como adjectivos simples ha só talvez *sic-u-s*, *vag-u-s*, *fid-u-s*, *parc-u-s*; entre os substantivos *coqu-u-s*, *merg-it-s*, *proc-u-s*. etc.

80 A, como suffixo secundario com suppressão da ultima vogal primitiva e ferindo-se de *vridhhi* a syllaba inicial d'ella, compõe: 1.^o, nomes masculinos que estão com a palavra primitiva na relação de dependencia ou quaíquer outra, como *ov'-u-m* (por *avi-u-m*), o ovo, isto é, descendente da *ave*; 2.^o, nomes patronymicos que se applicam a cousas, como os fructos, que são designados pela arvore que os produz, como *pom'-u-m* (por *pom-u-u-m*), prodneto da arvore que o dá; *pir'-u-m* (por *pir-u-u-m*), *ceras'-u-m*. Pode-se tambem fazer derivar em latim, como em grego, os nomes de arvores dos de fructos, como os de paizes do feminino dos nomes dos povos que os

habitam, como *Makedonia*, propriamente a Macedonia, esposa ou mãe dos Macedônios; do mesmo modo talvez que *Germania*, *Grecia*, e até os de cidades, que são antigos participios femininos, perdidos fóra d'esta significação, como *Florença* (*florens*), *Valença* (*valens*), *Placencia* (*placens*). Com os adjectivos sanskritos como *áyas-á* concordam os adjectivos latinos como *decor-u-s*, *sonor-u-s*, *honor-u-s*, *sopor-u-s*; 3.º, adjectivos e appellativos que tem com o primitivo relações diversas, como *ferre-u-s* de *ferr-u-m*. A junção do suffixo secundario ao radical se effectua, supprimindo, como vimos, a ultima syllaba d'este, como *mal'-u-m*. O suffixo portuguez é *o*.

81 O feminino *á* dá em latim, alem de *fuga*, talvez *cura* de *ka*, fazer, nomes de significação abstracta.

Aco, *áka*. Veja-se *ka*.

Ala, *alis*. Veja-se *la* e *ra*.

§ 59. *An*, *ân* formam appellativos que designam o que obra, faz alguma cousa; d'elles se derivam os nomes em *ão*, portuguezes, desinencia que não é, como se tem entendido, a mutilação da palavra latina *actio*, que precisa do suffixo *an*, convertido em *on* (thema *acti-on*), para ter o sentido que tem, mas não propriamente de augmentativo, pois este seria em tal caso, em portuguez, *accãosão*. Se assim não fosse, os nomes acabados em *ão* não teriam mais a terminação do augmentativo, como *tubarão*, *tubarãosão*.

82 O suffixo latino é, como dissemos, *on*. Cremos que houve engano da parte do Dr. Sousa, quando em seu *Tratado de Suffixos Latinos*, diz que o suffixo *io* indica acção, porque este suffixo é *on* e não *io*. O *i* de *io* não lhe pertence, mas ao thema, como *acti*, que, segundo Bopp, é provavel ter sido ampliado para *acti-on*, do qual vieram es casos obliquos *acti-on-i-s*, *acti-on-e-m*, *acti-on-e*, etc.

83 Deve se observar que o suffixo *on* (nominativo *o*), emprega-se não só com significação activa, como no sentido passivo. *Scripti-o*, como diz o Dr. Sousa, tanto exprime a acção de escrever, como a cousa

escripta. Quando este suffixo se ajunta ao radical do presente do indicativo é activo, e quando se ajunta ao do supino, é passivo. Neste ultimo caso do suffixo *on* (*an*), vêm as formas *t-i-en*, *s-i-on*, segundo Diez e Aufrecht, com a vogal de ligação *i*, como *venat-i-o* de *venutus*; *occas-i-o* de *occasus*; *nutrit-i-o* de *nutritus*, advertindo que muitas vezes o sentido abstracto passa a concreto, como *mansio* a habitação e não a acção de habitar. Bopp se oppõe a explicação que dá o *i* como vogal de ligação, sendo sua opinião que o suffixo das palavras em *tion* e *tium* são ampliações do suffixo *ti*. § 72. n. 121.

84 Ao suffixo latino *on* corresponde o portuguez *ão*, sendo o *a* que nelle figura a contracção de *au*. D'este modo *ão* é igual a *a* mais *u*, igual a *ann*. Ora, como diz Bopp, o uso da lingua attribuiu o sentido de augmentativo a este suffixo, como se pode verificar, comparando palavras latinas como *leo*, thema *leon*, com palavras sanskritas como *kêc-in*, literalmente *o que tem abundancia de cabellos*, isto é, *o leão*. O suffixo *in* que compõe esta palavra, e se acha no latim *pect-in*, *hom-in*, é enfraquecimento do suffixo primario *an*, que por sua vez é mutilação de *ana*, o qual exprime a acção e é identico ao thema demonstrativo *ana*. Por dois meios podia o latim compensar a suppressão do *a* de *ana*: ou alongando o *a* inicial, como fez o sanscrito, *on* por meio do guna do *n*, que é o enfraquecimento d'aquelle *a* inicial de *ana*, isto é, *a* igual a *a* mais *n*. Este ultimo meio deo em resultado o suffixo latino *ôn*, igual a *a* mais *n* mais *n*, igual a *ann*, igual a *ão* portuguez. Que esta é a derivacão mais natural d'este suffixo, prova-o grande numero de vocabulos latinos em *o*, originarios de palavras sanskritas, como *narição*, *nas-ôn* de *nâs-in*: *cabecão*, *capit-ôn*: *frontão*, *front-ôn*: *pes-ão*, *ped-ôn*: *bucc-ôn*, *labi-ôn*, *gul-ôn*: *bib-ôn*, cujos nominativos são: *naso*, *capito*, *pedo*, etc., e equivallem a *nas-u(n)n*, *nasão* convertido em *nar-i-g-a(n)n*, igual

ao portuguez *nar-i-g-ão*; *bib-a(u)n*, *bibão*, *bebão*, *be-berrão*.

85 Do que ficou dito se conclue que não ha em latin nm suffixo *io*, distincto de *o*, pois este é o mesmo que *on*, cuja nasal se supprimio no nominativo do singular e foi restabelecida nos casos obliquos, ao passo que aquelle é ainda o mesmo suffixo sem a nasal, mas confundido com a ultima parte do thema, *i*. Emprega-se igualmente o mesmo suffixo no sentido subjectivo e de acção, ao passo que outros suffixos teem significação objectiva ou de acto consummado, como *lusio* e *ludus*; *pars* e *partio*; *laus* e *laudatio*; *cogitatum* e *cogitatio*; *dubium* e *dubitatio*, etc. O portuguez adapta-se a todos estes sentidos, quanto a suas palavras acabadas em *ão*.

86 O suffixo *on* (*an*) que faz *a-nu-s*, *i-nu-s*, *ó-na* e *e-nu-s*, *i-nu-s*, *ia-nus*, parece que está ligado ao suffixo latino *men*. *A-nu-s*, em portuguez *ano*, *ão*, formando adjectivos, que trocaram por esta a derivação em *aneus*, se ajunta a substantivos, adjectivos e muitas vezes a adverbios, como *mediano*, *quotidiano*. Forma tambem substantivos como *decano*. Observa-se, segundo Diez, entre o primitivo e o suffixo *an*, outro suffixo representado por um *s*, italiano *igi*, hespanhol *is*, francez *is*, como *arte-s-ão*, *corte-s-ão*. O Dr. Sousa diz que o suffixo *anus* indica o lugar, d'onde a pessoa ou cousa tira a origem, e a que pertence originariamente, a seita, partido, profissão, genero e especie, ajuntando-se a numeros ordinaes para designar o que pertence a taes numeros, como febre *terçã*, *quartã*. Ajunta-se tambem aos nomes de cidades em *a*, *ae*, *um*; aos gregos em *a*, *oe* e *ites*, para designar seus habitantes, ou o que lhes pertence, como *romanus* de Roma, *thebanus* de *Thebae*, *Tyndaritanus* de *Tyndaris*, mudando o *es* em *anus*. Estas terminações, *inus* e *ianus* (conservadas em portuguez), ajuntam-se aos nomes proprios para formar nomes de familia, cognomes, como *Cæsarianus*. *Inus* tem a mesma significação que *anus*, como *latinus*;

ajunta-se mais particularmente a nomes de animaes, para formar adjectivos, só usados no feminino, como *caro agnina*, carne de carneiro e a nomes proprios em *ia* e *ium*, como *lavinus* de *Lavinium*. O Dr. Sousa, como Diez, faz distincção entre *inus* com *i* longo e *inus* com *i* breve, dizendo o primeiro que este se emprega, junto a nomes de arvores, para designar a madeira de que a cousa é feita, e o segundo que se emprega aquelle para designar a materia e a origem. Veja-se suffixo *na*, § 68, n. 120.

Ara. Veja-se *la* e *ra*.

§ 60. *As*. Este suffixo que parece derivado da raiz *as* ser, converte-se em *us* em latim, antes do qual insere-se um *n*, como *pig-nu-s*, raiz *pag*; *faci-nu-s* e talvez *mâ-nu-s*, se vem de *mâ* medir.

Com o suffixo primario *as* tem o latim appellativos neutros com significação activa e passiva, como *ol-us,-eris* por *ol-is-is*, legume (o que cresce); *gen-us*, *fulg-ur*, *corp-us* (corpo, o que é criado, feito, de *ku*); *pec-us* (o gado, o que é preso, da raiz *pac* por *pak*, prender; *vel-l-us*, *op-us* de *áp-as*, obra.

88 Ha entre os suffixos *us* e *on* (*as*, *an*, *o*, *ão*) as differenças seguintes: 1.^a, que *us* indica a acção em sua manifestação temporaria e *on* a acção permanente e como estado; 2.^a, que o suffixo *on* tem o character dominante de ser activo e subjectivo, ao passo que o *us* é passivo e objectivo, como se vê nas palavras *action* e *actus*, *contemption* e *contemptus*. *Us* (da quarta declinação), como o primeiro, indica um estado produzido pela acção do verbo, que compõe o substantivo com este suffixo; *entum* a causa productora ou que pode produzir esse estado, Dr. Sousa. *Suffixos*.

89 Em latim nos nomes abstractos neutros apresenta-se o suffixo *as* sob quatro formas differentes: a mais usada é *us,-er-is* (*opus*, *operis*), *us,-or-is*, *ur,-or-is* e *ur,-ur-is*. Os nomes d'esta classe são poucos, e a lingua já não se lembra das raizes de que são formados, seudo elles:—*rób-ur* (*rób-us-tus*), raiz *ruh*

crescer; *scd-us* por *faid-us*, raiz *fid* ligar; *scel-us* (compare-se *sceles-tus*). Nestas formações o latim substitue ordinariamente o genero neutro pelo masculino e alonga a vogal do suffixo *or* (veja-se este suffixo), excepto no nominativo por causa do *r* final.

90 Da combinação de *as* com *eya* (veja-se este suffixo) parece derivar se o suffixo *ensis* ou de *an* com *as* e *is* com o signal do nominativo, pois que, servindo para designar os habitantes de cidades, cujos nomes acabados em *o* e as vezes *a*, *ae*, *um*, como *carthaginensis*, correspondem aos das cidades gregas, cujos habitantes tem o nome em *ων* (*oys*), como *Atheniensis*. Acresce que *as* tambem designa os habitantes de cidades cujos nomes acabam em *a*, *ae*, *um*, ordinariamente *na*, *nae*, *num*, como *Fidenas* de *Fidenae*. *Ens* tambem parece vir da combinação de *an* com *sa* com a suppressão do ultimo *a*. Pode-se explicar ambos estes suffixos pelo enfraquecimento do *a* de *an* em *in*, como se explica o de *os* em *is*, cujo *i* se combinasse depois com um *a* prosthetico, ou ainda com o dos nomes em *a* e *ae*, que depois inflaessem sobre os acabados em *um*.

91 Por meio do suffixo *or*, que, como vimos, é variedade de *as*, o latim tambem tira nomes abstractos de certos adjectivos, como *amar-or*, *nigr-or*, *alb-or*, alguns dos quaes passaram ao portuguez, e de verbos neutros da 1.^a e 2.^a e nunca da 4.^a conjugação, substantivos e adjectivos verbaes, aquelles masculinos, como *clamor* de *clamare*, excepto *amator* de *amare*, activo. Acrescentando este suffixo aos supinos, mudando o *tum* e *sum* em *tor* e *sor*, de que se formam os femininos em *trix* e as vezes *strix*, e a substantivos da 1.^a e 2.^a declinação, originam-se nomes de agentes masculinos e de pessoas em *tor*, *ator*, *itor*. No primeiro caso temos *venator*, *venatrix*, no segundo *viator* de *via*.

Alem dos abstractos e dos derivados de adjectivos, temos em *or*: *fluor*, *languor* e outros. Alguns d'estes

nómes não se derivam de verbos, segundo o Dr. Sousa, mas servem para formar verbos, como *honore* de *honor*. Sua junção com o radical opera-se, supprimindo, como é de regra, o *a* e *e* final d'este, se é verbo da 1.^a e 2.^a conjugação, porque este suffixo começa por vogal. O portuguez reproduzio estes suffixos com o mesmo sentido, mas mudando o *t* em *d*, como de *caçar*, *caçador*.

92 Os suffixos *tor* e *sor* differem de *on* em designarem os dois primeiros o agente e o terceiro a acção, sentido muito proximo do dos adjectivos em *ens* e *ans*. *Or* e *tas*, segundo o Dr. Sousa, designam qualidades abstractas: o primeiro, participando mais do verbo, designa-as extrinsecamente, com relação aos effeitos que produz, e como estado temporario; o segundo, participando mais do adjectivo, designa-as como inherentes aos objectos e nelles permanentes. Os adjectivos em *or*, *sor* e *tor* designam agentes, quer temporaria, por uma só vez, quer habitualmente, os dos nomes em *a*, e *ae*, que depois influissem sobre os acabados em *um* (*ensis*) a permanencia, a morada, n. 90.

Atra, athu. Veja-se *la* e *ra*. *Atus*. Veja-se *tu*.

Ar, az. Veja-se *ka*.

Bilis (*abilis, ebulum, ibilis*). Veja-se *la, ra* e *ka*.

Bundus. Veja-se *tu* e *ka*.

Calo. Veja-se *ka* e *la*.

Ed, edo. Veja-se *ta, tâ, tu*.

Ela, elis. Veja-se *la*.

Entum. Veja-se *men*.

Er, era. Veja-se *la* e *ra*.

Ernus. Veja-se *tana*.

Eyo, gin. Veja-se *ya*.

§ 61. I. Este suffixo é o enfraquecimento do demonstrativo sanscrito *a*, equiparavel ao *o* ou *a* latino, e forma nomes femininos de significação abstracta, como talvez *caed-i, ambag-i, lab-i*, que é possível ter tido um *s* final, ou *r* por *s*, depois perdido, e cuja suppressão teria por effeito fazer entrarem estas pa-

lavras na declinação em *i*, como *im-muni-s*, *opi-fex* ao lado de *munus-is* por *munis-i-s* e de *opusi-s* por *opisi-s*.

Iço, ika. Veja-se *ka*.

Ido, itus. Veja-se *tu*.

93 O suffixo *igo* parece composto de *i* e de *go* por *ka*, talvez vindo do germanico pela lei da substituição de consoantes. Ajunta-se ao radical do presente do indicativo e designa, segundo o Dr. Sousa, a acção ou estado, ou antes o effeito produzido por essa acção, seu resultado, como *origo*, *vertigo*, *lentigo*, *prurigo*, de *orior*, *verto*, *tendo*, *prurio*. *Origo* differe de *ortus* em que aquelle exprime o lugar d'onde sahe a cousa ou ella tira sua existencia, o segundo indica o acto pelo qual alguma cousa sahe e apparece. De *igo* se originou *igem* em portuguez

Il, ila, ilis. Veja-se *la* e *ra*.

Ion. Veja-se *ya*.

§ 62. *Is*. Com este suffixo, considerado como enfraquecimento de *as*, formam-se nomes abstractos e appellativos. Talvez que o latim *cin-is*, *cin-er-is* por *cin-is-is*, pertença a esta classe de palavras.

Ius. Veja-se *ya*.

Ita. Veja-se *ta*.

Itra. Veja-se *tra*.

Ium, jão. Veja-se *ya*.

§ 63. *Ka*. Este suffixo parece identico ao thema interrogativo sanskrito *ka* (*a-ka*, *â-ka*, *û-ka*), tendo o sentido demonstrativo e relativo, sentido que tambem tem em latim e persa moderno, como *çusk-kas* (com assimilação do *s* e enfraquecimento do *u* em *i*), *sécco*. Com *a-ka*, *â-ka*, *i-ka*, *u-ka* formam-se adjectivos, nomes de agentes e appellativos. *U-ka* forma adjectivos paroxytonicos, junto só a frequentativos, ou a raizes dobradas, como *ghâga*, que precisam de uma vogal longa por causa de sua construcção mais pesada, como *ghâgar-û-ka*, vigilante. Posto de parte o dobramento, temos em latim *cad-û-cu-s* e *mand-û-cu-s*. *Fiducia* suppõe o primitivo *fid-û-cu-s* ou *fid-u-c-s* (*x*).

Como *û-ka*, *û-co* são simples alongamentos de *u-ka*, *u-co*, assim *ico* o é talvez de *i-ka*, *am-i-co*, *pud-i-co*. Pelo contrario, os adjectivos *med-i-co*, *vom-i-co*, os substantivos *vom-i-ca*, *pert-i-ca*, conservaram a breve primitiva. Os themas *vert-i-c*, *vort-i-c*, *pend-i-c*, *append-i-c*, *péd-i-c* de *pédo*, perderam a vogal final do suffixo. Ao sanskrito *â-ka* refere-se o latino *â-c* com supressão da vogal final, em themas como *ed-â-c* e outros, que com o signal casual (*s*), fazem *ed-â-cs* (*x*), *ver-â-cs*, *fall-â-cs*, *ten-â-cs*, *retin-â-cs*, *sequ-â-cs*, *loqu-â-cs*. Do mesmo modo *ô-c* em *cel-ô-cs*, *vel-ô-cs* por *col-ô-cs*, *fer-ô-cs*.

94 Como se vê, este suffixo passou para o latim sob a forma *ax*, do qual são variedades na mesma lingua e em portuguez, derivados das combinações sanskritas: *az*, *aço*, *e-ço*, *i-ço*, *oço*, que passaram para o portuguez com o sentido de augmentativos por indicarem propensão, faculdade, hábito e repetição da acção indicada pelo radical. D'essa faculdade e hábito passou-se a idea de defeito, vicio, paixão ou mania produzida pela repetição, resultando tambem a idea de desprezo, expressa pela maior parte dos augmentativos assim formados. É afinal por essa faculdade que se distinguem os formados em *ôr* e *bundus* (n. 121) de um lado, e os em *ax* do outro.

95 Este suffixo é um dos mais ricos em formações; d'elle passaram do sanskrito para o portuguez por intermedio do latim: *i-co* de *i-ko*, e por intermedio do gothico *i-go* de *i-ga* por *i-ka*, n. 93 e 121, o mesmo suffixo *i-co* assim alterado em virtude da lei da permuta das consoantes, de que já fallamos (n. 62). Não admira isto, porque podem os adjectivos femininos converter-se em substantivos abstractos, como em latim *factura*, *ruptura*, que são evidentemente femininos de participios futuros, § 75.

O *i* do suffixo *i-cus* é um enfraquecimento da vogal final do thema primitivo, como *belli-cus*, *cæli-cus*, *domini-cus*, *uni-cus*, *auli-cus*, o qual tem tambem lugar antes dos suffixos *tât*, *tât*, *tudin*. Em *civi-cus*,

classi-cus, horti-cus o *i* pertence ao thema primitivo. Pelo contrario, em *urbi-cus, patri-cus, pedi-ca*, o *i* veio no periodo latino ajuntar-se a consoante final do thema para facilitar a junção do suffixo.

96 O Dr. Sousa diz que *icus* se ajunta sempre a base nominal; é identico a *acus* que se ajunta a nomes de paizes e semelhante a *ilis* (*olis*), indicando o primeiro (*icus*) o caracter da pessoa ou cousa em quanto participa das qualidades essenciaes do que é indicado pelo radical, ao passo que *ilis*, n. 103, indica um caracter extrinseco de lugar, tempo, jerarchia, juxtaposição da cousa ou pessoa, e tal é a differença entre *civi-lis* e *civi-cus*; *hostilīs* e *hosticus*; *scenalis* e *scenicus*; *lustrolis* e *lustricus*.

Ha tambem adjectivos derivados de nomes proprios com a terminação *ico*, que significa a relação com esses nomes, e taes são *Britannus* (*Bretão*) e *britannicus*; *Italus* e *ital-icus*, *Azianus* e *aziat-icus*.

97 O suffixo *ka deo*: 1.º, *aceus, iceus* que se acrescentam geralmente a substantivõs da primeira declinação e tambem a adjectivos; e, partindo da idea de semilhaça, ordinariamente de côr, exprime diversos matizes. Compõe-se de *a-k(a)* e *eus, i-k(a)* *eus, u-k(a)* *eus*; é empregado como comparativo e peiorativo, e corresponde ao portuguez *az, aço*. *Violaceus* é o que tem a cor roxa, semelhante a da violeta, *ficicius*. *Argilaceus* indica que o *a* pertence ao radical e que o suffixo é *ceus*, igual a *k(a)eus*. Não sendo augmentativo, corresponde em portuguez a *ceo, herbaceo*, e *queo* por *keo, terraqueo*; 2.º, *aticus*, em portuguez *atico*, entra na formação de adjectivos e substantivos, apresentando algumas variedades, que são: *adego, achadego*; *otico, cahotico*; *etico, amante-tico*; *utico, marabutico*, mais raro por serem em pequeno numero as palavras portuguezas em *u*; mas isto ainda prova que as vogaes *a, e, i, o, u* não pertencem ao suffixo, mas ao radical. Os derivados de substantivos exprimem ideas abstractas, concretas, as vezes pessoaes, como *selvatico*; 3.º, *acus*, com-

posto de *a* e *ka*, parece ser o mesmo suffixo *icus* com a differença da vogal de ligação, em portuguez *agem*, *ico* (designando diminutivos) *igem*, como *selvagem*, *ramagem*, *vertigem*; apresenta estas variedades: *ugem*, como *ferrugem*; *acus* que só quase se ajunta a nomes de paizes, como *Peloponesiaco*, *demoniaco*; *ico*, *linguístico*; *oco*, *bicharoco*; *uco*, *caduco*; *eco*, *secco*, *boneco*, *faneco*, *caneco*; *ego*, *ardego*; *aca*, *cavaca*, *cavaco*; *iga*, *formiga*. *Icus* tambem serve para compôr nomes de povos, como *italico*, *germanico*, *britanico*. De *a-gin*, outra variedade, com *i-gin*, *u-gin*, compostos de *a-ka* e *an*, *ika* e *an*, *u-ka* e *an*, se pode dizer o mesmo; 4.º, *ax*, composto de *a-ka* e *sa*, que deo em portuguez *ace*, tem por variedades: *acis*, *ex*, *ecis*, *ix*, *icis*, *ox*, *ocis*, *ux*, *ucis* (*verruca*, *tartaruga*); soffreo modificações das quaes, segundo Diez, a mais frequente é a passagem da primeira para a segunda declinação. Diversos adjectivos portuguezes deixaram perder-se a vogal final e pertencem a esta formação, como *torcaz*, *lambaz*; 5.º, *inquus*, composto de *in* (por *an*, *ku* por *ka*) e *us* (por *as*), como em *longinquus*, *propinquus*, compostos de *longe* ou *long'* e *prope* ou *prop'* e *inquus*, podendo o *i* pertencer ao radical. *Quus*, de que se compõe este suffixo, faz parte de *antiquus*, antigo, em portuguez *quo*, *quo* e *go* (*antigua* em Camões). Com a inserção de um *s* euphonico antes do suffixo *ka* resultaram os suffixos *a-s-cu-s*, *e-s-cu-s*, *i-s-cu-s*, *u-s-cu-s*, como *pardav-asco*, *mour'-isso*, *moll'-usco*, que formam substantivos e adjectivos, significando os em *iscus*, (raras vezes tirados de adjectivos), a maneira, semilhança ou origem, como *borrasca*, *barbaresco*, *aprisco*, *farrusca*. O suffixo *issa*, destinado, como diz Diez, a formar o feminino no latim da decadencia, em portuguez *essa*, *eza*, *iza* (*abbadessa*, *duqueza*, *sacerdotiza*); e o suffixo *isso*, que, como *ico*, serve para formar em latim verbos imitativos, segundo o Dr. Sousa, porque envolvem a idea de imitação e de aproximação, talvez sejam compostos com o suffixo *ka* e *is*, mudando a guttural em sibilante, ou de

is e sa. Em favor da primeira conjectura pode-se apresentar o latim *ax*, derivado de *ka*, que deo *az* em portuguez. Ainda outro suffixo formado de *ka* é *i-g-nus*, igual a *i*, *g* (por *k* por *ka*) e *na*, do qual se formaram em portuguez *enho* e *inho* (diminutivos), como *canhenho*, *sedenho*. Diez affirma que este suffixo é uma modificação de *inus* e que as formações novas se applicam a idea de origem e semilhança.

§ 64. *Ka, kar*. Muitos suffixos formativos latinos que começam por *c* deixam-se reduzir a raiz sanskrita *kar*, fazer, como *creo*. Temos o suffixo *cri* (por *ceri*, *ceri-monia*, nominativo *cer*, genitivo *cri-s*) e *cro*, como *volu-cer* (litteralmente o que faz a acção de voar); *ludi-cer*, *ludi-cru-s*, jogo, prazer; *involu-cre*, o que serve para envolvér; *lava-cru-m*, o que faz banhar (*lavare*), banho; *ambula-cru-m*, o que permite o passeio (*ambulare*), lugar de passeio; *sepulcru-m*, o que faz sepultar (*sepelire*), tumulo; *lu-cru-m*, o que faz pagar (*luere*), ganho; *ful-cru-m* (por *fulc-cru-m* de *fulcire*), o que sustenta, apoia.

98 Como *l* e *r* frequentemente se trocam, Bopp inclina-se a derivar da mesma raiz o suffixo *culo*, que se acharia então muito proximo do sanskrito *kara*, o que faz; *ridi-culu-s* seria propriamente o que faz rir; *pia-culu-m*, o que faz reconciliar-se, de *piare*; *spectaculu-m* de *spectare*, ver, o que faz, dá a ver; *vehiculu-m*, de *veho*, o que faz transportar; *po-culu-m*, de *pâ*, beber, o que faz beber, o copo; *ba-culu-m*, o que faz andar, apoia.

Culo indica o meio, o instrumento com que se faz alguma acção; une-se aos radicaes com ou sem letra de ligação. Se o radical acaba em *c* ou *g*, acrescenta-se só *ulu*, como *vinc-ulu-m* de *vinc-io* e *cing-ulu-m* de *cingo*, cingir. Em vez de *clum*, *culum* emprega-se *crum*, quando a ultima ou penultima syllaba do radical tem *l*, como *fulcrum*. O mesmo a respeito de *bulum*. Outra terminação identica ás precedentes é *trum*, pelo menos quanto a significação, segundo o Dr. Sousa; mas parece-nos que *trum* deriva-se da

raiz sanskrita *tn*. Se o radical acaba em *d*, troca-se o *d* por *s*, como *claustrum* de *claudo* fechar. Bopp parece indicar com o exemplo *fulcrum* que, quando o radical acaba em *c*, este se suprime, ao contrario da opinião do Dr. Sousa. Sendo *culo* derivado de *kn*, como vimos, é preferivel a opinião de Bopp. Quanto aos radicaes acabados em *g*, parece-nos que estão no caso dos acabados em *c*, pois que o *g* então é antithese de *c*, como indica o participio *cinc-tum* de *cingere*, que deo *cing* (*g* por *c*) *ulu-m*.

99 O Dr. Sousa em seu erudito *Tratado de Suffixos* differença graphicamente *i-ti-us* de *i-ci-us* (em portu-guez *icio*, *ico*), que se une ao participio passado, a nome ou radical de verbo, produzindo substantivos de sentido concreto, como *adventi-ci-us*, sendo muitas vezes mutilado, como *idus* (*sujo* de *sucidus*), como *feitoço* e não *feiti-ci-o*. Parece-nos que o Dr. Sousa tem razão, porque neste caso o suffixo *i-ci-u-s* não é ampliação de *ti* (§ 72), mas parece derivar-se da raiz *kar*, fazer (§ 75), visto que as palavras em *icius* denotam mais particularmente a acção, e junto a verbos ou radicaes do supino, faz realçar tal acção, acto ou operação expressa pelo radical do verbo.

§ 65. *La* e *ra*, suffixos que parecem originariamente identicos, porque *l* e *r* frequentemente se permutam. As vogaes que precedem as liquidas dos suffixos *a-ra*, *u-ra*, *é-ra*, *o-ra*, *a-la*, *i-la*, *u-la*, pertencem reconhecidamente a classe das vogaes de ligação, como as iniciaes dos suffixos *á-ka*, *i-ka*, *u-ka*, *a-tra*, *i-tra*, *u-tra*, *a-thu*. Em latim ha formados pelos dictos suffixos: *gna-ru-s*, *ple-ru-s*, *pu-ru-s* (raiz *pu*, purificar), *ca-ru-s* (raiz *kam*, amar), *pig-er* (thema *pig-ro*), *in-teg-er* (thema *integ-ro*), *sel-la* por *sed-la*, com significação passiva. Teem vogal de ligação os seguintes: *trem-u-lu-s*, *ger-u-lu-s*, *strid-u-lu-s*, *fig-u-lu-s*, *cing-u-lu-m*, *vinc-u-lu-m*, *spec-u-lu-m*, *teg-u-lu-m*, *teg-u-la*, *reg-u-la*, *mus-cip-u-la*, *am-ic-u-lu-m*, sendo essa vogal *a*, mudada em *u* por influencia do *l*. Em *ten-e-r* (thema *ten-e-ro*), *gen-e-r* parece que o *e* está em vez de *i* por

influencia do *r* que se segue. São estes mesmos suffixos que combinados dão as terminações *lus, la, lum, ellus, ella, ellum, illus, illa, illum, culus, cula, culum, unculus, uncula, unculum*, que se empregam como diminutivos, como veremos, quando d'elles tratarmos.

100 Como suffixo secundario *la* e *ra* (*i-la, i-ra, i-la, i-ra*) formam um pequeno numero de adjectivos *oxytonicos* (palavras agudas, isto é, que teem accento na ultima syllaba), em cujo numero talvez estejam as formações latinas em *li* que derivam de substantivos, como *carn-â-li-s, au-gur-a-li-s*, sendo o *a* a vogal de ligação, e o *i* de *li* enfraquecimento do *a* de *la*.

Com *la* e *as*, precedidos da vogal de ligação *u*, parece derivar-se *ulus*, que unido a radicaes de verbos, significa defeito ou simples inclinação ou propensão natural, para fazer o que a raiz indica. Distingue-se da terminação diminutiva em que esta se ajunta a derivados de adjectivos, como *garrulus, credulus*. Em portuguez é *ulc*.

101 Os suffixos *la* e *ra* podem se ajuntar ao radical com diversas vogaes de ligação, como vimos: *a-la, a-l, a-ra, a-r, e-la, e-ra, e-l, e-r, i-la, i-ra, o-la, u-la, u-ra*, etc.; assim como podem combinar-se com outros suffixos e formar novos. Os suffixos *al* e *ar* não podem deixar de ser o mesmo que *a-la, a-ra*, cuja ultima vogal *a*, enfraquecida em *i*, foi supprimida no nominativo dos themas em *a-li* e *ari*. A differença é que *al* e *ar* servem para a formação de substantivos e indicam a terminação neutra dos adjectivos, quando o radical tem *l* na ultima ou penultima syllaba, como animal por *animale*, tanto que substantivos ha, que conservam o *e*, como *ramale, altare, collare*, ao passo que *a-li-s, a-ri-s* são terminações proprias de adjectivos, que indicam a qualidade expressa pelo radical e que essa qualidade convem a idea significada pelo nome a que se ajuntam, tendo com ella relações de espaço, tempo, ordem abstracta, destino, fim e forma exterior. O portuguez conservou as formas *al* e *ar*

tanto nos substantivos, como nos adjectivos; assim temos: *animal, bocal, regular, real*.

102 Um composto de *ra* é *er, ter*, § 75, a que se supprimio o *u*, como *gener* por *gen-~~e~~-ru-s*, *tener* por *ten-e-ru-s*; *er-nus* e *ur-nus* em *et-er-nu-s*, *eb-ur-nu-s* não podem ser considerados compostos de *na* e *ra* (§ 68, n. 120). Talvez tambem se possa explicar *nocturnus, diurnus, caverna* e outros como estando por *noctus-u-nus, dius-u-nus, caves-u-na*, dando-se a antithese do *s* pelo *r*, por ficar entre vogaes e por não ser facil de pronunciar o grupo *sn* depois de supprimida a vogal de ligação *u*. Se o *r* neste caso pode ser considerado como estando por *s*, o *t* de *nocturnus, eternus* parece pertencer ao thema e não ao suffixo, que em tal caso fica reduzido a *na*.

Este suffixo assim accrescentado ao nome ou adverbio de tempo, forma adjectivos que significam que a cousa se faz ou se fez e durou todo o tempo marcado no radical d'esses adjectivos, como *diurnus*. *Suffixos*, n. 192.

103 O Dr. Sousa diz sobre o suffixo *e-la* que elle junta-se ao radical do supino para exprimir o que serve para fazer a acção, por elle indicada, com certa deterioração na idea, tirando lhe alguma cousa de sua importancia, como *querela*. O portuguez abbrevia as vezes esta terminação em *ea* ou *eia*, como *candêa*, não obstante empregal-a tambem em *furtadela, parentela, bagatela, olhadela*. Diez tambem apresenta um suffixo *elis*, como em *crudelis*, e outro *ulis*, como em *cur-ulis*, que, segundo Bopp, parecem poder reduzir-se ao suffixo *li* (como variantes de *alis, ilis*), com a vogal de ligação *i*, mudada em *e*, e *u*. Quanto a *i-lis*, ajunta-se a bases nominaes e verbaes e em ambos os casos parece variedade de *a-lis*, exprimindo o mesmo que este. A differença é que, correspondendo sempre *il* a *alis* em portuguez, *ilis* quando é junto a radicaes verbaes, pode-se converter em *bilis* ou *ibilis*, igual a *i-bi-li-s* e corresponder ao portuguez *vel* ou *bil*. É nossa opinião que este *b* é o signal do futuro latino,

e que, quando *ilis* se ajunta a bases verbaes, formando *b-ilis*, é d'esse tempo que tira o referido *b*, tanto que o suffixo nesse caso não é só *ibilis*, mas tambem *abilis*, *ebilis*, conforme a conjugação do verbo, como *amabilis*, *flebilis*, *volubilis* de *amare*, *flere*, *volvere*. A esta intelligencia não obsta o não ter actualmente o latim futuros em *bo* na terceira conjugação, porque já os teve, como provam os futuros archaicos *vivebo* *dormibo*, *venibo* da quarta conjugação, frequentes em Plauto. Ora, como o *bilis* indica uma possibilidade passiva, ajuntando-se a verbos transitivos e as vezes a intransitivos, e não obstante tambem ter significação passiva, o *b* de *bilis* é o mesmo *b* da raiz *bhû*, ser, com a qual se forma o futuro latino e o do verbo passivo em portuguez, como veremos. De mais, a idea de possibilidade, expressa pelo suffixo *bilis*, está muito proxima da de uma cousa que ha de ser feita, ou da de futuro. *Terrib-ilis* tem significação activa, *penetrabilis* tem-na activa e passiva. «*Ilis*, *ibilis* podem formar-se tambem de supinos, como *fossilis* de *fissum* de *findere*, e de substantivos, como *favorabilis*, *rationabilis*». *Ile*, outra forma de *ilis*, indica o lugar onde se faz a acção expressa pelo radical do verbo, e accrescentado aos nomes de animaes domesticos, o lugar onde são sustentados, como *ov'ile*. Em portuguez corresponde a *il* (suffixos, 58, n. 70), longo por causa da suppressão do *e*, como *covil*; a *eiro*, como *chiqueiro*, *gallinheiro* e tambem a *al*, como *curral*.

Deve-se notar a analogia entre *abilis*, *ibilis* e *abulum* e *ibulum*, visto que os ultimos apresentam tambem a idea da cousa que se tem de fazer no futuro, em opposição ao suffixo *on*, que, segundo o Dr. Sousa (io), envolve a idea de actualidade. Pode-se pois dizer tambem que *b-u-lum* é formado do *b* do futuro. *Pabulum* em relação a *pascua* de *pascere*, lugar onde o gado vai pastar, indica tudo que tem de servir para sua alimentação: *infundi-b-ulum*, funil, de *infundere*, o utensilio por meio do qual se ha de vasar algum

liquido. O mesmo talvez se possa dizer a respeito de *brum*, composto de *b* e *ru* em vez de *ra* mais *m*, signal do neutro. Em portuguez temos *bulo*, *culo*, *bro*, *cro*.

104 Os suffixos *olus*, *ulus*, *culus*, *a-culus*, *e-culus*, *i-culus*, *u-culus* correspondem ao portuguez *u-lo*, *cu-lo*, *alho*, *elho*, *ilho*, *olho*, *ullo*, *unculo* e tem algumas vezes sentido diminutivo. Sem este sentido temos *fistula*, *pilula*, *cupola*, *gralha*, *milagre* (*agre* por *aculum*), *trabalho*, *coelho*, *perigo* (*igo* por *iculum*), *orelha*, *junquilha*, *carbunculo*, *sobejo* (*ejo* por *eculum*); formam substantivos e adjectivos, compondo-se os cinco ultimos latinos dos suffixos *ka* e *la*.

Quanto ao suffixo *lento*, parece que a principio perdeu o *v* de *vant*, de que é derivado, vindo depois ajuntar-se-lhe o suffixo *la* e *ra*. Outras vezes parece que o *l* e *r* pertencem ao radical, como *bolor-ento* de *bolor*, *amarell-ento* de *amarello*; já em *cruento* parece que o verdadeiro suffixo é *ento*. Temos mais *avar-ento*, *ferrugento* de *ferrugem*, *barrento* de *barro*. Talvez tambem se possa dizer que os nomes em *lento* são formados de diminutivos dos radicaes, como *somnolento* (amodorrado), *sanguinolento* (de cor de sangue). O mesmo a respeito de *olentus*, *ulentus*: *violentus* parece derivado de *violare*, porque, se o suffixo fosse *lentus*, *olentus* ou *ulentus*, o radical seria do verbo *viare*, que daria significação diversa; em *feculento*, *farelento* vê-se perfeitamente que o *u* e *l* pertencem aos radicaes, e ainda mais em *succolento*, que parece estar por *succusento* (mudança da sibilante em liquida, n. 24, 62). Assim, este suffixo denota apparencia da cousa. *Olentus* se põe só, segundo o erudito auctor dos *Suffixos*, depois das letras *n* e *i*. Em portuguez *olento*, *ulento*. *Ento*, de que parecem derivados, apresenta uma variedade, *into*, como em *faminto*.

§ 66. *Mant*, *vant*, suffixos secundarios com os quaes se formam adjectivos possessivos em sanscrito, sendo ampliação dos primarios *mân*, *man*, *vân*, *van*;

min, vin, enfraquecimento dos mesmos suffixos. É muito provavel que originariamente *vant* era identico a *mant*, como *van* a *man*, pois *v* e *m* permutam-se facilmente (n. 24 e 62). *Lent*, representante latino de *vant*, tornou-se *lento*, n. 104, § 78.

Bopp crê que o suffixo *mant* é ampliação de *man*, composto por sua vez dos dois themas demonstrativos *ma* e *na*, o ultimo dos quaes perdeu a vogal final e se ajunta muito bem aos outros suffixos occupando o ultimo lugar. Quanto a *ma*, passando ao latim, converteo-se em *mo* nominativo *mu-s*, formando um pequeno numero de palavras, que oppõe ás sanskritas em *ma-s*, como *ani-mu-s*, *fû-mu-s*, *pó-mu-m*, *for-mu-s*, *fir-mu-s*, *al-mu-s*.

Man converteo-se em latim em *men*, e antes dos casos sem flexão, em *min*. Estando o suffixo *man* estreitamente ligado por causa de sua formação ao suffixo *mâna*, como *ma*, de que se compõe o primeiro, tornou-se *mo*, seu composto e o ultimo converteram-se no latim em *mon*, em grego $\mu\epsilon\upsilon\omicron$ (*meno*). Ora, como este ultimo pertence ao medio (Bopp, § 804) e *na*, $\nu\omicron$ (*no*) designaria o agente, a relação do nominativo ou de outro qualquer caso segundo a posição do participio (que se compõe do suffixo em questão), ao passo que *mâ* $\mu\omicron$ (*mo*) indicaria a pessoa, sobre a qual se faz a acção, marcando o dativo (*sibi*) ou o accusativo (*se*), *môn* por sua vez deve exprimir a acção reflexiva e é participio. Assim *matrimonio* seria aquillo por meio do que se (*se*) faz *mâi*, *patrimonio* aquillo que se fez ao pai, ou que ao pai se (*sibi*) fez. As palavras formadas com este suffixo (*mâna* e *mân*), teem significação activa e passiva, algumas com valor de substantivos abstractos, como *sermon*, *termon*, igual a *terminus*, *temôn*, que não se deve confundir com as palavras formadas com o suffixo *o*, *on*, § 59. Pott, diz Bopp, aproxima *ternô*, como *tignum*, da raiz sanskrita *taksh* (*frangere, findere, fabricâri*) e *pulmôn*, litteralmente, o que respira (unico exemplo do suffixo *môn*, empregado em latim com sentido activo). Bopp

tambem diz que *ho-min* por *ho-môn* pertence muito provavelmente ás formações sanskritas em *mân* (na lingua antiga *he-mo*, *hemonis*). Eis como elle explica esta palavra: «Considero o *h* como representando o *f* de *fui*, de sorte que a syllaba *hó* de *homo* é idêntica a syllaba *fo* de *fore*, *forem*. Compare-se a forma prâkrita *hómi* (por *ha-vami*), sou, sanskrito *bhávâmi*, e a desinencia do dativo *hi* em *mihi* e sanskrito *hyam*, por *bhyam*. O latim *homo* significa pois simplesmente o que é, como em sanskrito *ghâna* quer dizer propriamente o que é nascido (raiz *ghân*, gerar, parir). Ha notavel coincidência entre o thema latino *homin*, *hemón* e o gothico *gu-man*, antigo alto allemão *gomon*, *komon* (nominativo *guma*, *gomo*, *homo*)».

105 Pela addição ao suffixo *môn* de *ia*, *io*, tiram-se as formas *môn-ia*, *mon-io*, como de *tór* se tirou *tor-ia*, n. 114, *victor*, *victoria*, com a differença que o latim perdeu os primitivos de *quer-i-môn-ia*, *al-i-mon-ia*, *al-i-môn-ium*, *cer-i-mon-ia* (de *ka*, fazer; *cer* por *ker* por *kar*). Este suffixo composto se ajunta a adjectivos e substantivos, para formar nomes abstractos, como *acri-môn-ia*, *ægri-môn-ia*, *casti-môn-ia*, *miseri-môn-ium*, *tristi-môn-ium*, *testi-môn-ium*, *matri-môn-ium*. Em formas como *castimônia*, *ægriimônia* o *i* é enfraquecimento da vogal final do thema; em *matri-mônium* é ampliação analogã á que soffrem em certos casos todos os themas que acabam em consoante, como *matr-i-bus*, *ferent-i-um*.

A significação dos themas neutros em *min* é mais frequentemente passiva, como em *pre-fa-men*, *stramen*, *sé-men*, *ag-men*, *seg-men*, *ger-men* (por *gen-men*, pela permuta frequente das liquidas); activa em *flú-men*, *lú-men* (por *luc-men*), *fúl-men* (por *fulg-men*), *teg-men*, *teg-i-men*, *teg-u-men*, *reg-i-men*; abstracta em *sola-men*, *certa-men*, *leva-men*, *tenta-men*, os quaes todos fazem nos casos de flexão como *pre-fa-min-is*, *pre-fa-min-em*, *pre-fa-min-i-bus*, etc.

O *i* de *teg-i-men*, *reg-i-men*, é, segundo Bopp, idêntico a característica da terceira conjugação latina, e

por conseguinte ao *a* da primeira e sexta classes sanskritas (veja-se verbos), visto que estes nomes são compostos das raizes dos verbos *tegere, regere* (veja-se raizes). Sabe-se que este *a* tornou-se *i* ou *u* em latim (*veh-i-mus, veh-u-nt*), o que prova o *i* longo da quarta conjugação (*mol-i-men, fulc-i-men*), e o *â* longo da primeira (*cert-â-men* de *certare, cert-â-min*). Pelo contrario, as formas como *ag-men, frag-men* ajuntam immediatamente o suffixo a raiz, como quasi sempre em sanscrito. Em vez do *é* da segunda conjugação, encontra-se *i* e *u* breves antes de *men* e *mento*, *sed-i-men, doc-u-mentum*, por analogia da terceira, ou o suffixo ajunta-se immediatamente a raiz. Em geral o *é* da segunda conjugação latina se mantém com menos persistencia do que o *a* e *i*, outros dois representantes da decima classe (veja-se), como *doc-ui, doc-tum* em face de *am-â-vi, am-â-tum*.

106 O suffixo *men* designa, conforme tem sentido activo ou passivo: 1.º, acção, e com este sentido ha poucos substantivos verbaes, como *regimen*; 2.º, o resultado da acção do verbo, e então o substantivo ou é activo, como *lumen*, ou passivo, como *germen*, o resultado da geração, o que é gerado; 3.º, o meio de produzir o que exprime o radical do verbo, como *nomen*, o nome, que é o meio de nomear as cousas, ou o que nomea as cousas, sentido activo. O correspondente do suffixo latino em portuguez é *men* e *me*, como *regimen, legume*.

107 Do suffixo *men, min* sahio em latim *mento* (*argumentum, mon-u-mentum, incre-mentum, cogno-mentum, sed-i-mentum*), etc. Bopp, ao contrario de Pott, que identifica a syllaba *to* (*tus, ta, tum*) ao suffixo do participio, vê nella um complemento phonetico. Pode-se aproximar, diz elle, o *d* que o latim ajunta nas raizes *tend, fend*, sanscrito *tan* estender, *han* (por *dhan*) ferir, matar, porque em geral as nazas gostam de ajuntar-se as mudas, ás quaes vem depois unir-se uma vogal; foi o que aconteceu ao suf-

fixo *men-t-o*, no qual ha troca de *d* pelo *t* (suffixo do antigo alto allemão *mun-d-a*).

108 Ao sanskrito *ma-s* (*s*, signal do nominativo) o latim só tem a oppor um pequeno numero de palavras em *mu-s*, como *an-i-mu-s*, da raiz *an* respirar, soprar (tupi *a*, entendimento; *ang*, alma, espirito); *fù-mu-s*, raiz *dhu* mover-se; talvez *pô-mu-m*, raiz *pá* sustentar (comparado com *pa-bulum*, *pa-sco*, *pávi*, *pô-tus*, *pô-tor*); os adjectivos *for-mu-s* (comparado com *ferveo*, *fermentum*), *fir-mu-s* (comparado com *fortis*, *fero*), *al-mu-s*. *Mus*, junto a adjectivos e substantivos designa a pessoa ou cousa que faz a acção; forma tambem nomes abstractos e parece identico, quanto a origem, ao thema pronominal *ma*.

109 *Mulo* tambem procede do suffixo *mâ-na* pela mudança de *n* em *l*, como *alius* de *anyâ-s*. *Famulus* seria propriamente o que faz (por *fac-mulus*), ou o que serve. se vem, como suppõe A. Benary, de *bhagh*, servir; *sti-mulus* (por *stig-mulus*) o que pica; *tu-mulus* de *tu*, crescer, do qual vem tambem *tumeo*; *cu-mulus* de *çu* (de *çvi*), por *ku*, crescer; *tre-mulus*, de *tres*, do sanskrito *trás*, tremer, e não de *tremeo*. Do causativo *trásóyâmi* veio *terreo* por *terseo*, tambem por *tre-seo*.

110 *Men* combina-se com o radical, presente do indicativo, raras vezes supino, de modos diversos: com as vogaes de ligação *a*, *i*, *u*; dá *a-men*, *i-men*, *u-men* e ampliado com *ia*: *mon-ia*, *mon-ium*. *A-men* deo em portuguez *a-me* e *a-men*, como *ex-a-me*, *certa-men*, que tem sentido colectivo (em *exame*), estranho ao latim, sendo quase todas formações denominativas. As formações em *i-men* (em portuguez *imen*, *ime*) procedeu em partes de verbo da primeira conjugação, como *reg-i-men*. As em *u-men* (portuguez *um*, *ume*) exprimem quantidade ou qualidade, como *fortum*, *cardume*, *ciume*, *azedume*. O suffixo *môn-ia* significa a execução de uma acção, mas acção mitigada e constante, como *acri-môn-ia*. Em portuguez *mon-io*, *mon-ia*, *munho*, como *antimon-io*, *acrimonia*, *testemunho*.

§ 67. *Mi* é enfraquecimento de *ma*, que forma alguns appellativos oxytonicos, como *bû-mi-s*, a terra (litteralmente: a que é), em latim talvez *hu-mus*, *homi-nis*.

111 *Is-mus*, em portuguez *is-mo*, parece composto de *is* e *mus* e forma substantivos masculinos e femininos, como *archa-ismo*, *gallic-ismo*, *añeur-isma*, *soph-isma*, os quaes parecem indicar que a um estado segue-se outro peor do que o significado pelo radical, como *nepot-ismo*. Ha tambem nomes acabados em *asmus* (*enthusiasmo*), *esmo* (*torresmo* de *torreo*), que parecem ter relação com *ismo*, que outras vezes significa o conjuncto de muitas cousas intimamente ligadas entre si, como *organismo*; bem como abuso, excesso, falta, defeito, como *mahometismo*, *optimismo*, *obscurantismo*, *rachitismo*.

De *a*, combinado com *ma* procedeo tambem *a-ma*, que designa collecção, numero, como *mour-a-ma*, como veremos nos collectivos.

§ 68. *Na*. Certas raizes sanskritas em pequeno numero formam o participio perfeito com o suffixo *na*, a ella immediatamente junto. Em latim temos com esta formação *ple-nu-s*, *eg-e-nus* (com sentido activo), *reg-nu-m*, *mag-nu-s* (litteralmente *crescido*), *tig-nu-m*, *dig-nu-s* e talvez *sig-nu-m* da raiz *sanhgh*, lithuano *seg*, unir.

112 Como suffixo secundario forma este em latim denominativos em *nu-s*, feminino *na*, cuja vogal de ligação *i* é alongada (e supprimida, quando o primitivo termina em vogal), como *sal-i-nus*, *stagn'-i-nu-s*, *discipl'-i-na* (por *discipul'-i-na*). O *u* da quarta declinação, que, differente do da segunda, representa um *u* antigo, conserva-se antes do suffixo. Pelo contrario, as outras vogaes são supprimidas. A vogal de ligação é supprimida sobretudo depois de *r*, como em *ebur-nu-s*, *mater-nus*; perde-se depois de *g* (por *c*) em *salig-nu-s*, salvo se se dividir: *salig-nu-s*, caso em que *gnus* estaria por *genus*, *ginus* (compare-se *privi-gnu-s*; *prius genitus?*), e a consoante final do thema primitivo teria sido supprimida. Em palavras como *mont-*

â-nu-s é provavel que o *a* seja vogal de ligação, e neste caso o verdadeiro suffixo é *no*, como em *sceler-â-tus* o suffixo é *to*, e este suffixo secundario é acompanhado de vogal longa, salvo suppondo-se que *â-nu-s* contém a vogal característica da primeira conjugação, e então taes formas devem pertencer a verbos denominativos (veja-se o que sejam) e ter themas verbaes, como *montâ*, *veterâ*, por analogia de *amâ*, *laudâ*.

Este suffixo dá origem em latim, como em sanskrito, a formas femininas, sendo a vogal de ligação mudada em *ô*, como *matr'-ô-na*, *patr'-ô-na*, posto que o *e* e *u* alternem no fim dos themas da segunda declinação e autorisem a ajuntar o *ô* ad thema primitivo.

Entre as palavras latinas formadas com o suffixo feminino *nâ* conta-se *som-nu-s* (thema *som-nô?*), cujo *m* está por *p* por influencia da nasal; *ru-i-na* e *rap-i-na*. Em geral este suffixo tem predilecção pela vogal longa precedente (*i-nu-s*, *â-nu-s*, *ô-na*). O suffixo *inus*, que deo em portuguez *ino*, *inho* (diminutivo), compõe-se de *na* com a vogal de ligação *i* (*i-nus*), e forma adjectivos e substantivos pela maior parte abstractos, masculinos e femininos, e entre os ultimos os derivados de nomes de pessoas, para indicar a profissão, como *medic'-i-na*, ou de outro nome ou de radical de verbo, como *ru-i-na* de *ruo*. Mas o suffixo pode ajuntar-se ao radical que acaba em *i* sem ser precisa a vogal de ligação; não assim, quando acaba em outra qualquer vogal, que se deve contrahir com ella, caso em que a alonga; entre *fagi-nus* e *peregr-i-nus* ou *amer-i-nus* e *proenest-inus* ha a differença unica de que o radical do primeiro é *fagi* (genitivo), a que só se acrescentou *nus*, ao passo que nos ultimos os radicaes são: *peregre* por *pereg(e)r*, *ameri(a)*, *proenest(e)*, no nominativo, cujo *a* e *e* se supprimio, para com a vogal de ligação *i* ajuntar-se-lhes o suffixo *nus*. Em *salignus* de *salic* houve apenas mudança do *c* em *g*, o que devia dispensar a vogal de ligação para o suffixo *nus* unir-se-lhe; e em *illignus*

dispensou-se até o suffixo, mudando-se o *m* de *lignum* em *s* (signal do nominativo), para differenciar o derivado do primitivo. O suffixo *inus* tem tambem uma forma neutra,—*inum*, como *textrinum*, officio de tece-lão, a par de *ina*, com o mesmo sentido que este, em portuguez *ino*, *ina*. Com a vogal de ligação *u* temos *unus* (portuguez *um*, *uno*) em adjectivos e substantivos, como *jejum*, *importuno*, *cabrum*, *gatuno*. *Enus*, *ena*, *enum*, *alienus*, *avena*, *venenum* (em portuguez *eno*, *moreno*; *ena*, *melena*), forma substantivos e adjectivos, que parecem derivados de radicaes em *a*, contrahidos em *e* com a vogal de ligação *i* de *inus*, se é que o *e* não representa um *a* primitivo.

113 *Aneus*, *ineus*, *oneus* e *neus* são compostos do suffixo sanskrito *éya*, em latim *eus*, combinado com o suffixo *na* e os tres primeiros com as vogaes de ligação *a*, *i*, *o*, que parecem antes pertencer ao radical, como *extra-neus*, *sub-terra-neus*, e substantivos *ara-nea*, *casta-nea*, *calca-neum*, *sanguineus*, *vimin'-eus*, *pulmon-eus*; em portuguez *anho*, *inho*, *onho*. Diez dá o suffixo *eus* como differente de *aneus*, *ineus*, *eneus*, *neus*. O Dr. Sousa porem é de nossa opinião e diz que o suffixo *neus* é variedade de *eus* e significa a especie de madeira de que alguma cousa é feita, como *fagi-n-eus*, *fagi-n-eo*, de faia, bem como a materia, como *ebur-n-eus*, *ebur-n-co*, de *marfim*. Discordamos porem d'este auctor, quando identifica o suffixo *nus* (de *na*) a *ineus*, salvo se na composição d'este ultimo admite o primeiro (*na*), assim: *i-n(a)-eus*, se é que o *n* não pertence ao radical.

§ 69. *Nu*, provavelmente enfraquecimento de *na*, como *nus* de *nas*, forma em sanskrito adjectivos e substantivos oxytonicos, que passaram para o latim, como *mag-nu-s*, *lig-nu-m*, *ma-nu-s*, se vem da raiz *má* medir. O Dr. Sousa diz que, tanto este suffixo, a que se ajunta *s* (signal do nominativo), como o outro (*neus*), serve particularmente para designar a especie de madeira de que a cousa é feita, porem que se encontram outros adjectivos sem essa designação, como

eburnus, coccinus, e que *adamanti-nu-s* e *crystalli-nu-s* teem só uma forma. Convem observar que, se, como pensam Bopp e Pott, a raiz de *lignum* é *dah*, queimar, *lig-nu-m* significará combustivel, e pelo menos nesta palavra o suffixo não indica a madeira de que a cousa é feita. Parece que os Grammaticos indios formam d'este o suffixo *sm*, sendo a sibilante ampliação da raiz *dah*, e em alguns casos, adjunção a vogal de ligação.

§ 70. O suffixo *ni*, como *ti*, forma appellativos, como *ig-ni-s*, *cri-ni-s* (erina), que poderia vir da idea de crescer (*creasco, crevi*), a menos que se derive de alguma palavra que signifique cabeça, como o grego *κέφα*, como *capillus* de *caput*, cabello; *pá-ni-s* de *pá*, sustentar, o que sustenta, o pão (compare-se *pa-sco*), ou de *patch*, o que é cozido; *fi-ni-s*, talvez por *fid-ni-s*, de *fid*, *findo*. Pott deriva *fú-ni-s* do sanskrito *bandh*, ligar, do qual aproxima também *fido, fœdus*: o *a* antigo enfraqueceo-se de um lado em *i* e de outro em *u*; o alongamento do *u* é compensação da perda da consoante radical deslocando-se a aspiração do *dh* para o *ph* e perdendo a nasal; *ség-ni-s*, que vem de *saghgh*, adherir: *sanhgh*, *affigere*; *lé-ni-s* do sanskrito *li* 1.^a, fazer liquido ou de *li*, adherir, e se é da mesma familia que *λεῖος*, *leios*, só se pode explicar pelo suffixo formativo *ni*.

Or. Veja-se *rius*.

O-co. Veja-se *ka*.

§ 71. *Ri*. Como *la* se enfraqueceo em *li*, é provavel que *ra* se tivesse enfraquecido em *ri*, mas Bopp o dá como suffixo primario, formando em sanskrito pequeno numero de palavras, pouco empregadas. Em latim insere-se uma vogal de ligação antes do suffixo, como *cel-e-r* (thema *cel-e-ri*), supprimindo-se o signal casual e o *i* no nominativo masculino. A raiz *cel*, cujo sentido se obscureceo em latim, equivale ao sanskrito *açal* por *kal*, ir, correr, grego *κέλης* (*kélês*) — *κέρως-ός*, *corssel*. Em *put'e-r* (thema *putri*) e *ac-er* (thema *ac-ri*, raiz *aç* por *ak*, penetrar), o *e* inorga-

nico não sahe do nominativo masculino, no qual era indispensavel por causa da suppressão do *i*, e porque o grupo *lr* (em *cel-ri*), era muito difficil de pronunciar em latim. Em portuguez temos formados com este suffixo *cel-e-ri-dade*, *pod-re*, *put-re-fac-ção*, *put-ri-do*, *ac-re*, *ac-ri-mon-ta* e outras palavras.

114 Do suffixo *rius*, talvez formado de *ar* em vez de *ra* e *ya* com o signal do nominativo *s*, procedeo com a inserção de *a* *arius*, de *or* com ampliação *orius*, *torius*. *Arius*, *erius*, *urius* deram em portuguez *ario* e *eiro*, *erio*, *urio*, e alem da significação mencionada adiante, indica mais nomes de agentes, como o antigo alto allemão *ari*; officio e profissão, como *capra-rius*, cabreiro, sendo as profissões mais nobres designadas pelos suffixos *a* e *or*, como *poeta*, *senator*; *or*, *a* e *eiro* em portuguez, como *imperador*, *conselheiro*. Os nomes em *arium* (neutros), em portuguez *ario*, *eiro*, significam o lugar, onde se reúnem ou guardam as cousas, como *vivarium*, *viveiro*, *armario*. Os adjectivos em *arius* são formados ou de substantivos ou de ajectivos distributivos (*septuagenarius*), ou de verbos, de preposições e adverbios, como *contrarius*, *adversarius*. O feminino indica cousas diversas e são nomes collectivos ou palavras, que designam a situação do primitivo ou nomes abstractos, procedendo muitos do plural neutro, cuja idea contém, como *oliveira*, *mysterio*, *bandeira*, *baptisterio*, *cegueira*, *lamuria*, *penuria*, *barreira*, etc. *Orius*, em portuguez *orio*, forma adjectivos que significam nomes de agentes e profissões mais nobres que *arius*, exceptuados alguns nomes, como *speculatorius*, *finorio*.

Torius, em portuguez *torio* e *douro* (o ultimo para exprimir possibilidade) indica o que serve para fazer a acção e produzir certo estado; applica-se a pessoas e cousas, como *amatorius*, e formou-se tambem de *or*, parecendo que a esta formação não se podem accommodar os suffixos *tura* e *sura*, como *pictura*, *mensura*. Para que *sor* e *sura* sejam formados de *or* e *ur*, é necessario suppor estes como primitivos. Se se at-

tender ao que ficou dicto no n. 89, o suffixo primitivo é *as*, que se pode modificar em *or*, *ur* e *us*. Quando estes suffixos se ajuntam ao supino em *tum*, n. 91 ou *sum*, e significam nomes de agentes e outros, o *t* e o *s* não pertencem ao suffixo, mas ao thema ou radical, e então se deve dividir assim: *ante-cess'-or*, *dimens'-or*, *venat'-or*, *imperat'-or*, e com ampliação: *divers'-or-ius*, *senat'-or-ius*. (Veja-se suffixo *tar*).

Sya. Veja-se *ya*.

Sivo. Veja-se *tavya*.

§ 72. *Ta*, suffixo que Bopp dá como secundario, precedido da vogal de ligação *i*, tambem se ajunta a substantivos e forma adjectivos, que se podem considerar como participios passivos vindos de verbos denominativos: em latim temos assim formados: *barbat-us*, *turri-tus*, *versû-tus*, *jus-tus*, *nefas-tus*, *sceles-tus*, *robust-us* (*robur* em vez de *robust*, *robustis*), *honest-us* (*honôr-is* *honoris*). O latim gosta de alongar a vogal que precede ao suffixo e por isso alonga o *u* da quarta declinação, o *i* da terceira, o *u* inorganico da segunda (*nasû-tus*) e o *i* ampliativo dos themas nos acabados em consoante (*marî-tûs*, *patri-tus*). Em latim ha mais em *étum* os mencionados no n. 116.

Com o suffixo feminino *tâ* tambem se formam em latim nomes abstractos, como *senec-ta*, *juven-ta*, *vindic-ta* (alguns dos quaes deram em portuguez nomes em *tude*, como *senec-tude*, *juven-tude*, *mansue-tude*), havendo tambem em latim o suffixo *tudo* a par de *tas*, entre os quaes, segundo Aulo Gellio, não existia differença alguma. *Tudo* ajunta-se a adjectivos de duas ou trez formas; de *æger* formou-se *ægrî-tudo* e *ægrî-tas*, de *altus* *alti-tudo*. Quando o radical acaba em *t*, acrescenta-se-lhe só *udo*, porque este *t* já é a suffixo de que se deriva *tudo*, isto é, *tus*, *ta*, *tum*, como veremos, quando tratarmos do participio do passado. Alem d'estas ha ainda em latim a terminação *éto*, de que adiante trataremos.

115 Dos suffixos sanskritos *tâ*, *tât*, *tâti* derivaram-se *ta*, *tât*, *tât*, em portuguez *tade*, *dade*, *tude*. Foi o

primeiro que, combinando-se com *as*, fez *tas*, que tambem pode ser o suffixo *as* com a letra euphonica *t*, e que se accrescenta a radicaes de adjectivos com a vogal de ligação *i* ou sem ella; os adjectivos em *ius*, intercalam um *e* e fazem *ietas*, como *pietas*, de *pius*, segundo o Dr. Sousa. Tambem formam-se substantivos em *tas* de radicaes de substantivos, como *auctoritas* de *auctor*. Os nomes formados com *tas* designam, como os em *ia*, e *entia*, uma idea abstracta, que ainda tem relação com a realidade de que é abstrahida a qualidade significada por essa idea, ao passo que o substantivo neutro expresso em portuguez, como em grego, pelo adjectivo precedido do artigo *o*, designa a mesma idea em abstracto. Como o latim não tem artigo, esta ultima idea é significada pelo adjectivo na terminação neutra no singular ou plural, suffixos n. 83 e 84. Diez apresenta mais os suffixos *ed-in*, *id-in*, *t-ud-in*, como em *dulc-edo*,—*ed-in-is*; *lib-id-o*,—*id-in-is*; *amarit-ud-o*,—*ud-in-is*, em portuguez *ume*, como *consuetudo*, *costume*; em *ura*, como *dulcedo*, *doçura*; em *idão*, como *multitudo*, *multidão*.

146 É preciso suppor nestas formas a mudança do *t* em *d*, como no suffixo *idus*, que está por *itus*, e no portuguez *amado* por *amato*, *vestido* por *vestito*; em latim *quadráginta*, *quadruplex*, *quadruplus*, por *quatraginta*, etc. É por isso que o *d* dos suffixos *ed-in*, *id-in*, *t-ud-in* está pelo *t* do suffixo sanskrito *ta*; *dulcedo* por *dulceto*, *libido* por *libito* (por *libeto*), *amartudo* por *amaritudo*, nomes que, segundo Bopp e Pott, formam-se de verbos denominativos da segunda conjugação: *dulcere*, *libere*, *amarere*. *T-ud-in* é o mesmo suffixo *tudo* de que já tratamos, § 71, ampliado de *tút*, derivado do sanskrito *tát*, ou de sua ampliação *táti*. Suppostos os referidos verbos denominativos, é d'elles que podem provir as formas portuguezas em *eto*, que são collectivas, § 71.

O suffixo vedico feminino *táti* emprega-se como *tá*, de que é congenere e derivado, para a formação de nomes abstractos femininos, como de *déva*, *déva-*

tati, em latim de *divus divinitas*, em portuguez *divindade*, de *divino*, de *Deus*, *deva*.

117 Os substantivos em *tas* distinguem-se dos em *atio* por designarem uma qualidade expressa pelo adjectivo de que se formam e de que nascem verbos as mais das vezes activos, de cujo supino se formam os nomes em *atio*, segundo o Dr. Sousa, para designar a acção de fazer o que é expresso por esse adjectivo, como *obscuritas* a qualidade de *ser obscuro*, e *obscuratio* a acção de *fazer obscuro*. Como dissemos que não ha um suffixo *io*, mas *on*, parece-nos que *atio* não se compõe de *atum* e *io*, mas de *atum* e *on* com a vogal de ligação *i*, ou com enfraquecimento de *u* em *i* e supressão do *m* do supino. Entre *ia* e *tas* quase não ha outra differença, segundo o mesmo auctor, citando Forcellini, senão indicar um o que é natural e outro a acção. *Quasi illa (ferocitas), naturam, haec (ferocia) actionem significet.*

118 Os suffixos *i-ta*, *i-tes* (em portuguez *ita*, *ite*), designam nomes de pessoa, como *erem-ita*, (grego *ἐρημικος*, ermo), *jezu-ita*, *moscov-ita*, e de cousas, como *hepat-ite*, pela maior parte termos scientificos: são formados de *ta* com a vogal de ligação—*i*.

119 *Att*, *ett*, *itt*, *ott*, que Diez apresenta como de origem obscura, não são latinos, e parecem de proveniência celtica ou allemã, mas isso não impede que se lhes possa attribuir a mesma origem que a *a-tus*, *e-tus*, *i-tus*, *o-tus*, *u-tus*, isto é, o suffixo sanscrito *ta*, accrescentado a substantivos para a formação de nomes como *opi-a-to*; e a prova é que o italiano tem *mel-a-to*, que o portuguez não possui, mas que corresponde a *melado*. *Att* designa sobretudo a proveniência; *ett* e *itt* são diminutivos; *ott*, em portuguez *oto*, *ote*, exprime degeneração do primitivo sobretudo quanto a grandeza, quantidade ou pertença, e é também diminutivo em portuguez *capote*, *galeota*, *pelote*, *garrote*, que parecê diminutivo (o thema sanscrito *go vacca*, boi, parece que deva ser o primitivo); *bolota* (de *bola?*), etc.

120 *Tana*, com que se formam adjectivos derivados de adverbios de tempo, em latim *tino*, acha-se em *cras-tinus*, *diu-tinu-s* (de *dicâ-tana-s* diurno) e parece provir de *ta* e *na*, themas pronominaes sanskritos. Com o alongamento ha: *vesper-tinus*, *matutinos*. As formas como *hes-te-r-nu-s*, *sempite-r-nu-s* (*sanâ-tana-s* ou *sanâ-tâna-s*), *æ-te-r-nu-s* inseriram um *r* inorganico antes do *n*, salvo se o thema é *hester*, *sempiter*, *æter* (*æviter*), ás quaes viesse ajuntar-se o suffixo derivativo *no*. A primeira explicação tira da verosimilhança as formas *hodie-r-nu-s*, *noctu-r-nu-s* e outras semelhantes, que provavelmente tomaram o suffixo *no* e depois inseriram um *r* antes do *n*, como *albu-r-nu-s*, vindo de *albus*, *luce-r-na* de *luceo*, podendo tambem ser o *r* metamorphose do *s* do nominativo, não obstante não estar entre vogaes, como é mais comium, porem no fim da palavra, e neste caso estar *alburnus* por *albus-nu-s*.

§ 73. Em latim o suffixo *ti* ampliou-se com diversos complementos, como *cani-tia*, *pigri-tia* (com *tia*), *pueri-tiês*, *cani-tiês* (com *ti-ê-s*). O *i* antes de *t* parece enfraquecimento da vogal final do thema primitivo. Como neutro pode-se citar *servi-ti-u-m*. Outra ampliação é em *on*: d'ahi *ti-ôn* (nominativo *tiô*), como *cocti-ô*, *fis-si-ô* por *fis-ti-ô*, tambem por *fid-ti-ô*, *sta-ti-ô*, *i-ti-ô*, ao lado do qual eacontra-se *i-tiu-m* no composto *ini-tiu-m*, cujo suffixo é o mesmo que o de *servi-tiu-m*, que Aufrecht faz vir, diz Bopp, de themas do participio em *to*.

Os nomes abstractos em *ti-ôn*, *si-ôn* tambem podem provir do participio passivo pela addição de *iôn*, como *coctiô(n)*, que viria de *coctus*, *mot-iô(n)* de *motus*, *miss-iô(n)* de *missus*, como acima *communi-iô(n)* de *communis*, *un-iô(n)*, de *unus*; mas, note-se, *iô* deriva-se de *ya* de que adiante trataremos e differe de *i-o*, com a vogal de ligação *i* e o breve por *on* de *an*, § 59.

Subsistem em latim restos da formação em *ti*, como *tracti-m* com *tracção*; *cur-si-m* com *curso*; *æ-si-m*

com golpes, *con-fer-tim* com amontoamento; *pas-si-m* (por *pas-ti-m*, como *pas-su-s* por *pas-tu-s*) a cada passo, de uma raiz perdida, que significava andar, talvez sanskrito *pad* ón *path* ir, da qual veio *pont* (a ponte), *pathin*, *panthar*, caminho (*pe*, tupi). Conservaram a formação antiga os declinaveis *mes-si-s* por *mes-ti-s*, a messe; *tus-si-s*, a tosse; *semen-ti-s* de *semen*, porque, se fosse de *semino* daria *semin-â-ti-s*. *Mors* e *mens* parecem ter perdido o *i* final do thema *mor-ti*, *men-ti*.

Este suffixo serve tambem em latim, como em sanskrito, de formar substantivos, cujo sentido primitivo é designar o que faz a acção, como *poti-s*, *vec-ti-s* de *veho*. É possível que os derivados nominaes *coelesti-s*, *agres-ti-s* tenham só *ti* por suffixo, sendo o *s* prothese euphonica, que Pott explica como unido a *ti*, pela raiz *stha*, como o de *campe-stri-s*, *terre-stri-s*, *silve-stri-s*, devido a predilecção do *t* em latim de se apoiar em *s*: *ti* seria então o verdadeiro suffixo de *tór*, igual ao sanskrito *tár*, feminino *tri*. Bopp considera o *i* de *e-sti-s* como alteração do *i*, devida ao grupo de consoantes que se segue.

§ 74. *Tu*. Este suffixo dá em latim *tus*, *ta*, *tum*, formando nomes abstractos, nomes de agentes e appellativos em sanskrito, de cujo suffixo secundario *âtu*, com a inserção do *â*, formam-se em latim nomes abstractos em *âtus*, como *princip-â-tu-s*, *consul-â-tu-s*, *patron-â-tu-s*. Mas estes nomes são simplesmente copiados de substantivos abstractos em *âtus* derivados de verbos da primeira conjugação, denotando abundancia da cousa de que se é provido, como *barb-â-tu-s*. Do mesmo modo *sen-â-tor* é formado a imitação dos nomes de agentes, como *am-â-tor* e *jan-i-tor* (por *janna-i-tor*) e *ol-i-tor* (por *oler-i-tor*), o são como *mon-i-tor*, como em grego.

121 Em portuguez *âtus* tornou-se *ado*, talvez por intermedio do gothico em virtude da lei da substituição de consoantes, e conforme as conjugações, *itus* *ido*, formado de substantivos em *is*, genitivo *is*, como

crin-itus. É provavel que do mesmo suffixo com enfrachecimento do *i* inserido, se formasse o suffixo latino *utus*, que figura nos adjectivos *corn-utus*, *ast-utus* e outros, denotando grande desenvolvimento ou delicadesa, quando o nome for de uma parte do corpo ou membro, como *nas-utus*, o que tem o nariz grande ou delicado. Ao latino corresponde o suffixo portuguez *udo*, denotando já alguma cousa de grosseiro e commum, como *nariq-udo*, *barrig-udo*. É tambem provavel que do suffixo *an*, combinado com este se formasse o suffixo *bundus*, n. 94.

O suffixo *atus*, composto de *a* e *tu* (*tus*), tambem designa empregos e dignidades; forma substantivos verbaes e ajunta-se a nomes de pessoas. Os adjectivos assim terminados derivam-se de substantivos, como os terminados em *itus*, *utus*, sendo os ultimos formados de *tu* com substantivos da quarta declinação; todos designam a posse. Os da segunda forma são mais raros; os da terceira são tanto mais numerosos, quanto exprimem grão intenso da posse do primitivo. Existem numerosos substantivos femininos em *ada*, que denotam: 1.º, abundancia, mas as vezes excedem a idea do primitivo, como *dinheirada*, *porcada*; 2.º, o que o primitivo contem, como *dedada*, *colherada* (masculino *punhado*), e periodo de tempo, como *incernada*; 3.º, acção produzida por um instrumento, como *cutilada*, *estocada*, sentido que designa o kymri com um suffixo *at* (veja-se *att*, *ett*, *itt*, *ott*); 4.º, a acção sobre o primitivo, como *palmatoada*; 5.º, producto obtido do primitivo, como *cocada*, *marmelada*. Existe tambem em portuguez um numero importante de substantivos em *ido*, derivados de verbos da primeira conjugação, que exprimem barulho, como *bramido* de *bramar*, *ladrido* de *ladrar*, e referem-se a exemplos latinos da quarta declinação com significação analogá, como *ginnitus*, *hinnitus*, *rugitus*. Diez, II, 331. *Idus*, composto de *i* e *tas* com mudança de *t* em *d*, forma adjectivos, que designam em grão assaz elevado a qualidade ou estado da

pessoa ou cousa expresso pelo radical do substantivo em *or*, como *frigidus* de *frigus*, os quaes tambem podem derivar-se de verbo correspondente, de ordinario neutro, e até de outros adjectivos, como *calidus* de *caleo* e *gravidus* de *gravis*. Forma tambem substantivos com a mesma signiçação que *igo*, § 63, n. 93, e *ago*, junto ao radical do presente do indicativo.

§ 75. Diez apresenta os suffixos *ast*, devido em parte, como diz, a modificação arbitraria de outros suffixos, como *cadaste* ou *codaste*; *estus*, como *modestus*, *modesto*, *honesto*; *ista*, como *legista*, *jurista*, *Evangelista*; *aster*, portuguez *astre*, ou *asto*, como *padrasto*, que designa semelhança incompleta (antes nomes de parentesco, § 76), e tambem geralmente estado peiorativo, parecendo derivados do suffixo *ter* com *as*, *es* por *is*, e *is* e *tra*. Os suffixos *ster*, *stris*, *stis* e *ste*, em portuguez *stre*, *ste*, de que tratamos no § 73, n. 4, designa relação de lugar.

122 *A-ti-us*, *i-ti-us*, *u-ti-us*, *an-ti-a*, *en-ti-a* (em portuguez *acio*, *ez*, *ica*, *u-ja*, *icia*, *ancia*, *encia*), são formados dos suffixos *ti* ampliado, das vogaes de ligação *a*, *i*, *u* e dos suffixos *ant*, *ent* (do participio presente), e *yas* (latino *ia* e *us*), como *pala-ti-um*, *hospi-ti-um*, *lati-ti-a*, *garatuja*, portuguez. Os femininos em *i-ti-a* são abstractos, como *avar-i-tia*, *avareza*. Outra forma d'este suffixo é *i-ti-es*, em portuguez *ez*, *ice*, como *candidez*, *doudice*.

123 Os substantivos formados dos adjectivos em *antia*, *entia*, como *elegancia*, *diligencia*, denotam a acção, estado ou qualidade duradoura e habitual, no que se distinguem dos em *on*, *tas* e *ia*, que significam qualidades simples. *Ia* (veja-se *ya*) se ajunta a radicaes de adjectivos de uma ou de tres terminações e *i-ti-a* aos adjectivos em *us* ou *er*, como *audacia* de *audax*, *perfidia* de *perfidus*, *miseria* de *miser*, *just-i-tia* de *justus*, *pigrítia* de *piger*. Estes dois suffixos exprimem as qualidades abstractas dos adjectivos e especialmente as proprias do homem.

§ 76. *Tar*, *ter*, *tr*. Dos participios sanskritos em

tar deriva o latim as seguintes formas: *tor* para significar nomes de agentes, como *dator*, supprimindo no feminino a vogal do suffixo e substituindo-o por *tri-c*, como faz o sanscrito quanto a *tri* e portuguez a *triz*; *ter*, para significar nomes de parentesco, como *pater*, *mater*, *frater* (que o portuguez muda de *ter* em *dre*, mudando tambem o sentido para *padre*, *abade*, *madre*, *frade*), ao lado dos quaes existe *nepôt*, *neto*; feminino *nepti*, *neta*, que é a forma forte, ordinariamente usada em todos os casos, sendo a fraca *neptis*; forma que parece remontar ao tempo em que todas as linguas indo-europeas formavam só uma, tanto mais que o latim faz differença entre a declinação de palavras como *pater* e a de palavras como *crea-tor*. Os nomes em *tor* regem accusativo, sendo tal suffixo derivado da raiz *tar*, atravessar.

Do suffixo do futuro *tar* o latim tirou uma forma especial *turo*, em portuguez *turo*, *tura*, *duro*, *dura*, e com ella formou esse participio: então o *t* e o *s* pertencem ao suffixo e deve dividir-se assim: *fu-turo*, *candida-tura*, *morde-dura*. É preciso prestar muita attenção a estas formas, porque em rigor não se pôde dizer que, independente dos trez suffixos *rius*, *as* (*or*, *ur*, *us*), *tar*, haja os suffixos *arius*, *erius*, *urius*, *tria*, *orius*, *tor*, *sor*, *torius*, *turius*, *tura*, *surus*, *sura*, variedades d'aquelles trez. Toda difficuldade consiste em ligar o suffixo a raiz: se o suffixo começa por *t* e a raiz acaba em *s*, o *t* assimila-se ao *s*, para fazer *sor*, *surus*, *sura*; se a raiz acaba em *t*, é claro que este *t* não pertence ao suffixo, como em *amat(um)-or* de *amatum*. Em *com-mis-sura* vê-se que o *s* está por *t*, *com-mis-sura* por *com-mis-tura*. *Pen(a)-uria*, *feit-or-ia* explicam-se pela ampliação dos suffixos *ur*, *or* (de *as*) e o mesmo *curad-or-ia*. Deve-se porem observar que a assimilação do *t* pelo *s* só tem lugar, quando a raiz acaba por esta sibilante; se acaba em *x*, igual a *cs*, o *c* da duplice a impede, como em *mixtura*; do contrario se diria *mi'ss-ura*. Se o *t* em *amator* pertencesse ao suffixo, teriamos tambem em portuguez um suffixo

douro em *vindouro* (que se divide em *vind-ouro*), diferente de *turo* latino, quando se vê que esta palavra se deriva de *ventum*, que tem uma dental. Observe-se ainda que as formações em *tura*, *sura*, que Diez divide em *t-ura*, *s-ura*, porque as supõe derivadas do supino, podem ser empregadas no sentido activo e passivo, como *pic-tura* que significa acção de *pintar* e a cousa pintada. Procedem também, segundo Diez, de adjectivos, como *branc-ura*, *gord-ura*, mas aqui o suffixo já não é o do participio do futuro, — *tura*, mas *ur* transformado de *as*.

124 Outra forma do suffixo *tar* em latim é *tro*, com o qual se exprimem nomes de instrumentos, como *arâ-tru-m*, *fulgê-tru-m*, *fulgê-tra*, *verê-tru-m*, cujo *â* e *ê* pertencem ao thema verbal, advertindo que o *â* da primeira e o *ê* da segunda conjugação tem a mesma origem. Mas, como o *ê* d'esta é menos persistente que o *â* d'aquella e o *i* da quarta, teremos *mulc-tra*, *mulc-tru-m*, *mon-s-tru-m*, e não *mulgê-tra*, *monê-tru-m*. Em *lus-tru-m*, *flu-s-tru-m* ha um *s* euphónico sem ser precedido de *n*. *Vi-tru-m*, vidro, considerado como instrumento que faz vêr, perden o *d* da raiz, *vid*. Devia-se esperar *vis-tru-m* por analogia de *ras-tru-m*, *clau-s-tru-m*, *ros-tru-m*, *cas-tru-m*. As palavras derivadas de verbos da terceira conjugação ajuntam immediatamente o suffixo a raiz, conforme o antigo principio, pelo qual a vogal característica não sahe do presente nem do imperfeito. Temos, por exemplo, *ru-tru-m*, *spec-tru-m*. Devia-se esperar na quarta conjugação — *i-tru-m* em face de *â-tru-m* e *ê-tru-m*. É verdade, diz Bopp, que *haurio* faz *haus-tru-m*, mas isso está de accordo com as outras anomalias d'este verbo.

§ 77. *U*, suffixo identico ao thema demonstrativo sanscrito *u*, do qual derivam: 1.º adjectivos, como *ten-u-is*, delgado de *tan-û*; e se em latim não ha adjectivos d'esta classe é porque os acabados em *u* accrescentam um *i* inorganico no fim, como *gravi* de *gurû* por *garû*; 2.º appellativos, como em latim *curr-u*

a carroça (o que corre), e talvez *acu* de *aç* por *ak* (§ 63), que entre outros sentidos tem o de penetrar. Com poucas excepções as palavras portuguezas em o d'esta derivação correspondem ás latinas.

§ 78. *Va*, suffixo que forma em sanskritto appellativos que exprimem o que faz a acção, e alguns adjectivos. O accento de ordinario cahe na syllaba radical, como *ác-va-s'* cavallo, litteralmente corredor. Em latim devia mudar-se em *u* o *v* precedido de consoante que não seja *r*, *l*, ou *q* (*qu* igual a *cv*), e por isso encontra-se *uo*, masculino *uus*, igual ao sanskritto *va*, nos adjectivos *de-cid-uus*, *oc-cid-uus*, *tor-vu-s*, *pro-ter-vu-s*, *al-vu-s* (litteralmente o que nutre, *alo*, alimentar). Temos *i*, como vogal de ligação em *cad-i-vus*, *re-cid-i-vus*, *vac-i-vu-s*, *noc-i-vu-s*; e com significação passiva *per-spic-uu-s*, *in-gen-uu-s*, *pro-misc-uu-s*. O suffixo *va* vem do thema pronominal de que se formou a enclitica *vat*, como, e a particula *vá* ou, como (latim *ve*). Este suffixo junta-se ao radical do presente do indicativo, como diz o Dr. Sousa; se o verbo é activo, o adjectivo tem sentido passivo; se é neutro aproxima-se do sentido activo, e, exprimindo a maior parte d'estes adjectivos a qualidade, passaram ao portuguez com o suffixo *uo*. A qualidade, que elles exprimem, é o mais das vezes natural ou, pelo menos duradoura, e no sentido passivo aproxima-se do da terminação *bilis*. Com a terminação *ve*, *vo* passou o mesmo suffixo para o portuguez nos adjectivos mencionados, com a vogal de ligação ou sem ella, separado ou em composição, sob a forma *vi*, como *al-vi-no* (do ventre). O suffixo *vus* differe de *bilis* em que o primeiro é activo e indica a aptidão, propriedade de fazer alguma cousa, e se chama desinencia facultativa activa, o sêgundo é passivo e indica a aptidão e propriedade de ser feita alguma cousa, e se chama desinencia facultativa passiva, como *comparat-i-vu-s* e *compara-bilis*.

O suffixo *vq* forma tambem substantivos femininos, como *gengi-va*, *sali-va*. Este suffixo exprime tambem

o modo com que alguma cousa se fez, ou a continuação de um estado já operado, sentido do imperfecto *ava* (*abam*) de *bhu*, ser. Junto a bases nominaes exprime o que pertence a alguma cousa, em portuguez *ivo*, *Suffixos* 151. *Acus* e *ivus*, em portuguez *aco*, *ivo*, procedem do suffixo *va*, com as vogaes de ligação *a* e *i*, como *oct'-a-vus*, *capt'-i-vus*. *I-vus* unido ao supino em *tum* (infinito sanskritto em *tu*), dá *t-i-vus*, correspondendo assim a *tavya*, § 81, que é a forma do participio do futuro passivo sanskritto. Se o supino é em *sum* o *t* de *t-i-vus* assimila-se ao *s* do supino e dá *s-i-vus*, em portuguez *tivo* (*adopt-ivo*), *sivo* (*corro-s-ivo*). O *s* e o *t*, portanto, não pertencem ao suffixo, n. 91.

§ 79. *Ván*, que parece-nos composto de *va* e *na* com perda do *a* do ultimo, dá: 1.º, adjectivos com a significação do participio presente, só usados no fim de compostos; 2.º, nomes de agente; 3.º, appellativos, como *ruh-van* (*ar-vo-re*), litteralmente—o que cresce. Em latim a *van* corresponde *lent*.

125 Do suffixo do participio perfeito feminino sanskritto *ushi*, forma masculina *vans*, suppõe Bopp derivado o latino *osus*, portuguez *oso*, como *formoso*, perdendo a semivogal e a nazal e ampliando-se com uma vogal final. Diz Diez que *oso* se une a substantivos para formar adjectivos, que significam posse ou plenitude da posse de alguma cousa, mas que no latim da decadencia já aparecem formas menos rigorosas nascidas de sua junção com adjectivos e até, segundo parece, com verbos: 1.º, *ingeniosus*; 2.º, *sonorosus* (de *sonorus*); 3.º, *raposo* (de *rapio*), e no feminino *ventosa* (de *vento*). Os nomes da quarta declinação conservaram o *u* (ao contrario dos da segunda, *ingeni'-osus*) e fazem em *uosus*, como *fructu-osus*, inserindo um *u* alguns dos d'essas duas declinações, como *montuosus*. Segundo o Dr. Sousa ha uma gradação entre *idus*, que vai da qualidade simples até certo gráo de abundancia; *olentus*, que manifesta essa abundancia pela apparencia e *osus*, que denota a plenitude d'ella e tem

sentido activo, se o que a possui é pessoa e passivo, se é cousa. «*Homo religiosus, id est, qui amat et colit religionem; sepulcra, monumenta; ille adorat, haec adorantur*».

§ 80. *Ya*. Este suffixo serve para formar nomes abstractos em latim, em que aparece sob a forma *iu-m*, sendo o *m* signal do genero neutro dos nomes abstractos, cujo instrumental sanskrito, segundo Bopp, forneceu os gerundios em *ya*; taes são: *od-iu-m*, *gaud-iu-m*, *stud-iu-m*, *diluv-iu-m*, *dissid-iu-m*, *incend-iu-m*, *excid-iu-m*, *obsid-iu-m*, *sacrific-iu-m*, *obsequ-iu-m*, *conjug-iu-m*. Como em sanskrito, estes nomes são quase todos compostos. *Ya*, como suffixo secundario neutro ajunta-se em latim a themas nominaes, que perdem a vogal final, excepto *u*, para formar nomes abstractos, como *mendac-iu-m*, *arti-fic-iu-m*.

O feminino d'este suffixo, *yâ*, como primario, entra na composição de nomes abstractos acabados em *ia*, *ie*, como os neutros em *io*, *iu*, como *ined-ia*, *invid-ia* (salvo se vem de *invidus*), *vindem-ia*, *desid-ia*, *insid-ia*, *excub-iaë*, *exsequ-iaë*, *diluv-iaë-s*, *pernic-iaë-s*, sem primitivo, porque não é provavel que venha de *perneco*; em geral os verbos da primeira conjugação não deram abstractos d'esta especie.

Ajuntando um *n* inorganico e mudando o *â* em *ô*, *ya* tornou-se *iôn* em alguns themas femininos abstractos, como *contag-iô* (genitivo *contagionis*), *su-spici-iô*, *obsid-iô*, *ambag-iô*, *cap-iô*. Como suffixo secundario o temos em *capac-ia*, *feroc-ia*, *infant-ia*, *inert-ia*, *concord-ia*, *inop-ia*, *perfid-ia*, *superb-ia*, *pauper-iaë-s*, *barbar-iaë-s*, *un'-iô(n)*, *tal'-iô(n)*, *commun'-iô(n)*, *rebell'-iô(n)*.

O Dr. Sousa diz que este suffixo se ajunta ao radical do presente do indicativo e exprime a acção mesma em seu resultado, lugar em que se faz ou a reunião de pessoas, que a fazem, podendo tambem ajuntar-se a bases nominaes, nomes de pessoas, como *Mar-ia-s*, *Octav-ia-s*, *Octav-ia*, *Non'-ia-s*, *Non'-ia*, formando nomes abstractos, mas já com o suffixo secun-

dario e tambem adjectivos, como *e-greg-ii-s*, *soror-ii-s*, *lud'-ii-s* (de *ludus* e não de *ludo*).

O thema perde em sanskritto a vogal final, excepto *u*, sendo ferido de guna, como *nipu-~~nas~~*, *naipu~~na~~-ya-m* destresa, em latim *mendac-ii-m*, *artific-ii-m*, *consort-ii-m*, *jejuni'-ii-m*, *conviv'-ii-m*. As formações latinas, que, como vimos, acabam em *ia*, *ie*, accrescentam ao radical alguma cousa de exterior, saliente e visivel e são nomes abstractos femininos. Como os gerundios em *ya* e os neutros em *io*, *iu*, a maior parte são palavras compostas, como *in-ed-ia*, *de-sid-ia*, sendo o suffixo junto a radicaes de adjectivos. *Iês* em portuguez torna-se *ie*, como *immundic-ie*, *estultic-ie*, perdendo o signal casual, —s.

Com os themas abstractos latinos em *ion*, femininos, concordam os gothicos em *jón* (nominativo *jó*), como *con-tag-ió*, *su-spic-ió*, *ob-sid-ió*; é do gothico que, parece, procedem o suffixo portuguez *gio*.

O suffixo *ya* ainda deixou em latim restos do participio futuro passivo, que d'elle se forma, como *ek-im-ii-s*, *ex-im-endus*. *Ge-nii-s* e *in-gen-ii-m* pertencem pela forma a mesma classe de palavras. Com *ingen-ii-m* concorda tanto na raiz, como no suffixo o gothico *kun-ja*, raça, tendo o *n* inorganico, o que se mostra no quichua *runa*, raça, sanskritto *ruh*, crescer, tupi *ru*, accrescentar. *Ya* é idêntico ao thema relativo sanskritto *ya*, sendo tambem o signal do verbo passivo sanskritto.

126 D'este forma-se o suffixo *sya*, secundario, derivado do demonstrativo sanskritto *sya*, e conservado em poucas palavras, das quaes se pode aproximar, suppondo-as mais numerosas, o suffixo *rio*, latino, sempre precedido de um *â* (mudado o *s* em *r*, por ficar entre vogaes), como *tabell'-â-rius*, *contr'-a-rius*. Se, pelo contrario, o *r* é primitivo, *rio* será ampliação do suffixo *ri*, pois existe, ao lado de *palm'-â-rius* uma forma *palm'-â-ri-s*. Em uma e outra hypothese deve-se separar do suffixo propriamente dicto o *â*, que se explica como o de *princip'-â-tu-s*, *sen'-â-tu-s*, § 74.

Este suffixo indica o que pertence, é conforme ao character ou genero de, como *pat-riu-s*, *soro-rii-s*.

127 Forma-se tambem *tya*, provavelmente identico ao thema *tya*, que se compõe dos dois *ta* e *ya* e forma adjectivos paroxytonicos (palavras graves), derivados de indeclinaveis, como *ihá-tya-s*, de *iha*, aqui; em latim *propi-tiu-s*, de *prope*.

128 É tambem provavel que do mesmo se forme o suffixo *eya*, secundario, empregado nos mesmos usos que *ya*, de que parece (Bopp) ampliação phonetica, com accento sobre a syllaba final do suffixo ou sobre a inicial da palavra derivada, como *átr'-éjá-s*, filho de *Atri*, correspondendo em latim a *eu-s*, como *flor-eus*, *argent'-eus* (perdendo o diphthongo sanskritto seu segundo elemento), *Pomp'-éju-s*, *pleb-eju-s*, *Petr'-eju-s*, *Lucc'-éju-s* (com consonificação da vogal, ou *i* palatal, conforme Diez), em que *eya* se conservou. Os adjectivos em *eu-s* são derivados de nomes proprios romanos e significam tambem a materia de que a cousa é feita ou a simples semillhança, como *vitru-eu-s*, *ros-eu-s*, correspondendo tambem aos gregos em *eys* em casos raros, como *Halicarnac-eu-s*. Talvez se possa ver tambem em *ensis* o suffixo do participio presente, combinado com o mesmo suffixo *as*. Neste caso *ens-is* (*is* por *as*) daria em *Carthagin-en-si-s* o que habita Carthago, litteralmente o que está habitando em Carthago. Com effeito *ensis* dá uma certa idea de permanencia, morada e descendencia, segundo Diez. A *ensis* corresponde em portuguez *ez*. Ha tambem adjectivos em *ensis*, portuguez *ense*.

§ 81. *Tavya*, que corresponde ao latim *tivo* (*sivo*) e *aniya*, são dois suffixos sanskritos que servem, alem de *ya*, do qual parecem compostos, de participios futuros passivos. Ambos exigem guna; o primeiro toma o accento sobre a primeira ou segunda syllaba, o segundo tem-n'ó sempre no *i*. *Tavya* conservou mais fielmente a forma, *aniya* o sentido. Todavia a significação passiva não desapareceu completamente no latim e se mostra, por exemplo, em *cap-tivu-s*, *na-*

tivu-s, *abu-sivu-s* (por *abus-tivu-s*), *adjec-tivu-s*, *coc-tivu-s*. A reprodução exacta de *tavya* em latim seria *tavió*, do qual talvez veio, por enfraquecimento do *a* em *i*,—*tivio* e d'ahi *tivo*, seja porque o primeiro *i* tenha sido alongado pela perda do segundo, seja porque este tenha passado para a syllaba precedente, e misturando-se com o outro *i*, tenha produzido a syllaba longa. Os participios futuros passivos em *tavya* derivam-se dos themas infinitos em *tu*, e o suffixo *aniya* dos nomes abstractos em *ana*, que muitas vezes se põe em vez do infinito, e *iya*, que algumas vezes, como *ya*, significa: *digno de . . .*

Resta tratar dos suffixos seguintes:

§ 82. *Ald*, *ard* são suffixos allemães, em portuguez *auto*, como *arauto*; mais frequentes nos nomes de pessoa, como *Arnaldo*, *Geraldo*, *Lisardo*, etc. Talvez se derivem de *la* e *ra*, combinados com *tu*.

§ 83. *Arr*, *orr*, *urr* restringem-se quase absolutamente ás linguas hespanhola e portugueza e por isso Diez suppõe um elemento iberico. Compostos com *arr* temos: *bizarro*, *homemzarrão*; com *orr*: *cachorro*, *pitorra*, *cachamorra*, *gangorra*; com *urr*: *casmurro*, *murro*, os quaes parecem indicar intensidade, vehemencia, augmento na acção ou cousa significada pelo primitivo.

§ 84. *Ing*, *ling* também são allemães, em portuguez *engo*, *lengo*, como *flamengo*, *carmelengo* e formam substantivos e adjectivos. Temos mais *abbadengo*, *realengo*, *solarengo*, *mulherengo*; parecem dar uma idea depreciativa ao nome.

Os suffixos proprios dos diminutivos, augmentativos, collectivos, participios, verbos e outros d'esta natureza serão tratados nos lugares competentes.

LICÇÃO 11.^a

DAS PALAVRAS RAIZES E REGRAS DE COMPOSIÇÃO.

§ 85. Chama-se palavras raizes as que são privadas de suffixos. Bopp § 909. São palavras raizes em latim *duc, reg, fic, lic, dic, ic, cip, cup, sul, sid, cud, jug*, que se apresentam sob as formas *duc(s)*, signal do nominativo *dux*), *duc(o)*, característica, *duco*), *rec(s)*, *fac(-i-o)*, *dic(o)*, *cup(i-o)*, *sal(i-o)*, *sed(e-o)*, *ju(n)g(o)*, em composição ou isoladas, como *dux, con-duc-tor; facio, arti-fic-e; capio, prin-cip-io*, etc. Algumas d'estas palavras só se empregam em composição, como *in-cud-e, in-cub-o*.

129 Em latim, como em sanskrito, observa-se a intercalação de um *t* euphonico no fim de certas palavras raizes, como *it, com-it, equ-it, st-it* por *st-at, super st-it, antist-it*. Pott aproximou depois *pari-et, Curtius indig-et*, mas isto parece ter lugar com palavras raizes de significação concreta, como em grego: nas de significação abstracta conservou-se a característica da decima classe. Temos em latim *qui-ét*, feminino, raiz *qui*, característica *é* por *aya, ay*, segunda conjugação, e *t* euphonico. Pode-se tambem aproximar *im-pl-é-vi, im-pl-é-tus, im-pl-é-s* de *qui-é-oi, qui-é-tus*. Em latim, como em sanskrito vedico, emprega-se como infinito certas palavras raizes de significação abstracta das quaes Aufrecht e Kirchhoff aproximaram os infinitos oscos *deikum (dicere), akum (agere), moltarum (multare)* e umbrios *asferu (asero), eram (ero, esse)*, que Bopp classifica na segunda declinação, porque em sanskrito as formações feitas com o suffixo *a* (§ 58) se empregam como infinitos, do contrario essas palavras oscas e umbrias fariam em accusativo *deik-im, ak-im*, por analogia dos nomes da da terceira declinação latina. D'estes exemplos Curtius aproxima o latim *venum (venundo, ponho ou dou a venda)*, dativo *veno, venui*, ablativo *veno*, que a principio devia pertencer a segunda declinação, por-

que o *u* da quarta não se encontra como suffixo formativo de nome abstracto, ao passo que o *u* da segunda (*o*) corresponde a numerosos abstractos masculinos sanskritos. Além de *veno* temos *ludo* e talvez *joco*, cuja raiz é incerta.

130 Duas palavras raizes muito empregadas em latim e portuguez, *ber* e *fer*, ambas derivadas do sanscrito *bhar* ou *bha*, zend *barāmi*, armenio *berem*, grego φέρειν (*phérein*), slavo antigo *berun*, gothico *baira*, antigo alto allemão *bere*, medio *berent*, moderno *bär*, saxonio antigo *berad*, anglo-saxonio *beradh*, norrico antigo *berand*, são apresentadas pelo Dr. Sousa como suffixos com a significação de levar, carregar, conter, trazer, levar diante de si, apresentar o que é expresso pelo radical. Assim *lugubris* (lugubre) é o que traz, veste *luto*; *saluber*, o que dá saúde, *salubre*; *lucifer*, o que traz luz.

§ 86. A formação de palavras novas, diz Diez, pode effectuar-se de dois modos: ou ajuntam-se a palavras sem flexão letras que lhes modificam a significação, e é a *derivação*; ou ajuntam-se muitas palavras para significarem uma idea, e é a *composição*, sendo todas as palavras aptas para estes dois processos.

Há duas especies de suffixos: ou elle é o signal grammatical, pelo qual se distinguem as partes da oração, ou tem só por fim modificar as ideas do radical. A primeira derivação é *impropria* e a ella pertence a composição com os suffixos *are*, *ere*, *ire*, juntos as raizes *am* (por *kam*), *deb*, *teg*, *vest*, para formar os verbos *amare*, *debere*, *tegere*, *vestire*; a segunda é a *propria*, e a ella pertence o suffixo *ilis* junto ao radical *amab*, para formar a palavra *amabilis*. É verdade que os suffixos da primeira classe são igualmente derivativos, e, desaparecidas as letras de flexão latina, elles as substituem de modo decidido, se não desaparecem tambem, extinguindo-se sua significação. Todavia deve-se distingui-los dos de formação propria, que contem ideas. Os suffixos latinos figuram nas linguas derivadas, mas elles não

se applicam do mesmo modo aos radicaes, por já não serem muito aptos para as novas formações e por isso ficaram petrificados, por já terem as linguas novas elementos equivalentes e haverem elles perdido na latina em vitalidade e significação, como os suffixos *bulus, bra, elis, monium, ester, uster, uis*, conservando vivas e productivas as formas mais importantes em virtude de sua significação bem determinada.

131 Os pontos mais importantes na forma e sentido sobre a derivação são, segundo Diez: 1.º os suffixos, inclusive as vogaes de ligação, para serem applicados a novas derivações, devem ser syllabicos e ter accento tonico, não hesitando as linguas novas em dar-lhes este accento, quando são atonicos, não obstante conservarem as palavras a accentuação antiga, como *angustia*, transmittidas pelo latim, e haver exemplos de suffixos productivos sem accento: mas seu emprego é restricto, como *eus, ica*, ou tem sentido obscuro, como *ulus*, por datarem dos primeiros seculos da lingua, apresentando-se agora como desenvolvimentos puramente phoneticos sem significação individual: 2.º, os suffixos devem ser submettidos as mesmas leis phonicas que os radicaes, sendo reproduzidos completa e fielmente, como em portuguez em que o *r* e *l* são mais firmes no suffixo do que no radical. As vogaes breves são em geral consideradas longas, quer tenham tido o accento tonico primitivamente, quer depois, e não passam de uma vogal a outra, como *ia*, que é sempre *ia* e nunca *ea* ou *iis*. Nas formas petrificadas não tem importância a vogal, que pode ser contrahida, nem a consoante que pode desaparecer, como em *frio* de *frigidus*; *limpo* de *limpidus*; 3.º, os suffixos em portuguez são submettidos a modificações resultantes das leis phonicas d'esta lingua, com tanto que não confundam as formas; assim *n* se muda em *m*, como *espadim*, em que se reconhece facilmente o antigo *espadin*; mas *jogral* de *jocularis*, conduz falsamente ao suffixo *alis*, existindo

alem d'isso formas romanas nas quaes muitas latinas vieram confundir-se regularmente, sendo difficil, ainda recorrendo á significação, distinguir a terminação, que que lhes pertence historicamente; 4.º, não obstante regularem-se as linguas novas na applicação dos suffixos pela latina, o portuguez as vezes desvia-se d'este modelo. *Bilis* só deve adaptar-se a *themas* verbaes, *ura* ao *sapino*, bem como *or*, *tor* e *sor*, que tambem se applicam em romanó ao infinito; mas temos *favoravel* de *favor* e não de *faveo*; *altura* de *alto*; 5.º, acontece que os suffixos romanos se unem a radicaes latinas, que só existem em derivados, como *acabar* de *caput*, havendo já em latim exemplos da passagem usual de derivações com *ulus* para derivações com *ellus*. São raros os exemplos d'estas formações, que em geral consistem em uma simples mudança de suffixos. Mais rara ainda é a que consiste na ligação de um suffixo, não ao radical, mas a flexão, isto é, a forma do nominativo, tornada assim parte complementar da palavra, como *manus-e-ar* de *manus*; 6.º, as vogaes de ligação latinas *i* e *u* as vezes não são respeitadas, como *ventania* de *ventus*, mas em outros casos ellas influem na formação das palavras, como *suavisar* de *suavis*. 7.º, os suffixos que começam por *e*, *i*, ajuntando-se a *c*, *g*, podem conservar o som guttural d'estas letras ou mudal-o para *s* e *j*, formação estranha ao latim: conservam-n'o em *duquesa* de *dux* (*ducs*), *larguesa* de *largo*, *porquinho* de *porco*, *pouquinho* de *paucus*; mudam-n'o em *focil* de *focus*, *longinquo* de *longus*; mas é preciso inserirem *u* conservando-o. Outras vezes a sibilante se torna em guttural antes de *a*, *o*, *u*, como *narigudo* de *nariz*, *rapagão* de *rapaz*; 8.º, as vezes intercala-se novos suffixos entre o *thema* e o propriamente dicto, como *z* (*z-ella*) em *donzella*, *r* (*r-ia*, estranho ao latim) em *infantaria* (*r-ella*) em *aquarella* (*r-oso*) em *medroso* (*r-esco*) em *cavalheiresco* (*r-ica*) *cavallarica*, explicando-se a inserção do *r* por falsa analogia de formas organicas, como *thesouraria* de *thesouro*; 9.º, suffixos

ha representados em romano de dois modos, como *justiça* e *justesa*, sendo a primeira forma derivada do latim e mantida pela escriptura, a segunda popular, podendo tambem servir para significar matizes diversos de uma idea; 10.º, muitas vezes só se tem em vista na derivação reforçar a forma da palavra, sem attenção ao sentido, ou dar mais peso a uma palavra curta, e é o caso ordinario, ou distinguir formas identicas e semelhantes, só podendo servir para o primeiro fim suffixos de sentido obscuro, sobretudo formas diminutivas, cujo sentido não era mais apreciavel, como *abelha*, *auricula*, *ovelha*, preferidas a *apis*, *auris*, *ovis*, por serem estas palavras muito curtas; 11.º, os suffixos podem mudar de significação, sobretudo os que não teem sentido muito claro, como *aceus*, *aco* que significa alguma cousa de desagradavel (*velhacaço*); *alis* corresponde ao latim *etum*, como *otival* (*olivetus*); *amen* é colectivo em portuguez e diminutivo em italiano; *on* é augmentativo em portuguez e diminutivo em francez; 12.º, ao lado de terminações latinas, a cujo uso se renunciou de todo, outras ha que se empregam com parcimonia, como *bundus*, *lentus*, *ius*, *tutis*, ao passo que algumas pouco usadas nesta lingua, readquiriram de repente pleno vigor, ou porque já o possuissem em latim vulgar, ou por sua applicação mais commoda, como *ia*, favorecendo o portuguez mais *eca*, *icus*, *entus*; 13.º, pode-se encadear muitos suffixos uns após outros sem deixarem por isso de conservar mais fielmente as ideas accessorias que representam: ha até dobramentos, acontecendo que os suffixos proximos do radical ordinariamente servem de passagem para os seguintes, que não podem sem elles produzir palavra usada, como *cabritinko*; 14.º, as palavras allemãs tomam parte sem restricção na derivação romana, e quando as derivações allemãs são analogas ás romanas, assemelham-se absolutamente ás ultimas e recebem o accento tonico, sendo o mesmo quanto as palavras de outras linguas, como o arabe; 15.º, suffixos novos

desenvolveram se, tendo origem em uma forma latina qualquer pela simples mudança de uma vogal para exprimir algum matiz da idea: de *acus* nasceram *aço*, *eco*, *uço*; de *acus eco*, *ico*, *oco*, *uco*; de *ascus esco*, *isco*, *usco*, sendo por isso que, não obstante não se poder em rigor attribuir sentido a cada vogal, *i* e *e* tem evidentemente acção diminutiva, *o* tem por effeito engrandecer, *u* traduz as vezes o desprezo, *a* é mais vago; 16.º, em portuguez, como em hespanhol, é de uso empregar *e* em algumas derivações em vez de *o* de flexão do italiano, como *viagem* e *viaggio*. Muitas vezes tambem estas linguas rejeitam a vogal de flexão de certas terminações, taes como *aço*, *iço*, *ano*, *ino* em *velhacaco*, *feitico*, *Sergipano*, *levantino*.

132 Os substantivos podem proceder de adjectivos simples ou compostos, convertendo-se estes directamente naquelles na forma de um dos generos. Só um pequeno numero de suffixos, como *bilis* e *osus*, é que pareceu improprio para esta derivação. Outros substantivos procedem de verbos pela simples addição da terminação do genero ao radical, o que já tinha lugar em latim, quanto aos verbos da 2.ª, 3.ª e raras vezes da 4.ª conjugação. O romanc possui tambem quantidade consideravel de palavras simples, que se approximam dos substantivos allemães formados por simples variações phoneticas, só da 1.ª e 2.ª declinação, quase todos abstractos no sentido de exprimir a idea do infinito ou do participio presente. As de sentido pessoal, que se encontram entre ellas passaram d'aquelle a este sentido. A grande maioria d'essas palavras pertence a 1.ª conjugação e são, masculinos: *adornar*, *adorno*, *cambiar*, *cambio*, etc.; femininos só da 1.ª declinação: *estimar*, *estima*; *comprar*, *compra*. O mesmo processo se emprega com os verbos estrangeiros em realidade ou em apparencia, como *gabar*, *gabo*. Os derivados de verbos das outras conjugações, pouco numerosos, são, da segunda e terceira: *capare capa*, *dolore dor*, *timere temor*; da quarta: *assentire assento*. A lingua se absteve de derivar di-

rectamente substantivos d'estas conjugações, não só porque offerecia-se o participio, fornecendo palavras do mesmo modo sonoras sem serem longas, como porque provavelmente, quanto a 4.^a conjugação, o latim não se tinha habituado a achar nella entre o verbo e o substantivo a relação que se apresentava na 1.^a, posto que isso fosse illusão, porque *regnare* emana de *regnum*, não tendo lugar o inverso. Não se formam adjectivos por meio de verbos pelo mesmo processo simples, como em *dicere, maledictum*, porque havia grande numero de suffixos de derivação que dispensou estas formações. Resta observar que as formações novas se regulam pelas formas do singular do presente do indicativo romano, decisivas no que respeita a vogal dos verbos sujeitos a diphthongação, como *destinat, destina, destino*.

133 A derivação propria do substantivo se prestam, como affirma Diez, todas as partes da oração, o pronome apenas, como *identidade* de *idem*, e com rari-
dade as particulas, como *demasia*. O mesmo quanto ao adjectivo. Se se classificarem as formas pelas ideas, obtem-se a respeito do substantivo, pouco mais ou menos: as pessoas indicadas por *alis, armus, inus, o, onis, arius, ard, ista, aster, tor*; os animaes por *o, onis, arius, inus, etc.*; as plantas por *eus, aca, arius, aster*; os paizes por *ia*; o lugar e a morada por *aria, arium, etum, ile, toria, torium*; os objectos por *aceus, aca, icius, icia, alis, ale, ina, o, onis, aria, ard, aster*; os utensilios por *ullus, toria*; os abstractos por *ia, tudo, mentum, antia, entia, tura, aria, or, atum, ata, itia, tio, tionis, tas, tatis, tus, tutis*; collectivos por *ia, alia, amen, umen, aria, ata*; a acção de um instrumento por *ata*; os empregos por *aticum, atus*. Quanto aos adjectivos, os nomes de povos o são por *icus, anus, inus, ineus, ensis, ard, iscius, etc.*

§ 87. A composição tambem pode ser *propria* ou *impropria* e empregar preposições e outras particulas, ou duas ou mais palavras, substantivos, adjectivos ou verbos. Na composição propria as palavras determi-

nativas precedem em latim a palavra que contem a idea principal, e isto quando são declinaveis, ou sob a forma absoluta sem o signal de genero e flexão, ou com uma vogal de ligação, *i* ordinariamente, como *con-socer*, *paeci-ficus*. Na impropria a palavra determinativa vem antes da principal, como *bene-dicere*, *manu-mittere*, tendo antes entre si uma relação syntactica.

134 O latim enfraquece, como vimos, o mais possivel a vogal final do primeiro membro de seus compostos, como *cæli-cola*, *lani-ger* por *cælo-cola*, *lana-ger*. Em *albo-galerus*, *algi-vus*, *mero-bibus* a vogal final do thema conservou-se sob a forma *o*, igual a um antigo *a*, ficando na flexão do dativo e ablativo singular, genitivo e accusativo plural, e alterando-se em *u* no accusativo singular, como em *locu-ples*. Supprime-se antes de vogal a final do primeiro membro, como em *uni-animis* e as vezes antes de consoante, como em *nau-fragus*, por *navi-fragus*, *malluciae* com assimilação por *mani-luviae*, de *manu-luviae*, Bopp, IV, 334.

135 Foi em virtude de amollecimento, ou provavelmente por analogia de compostos, cujo primeiro membro acaba em vogal, que o grego e o latim empregam, salvo em pequeno numero de palavras, uma vogal de ligação, quando o primeiro membro acaba e o segundo começa por consoante, por terem se tornado incapazes de ligal-os em tal caso. O latim, como o grego, tolera a longa final do primeiro termo dos compostos, quase sempre proveniente de supressão, como *opi-fex* por *operi-fex* (compare-se *fæderi-fragus*). Do mesmo modo se pode explicar *horrificus*, *terrificus*, como mutilações de *horrorificus*, etc. (compare-se *soporifer*, *honorificus*), Bopp, § 38.

136 Sobre a composição nominal deve-se observar: 1.º, quanto ao genero em theoria, que ella se regula pela palavra, que contem a idea principal, como *avestruz*; 2.º, se esta precede, a que se segue accomoda-se-lhe em genero, cujo signal é, por assim dizer, transportado para o fim do composto, como *pé-de-*

gallinha; 3.º, nas mesmas circumstancias o segundo substantivo pode indicar o genero, como *ar*—(por *aro*)—*golla* (*aro de ferro*); 4.º, o genero natural prefere ao grammatical, como o *voz-de-flauta*; 5.º, os verdadeiros compostos formam o plural como as palavras simples, os outros recebem o signal do plural na ultima palavra, como *passa-portes*, *fi-d'-algos* (portuguez antigo—*filhos-d'-algo*); 6.º, pode o substantivo em composição adquerir o valor de adjectivo, como em latim *multi-cor*; 7.º, o segundo membro do composto pode receber um suffixo, que não teria no estado isolado, como *fi-d'-algu-inho*.

137 Na composição de substantivo com substantivo: 1.º, o primeiro exprime a qualidade do segundo e pode ser trocado por um adjectivo, ou antes, pode ser considerado em ablativo, exprimindo a materia, como em latim *arcu-ballista*, portuguez *ferro-via*; 2.º, o primeiro pode achar-se em genitivo, como *terremoto*, em que se vê que o *e* representa o diphthongo latino *æ*, *parri-cida* por *patri-cida*; 3.º, os substantivos postos ao lado um do outro não soffrem alteração, como *usus-fructus*, *couve-flor*, parecendo que é esta especie de compostos que Bopp denomina *copulativos*, formados de dois ou mais substantivos que exprimem a mesma relação casual e supõem entre si a conjunção *e*, como *suovitaurlia*, prevalecendo o genero que o ultimo tem fóra de composição; 4.º, a idea principal precede, o segundo substantivo segue ao genitivo, como *ferro-pea*; 5.º, os dois membros são unidos por preposições, como *flor-de-lis*, *lingua-de-vaca*, *pé-de-moleque*. É a estes compostos que Bopp chama de *dependencia*, porque o primeiro membro depende do segundo ou é regido por elle. Alem do genitivo e ablativo, temos com o sentido de accusativo, *carni-corus* (*carnivoro*), de dativo *vero-similis* (*verosimil*).

138 Na composição de substantivo com adjectivo o primeiro fornece a determinação precisa, como *caniformis*, *cabis-baixo*, *ponte-agudo*. Esta especie de com-

postos que entra na classe, que Bopp denomina *possessivos*, por designarem aquelle a quem pertence o que é expresso pelos differentes termos do composto, dos quaes o primeiro é qualquer parte da oração, excepto a conjugação e interjeição e o ultimo sempre um substantivo ou adjectivo, tomado como substantivo; o substantivo final só experimenta a mudança do genero, o que acontece com os substantivos *coma*, *via*, femininos, em *multi-comus*, *multi-vius* a par de *multi-coma*, *albi-coma*. Acontece tambem em latim passar o thema da 1.^a ou 2.^a para a 3.^a declinação, mudando o *o* ou *a* em *i*; em *bi-cornis* está o *i* por *u*, e em *longi-manus*, *manus* passou da 4.^a para a 2.^a declinação. Ha tambem exemplos da mudança de genero em latim, como do neutro para masculino em *miseri-cordem* (litteralmente: o que tem coração para o misero), *concordem*, *socordem*. Supprime-se tambem a consoante no final do composto, como *exsanguis* (litteralmente: o que tem o sangue fóra), por *ex-sanguinis*. De ordinario são os adjectivos que figuram como primeiro membro do composto, como *magni-animus*, *longi-pes*, etc. Exemplos de substantivos: *angui-comus*, *angui-pes*, *pudor-i-color*. De nomes de numeros: *bi-pes*, *tri-color*, *quinque-folius*.

139 Na composição do substantivo com verbo ou adjectivo verbal: 1.^o, aquelle está em relação ao verbo em accusativo (regimen directo), como *tergi-versar*, *belli-gerente*; 2.^o, em ablativo, como *manu-mittir*, *manu-tenir*, *manu-obrar*:

140 Na composição de adjectivos com substantivos aquelle se acha em relação de attributo com este, que pode segui-lo, combinação mais frequente, ou precede-lo. É esta classe que Bopp chama *compositos determinativos*, na qual podem figurar todas as partes da oração, menos os verbos, conjunções e interjeições, como: 1.^o, *bella-dona*, *prima-vera*, *Santarem* (Santa Irene); 2.^o, *re-publica*, *ros-maninho*, *turba-multa*, *morcego* (*avis-caecus*), *Saa-vedra*. Na de dois adjectivos: 1.^o, o primeiro determina o segundo e faz de adver-

bio, como *magn'-animus, curvi-lineo*; 2.^o, ambos se conservam grammaticalmente independentes, como *agri-doce, cala-frio (calidus-frigidus*, com supressão do *g* e *d*). De adjectivo com verbo: *rari-fazer, equi-parar*.

§ 88. Os *compostos collectivos*, segundo Bopp, teem no primeiro membro um nome de numero, que determina o segundo, substantivo, cujo genero, qualquer que seja, torna-se neutro, como *tri-viu-m, tri-duu-m*. Em *tri-noct-iu-m, quinqu'-ert-iu-m, bi-enn-iu-m* ha um suffixo, o que não é conforme ao antigo modo de composição, não obstante ter o latim por modelo o sanscrito, que emprega o suffixo *ya*, como *chatur-varn'-ya-m*, as quatro castas.

§ 89. Os *compostos adverbias* são os que se formam tendo por primeiro membro adverbios, bem que a maior parte d'entre elles se apresentem com o sentido de preposições, e por segundo um substantivo que conserva o genero que lhe pertence, como *ob-viam, ad-modum, af-fatim*. O portuguez emprega em formações novas as particulas que recebeu do latim em composição, como *ob, se* (inseparavel), *subter, intro*, adquerindo por outra parte *extra, foras, infra, supra, ultra*, de que o latim já quase não fazia uso. Os derivados com *dis, re, de, ex, in, inter, per, pro, sub, trans* apresentam-se com duas formas: uma latina, outra romana, sendo esta propria das formações novas, o que traz as vezes differença de-sentido e diversas modificações no primeiro membro do composto. As vezes acontece, sobretudo nas palavras populares, que o prefixo se funde de tal modo com a raiz que não se distinguem claramente, como *cozer (consuere), deixar (de-sitare), encher (im-plere)*. O sentido das particulas nas composições novas, é, salvo algumas divergencias, sem importancia, conforme ao primitivo, afastando-se ellas menos de sua significação no estado isolado, não obstante as vezes manifestar-se menos claramente, caso em que servem, ou para reforçar a idea principal, ou para exprimir um matiz

delicado d'ella. As particulas inseparavejs *dis* e *re* empregam-se mais que as outras, como já em latim, com outras particulas monossyllabicas, como *dis-compor*, *re-ad-querir*, *ac-com-modar*; mas isto só tem de ordinario lugar, quando o prefixo do composto perdeu mais ou menos sua significação, caso em que se pode dobra-lo, como *con-cum-it-ancia*. Em muitos compostos houve mudança de prefixo, como em *afogar* por *sufocar*. Os compostos de preposições isoladas com substantivos, cujo laço é fraco, adquirem solidez, adoptando os attributos grammaticaes do nome, como *sem-razão*. As particulas mais usadas nestas composições são: *ad* (*ad-fazer*), *contra* (*contra-bando*), *ante* (*ante-braco*), *inter* (*inter-vallo*), *per* (*per-curso*), *pro* (*pro-consul*), *sine* (*sem-sabor*), *sub* (*sup-posição*), *super*, (*super-cilio*), *trans* (*tra-duccão*), *ultra* (*ultra-mar*), *subtus* (*soto-posto*, por *sub*). Nos compostos d'esta classe tambem figura a particula privativa *a* ou *an* (latim *in*, que conserva melhor em romano a forma, do que a preposição *in*, a qual degenera em *en*). *Non* se emprega com substantivos e infinitos substantivados, como *non-senso*, o ser e o *não ser*. Ha tambem compostos com o artigo arabe *al*, cujo *l* assimila-se a consoantes, como *ar-roba* e supprime-se em *a-lagoa* por *lagoa*. Outras vezes, unido a radicaes romanos, modificou-se a inicial de modo differente, para chegar a formar *al* ou *a*, como em *d'-almatica* (*Duez*).

§ 90. A composição de frases importa em um substantivo, cuja flexão e genero, quase unicamente o masculino, tem, salvo se o genero natural exige o feminino, e se está no plural, porque então torna-se indeclinavel, com o verbo no imperativo e provavelmente no presente do indicativo. As especies d'estas composições são: 1.º, *verbo com substantivo* ou *pronome*, ficando a segunda palavra na dependencia directa da primeira, como *ganha-pão*, *passa-tempo*, *Bevi-l-aqua* (com artigo) *corri-mão*, *finca-pé*; a união do imperativo com o substantivo tambem se faz por meio de preposições, como *saltimbanco* (*salt-im* (por *in*) em-

(*banco*), *gir-a-sol* (como o sol, a maneira do sol), acrescentando-se as vezes um infinito, como *noli-metangere*; 2.º, verbo com adjectivo ou adjectivo adverbial, o que é raro, como *esta-fermo* (por *firme*), *pisa-macio*; 3.º, verbo com particula, como *pass'-avante*; 4.º, dois imperativos, como *vai-vem*, *perde-ganha*.

Outra especie de composição é a que consiste na repetição da palavra, como já existia em latim, *fur-fur*, *mur-mur*, *car-cer*. Em portuguez temos *pa-pa*, *ma-mã*, e *pa-pai*, *ma-mã*.

CAPITULO 4.º

Classificação das palavras.

LICÇÃO 12.ª

DA EXPRESSÃO DAS IDEAS E PARTES DA ORAÇÃO.

§ 91. Sabidos os elementos de que se compõem as palavras, segue-se classifica-las. A expressão das ideas faz-se ou por meio da imagem de seu objecto e chama-se *idiologica*, como o desenho de uma casa mais ou menos perfeito para significar a mesma casa; ou por meio de sons e chama-se *phonetica*. Quando a expressão das ideas se faz por meio de gestos, chama-se *linguagem de acção* e excede os limites da Grammatica. Quando se faz por meio de sons imitativos dos que produz o objecto da idea, chama-se *onomatopica*, como a palavra *trovão*, § 19.

141 *Linguagem symbolica* é a que emprega figuras ou imagens de objectos phisicos para significar ideas moraes, e *natural* a que emprega sons inarticulados e gritos para exprimir o pensamento. É o complexo dos signaes com que representamos as ideas, que se chama *lingua*. Mas não se pode exprimir uma idea sem ter conhecimento previo de seu objecto. Logo que uma cousa qualquer prende nossa attenção, a intelligencia a analysa e estuda em suas partes, e quando a conhece applica um som, simples ou articulado, para designa-la, ou exprimir sua idea. Na linguagem fallada é impossivel ou pelo menos difficil, exprimir a idea de um objecto em todas as suas partes ou modos de existir, o que fez Bopp dizer em sua *Grammatica comparada das linguas indo-europeas*, que

é impossível a linguagem criar palavras, que exprimam ao mesmo tempo todas as modalidades do objecto a designar: deve ella contentar-se pois com pôr em relevo a maneira de ser mais característica d'esse objecto. Assim o elephante é chamado *hastim* em sanskrito, isto é, dotado de tromba (*hâsta*). Por isso o espirito na expressão das ideas por meio da palavra, faz abstracção das outras partes ou modos de existir, para designal-o só pelo que o torna mais saliente e o distingue dos outros, com que se possa confundir.

142 Quanto a natureza das ideas, estas são de substancia, de qualidade e de relação. A expressão da idea de substancia tem o nome de *substantivo*, a de qualidade o de *adjectivo*, a de relação tem entre outros nomes o de *verbo*. As outras ideas de relação são expressas por meio de *preposições*, *adverbios*, *conjunções* e *interjeições*, ou por meio dos *complementos* e *casos*. Taes são as trez principaes classes em que se distribuem as palavras, e que em grammatica se chamam *partes da oração*.

Como a primeira d'estas partes, que se apresenta ao nosso exame, é o substantivo, defini-lo-hemos a palavra, que exprime a idea de substancia, geral ou individual, de pessoa ou cousa, real ou imaginaria, determinada ou indeterminada, de individuo ou especie. D'aqui vem a divisão do substantivo em *proprio* e *appellativo*, *concreto* e *abstracto*. O *proprio* é o que exprime a idea de substancia individual, como *João*, *Amazonas*; o *appellativo* a de substancia commum a um genero, como *arvore*, *animal*. O *concreto* é o que exprime a idea de substancia real ou corporea, como *ferro*, *papel*; o *abstracto* a que só existe na imaginação ou virtualmente, como *candura*, *probidade*.

143 A expressão das ideas pode fazer-se de modo determinado ou indeterminado e relativamente a especie ou ao individuo. Para este fim ajunta-se-lhe um certo numero de palavras, que os Grammaticos

costumam incluir na classe dos adjectivos com os nomes de *determinativos* e *pronomes*, contado no numero d'estes o *artigo*, quando se tem por fim, segundo Diez, *Grammatica das Linguas Romanas*, separar de modo mais distincto o individuo da especie, e não para distinguir os casos e numeros, visto que o artigo não pode representar este papel, por ser sua flexão tão defeituosa como a dos outros nomes.

Os pronomes se dividem em *pessoaes*, *demonstrativos*, *indefinidos*, *conjunctivos* ou *relativos*; o adjectivo em *qualificativos* e *determinativos*.

LICÇÃO 13.^a

DA FLEXÃO.

§ 92. *Flexão* é, segundo Mr. Abel Hovelacque, a possibilidade, que a raiz, modificando-se, tem de exprimir uma certa modificação do sentido. É o terceiro estado a que chegam as linguas, sendo os dois primeiros o *monosyllabismo* e a *agglutinação*.

144 O primeiro estado, diz Max Muller, exclue a alteração phonetica; o segundo exclue a alteração phonetica, admittendo-a nos elementos secundarios ou determinativos; o terceiro admite a alteração phonetica na raiz principal e nas desinencias. O *chinez* está na 1.^a cathegoria, as linguas americanas na 2.^a, o sauskrito, o latim e o portuguez na 3.^a

145 A *flexão*, de *flectere*, dobrar, como que faz a raiz dobrar-se para exprimir as relações de pessoa, espaço e outras, determinando com a modificação d'ella, a expressão da idea. Estas expressões e outras se operam no monosyllabismo pela juxtaposição de duas ou mais raizes, uma das quaes fica pura. Assim os chinezes dizem com a expressão *uó-li* o mesmo que o latim diz com *domi*; *uó* significa *casa*.

li, outra raiz, significa interior, isto é *na casa*. No tupi, lingua agglutinante, das duas raizes, *mun*, irmão e *ta*, multidão, forma-se o plural *mun-ita*, irmãos, com a inserção de um *i* euphónico. Em portuguez o plural é expresso pelo *s*, resto de uma raiz perdida, cujo sentido, talvez de multidão, desapareceu, constituindo assim uma *flexão*. Esta se opera no substantivo, adjectivo, pronome e verbo, para exprimir as relações de genero, numero, caso, pessoa, tempo, modo, augmento e diminuição de significação.

146 Os generos são tres em latim, a saber: o *masculino*, *feminino* e *neutro*, mas o portuguez tem só os dois primeiros. O sanscrito, como o grego, tem tres numeros: *singular*, *dual* e *plural*. O portuguez, como o latim, só conservou o primeiro e o ultimo. O sanscrito tem oito casos, a saber: *nominativo*, *genitivo*, *dativo*, *accusativo*, *vocativo*, *ablativo*, *iustramental* e *locativo*. D'estes o latim só conservou os seis primeiros, e o portuguez nenhum, excepto nos pronomes pessoaes e compostos, como *vero-simil*. Diez diz que a causa d'este phenomeno se deve procurar em uma certa negligencia natural a linguagem popular. «A pronunciação d'estas formas (das flexões casuaes), rigorosamente submettida as leis da quantidade, torna-se difficil; sua variedade enconcomoda; seu som e sentido se obscurece e enfim o espirito, propenso a precisão, procura encher este vacuo . . . com o emprego de palavras auxiliares apropriadas».

Tendo o latim perdido os dois casos instrumental e locativo, suppre o primeiro com o ablativo e o segundo com o genitivo e ablativo, como veremos adiante. Quanto ao emprego d'estes casos, serve o primeiro, o nominativo, de sujeito do verbo; o genitivo emprega-se para exprimir a posse, dependencia, a relação de causa a effeito e tambem é o regimen das palavras que exprimem a relação de posição; como *acima de todos*, *em frente do muro*; o dativo o fim de um acto, a tendencia de um sentimento, destino de um objecto e as relações de igualdade e semilbança,

podendo ser regido por um certo numero de substantivos e pelas preposições *a, para, com, contra*: o accusativo serve de regimen directo, é complemento de preposições, como *para*, em roda de . . . , de adverbios, como *em frente a, perto de*, e até de interjeições, como *heu populum*, exprimindo tambem uma porção continua de tempo e espaço, como *chorou durante o dia, estende-se por espaço de cinco kilometros*; o ablativo exprime a separação como se fazendo actualmente, como *desceu da montanha*; o ponto de partida de uma cousa ou acção: a origem de um objecto qualquer e por conseguinte a causa e meio, e nisto se aproxima do instrumental; o complemento do comparativo: a exclusão, ainda quando expressas por preposições e adverbios; o instrumento (é o instrumental), e tambem o agente, modo, motivo, causa, meio, considerados como instrumentos abstractos da existencia das causas; a semelhança e igualdade ou ainda a privação; serve de regimen de preposições e adverbios, que exprimem as mencionadas relações. O locativo exprime quase todas as relações de tempo e espaço e as que se lhes assemelham logicamente. Leupol, *Methode*, pag. 209 a 214.

LICÇÃO 14.^a

DO GENERO E MODO DE CONHECE-LO.

§ 93. *Genero* é a variação do substantivo applicada ao sexo. Como os sexos são dois: macho e femea, segue-se que são dois os generos: *masculino e feminino*. Mas, não tendo sexo as cousas inanimadas, era natural que para essas tivesse o latim um terceiro genero chamado *neutro*, que o portuguez, com quanto conserve seus vestigios, não guardou, porque o uso da lingua accommodou-o ao masculino sobretudo,

como tambem fez o latim a respeito de muitos nomes. Diez é de opinião que a perda do genero neutro já se observava no latim dos primeiros tempos da idade media, e era o resultado quase inevitavel da transformação que o dialecto romano fez soffrer a suas palavras, e que devia obscurecer ou completamente apagar a forma neutra, sendo a terminação uma das primeiras causas da mudança do genero. O certo é porem que, por analogia dos dois sexos distribuiu-se alguns nomes de objectos semelhantes, que no masculino teem maior altura, e no feminino mais capacidade e são mais largos, como *jarro*, *jarra*, *cantharo*, *canthara*.

Os nomes de outras linguas seguem a analogia dos derivados do latim, e em geral nos que procedem do arabe é o genero determinado ou materialmente pela terminação ou absolutamente pela synonymia, segundo Diez, porque, pergunta este, qual é o povo que não seria levado a fazer prevalecer em uma palavra estrangeira o sentimento que tem de uma idea?

147 Os Grammaticos ainda distinguem um genero *epiceno*, ou aquelle, que com uma só terminação e um só artigo, significa animaes de ambos os sexos, como *cobra*, *adorinha*, etc., e *commun de dois*, ou aquelle, que compete aos nomes do genero masculino, se significam homem, e aos do feminino, se significam mulher, como *interprete*, *testemunha*, *lingua*, e mais em latim o genero *incerto*, ou de mais de um genero, como *dies* o dia (masculino e feminino), *vulgus* o povo (masculino e neutro), o que até certo ponto prova a arbitrariedade na distribuição dos nomes pelos tres generos.

148 Em portuguez, como em latim, o genero se conhece pela significação e pela terminação. Pela significação, são do genero masculino os nomes que só significam macho, e femininos os que só significam femea, sejam proprios ou appellativos, os de anjos, deoses, rios, ventos, profissões, etc., como *Antonius*

Antonio, rex o rei, *Mars* o deos Marte, *regina* a rainha, *Minerva* a deosa Minerva, etc.

São femininos os nomes de cidades, como *Olisipo* Lisboa, excepto os acabados em latim em *i* do plural, como *Parisiū*, masculino; em *um*, como *Saguntum* Sagunto; em *a* do plural, como *Susa*, e em *e*, como *Præneste*, neutros em latim, masculino e femininos em portuguez; os de ilhas, como *Cyprus* Chipre, provincias, como *Epirus* Epiro, feminino e masculinos em ambas as linguas; os de poesias, como *Aeneis* a Eneida; de náos, como *Argus* a não Argos e arvores, como *pinus* o pinheiro (masculino em portuguez), excepto os acabados em *um*, como *buxum*, o buxo e *acer*, *robur*, *siler*, neutros em latim, e *oleaster*, que todos são masculinos em portuguez e em latim só o ultimo. Entre os nomes, cujo genero se conhece pela significação, deve-se incluir os que na desinencia feminina denotam numero, collecção ou generalidade da cousa significada no masculino somente, ou de modo particular, como *madeiro* *madeira*, ou só na generalidade, como *horto* *horta*, nomes derivados do nominativo plural de outros do genero neutro.

LICÇÃO 15.^a

DO GENERO CONHECIDO PELA TERMINAÇÃO

§ 94. Em portuguez conhece-se o genero pela terminação, segundo as mesmas regras, como diz Leoni, da lingua latina, o que não é absolutamente exacto. Assim, são do genero feminino: 1.^o os acabados em *a* da primeira declinação, dos quaes proveem geralmente os que em portuguez tem essa terminação e o mesmo genero, exceptuando-se *a*), masculinos em ambas as linguas (e em portuguez quando designam pessoa masculina): *accola*, *incola*, *agricola*, *cometa*, *pla-*

neta,⁽¹⁾ e os que em portuguez acabam em *á* longo não derivados do latim, como *alvará*, *tafetá*, *chá*, *sofá*; *b*), os neutros da 3.^a declinação latina (masculinos em portuguez), como *poema*, *enigma*, *drama*, etc., e os da 2.^a do plural, como *arma*, — *orum*. Bopp vê no *a* de compostos, como *trans-fuga*, *parricida* (ao mesmo tempo masculino e feminino) *cali-cola* (só masculino), que é o mesmo suffixo *a*, § 58, uma forma feminina, que serve ao mesmo tempo para o genero masculino, e que é provavel ter-se estendido a palavras simples, como *scriba*. Quanto as palavras *nauta* e *poeta*, o *ta* em que acabam corresponde ao *tér* e *tór* ou ao *té* e *tá* das gregas, que são nomes de agentes, como em geral todos os nominativos masculinos em *a* da lingua homérica. O mesmo auctor admite como mais verosimil que os nomes proprios masculinos em *a*, como *Numa*, *Nerva*, *Galba*, perderam um *s* final, que, restituído, apresenta formas analogas aos nomes proprios sanskritos *Nala-s*, *Râma-s* e oscos *Tana-s*, *Mara-s*. 2.^o Os latinos acabados em *æ* do plural, como *excubitiæ* a sentinella, as vedetas (femininos em portuguez); os em *as* da 3.^a declinação, dos quaes veem os femininos portuguezes em *x*, que tambem podem acabar em *ezá*, excepto *nobreza*, *clareza*, etc.; e *ade*, como *idade* (*ætas*), excepto os gregos da 1.^a declinação latina, femininos em portuguez por acabarem em *a* (*tiaras* a *tiara*), os da 3.^a, que fazem o genitivo em *antis*, como *adamas*, — *antis* o diamante, *as*, *vas*, — *adis*, masculinos em ambas as linguas; *erysipelas* (feminino em portuguez), *vas*, — *asis* (masculinos em portuguez, neutros em latim); 4.^o, em *es* da 3.^a, de cujos ablativos singular se derivam masculinos e femininos portuguezes em *e* e *ie*, como *fides* *fé*, excepto os gregos acabados na letra *etta* (*s*, *e*) da 1.^a e 3.^a, como *cometes*, masculino em portuguez, e *lebes*, *vespes*, *fomes*, femininos em portuguez; *gurges*, *limes*, *meridies*, *palmes*, *paries* (femininos em portuguez os dois ultimos), *pes*, *poples* (a curva da

(1) Os dois ultimos eram femininos até Gil Vicente. Dr. Heraclito Graça.

perna) e *trabes*, masculino em ambas as linguas; 5.^o, em *is*, como *vestis*, tambem da 3.^a, de cujo ablativo se derivam masculinos e femininos em portuguez, excepto os acabados em *nis*, como *ignis* (sanskrito *agni*, masculino), e *axis*, *collis*, *ensis* (feminino em portuguez), *fascis*, *foliis*, *fustis*, *mensis*, *orbis*, *piscis*, *postis*, *sanguis*, *sentis*, *torris*, *unguis*, *vectis* (os dois ultimos femininos em portuguez), *vermis*, e os compostos de *as*, como *decussis*, *semensis*, masculinos em ambas as linguas; 6.^o, em *s*, a que precede letra consoante, da 3.^a declinação, como *trabs*, de cujos ablativos derivam-se tambem masculinos e femininos portuguezes, excepto *dens*, *fons*, *mons*, *pons* (feminino em portuguez), e os compostos de *as*, como *triens*, masculinos em latim; 7.^o, em *x*, como *nox*, dos quaes se derivam femininos em portuguez, procedam ou não directamente do latim: excepto *calix*, os compostos de *uncia*, como *deunx*, os acabados em *ax* e *ex* de mais de uma syllaba, como *storax* ou *styrax*, *codex* (masculinos em ambas as linguas), *fornax*, *suppellex* e outros, femininos em ambas as linguas.

149 São masculinos: 1.^o, os acabados em *i* do plural, como *cancelli*,—*orum*; 2.^o, em *o* da 3.^a declinação (dos quaes ou de outra qualquer declinação, assim terminados, procedem alguns portuguezes em *ão* masculinos), excepto *caro*, de cujo ablativo derivam-se femininos portuguezes, e os em *io*, de cousas que não tem corpo, como *lectio*, dos quaes procedem femininos portuguezes, e *legio*, *portio*, *potio*, *regio*, ou em *do* (dos quaes derivam-se tambem femininos portuguezes), como *dulcedo*, e em *go*, como *imago*, (dos quaes procedem mediata ou immediatamente femininos portuguezes em *agem*, *igem*, *ugem*), femininos em ambas as linguas, com excepção dos masculinos latinos *cardo*, *ligo*, *ordo*; 3.^o, em *an*, *in*, *on*, como *pæan*, *delphin*, *agon* (feminino em portuguez), excepto os gregos em *on* da 2.^a declinação latina, como *barbiton* (masculino em portuguez, neutro em latim), menos *aëdon*, *sindon*, femininos em latim e masculinos em

portuguez: 4.º, em *er* e *or* (por acabarem em *r*, também são masculinos em portuguez, quer se derivem do latim, quer não, excepto: *mulher*, *colher* e os monosyllabos *cor*, *dor* e *flor*, que são femininos), como *ager*, *calor*, excepto: *æquor*, *cadaver*, *cor*, *iter*, *marmor*, *piper*, *ver*, neutros, e *arbor*, feminino em ambas as linguas; 5.º, em *os*, como *flos* (feminino), excepto: *arbo*, *cos*, *dos*, femininos em latim, sendo o ultimo masculino em portuguez, e *os*, *oris*, *os*, *ossis*, neutros em latim; 6.º, em *us* da 2.ª e 4.ª declinação (derivem-se ou não do latim e acabando em *o*, são masculinos em portuguez), como *servus*, *currus* (feminino em portuguez); excepto *acus*, *domus*, *manus*, *tribus*, *vanus*, femininos em portuguez, *colus*, *ficus*, *idus*, *porticus*, feminino em latim, *pelagus*, *virus*, femininos e masculinos em portuguez e neutros em latim. Talvez só por analogia entre os nomes em *us* da 2.ª e 4.ª declinação se possa explicar o genero feminino de *alvus* o ventre, *humus* a terra, *fagus* a faia da 2.ª declinação de um lado, e de *acus*, *domus*, etc. da 4.ª de outro, visto que o *u* da 2.ª nos themas em *o* em epochas mais antigas, e em *us* na epocha classica, corresponde a um *a* breve primitivo, que em sanskritto é sempre do genero masculino ou neutro e nunca do feminino, ao passo que o *u* da 4.ª corresponde ao *u* breve sanskritto, que figura nos tres generos e por isso é que *pelagus* e *virus* da 2.ª são neutros em latim.

150 São neutros nesta lingua e masculinos em portuguez: 1.º, os acabados em *e* da 3.ª declinação, como *monile* (alguns dos quaes em portuguez eram antigamente em *o*, quer se derivem, quer não do latim), excepto os gregos da 1.ª declinação latina, que são femininos latinos; 2.º, em *y*, como *sory*; 3.º, em *c*, *l* (os ultimos masculinos em portuguez, derivem-se ou não do latim) e *t*, como *lac*, *vectigal*, *caput*, excepto *muqil*, *sal*, *sol*, masculinos; 4.º, em *um*, dos quaes procedem os masculinos portuguezes em *o*, e em *en*, masculinos em portuguez, como *regnum*, *lumen*, ex-

cepto *atragen, lien, lichen, pecten, ren, splen*, masculinos em ambas as linguas; 5.º, em *ar* e *ur*, masculinos em portuguez, derivem-se ou não do latim, como *hepar, ebur*; excepto *fur, furfur* e *vultur*, masculinos em ambas as linguas; 6.º, em *us* da 3.ª declinação, como *corpus*, excepto *lepus, mus, tripus* e mais compostos de *pus, podos*, masculinos e femininos em portuguez, bem como *lagopus, fraus, juvenus, laus*, masculino em portuguez, *palus, salus, senectus, servitus, virtus*, que tambem o são em latim; 7.º, os indeclinaveis em latim, os verbos no infinito, a oração que serve de caso, a palavra tomada materialmente, como *justus*, o adjectivo *justo*, os quaes são masculinos em portuguez.

151 São tambem masculinos em portuguez os acabados: 1.º, em *e* que não se derivam do latim, como *tabique, baque*; 2.º, os raros acabados em *u* não derivados do latim, que seguem a analogia dos neutros latinos; 3.º, em *o*, que não se derivam do latim, seja o *o* longo ou breve, exceptuando-se quanto ao primeiro caso *enxó, mó*, etc.; 4.º, em *ão*, que não são de origem latina, como *bordão*, e os augmentativos, embora dos do genero feminino, como *mulherão, caldeirão*, e em *z* não derivados do latim, como *gaz, obuz*.

152 São femininos os acabados em *z*, não immediatamente derivados do latim, como *honradez, impavidez*.

LICÇÃO 16.ª

DA MUDANÇA DO GENERO E SUAS CAUSAS.

§ 94. Vimos em uma das licções ultimas que uma das primeiras causas da mudança do genero era a terminação. Vejamos como se effectua esta mudança.

1.º Os nomes acabados em *a*, que em latim são em regra geral femininos, sendo da 1.ª declinação, pela maior parte conservam este genero. Outros porem, pondo de parte os que nessa lingua já teem outro genero, mudam-n'õ, passando para o portuguez, em primeiro lugar os communs de dois, de que já tratamos, depois os que significam pessoa masculina, de que tambem já fallámos, como o *cura*, o *guarda*, o *camarada*, tambem femininos, o *corneta*, o *trombeta*. Outras modificações d'este genero, diz Diez, tanto quanto se pode reconhecer, envolvem mudança de declinação, como *lacerta*, mudavel em *lacertus*, que tornou-se em portuguez *lagarto*, *materia* ou *materies madeiro*, a par de *materia*; *medulla* o *miollo*; *merula*, o *melro*.

2.º Os nomes acabados em *us* da 2.ª e 4.ª declinação tambem mudaram de genero, passando para o portuguez, como *fructus* a *fructa* e tambem o *fructo*; *gradus*, do qual talvez viesse a *grade*; *hortus* a *horta* e tambem o *horto*; *modus* a *moda* e o *modo*; *ramus* a *rama* e o *ramo*; *comitatus* a *comitiva*. Pelo contrario os femininos d'esta terminação, como *porticus* o *portico*; os de arvores, como *almus* o *alamo*; *ebenus* o *ebano*; *ficus* o *figo*, *fraxinus* o *freixo*; *laurus* o *loureiro*, *pinus* o *pinheiro*; *platanus* o *platano*, tornaram-se pela maior parte masculinos em portuguez, sendo femininos *malus* a *macieira*; *morus* a *amoreira*. No latim archaico muitas d'estas palavras eram tambem empregadas como masculinas. *Smaragdus*, masculino, deu a *esmeralda*.

3.º Dos nomes acabados em *o* e *io*, *ordo*, masculino, tornou-se feminino: *margo*, a *margem*, *unio*, a *perola*.

4.º Dos acabados em *or*, *os*, *ur*, *us* mudam do masculino para o feminino: *color*, a *cor*; *dolor*, a *dor*; *honor*, a *honra*; *flos*, a *flor*; *turtur*, a *rola*; *lepus*, a *lebre*.

5.º São masculinos em latim e femininos em portuguez alguns acabados em *es* e *is*, como *paries*, a

paréde; *callis* a *vereda*; *cinis*, a *cinza*; *finis* (a *fim* em portuguez antigo), o *fim*.

6.º São femininos em latim e masculinos em portuguez alguns acabados em *as*, *es*, *is* e *us*, como *cestas*, o *estio*; *potestas*, o *poder*; *dies* (em Virgilio), o *dia*; *crinis* em latim archaico, o *cabello*; *funis*, em Lucrecio, a *corda*; *pulvis*, nos escriptores mais antigos, o *pó*; *vallis*, o *valle*; *grus*, em Horacio, o *grou*; *laus*, o *louvor*; *palus*, o *paul*.

7.º São tambem masculinos em latim e femininos em portuguez, dos acabados em *s*: *fons*, a *fonte*; *pons*, a *ponte*. Communs de dois em latim: *infans*, o *infante*, *serpens*, a *serpente*, feminino.

8.º Dos acabados em *x* são masculinos em latim e femininos em portuguez: *pantex* ou *pantices*, a *pança*; *vertex*, a *voragem*; *fornax*, nos escriptores antigos, a *fornalha*; *limax*, raras vezes masculino, a *lesma*; *perdix*, ás vezes masculino, a *perdiz*; *silex*, feminino na poesia, a *pederneira*, talvez por analogia de *petra*, a *silicia* (corpo), e viceversa: *appendix*, o *appendice*; *calx* (commun de dois), o *calcanhar*; *larix*, o *lariço*; *salix*, o *salgueiro*.

9.º Mudaram do neutro para o feminino: *cochleare* a *colher*, *hordeum* (antigamente *fordeum*) a *cevada*, *stabulum* a *estribaria*, *lumen*, por analogia de *lux*, a *luz*; e pela terminação em *a* do plural: *cilia*, a *cilha*, *ferramenta* a *ferramenta*, *feſta* a *feſta*, *arma* a *arma*, *fila* a *fila*, a *fileira*, *folia* a *folha*, *ligna* a *lenha*, *luminaria* a *luminaria*, a *luz*, *nubila* a *nuvem* e outros muitos: do singular: *cerasium* a *cereja*, *fragium* a *fractura*, *malum* a *maçã*, *morum* a *amora*, *pirum* a *pêra*, *pruneum* a *ameixa*. Derivados dos adjectivos do plural neutro: *batualia* a *batalha*, *mirabilia* a *mara-vilha*, *nova* a *nova*, a *noticia*.

153 Os acabados em *a*, derivados do allemão e por conseguinte do gothico, typo das linguas germanicas, pouco variaram de genero, talvez porque, segundo Diez, teem geralmente a mesma terminação dos latinos e taes são: *anka* a *anca*, *brecha* a *brecha*, *marka*

a *marca*, *skara* a *escara*, *skolla*, a *escola*, *stupa* a *estopa* (ou *estufa*?), *werra* a *guerra*, *skina* a *esquina* (ou *espinha*?); *hlancha* muda para o masculino, o *flanco*, *heriberga* o *albergue*.

154 Assim temos que a terminação e a analogia ou assimilação são causas da mudança do genero. A idea tambem pode determinar o genero: femininos que representam pessoa masculina passaram naturalmente para o masculino, como *potestas* o *poder*. As vezes a passagem é determinada por uma certa força de assimilação de palavras synonymas de outro genero, como de *callis*, masculino, o *atalho*, *azinhaga*, *travessa*, *vereda* vieram o hespanhol *calle*, portuguez *calla* (*calha*), femininos, sendo *calle* em italino e hespanhol do genero masculino no sentido de *rua*, que é feminino (Diez). A tendencia para distinguir as significações da palavra sem duvida tambem tem tido parte na mudança do genero. Emfim pode-se tambem suppor em casos particulares, em que até se verifica o genero romano divergente da regra classica em latim archaico ou poetico, que ha relação historica, como talvez *crinis*, masculino a *crina* o *cabello* (de *capillum*, —i e *capillus*, —i): *fons*, celta *fon* ou *von*: *grex*, *lacertus*, *merulus*, *pulvis*, todos masculinos em latim.

LICÇÃO 17.^a

DESINENCIAS DOS NOMES QUANTO AO GENERO.

§ 95. A desinencia propria do genero masculino é *o*, correspondente á dos nomes da segunda declinação latina em *us*, *um* e idêntica, parece-nos, ao artigo *o*; a do feminino é *a*, correspondente á dos nomes da primeira declinação em *a*, idêntica ao artigo feminino *a*. Estas duas desinencias são usadas até nos nomes proprios, como *Antonio*, *Antonia*, alguns dos quaes

teem uma só terminação, como *Maria*, *Alfredo*, ao passo que outros perderam a terminação por já terem cahido em desuso, como *Marcas* (antigo), nome de mulher, correspondente ao de *Marcos*.

155 Antigamente a imposição do nome era feita com certas cerimoniaes, e entre os indios ordenava uma lei que o de mulheres devia ser palavra acabada em vogal longa, ordinariamente *â* ou *î*.

Em latim as desinencias proprias dos dois generos são as que mencionámos, alem de outras. Em portuguez as referidas terminações *o*, *a*, latim *us*, *a*, são tambem a dos adjectivos biformes, e tão constantes, que os nomes acabados em *or*, *ez* e *iz*, que em latim (*ex*, *ix*), não teem terminação feminina, como antigamente em portuguez, nesta lingua ajunta-se essa terminação a taes nomes, como *libertador*, *libertadora*, *francez*, *franceza*, *juiz*, *juiza*, dizendo-se antigamente a *libertador*, a *portuguez*, a *juiz*.

156 Sobre as terminações *ez*, *iz* Leoni observa que a primeira é contrahida da terminação *ensis* de varios adjectivos latinos, como *carthaginensis*, que servia para ambos os generos, dando-se a mesma cousa por imitação no portuguez, o que tambem acontecia com a terminação *iz*, que nos parece derivada dos nomes latinos em *ix* cujo ablativo è em *ice*. Mas aquella explicação não satisfaz. Primeiro que tudo as terminações latinas *ensis*, *ice* não passaram logo para *ez*, *iz* portuguezas, porque tiveram uma forma intermediaria. Era natural que, supprimido o *n* de *ense* e o *d* de *dice*, ablativos, *carthaginense* ficasse *carthaginese* e *judice*,—*juice*. Vê-se que a suppressão d'estas letras alongou, como é de regra, a vogal precedente, e *e*, *i* tornaram-se *ê*, *î*. Como *s* entre duas vogaes tem o som de *z* e o *c* em *ice* è lingual, aconteceu que, supprimido o *e* mudo final de ambas essas palavras, ficou-nos *carthaginez* e *juiz*, isto é, as duas linguaes *s* e *c* converteram-se em *z*. Que existio essa forma intermediaria, prova-o o italiano *mese*, *giudice* (*mense*, *judice*), *mez*, *juiz*.

157 É provavel que do sanskrito viesse o *a* dos nomes próprios femininos para os appellativos e adjectivos latinos, mas já abbreviado, passando depois para o portuguez ainda com mais amplitude de modo que só bastou, para formar o feminino, acrescenta-lo as trez dietas terminaões, advertindo que a respeito dos nomes próprios a primeira não tem feminino e as duas ultimas masculino, como *Victor*, *Ignes*, *Beatriz*, e que as mesmas terminaões procederam do ablativo singular de nomes latinos, pela suppressão do *e* mudo final, o que alongou a ultima syllaba: a *victore*, a *ignense*, a *beatrice* de *victor*, *ignensis*, *beatrix*.

158 Mas não é absoluta a regra das duas terminaões *o*, *us* (masculina), *a*, *a* (feminina em ambas as linguas, porque os appellativos de homens e animaes variam, de modo que o feminino de *homem* é *mulher* (*homo*, *mulier*), *cavallo*, *egua* (que seguem a regra geral em latim: *equus*, *equa*), *boi*, *vacca* (commum de dois em latim: *bos*), *bode* (do ukoa, africano,—*bodi*), *cabra* (*hoedus*, *capra*), *carneiro*, *ovelha* (*ovis*, epiceno), *gamo* e *corça* (*dama*, epiceno), *veado*, *serva* (*cervus*, epiceno), *gallo*, *gallinha* (*gallus*, celtico-gal, epiceno).

Variam tambem os nomes de parentesco, como *pai*, *mãi* (*pater*, *mater*), *avô*, *avó*, (*avus*), *padrasto* e *madrasta* (*noverca*), *genro* e *nora* (*gener*, *nurus*), *compadre* e *comadre*; do mesmo modo que os de dignidade, como *imperador*, *imperatriz* (*imperator*, *imperatrix*), *rei* e *rainha* (*rex*, *regina*), *duque* (*dux*), e *duquesa*, *conde* (*comes*, commum de dois), *condeça*, *propheta*, *prophetisa*, *poeta*, *poetiza*, *poeta*, *poetia*, *poetris* (*poetria* e *poetris*), e outros.

Seguem a analogia d'estas formaões entros nomes não derivados do latim, como *actor*, *actriz*, *embairador*, *embairatriz*, *alcaide*, *alcaideça*, *rapaz*, *rapariga*, *prior*, *prioreza*, *diacono*, *diaconica*, *abade*, *abadeça* e outros.

159 Mas qual será a razão d'estas irregularidades?

Parece-nos que ellas podem explicar-se pelo facto de existir na lingua latina duas palavras significando a mesma cousa, mas exprimindo-a cada uma em modalidades differentes d'ella: *caballus* e *equus* significam a mesma cousa, mas ao passo que *caballus* (cujo feminino, talvez perdido, seria *caballa*), significa o de carga; *equus* não; e como para este mister talvez só se tivesse empregado o macho do animal, d'ahi segue-se que, adoptando o portuguez a palavra, e não tendo esta feminino, recorreu a outra e d'ahi veio *equa* para feminino de *cavallo*. Do mesmo modo, servindo *bos* para ambos os generos em latim, e existindo nesta lingua a palavra *vacca*, o portuguez adoptou a primeira na significação masculina, a segunda na feminina de *bos*, *boi*, mas por uma razão etymologica: *vacca*, egypcio *bahci*, derivado de *ehe*, boi, *ci* (nheengatú *ci*, mãe), cria e *bi* (sanskrito *bhu*) trazer (latim *gero*, *gestatio*), equivale a *bos*, *quae gerit filium*, isto é, *vacca*, Constançio, Dicc. portuguez. Este lexicographo affirma que a palavra *padrasto* se compõe de *pater* e *sto*, ao passo que *madrasta* se forma de *mater*, mãe e *ater*, cruel. Não vemos razão para que a etymologia de uma palavra divirja da de outra. Ambas teem por suffixo a terminação *tar*, *ta* sanscrito, § 76, que alterando-se em sua passagem para as linguas grega e latina em *τερ* *ter*, *ter*, *tor*, continuaram a compor os nomes de agentes e de parentesco, alterando-se de novo de diversos modos, como em *tor*, *dor*, *dre*, etc., ao passar para a lingua portugueza. Assim, do sanscrito *pita* procedeu o grego *πατήρ* (*patēr*), latim *pater*, portuguez *padre*, e por suppressão *pai*, que primitivamente significava o que alimenta, protege ou governa; *janitár* (leia-se *djanitár*), *γενετήρ* (*guenetēr*), *genitrix*, a que gera, mãe.

159 Não tem razão Leoni, quando affirma que onde mais se mostra o genio da lingua portugueza é nos nomes, que, não procedendo immediatamente do latim, ou não tendo mesmo origem nesta lingua, formam, contudo, o genero feminino a semelhança dos

proprios latinos. Esses suffixos são communs com mais ou menos alteração a todas as linguas indoeuropeas. É o mesmo suffixo que se vê no inglez *sister*, antigo alto allemão *suestar*, gothico *svistar*, irmã, e no irlandez *pathair*, pai, zend *brāta* (inglez *brother*), irmão, no lithuanio *dukter*, antigo slavo *duchter* (*daughter*), filha.

Ainda diz o mesmo escriptor que do ablativo singular dos adjectivos latinos triformes procederam os portuguezes biformes em *o*, *a*. Comtudo convem notar que adjectivos ha em que he visivel a supressão da syllaba final do ablativo em ambas as terminações, como de *crudus*, *crá*, de *nudus*, *nú*, quando é usada a masculina tanto em latim, como em portuguez, como *antiquus*, *antiguo*, *antigo*; *contiguus*, *contiguo*. Em *malus*, *máu*, *gallus* (usado por Marcial), *gaulez*, conservou-se o *u* a par da supressão de um *t* e *s*, compensada na primeira palavra pelo alongamento do *a*, na segunda pela substituição do *s* pelo *z*. Isto tudo indica que na lingua popular umas vezes se supprimia o *u*, outras era conservado e outras finalmente substituido por *o*, como *européo*, que tambem se escreve *européu*, por analogia do ablativo, que converteo nesta letra o *us* do nominativo. Por isso talvez fosse melhor considerar a terminação portugueza *o*, como substituta de *us*, quando a palavra serve de sujeito e identica ao *o* do ablativo latino, quando se exprime algum complemento circumstancial. Em *judéo*, de *judæus*, é visivel que a terminação feminina deriva-se da correspondente do nominativo plural, *judæiæ*, pois que a do ablativo singular não tem *i*; *judæa*, *judia*, nem acaba por *a* a do ablativo plural *judæis*. *Sandéo*, de *insanitus*, que passou para o portuguez por intermedio do castelhano e começou pela apherese do *in* (*sanitus*), devia ter-se tornado *saniteus* para transformar-se em *san'-t-eus*, *san'-t-ea*, por antithese *sant'-t-ius*, *san'-t-ia*, *san'-d-ia*. *Ilheo*, que, como *judéo*, se escreve tambem conservando o *u*, de *insulensis*, que talvez equivalha a *insulæ gens est*, com-

poem-se do suffixo *ensis*, que, bem que raras vezês, se converte em *eus*, de *εως*, ajunta o *a* da terminação feminina do nominativo singular, supprimindo o *e*; *ilheo-a, ilh'ôa*.

160 Acrescentam tambem a terminação feminina a alguns adjectivos acabados em consoante, como *um* (*unus*), *uma* (*una*), *algum*, *nenhum* (*aliquis unus, nec unus*). *Commum* não muda, mas fazia antigamente *commua*, e deu lugar ao substantivo moderno *communa*. *Meu* faz *minha*, *teu* *tua*, *seu* *sua*.

Quanto aos adjectivos latinos biformes, dos quaes procederam os portuguezes uniformes, acabados em *e*, por ser sua primeira terminação *commum* aos dois generos naquella lingua, tambem parece-nos que é melhor deriva-los da terminação neutra do nominativo, do que do ablativo singular, tambem *commum* ao neutro, pois do contrario é preciso suppor que as formas em *i* de alguns se converteram em *e*, contra o genio das linguas, que sempre enfraquecem a vogal da syllaba final. Ordinariamente o *e* se enfraquece em *i*, mas é muito raro que o *i* final se reforce em *e*. Assim *grave*, *breve*, *triste*, *rude* (portuguez antigo *rudo*, com ambas as terminações), etc., parecem-nos ser a terminação neutra de *gravis*, *brevis*, etc., que applicou-se ao masculino, como muitos substantivos do genero neutro já mencionados, e d'ahi passou tambem para o feminino, como aconteceu a muitos substantivos, que no portuguez antigo não tinham terminação feminina, como em *mente honrador de Deus*. *Senhora*, pois de tam longe vos escolhemos para juiz. Em *pobre* e *nobre* é visivel a metathese da ultima syllaba *bre* por *per*, a antithese e syncope de *bre* por *b'le*; em francez *noble* (*nob'le*). Bem o mostra *salubre*, cujo ablativo é *salubri*, do qual não podia vir uma forma em *e*, que já havia anteriormente no nominativo. O mesmo acontece com os acabados em latim em *bilis*, como *amavel*, *debil*, *crivel*, *mobil*, *nubil*, que alongam a penultima syllaba, e *fatal* de *fatale*, *cruel* (*crudele*), *subtil* (*subtile*), que alongam a ultima

para compensar a supressão do *e* final da terminação neutra, como bem o indica o portuguez antigo *mobil*, o francez *meuble*, *aimable* e o italiano *crudete* e *crudel*, *fedele*, que, comparados com o latim *fidele* e portuguez *fiel*, mostram que neste supprimio-se primeiro o *d* e depois o *e* final, como no italiano *fedele* e hespanhol *fiel*. Em *familiar*, *salutar* bem se mostra que se apocopou o *e* de *salutare*, como em *mar* de *mare*. Em *fugaz*, *feliz*, *atroz*, portuguez antigo *fugace*, *felice*, *atroce*, *contumace* o *z* está por *s*, que por sua vez é o desdobramento da *duplice* (de *daplex*) *x* com perda da guttural, do que ainda é vestigio *triplice* de *triplex*. A troca do *c* pelo *z* é causada pela analogia da outra lingual *s*, cuja tendencia é converter-se em *z*, não só entre vogaes, como no fim das palavras, seguindo-se outra que comece por vogal, como *vossos amigos*, que se pronuncia *vossoz-amigos*. Se assim é, só a perda do *c* final poderia alongar a vogal precedente de *fugaz*, *feliz*, *atroz*, *a*, *i*, *o*, que não são longas em latim, como alongou as precedentes das acabadas em *l* e *r*. O mesmo acontece com o substantivo *rapaz*, pois ainda se usa de *rapace* (*rapax*), que não tem feminino, pois *rapariga* é feminino de *raparigo*, de *rapax* e do suffixo latino *ico* (*igo*), que indica idea de aproximação, isto é, *tirante a rapaz*, *semilhante*, *quase*, ou *aproximado a rapaz*.

161 Os nomes acabados em *ão* fazem o feminino em *ã*, como *irmão*, *irmã*, *são*, *sã* ou *san*. Os adjectivos que tem esta terminação procedem dos latinos acabados em *anus* no masculino e *ana* no feminino, como *paganus*, cremos que de *pagus*, d'onde talvez venha *fogo* (direito pago por fazenda movel ou de raiz); *pagão*, *pagã*, *ão*, igual a *an-o*, *an*, igual a *an-a*. Portanto, mudando em *pagan-o* ou *o* em *a*, para formar a terminação feminina, temos *pagan-a*, e, suprimido o ultimo *a*, fica *pagán* ou *pagã*. Os augmentativos em *ão* fazem em *ona*, como *valentão*, *valentona*. A desinencia do augmentativo escrevia-se antigamente *om*, como *valentom*, e bem assim os mais

nomes acabados em *ão*, como *varão*, *varom*, com o antigo feminino *varoa*, com supressão do *m*. Assim, a desinencia feminina *ona*, explica-se pela mudança do *m* da desinencia antiga em *n*, ao qual se ajuntou o *a* da feminina. *Valentona* é igual a *valentom-a*, igual a *valenton-a*.

LICÇÃO 18.^a

FORMAÇÃO DO PLURAL DOS NOMES.

§ 93 *Numero* é a propriedade que tem a palavra declinavel, pela qual se determina a unidade e pluralidade. A primeira é determinada pelo numero *singular*, a segunda pelo *plural*.

Com quanto o latim, e, por conseguinte o portuguez, não tenha o *dual*, todavia ha nestas linguas vestigios d'elle, como em latim a palavra *ambo*, *ambos*, em grego a palavra *αμφι*, *amphi*, que figura em muitos compostos, que passaram para o latim e depois para as linguas neo-latinas, como *amphi-bologia*, *amphis-cios*.

162 O meio de fazer com que uma palavra que determinava *um*, passasse a determinar mais de *um*, foi ajuntar-se-lhe outra palavra; que afinal veio a formar-lhe a desinencia, meio symbolico da pluralidade, pelo qual se exprime, que já não ha uma idea somente, mas que a ella se accrescentou outra. D'ahi vem que o signal do plural era outrora uma palavra de significação independente. Isto se deduz da comparação entre diversas linguas. O japonéz, por exemplo, forma seu plural, como o chinez (dialecto punti e hakka), repetindo a palavra, alterando-a ou modificando-a, como, japonéz, *fito* homem; *fito-bito*, os homens; chinez, *yan yan*, os homens. Forma-se tambem o plural nestas linguas pela addição de certas particulas, como *tatsi*, *domò*, *ra*, *syō* (chinez), que

significam muitos, muito, grande numero, como *onago*, a mulher; *onago-tatsi*, as mulheres (Léon Rosny, *Grammatica Japoneza*). O nhéngatü forma pelo mesmo modo seu plural, com o suffixo *ta*, que significa *povo*.

163 O modo pelo qual o portuguez forma seu plural é acrescentar ás palavras acabadas em vogal, breve ou longa, um *s* ao singular, letra, que deve ser resto de alguma palavra perdida, que talvez tivesse tido aquelle sentido. Os nomes que assim formam o plural pertencem todos a 1.^a, 2.^a, 4.^a e 5.^a declinação. Mas entre as palavras acabadas em vogal ha algumas excepções, como os nomes acabados em *ão*, que formam seus pluraes de trez modos differentes: 1.^o, os derivados de nomes latinos acabados em *anus*, como *christianus*, e *aunum*, como *organum*, formam o plural, seguindo a regra geral, isto é, acrescentando-se-lhes um *s*. Temos, por exemplo, *manus*, que, a regular-se por *máneo*, cuja raiz é *man*, a mesma raiz sanskrita *mān* pensar, divide-se assim: *man-us*, sendo *us* o signal casual latino, igual ao *s* sanscrito, do nominativo por enfraquecimento do *a* em *u* e por metathese de *sa*. Como antigamente esta palavra se escrevia *mahom* por analogia do accusativo singular dos da 2.^a declinação, e depois *man*, afinal fez *mão* e no plural *mãos*. Quanto aos neutros acabados em *um*, por analogia dos masculinos da 2.^a declinação, de cujo accusativo se derivam os portuguezes em *ão*, sendo o *m* o signal do accusativo sanscrito, e portanto do latino, *orga-um* é igual a *orgã-o* (orgão), *orgãos* no plural. *Um* é resto de *a-mū* elle, segundo Bopp, como *s* o é de *sa* elle, aquelle: o que justifica que a terminação portugueza é o mesmo artigo *o*; 2.^o, os derivados de nomes latinos em *anis*, como *panis* formam o plural quase do mesmo modo que em latim; *panes*, igual a *pa-n-es*, torna-se tambem igual a *pan-es* ou *pã-es*, ajuntando a nazal a raiz sanskrita *pā* sustentar. Como esta palavra e as outras acabadas em *ão* eram escriptas em portuguez

antigo com *am* (*pam*), com a addição posterior do artigo *o* ficou *pam* ou *pã-o*, ou *pão* (litteralmente,—o que sustenta). Então formava o plural *panes*, igual ao *panes* latino, como se vê em um prazo de 1214, indicando que se derivou da palavra latina em *anis* e se escreve com a nazal junta a raiz, para evitar que forme syllaba com o *es*, sendo que estes nomes pertencem a 3.^a declinação; 3.^o, os derivados de nomes latinos em *on*, § 59, ao passar para o portuguez, perderam o *i* do radical e mudaram o *t* em *ç*. O accusativo do singular (*acti-on-em*) perdeu no portuguez antigo a terminação *em* (*acçon*), depois o *e* e o *n*, conservando o *m* (*accom*, *acçam*) e finalmente converteo-se em *acção*. O accusativo do plural (*actiones* em latim), perdendo o *i* e mudando o *t* em *ç*, fez *acçon-es* igual a *acções*. Estes nomes pertencem a 3.^a declinação. Os que não teem origem latina, formam o plural do mesmo modo.

164 Quanto aos acabados em consoante, a regra geral para formarem o plural é acrescentar-se-lhes *es* (do nominativo plural latino) ao singular, como *amor*, *amores*. Os derivados da 2.^a declinação formam o plural por analogia dos da 3.^a, como *mal*, *males*, a par de *mar*, *mares*, se é que não se suppõe um antigo romano *mal*, *malis*. As excepções são as seguintes:

1.^o Os acabados em *al*, *ol*, *ul* formam o plural do mesmo modo que em latim, mas supprimindo o *l*, sem duvida para alliviar o peso da composição, como *portal*, *porta(l)es*; *caracol*, *caraco(l)es*; *azul*, *azu(l)es*, que suppõem os antigos *portales*, *caracoles*, *azules*, a maneira de outros pluraes antigos assim terminados, os quaes pertencem a 3.^a declinação latina, como o actual *consul*, *consules* e antigamente formavam o plural, acrescentando *es* ao singular, como *picheles*; sendo derivados de nomes latinos da 3.^a declinação acabados em *el*, formam conservando a forma do nominativo plural, mas supprimindo o *l*, com o que reforçaram a penultima syllaba, enfraquecendo por

uma lei dynamica o segundo *e* em *i*, como *mel*, nominativo plural *meles*, igual a *méis*, que tambem faz *meles*. Seguem a analogia d'estes os que se derivam de adjectivos latinos acabados em *ilis* com a penultima breve, e que acabam em portuguez não só em *el*, como em *il* breve, como de *amabiles*, *amaveis*; *futiles*, *futeis*, mas supprindo tambem o *i* antecedente. Se porem o nome latino acaba em *ilis* com a penultima longa, então supprime-se a ultima syllaba breve *lis*, reforçando aquella, como *infantiles*, *infantis*. Os não derivados do latim seguem a analogia d'estes. Diez justifica a suppressão do *l* com o facto de se achar entre duas vogaes. Os acabados em *m*, que se segue a *e*, *i*, *o*, *u*, mudam o *m* em *n*, ao qual se ajunta o signal do plural, mudança que se funda no latim antigo. *Homem*, cujo thema latino é *homin* e se escrevia *hemonem* e *homonem*, §§ 59 e 66, conservou o *n* nos casos obliquos e foi supprindo no accusativo juntamente com o *i*, para formar o portuguez *homem*, como no nominativo plural o *e*, para formar *homens* com metathese do *e*. *Som* faz *sons*, e por analogia *jardim*, *jejum* e *commum*, antigamente *communal*, fazem *jardins*, *jejuns* e *communs*. Em regra geral, quando em latim não se supprime juntamente o *n* com o signal casual *s*, essa é a regra a seguir na formação dos pluraes portuguezes; mas quando é só o signal casual que se supprime, então os acabados em *n*, como *joven*, *regimen*, seguindo a regra dos acabados em vogal, fazem *jovens*, *regimens*. Os acabados em *s* seguiam antigamente a regra dos acabados em consoante, como *alferes*, *alfereses*; *arraes*, *arraeses*, *caeses*, *ouriveses*; mas hoje, com excepção de *deos*, *deoses*, os mais não mudam no plural, como *caes*, *ourives*, etc. Os acabados em latim na dupliche *x*, desdobram-na para formar o plural portuguez, supprindo o outro elemento della, como *calix*, *calices*, conservando assim a accentuação latina, que faz cabir o accento tonico na antepenultima syllaba.

463 Nomes ha que só teem plural e outros que só

teem singular. D'estes distinguem-se os de cousas unicas na natureza, ou como taes reputados, como os dos pontos cardeaes e seus intermediarios, como *norte, oriente, nordeste, etc.* Outros denotam *paixão, estado corporeo ou intellectual, ou uma actividade, qualidade, virtude, vicio, ou uma idea geral abstracta, como mocidade, decrepitude, desamparo, penuria, fé, prudencia, gula, inveja, mahometismo, inercia, candura.* Mas estes nomes podem ter plural, como no latim *vitæ, mortes, somni, timores, superbicæ, audaciæ, iræ, odia, etc.* Os pluraes d'esta natureza designam quer uma verdadeira pluralidade da idea, isto é, podem-se tomar em sentido particular, concreto, individual, como as *bellesas*, quer os diversos lados pelos quaes se considera a *bellesa*, as *iras* ou as manifestações da colera. Outros exemplos do plural sã: *ceos, peitos*, applicados tanto no sentido proprio, como no abstracto, como *barbas, cartas, titulos, etc.*

166 Outras vezes o nome tem uma significação no singular e outra diversa no plural. Mas isto não constitue um idiotismo peculiar da lingua portugueza, como pretende Leoni; Diez cita palavras de outras linguas com a mesma propriedade. No portuguez temos *zelo, cuidado e zelos, ciumes; liberdade, a faculdade de ser livre e liberdades, licença; forma, modo e formas, figura; bem, felicidade e bens, propriedade; graça, valimento e graças, favores, etc.*

167 Temos tambem exemplos de nomes, que só se usam no plural e não no singular, como *nupcias, bodas, funeraes, exequias, manes, fastos, etc.* D'estes nomes uns indicam povos, constellações, terras, os naipes das cartas, como *selvagens, indigenas, pleiades, os Alpes, os Andes, caldas, ouros, plus;* mas alguns teem singular, como *selvagem.* Os nomes proprios, que indicam a qualidade ou dote distinctivo da pessoa que o tem, admittem plural, como os *Catóes, os Andradas.* Em latim, diz Diez, os nomes de *materia* são em grande parte aptos para ser empregados no plural, tanto os que indicam um ajunta-

mento pouco condensado de partes pequenas, como os que designam uma massa, como *nives*, *grandines*. O mesmo em portuguez, como *farellos*, *chuvas*, *carnes*.

LICÇÃO 19.^a

DOS AUGMENTATIVOS.

§ 96. As terminações dos augmentativos são: *ão*, *ona*, *az*, *aço* (a desinencia *ona* é o feminino de *ono*; *aço* é variação de *az*). Estas são as desinencias que mais particularmente servem para formar o augmentativo; outras ha que designam intensidade, collecção, numero, etc. A terminação *ão* se ajunta, ou directamente ao nome, se este acaba em consoante, como *papel*, *papelão*, ou elidindo a vogal final, como *casa*, *casão* e *casarão*. Mas nem sempre os augmentativos se formam assim regularmente, e são irregulares, como *homem*, *homenzarrão*; *rapaz*, *rapagão*. Parece que muitas vezes se recorreu ao *r*, como letra indispensavel ás necessidades da euphonia. Em *homenzarrão* este *r* brando em *casarão*, endureceu-se, e como o som ficasse aspero, foi preciso inserir uma vogal de ligação—*a*. É provavel tambem que a principio o augmentativo d'este nome fosse *homenzão*, e que se dobrasse o augmentativo, para dar-lhe mais força; então o *s* (com o som de *z*), mudou-se em *r*, como em latim, por estar entre duas vogaes. Nota-se com effeito em *homenzarrão* duas letras euphonicas (*s* e *r* ou *s* duas vezes) e a vogal de ligação *a*. Outra explicação, e é a que parece mais verosimil, vem a ser que, sendo o thema latino *homin* ou *homon* (nominativo *homo*, § 59), o suffixo *on*, igual ao sanskrito *an* ou *in*, teria sido expresso duas vezes: uma na palavra simples *hom-on*, e outra para formar o augmentativo, ficando *hom-on-ão* ou *hom-in-ão* igual a

hom-on-z-ão, ou *homin-z-ão*, com o *z* euphónico. Repetindo outra vez o diphthongo *ão* e inserindo segundo *z*, ficou *homin-z-ão-z-ão*. Sendo a palavra de pronúncia difícil o *z*, igual a *s*, por estar entre vogaes, converteo-se em *r*, que tornou-se aspero, talvez em virtude da supressão da nasal e do *o* do primeiro diphthongo. Diez explica este augmentativo pelo suffixo *arr*, § 83. Mas o *r* não pode deixar de ser antithese do *s* entre vogaes com o som de *z*, como se pode verificar em *casa-rão* por *casa-s-ão*. Em *canzarrão*, de *cão* (de *can-is*) o suffixo *is* parece ter perdido o *i*, depois de ter convertido o *s* em *z* por se achar entre vogaes.

Outro augmentativo irregular é *rapagão*, cujo *g* está por *z*, isto é, a guttural pela sibilante. Também pode ser que em *rapax* se houvesse suprimido um dos elementos da duplice *x* o *s* (perdendo o *e* o ablativo *rapac e*, ficando *rapac*, cujo *c* converteo-se em *z*); o outro elemento, *c*, mudou-se em *g*, troca muito usada em portuguez, como em *narição*, de *nariz*. Em *parlapatão* (de *parlar*, *parler*), ha um *t* euphónico que está por *s*, troca também usada.

Ona emprega-se no feminino dos nomes que tem este genero differente na terminação do masculino, para formar seus augmentativos, como *mulherona*, posto que se empregue também a desinencia masculina *mulherão*, *cadelão*, que é mais usada.

167 Com os suffixos *az*, *aço*, *aça*, n. 94, formam-se também augmentativos em portuguez, como *machacaz* por *macho-c-az*, também por *mach-an-az* (com o suffixo *an*, augmentativo), que Constancio deriva do hespanhol *mucho*, devendo ser neste caso *mucho-caz* e não *machacaz*.

Em latim ha duas palavras que tem o mesmo sentido e são *bibo* e *bibax*, que por ter cada uma suffixo differente, devia fazer, como faz, o augmentativo portuguez de dois modos: *beberrão* e *beberraz*, sendo a desinencia do segundo *az*, derivada do latim *ax*, também derivada do sanscrito *a-ka*, n. 94. Por

tanto os suffixos portuguezes *az*, *ão* não derivam-se de *ago*, *agis*, porque não se trata aqui de exprimir uma acção, mas a idea de grandesa, que é provavel ter sido indicada pela ampliação do suffixo *ka*, § 63, em *a-ka*, meio symbolico e natural de exprimi-la. Tanto com *az*, como com *ão* se formam os augmentativos, como os que empregam *ão*, ou immediatamente, quando o nome acaba em consoante, ou elidindo a ultima vogal do radical, ou tambem com o *r* dobrado, tendo mais frequente emprego, quando se exprime a idea com desprezo, como *velhacão*, *velhacaz*. *Az* e *ão* eram primitivamente o mesmo suffixo, variado pela troca das sibilantes, se não for pela supressão do *o* de *ão*, sendo então *az* derivado de *ão* e não *ão* de *az*.

168 Cabe aqui tratar da questão de saber, se o latim tinha augmentativos. Parece-nos que não, pelo menos como os formamos nós, pois esta lingua não tem, como a portugueza, a faculdade de ajuntar um suffixo a qualquer nome para augmentar sua significação, ou antes os nomes latinos já são formados com significação em grão superior, como tambem os temos, entre outros *comilão*, que come muito; *fujão*, que anda sempre fugido, etc. Mas estes nomes não são propriamente augmentativos: o primeiro é intensivo, o segundo frequentativo, como veremos, e no que ha differença. Se o latim quizesse formar o augmentativo de *domus*, por certo não o poderia fazer, ao passo que, se houvesse augmentativos na mesma lingua, este seria *domon*, nominativo *domo*, genitivo *domonis*, etc., e não recorreria ao adjectivo para exprimir o augmento em *magna domus*, como faz o francez em seus diminutivos com a palavra *petit*. Talvez seja por não ter o latim augmentativos propriamente dictos, que o portuguez dobra o respectivo suffixo em muitos nomes, como vimos. Esta faculdade, que tem a lingua, não lhe veio sem duvida do latim, mas talvez do celta, gothico ou arabe.

LICÇÃO 20.^a

DOS DIMINUTIVOS.

§ 97. Assim como os augmentativos amplificam a idea do primitivo, já tornando-a maior, já exprimindo o desprezo e até louvor, assim os diminutivos a apoucam, já exprimindo a idea de pequenez, já outras que d'ella se derivam, como a de carinho, delicadesa, graça e gentileza, a de fraquesa, miseria, desprezo, como os em *ejo*, accrescendo que, segundo o Dr. Sousa, os diminutivos nem sempre exprimem exactamente a idea do primitivo, senão minorada sob uma relação qualquer, e que as significações particulares dos diminutivos quase não correspondem as suas desinencias particulares.

169 Estas desinencias em latim são: *lus, la, lum, ellus, ella, ellum, illus, illa, illum, io, cio, uncium*, algumas das quaes, combinadas com *c*, dão: *c-ulus, c-ula, c-ulum* e com *un* (por *an*) e *e*, *un-culus, un-cula, un-culum, e-culus* etc., e todas ellas se derivam dos suffixos sanskritos, *la, ka, an*, §§ 59, 63 e 65. Assim:

I.^o De *la* derivaram-se com enfraquecimento do *a*: a), *lus, la, lum*, que se empregam com radicaes de substantivos da 1.^a e 2.^a declinação e com alguns da 3.^a acabados em *c* ou *g*: b), *illus, illa, illum*; I, mudando o *u* do radical em *i*; II, inserindo um *i* nos primitivos da 3.^a declinação e supprimindo o segundo elemento da duplice, se o primitivo acaba em *x*, como de *codex codicillum*, excepto *vexillum* de *vellum*; *paxillum* de *palus*, *maxilla* de *mala*, *tela* de *texo*; III, assimilando na mesma declinação o *s* em que termina, como *anguilla* de *anguis*: c), *ellus, ella, ellum*, formado do precedente: I, com o guna do *i*, ou mudando o *u* em *e* dos radicaes da 1.^a e 2.^a declinação, assimilando o *n*, como *pagella* de *pagina*, *catellus* de *catullus*; II, assimilando o *r* e *n* em *l*, como *agellus* de *ager*, *catella* de *catena*; III, intercalando *e* antes de *r* precedido de consoante, como *labellu* de *labrum*: d), *ullus, ulla,*

ullum: I, com enfraquecimento do *a* do radical nos substantivos da 1.^a declinação, como de *virga*, *virgula*; II, assimilando o *s* e *m* a *l*, dos da 2.^a declinação, como *hortulus* de *hortus*, *oppidulum* de *oppidum*; III, mudando o *s* em *l* de alguns dos da 3.^a e intercalando a vogal de ligação *u*, como *adolescentulus* de *adolescens*; IIII, se o nome acaba em *x*, supprimindo um dos elementos da duplice e intercalando o *u* de ligação, como de *vox vocula*. Nestes as vezes desaparece o sentido de diminutivo com terminação diferente, como *ocellus* de *oculus*, formado do sanskrito *akshi* olho, d'onde talvez procedeo *uks*, depois *oks* e por fim: *a* mais *u*, igual a *o*, mais *c*—*oc*, diminutivo *oculus*; *poculum* (de *pâ* beber), *cistula* (de *cistella*, *cistellula*; *e*), *olus*, *ola*, *olum*, formados dos precedentes: I, na 1.^a declinação, como *gloriola* de *gloria*; II, assimilando o *s* e *m* da 2.^a, como *filiolus* de *filius*, *ingeniolus* de *ingenium*:

2.^o Do suffixo *ka* procedeo: a), o latim *cius*, como *homuncius* de *homo*: b), combinado com *i*, *icus*, *ica*, *icum*: c), combinada com *ulus*, *culus*, *cula*, *culum*, que se une: I, immediatamente a radicaes da 3.^a, 4.^a e 5.^a declinação acabados em *l*, *r*, *s*, como *anima-culum* de *animal*, *frater-culus* de *frater*, *flos-culus* de *flos*; II, unido a raiz perde as vezes o sentido de diminutivo, como *poculum* (o que faz beber, de *pâ*), *vehiculum* (o que faz transportar, de *vah*, *veh*); III, nos acabados em *s* da 3.^a declinação, a que precede consoante o *s* muda-se em *t* com a vogal de ligação *i*, como *ponticula* de *pons*; IV, nos da 4.^a supprime-se o *u*, como *versiculus* de *versus*. Exceptuam-se *arbor*, *rumor*, *grandior*, *venter*, *acer*, *os*, que fazem *arbuscula*, *rumunculus*, *ventriculus*, *acriculus*, *ossiculum*, e os que fazem o genitivo em *onis*, *inis*, como *virguncula* de *virgo*, *sermunculus* de *sermo*; II, supprimindo o *s* de alguns dos nomes da 2.^a declinação, como *avunculus* de *avus*. Exceptuam-se aquelles a que se acrescenta immediatamente o suffixo, quando acabam em *r*, como *furunculus* de *fur*, e os que perdem o *a*

da 1.^a declinação com mudança de genero, como *ramunculus* de *rama*; III, com *i* de ligação e *culus* *cula*, *culum*, fazendo *iculus*, *icula*, *iculum*, que se ajunta aos radicaes da 3.^a declinação, como *apicula* de *apis*, supprimindo o *s* final: IV, com *uleus*, *ulea*, *uleum*, com supressão do *s* final, como *eculeus*, de *equus*, *aculeus* (com mudança de genero) de *acus*; V, inserindo um *a* que se combina com o *i* do radical, fazendo *e* e cujo *s* final se supprime, formando *eculus*, *ecula*, *eculum*, como *vulpecula* de *vulpis*.

3.^o Do suffixo *ta* com a vogal de ligação *i* procedeo o latino *itus*, *ita*, *itum* com enfraquecimento do *a* final, como *amaritus*, que não tem sentido diminutivo, como tambem os em *etus*.

4.^o Do suffixo sanskrito *na* com a vogal de ligação *i* e supressão da ultima vogal dos primitivos, que assim acabam, vieram os latinos *inus*, *ina*, *inum*, com *i* longo, como *regina*, *pisc'ina* sem sentido diminutivo.

Alem d'estes suffixos ha mais *aster*, que exprime ironia, menoscabo e escarneo, como *poetaster*, *medicaster*. Suffixos, pag. 60, n. 72, obs. 1.^a

170 D'estes suffixos procederam os suffixos portuguezes seguintes:

1.^o De *illus*, *illa*, *illum*: a), *illo*, como *codicillo*, parecendo que houve mutilação da ultima syllaba d'este suffixo portuguez nos substantivos acabados em *il*, como *carril* de *carro*, por *carril-lo*; *barril* (talvez do sanskrito *bha* ou gothico *baira*) por *barrillo*, o que traz: *funil* de *fundibulum* (mutilado em *funibulum*, *funilum*, ou *funiulo* e afinal em *funil*), ou de *fundillus* de *fundus*, *funillus*, *funil*; b), *ilho*, *ilha*, como *rastilho*, *mantilha*; *ello*, como *bacello* de *bacillum*.

2.^o De *ellus*, *ella*, *ellum*, a), *ello*, *ella*, como *libello*, *furtadella*, *columello*, *viella*; b), *elho*, *elha*, como *artelho*, *cravelha*. *Ello*, *ella* foi mutilado em *el*, a maneira de *illo* em *il*, como *cordel*, adoptando o genero masculino, embora derivado de primitivos femininos, como *canastrel* de *canastra*; c), *ilho*, *eia*, *eo*, como *caudilho*,

cadeia de *catella*, *gemeo* de *gemellus*, sem sentido diminutivo.

3.º De *ullus*, *ulla*, *ullum*: a), *ulo*, *ula*, como *casulo*, *cellula*; b), *ulho*, *ulha*, *olho*, *olha*, como *capulho*, *agulha*, *pioelho*, *rolha* de *rotula*, de *rota*.

4.º De *olus*, *ola*, *olum*,—*olo*, *ola*, como *ingeniolo*, *gloriola*, *aldeola*.

5.º De *culus*, *cula*, *culum*,—*culo*, *cula*, como *versiculo*, *auricula*.

6.º De *culeus*, *culea*, *culeum*,—*culeo*, *culio*, *culea*, como *eculeo*, *peculio* (fortuna pequena ou porção pequena de dinheiro, de *pecus*⁽¹⁾), do qual veio *peculato*, tirada, furto de dinheiro publico.

7.º De *unculus*, *uncula*, *unculum*,—*unculo*, *uncula*, como *homunculo*, *porciuncula* por *parti-uncula*, de *pars*.

8.º De *eculus*, *ecula*, *eculum* e *iculus*, *icula*, *iculum*,—*eculo*, *ecula*, *iculo*, *icula*, *elho*, *elha*, *ilho*, *ilha*, como *admiculo*, *rastilho*, *artelho* de *artus*, *ovelha* de *ovis*, *secula*?, *avicula*, etc.

9.º De *cius*,—*cio*, como *homuncio* de *homem*.

10.º De *icus*, *ica*, *icum*,—*ico*, *ica*, como *amorico*, *mulherica*..

11.º De *ago*, *igo*, de *a-ka*, *i-ka*: a) *agem*, *igem*, *ugem* (parece que só do genero feminino), como *ilhagem*, *aragem* (com suppressão do *u* de *aura*), *vertigem*, *ferrugem* (de ferro); b), *ejo*, como *logarejo*, *animalejo*, *sobejo*. *Ico* tambem existe no gothico, celtico e allemão; c), *iço*, *iça* com mudança da guttural ou suppressão do *i* de *icius*, conservada a sibilante, como em *adventicio*, comparado com *feitico* sem sentido diminutivo.

12.º De *itus*, *ita*, *itum*, *eta*, *otus*, *ota*, vieram *ito*, *ita*, *éta*, *éto*, *óto*, *óta*, *ote*, como *rapazito*, *casita*, *crúzeta*,

(1) Entre os germanos o gado era reputado fortuna ou dinheiro, e d'elles nos veio o sentido, que tambem tinha em latim a palavra *pecunia*, de *peculio*, *peculato*.

diabrête, picôto, raparigota, ilhote, saiote com mudança de genero.

13.º De *inus, ina, inum: a*), *inho, inha*, como *filhinho, mocinha; b*), *im* (talvez com suppressão de *h* e *o*, como *il* de *ilo*, *el* de *elo*, e mudança de *n* em *m* por ser final e ter o mesmo som que esta letra, e em virtude do alongamento do *i* para compensar a suppressão, pois as syllabas finaes em *n* são breves, como se vê em *regimen, joven*).

171 É curioso acompanhar estas formações, para se ver o modo, por que se fazem e vão tirar sua origem. O suffixo *illo* ajunta-se ao primitivo a imitação do latim, decompondo a duplice: *ello* com primitivos da 1.ª declinação contrahe o *a* com o *i* do suffixo em *e*, o que prova o guoa, com os da 2.ª (e 4.ª?) suprime o *u*; *elho, ulô, ulho* mudam o *us* da 2.ª e 4.ª em *e*; *olo* muda o *a* e *us* da 1.ª e 2.ª em *o*: *culo* ajunta-se immediatamente ao genitivo dos primitivos da 2.ª declinação, ou muda o *a* da 1.ª em *i*; *ico, ito, êta* ajuntam-se immediatamente ao primitivo como *inho*, que as vezes exige, como *êta*, intercalação de um *z* euphónico, quando o primitivo acaba em consoante, ou *s*, quando acaba em vogal, o qual *z* se explica pela necessidade de evitar o hiato e é reputado por Diez, como novo suffixo, n. 131, 8.º Outras vezes conserva-se o primitivo latino, ordinariamente da 1.ª declinação, como *gloriasinha*. O *r* de *diabrête* explica-se talvez pela necessidade de evitar a confusão com *diabete* (doença), porque nos outros casos ou o *r* pertence ao primitivo, ou não se faz a inserção nas composições com *ête* ou *êto*, como em *librêto, tyranêto, sabonêto, nelhaquete*, etc. Acontece tambem as vezes o caso de se accumularem dois suffixos diminutivos, como em *bolinholo, capitulosinho* (de *boto* e *capitulo* de *caput*). Tambem se usa de um *i* euphónico, como em *mocoila* por *mocola*.

172 Os diminutivos exprimem diversos grãos de diminuição, como os augmentativos. De todos os que diminuem mais são os em *inho, inha*: os que dimi-

nuem menos são: *éte, óto, ito, ita*. Os augmentativos que mais augmentam são os em *ão* e depois os em *az, aço*. O *z*, quando não é intercalado para evitar o hiato, parece, segundo o Dr. Sousa, fazer differença na diminuição, como em *mulherinha* e *mulherzinha*. Nos augmentativos parece que o *z* tambem influe.

LICÇÃO 21.^a

DOS COLLECTIVOS, INTENSITIVOS E FREQUENTATIVOS.

§ 98. A linguagem pinta as ideas e o pensamento com a mesma fidelidade, como a muzica os affectos da alma por meio dos sons, ou a pintura os diversos objectos por meio da luz com o auxilio das cores, e, embora possam haver intimas relações entre os objectos representados, é certo que elles não se confundem, porque nas palavras, como nas cores, emprega-se matizes differentes para distingui-los. É assim que, apezar de se exprimir as vezes com o mesmo suffixo os augmentativos, collectivos, intensitivos e frequentativos, os primeiros pintam a grandeza, extensão e quiza a forma dos objectos, os segundos o numero d'elles, os terceiros a força e os ultimos a frequencia da acção. *Beberrão*, por exemplo, não é o homem grande que bebe, mas o que, pequeno ou grande, bebe muito ou muitas vezes, e é por isso mais frequentativo do que intensitivo e de modo algum augmentativo, como *machacaz*, que se dirige a forma, para designar o homem mais toco do que grande. *Velhacaz* pinta a acção com intensidade e não a grandesa, ao passo que *boiada*, *arvoredo* indicam o numero e são collectivos. D'aqui se conclue que nos augmentativos e collectivos o suffixo se ajunta, por via de regra, a primitivos nominaes para exprimir grandeza ou numero, e nos intensitivos e frequentativos a primitivos verbaes para exprimir o grão ou frequencia e repetição da acção, o que é muito differente. É por isso que em latim não ha,

salvo alguma excepção, verdadeiros augmentativos, ao passo que ha grande numero de verdadeiros collectivos, intensivos, frequentativos, e ainda possessivos. Estes denotam simplesmente a posse do objecto significado, e passando para o portuguez, começaram a designar a grandeza e intensidade. *Naso*, por exemplo, não significa o nariz grande, *narigão*, mas simplesmente o que tem *nariz*; *nasutus* por *nasatus*, como *barbatus* o que tem muita *barba*, litteralmente é o feito de nariz. Ora, como a terminação *ão* do augmentativo portuguez se deriva do *on* latino (nominativo *o, naso*), d'ahi veio que os simplesmente possessivos latinos se converteram em augmentativos portuguezes. Do mesmo modo, como *atus, ata* deo *ado, ada*, esta terminação portugueza passou a designar numero e intensidade, como *folhada, trovada*.

173 Diz Leoni que as ideas de intensidade trazem as de grandeza, quantidade e numero; as de obra, producção, impulso, movimento; as de extensão, grandeza, altura, intensidade e numero; a de movimento as de extensão de espaço e tempo, de modo que muitas vezes se substituem. É provavel que algumas d'estas ideas podessem ter despertado outras, tomando o acto individual ou colectivo, pela acção simples ou repetida; mas tambem não é cousa inadmissivel que ellas se formassem independentemente, como a de grandeza, que podia ter sido expressa a vista de um objecto maior que outros, e sem que a precedessem as de acção, força, intensidade ou frequencia. É finalmente para notar que, sendo primitivamente a idea de pluralidade expressa pela repetição da palavra, assim o é as vezes na linguagem onomatopica a de intensidade e tambem as de numero e frequencia, como veremos nos verbos. O nome *rebombo* parece ser intensivo e *ão* mesmo tempo frequentativo, apesar de não empregar alguma das terminações que lles são proprias: nesta palavra a raiz sanskrita *ban* ou *van* soar, o *m* está pelo *n* por

seguir-se o *ô* da palavra repetida *bo*, que exprime intensidade, achando-se a raiz precedida do suffixo *re*, que exprime repetição e frequencia.

174 As desinencias dos collectivos são: *ado*, *ada*, como *palavreado*, *porcada*; *êdo*, como *arvorêdo*; *ade*, como *posteridade*; *agem*, como *criadagem*; *al*, como *rosal*; *alho*, *alha*, como *cascalho*, *cordoalha*; *ilha*, como *quadrilha*; *olho*, como *restolho*; *ulho*, como *pedregulho*; *ame*, como *cartuchame*; *ama*, como *courama*; *ume*, como *cardume*; *ario*, *aria*, como *rosario*, *casaria*; *eiro*, *eira*, como *formigueiro*, *fileira*; *orio*, como *palavrorio*; *enta*, como *ferramenta*; *ão*, como *multidão*; *ança*, como *matança*, *mestrança*; *io*, como *brazio*, *pastio*; *ido*, como *latido*; *ia*, como *livraria*; *ico*, *ica*, como *chamico*, *calica*.

175 As desinencias dos intensitivos são: *ão*, como *trovão*, *comichão* de *comer*; *az*, como *fugaz*, *tenaz*; *ão*, *aça*, como *inchaço*, *mordaca*; *eco*, como *tropeço*, de *tropear*; *oco*, como *destroço* de *destruir*; *ido*, como *rugido* de *rugir*; *ame*, como *gravame* de *gravar*; *ario*, como *perdulario* de *perder*; *ia*, como *honraria* de *honrar*; *eiro*, *eira*, como *luzeiro* de *luzir*, *choradeira* (com o *d* do supino), de *chorar*; *orio*, como *suspensorio*, *envoltorio* (com o *s* e *t* do supino); *ada*, como *apupada* de *apupar*; *ancia*, como *jactancia* de *jactar*; *entia*, como *paciencia* de *patior*; *ego*, *igo*, como *achadego*, *hospedadigo*; *ença*, como *offensa* de *offender*; *ez*, *eza*, como *dobrez*, *dobreza* de *dobrar*; *ura*, como *varredura* de *varrer*; *io*, como *fugidio* de *fugir*; *agem*, como *miragem* de *mirar*; *ico*, como *chovedico*.

176 Entre os frequentativos figuram os facultativos, que exprimem a facilidade ou propensão para fazer a acção indicada pelo radical, e os imitativos, que denotam a acção pela qual uma cousa se torna semelhante a que é indicada pelo primitivo. Suas desinencias são: *ão*, como *fujão* de *fugir* frequentemente; *io*, como *doentio*, o que está sempre doente ou adocece facilmente; *ico*, como *alagadico*, que se alaga facil e frequentemente; *igo*, como *amigo*, o que se parece

com quem ama; *raparigo*, chegado a rapaz; *esco*, *esca*, como *principesco*, o que imita ou é semelhante ao que é de príncipe; *barbaresco* de barbaro; *ario*, *aria*, como *falsario*, o que falsifica por habito; *correria* de fazer repetidas corridas; *eiro*, *eira*, que exprimem actos repetidos de quem exerce profissão ou officio, como *sapateiro*, o que exerce o officio de fazer sapato, *costureira* de costurar; *orio*, como *tormentorio* de atormentar; *agem*, como *contagem* de contar repetidas vezes.

179 Estas desinencias, sendo collectivos, ajuntam-se aos primitivos, elidindo a ultima vogal d'elles, ou mudando-a em *e*, ou immediatamente, se acabam em consoante, como *papelada*, ou aos verbos, supprimindo a ultima letra, se são intensitivos, frequentativos, etc., como *orealhada*, *folguêdo*. Outras vezes a desinencia *ada* só denota movimento, e como, segundo Bopp, os respectivos verbos tambem exprimem a acção, é facil tomar uma idea pela outra, como *viajada*, *caminhada*, nos quaes parece que os intensitivos se formam tambem com substantivos verbaes, ou suppondo sempre o verbo *fazer*. A desinencia collectiva *ade* deriva-se do signal do ablativo latino *t* dos nomes em *as* da 3.^a declinação, e exprime afastamento e separação, idea de que foi facil passar a de numero e intensidade, tendo a mesma origem que o suffixo *ta*, § 72. *Ame*, *ume*, que, como collectivos figuram em *cardume*, *cartuchame* e como intensitivos em *vexame*, *tapume*, teem por origem, segundo Leoni, o nome latino *agmen*. Mas, como esta palavra é composta do suffixo *men*, § 66, temos necessidade de lembrar a explicação dada alli, e ver-se-hia que, como *agmen*, as mais palavras em *ame* e *ume* teem o mesmo suffixo. Sobre a derivação das outras desinencias veja-se *suffixos*.

LICÇÃO 22.^a

DDS ADJECTIVOS E SEUS GRÁOS DE SIGNIFICAÇÃO.

§ 99. Dividimos os adjectivos em qualificativos e determinativos, n. 143; uns e outros estão sujeitos, como os substantivos a variações de numero e genero, com excepção dos numeræes cardinaes, dos quaes *um* faz no feminino *uma, uns, umas, dois duas*. Poderá parecer inexplicavel o *s* de *dois, duas, seis* e *z* de *trez e dez*, tendo-se em vista que, indicando já esses numeros por si o plural e não acabando os seguintes por tal lettra, esta não pode ser o signal do plural, nem tão pouco o remanescente latino do nominativo singular, porque de dois em diante os cardinaes não teem singular e portanto o signal de seu nominativo. No sanskrito e grego *dois* é dual, no latim plural, sendo o nominativo no primeiro *dváu* e no ultimo *duo, duæ, duo*. O *z* de *trez* está pelo *s* de *tres*, e o de *dez* pelo *c* de *decem* e *ç* de *dāçan*. O *s* de *seis* é o segundo elemento da duplice *x* de *sex* e *sh* do sanskrito *shash*. Cremos todavia que o *s* é o signal do plural, que se perdeu nos outros numeros e encontra-se no feminino gothico *tvós* (duas) e em *sahs* (seis), considerando-se os outros numeros de dois em diante como pluraes de *um*, e isto parece tanto mais indubitavel, quanto a terminação feminina *æ* de *duæ* caracteriza todos os nominativos pluraes latinos d'este genero, como *horæ*, e bem assim todas as mais terminações dos outros casos em *orum, arum, obus, abus, os, as* de *duo*. É provavel que do gothico procedesse o mesmo *s*, conservado nos monossyllabos e mutilado nos outros numeros por causa de sua maior extensão, reaparecendo em duzentos e nas outras centenas.

180 Parece-nos poder estabelecer tambem uma excepção a respeito da variação do genero. *Enta*, nome da década, de *dacati*, n. 8, de *dacan, dez*, é o feminino de *ento*, do sanskrito *çatá*. Estas duas palavras, perdendo sua significação primitiva, tornaram-se

verdadeiros suffixos de nomes collectivos, como vimos na lição precedente. Ora como, segundo Oppert, a partir de 20 até 100 os cardinaes em sanskritto tomam as flexões do género feminino, ao passo que *catá* é masculino e neutro, *enta* ou *inte* ou *inta*, são com effeito terminações femininas e *ento* masculina. *Vinie* está por *de-enta*, *trinta* por *tr-enta*, (francez, —*trente*) e assim por diante, *quar-enta*, *cinco-enta*, em que os cardinaes *de* por *dois* duas, *tr* *trez*, *quar* quatro, cinco estão concordando com *enta* decada, isto é duas, *trez*, quatro decadas. Em *duzentos*, *trezentos*, etc., *du* está por *duo* dois, terminação masculina, concordando com *ento* ou *cento* (composto de *ce* por *ká* de *éka*, um e suffixo *ento*, colectivo formado como *ajuntamento*), masculino. Logo em *trezentos*, *quatrocentos*, etc. *trez*, *quatro* etc. estão na terminação masculina, concordando com o mesmo nome *cento*, que ora suprime o *e*, ora o conserva, ora o muda em *z*.

181 Os qualificativos em geral tem as duas terminações para os generos masculino e feminino e uma só nos derivados do latim, em que estes dois generos estão reunidos debaixo de uma só terminação, e taes são os acabados em *e*, *l*, *m*, *n*, *r*, *z*, como *prudente*, *natural*, *commum*, *joven*, *regular*, *capaz*. Exceptuam-se os em *ez*, que fazem *eza*, como *francez*, *franceza*, e os em *or*, que fazem em *ora*, como *merecedor*, *merecedora*, quase todos substantivados.

§ 100. A qualidade expressa pelos qualificativos admite *trez* grãos: no primeiro ella é simplesmente significada e é o *positivo*; no segundo é comparada no objecto, que a tem, com a mesma qualidade existente em outro, e é o *comparativo*; no terceiro é elevada ao mais alto grão de significação, ou em sentido absoluto, ou relativamente a outros objectos que tem a mesma qualidade, e é o *superlativo*, que se divide em *absoluto* e *relativo*.

182 O *comparativo* pode ser de *trez* especies, a saber: de mais para menos, de igual para igual e de menos para mais. O primeiro antepõe aos adjectivos

o adverbio *mais*, o segundo—*tão*, o terceiro *menos*, como *João é mais sabio do que Antonio, tão bom como elle, porem menos prudente que Pedro.*

Tal é o modo regular de formação dos comparativos. Mas adjectivos ha, cujo comparativo é irregular, e taes são: *bom* que faz *melhor*; *mau*, *peior*; *grande*, *maior*; *pequeno*, *menor*; *alto*, *superior*; *baixo*, *inferior*. Alem d'estes ha comparativos sem positivos usados na lingua, como *anterior*, talvez de *anterus* (de *ante*); *posterior*, de *posterus* (de *post*); *citerior* de *citerus* (de *citra*); *ulterior* de *ulterus* (de *ultra*); *exterior* de *exterus* (de *extra*); *interior* de *interus* (de *intra*). *Junior* é comparativo de *joven* (de *yuvan*); *prior* de *pri* ou *pris* (*pristinus*), talvez por *primus* primeiro, era usado na lingua antiga. O comparativo *major*, do mesmo modo que *prior*, estão hoje substantivados. *Senador* de *senator*, não parece ser nome de agente, mas comparativo formado a semilhança de *major*; compõe-se de *senex* velho e do suffixo *tus*, para denotar a abundancia de que a cousa é provida, § 74 (*sen-atus*, o senado) e suffixo do comparativo *or*; do contrario é preciso suppor a palavra composta do suffixo *tor*, *dor*, e que *senator*, *senador*, é o que funciona no senado.

183 *Mais* é litteralmente o adverbio gothico *mais*, que passou para o portuguez sem alteração, e era naquella lingua mutilado em *is*. *Mais* é syncopado de *magis* por *magius*, do qual veio *majus*, sanscrito *māhīyas*, comparativo de *mahat*, em composição *mahā* grande. *Māhīyas* pois quer dizer *major*, *mais*, *maior*, e *mais sabio* litteralmente—*maior sabio*, como *mahā*, *mago* é o grande pela sabedoria. Vê-se que o comparativo sanscrito se forma em alguns raros adjectivos com o suffixo *iyas*. De *mahā* fez o latim *magnus*, mudando a aspirada em guttural e conservando intacta a primeira syllaba *ma* no comparativo. No suffixo *iyas* o latim supprimio o *i* e converteo a semi-vogal em palatal (*j* por *y*), enfraqueceo o *a* em *u*, trocando, como é frequente o *s* em *r*, vindo a formar

or de seus comparativos com inserção do *a* do guna. O *i* que aparece em alguns comparativos, como *melior* é a vocalisação do *y*, porque esse *i*, como conservação do *i* de *iyas*, não pode ser longo por estar antes de vogal.

D'aqui deduzo que *mais* é igual a *or* e a *may*, formas empregadas em portuguez com a differença, que *mais* usa-se antes com o sentido de comparativo e *or* depois de certos adjectivos, como *mais bello*, isto é, *bello maior* e *melhor*, isto é, *maior bom*. Não é pois exacto dizer, como Leoni, que o portuguez não tomou a forma do comparativo latino, que já empregava o *magis* ao lado de *or*. O portuguez antigo devera ter empregado *major*, no qual é fóra de duvida que o *i* de *maior* é vocalisação da antiga semi-vogal *y*, mudada em *j*, pois antigamente escrevia-se *major* e não *maior*, sendo este mais conforme ao latim e aquelle ao sanskrito *máhiyas*, substituidos ambos por *major*. Prior de *priyas* sanskrito, da raiz *pri* amar, significa o *mais amado*, o primeiro, *paramá*.

184 *Minus*, do qual se deve aproximar *bhyas* do dativo ablativo e instrumental sanskrito, forma analogá ao *bis* do dativo e ablativo plural latino (por *bis*), está por *min-ius*, do qual se deriva o adverbio *min-is*, gothico *mín-s*, que se deve aproximar do adverbio *manáh*, que significa pouco e, segundo Bopp, devia ser no comparativo sanskrito *manáh-iyas*, attendendo-se a que o *k* muitas vezes corresponde ao *h*, aspirada. De *manáhiyas* veio *min-ius*, depois *minus* e por fim o portuguez *men-os*, como de *magis* veio *lhe mais*. *Menos triste*, pois, quer dizer litteralmente: *mais pouco triste*.

185 Bopp faz derivar *tam*, portuguez antigo *tam*, moderno *tão*, do thema demonstrativo sanskrito *ta*, feminino *tá* elle, este, aquelle, e do pronome annexo *sma* o mesmo, identico. Assim, em *João é tão bom como Pedro*, o pronome *sma* teria sido expresso duas vezes, porque, do mesmo modo que *tão*, como se compõe de *ka* e *sma* (que mesmo), e a frase equivaleria

a esta outra: *João é este mesmo bom, que mesmo Pedro (é).*

Alem das desinencias mencionadas o sanscrito forma mais frequentemente seus comparativos com a desinencia *tara*, derivada de *ta transgredi*, como *mahat-tara major, maior*, e que figura em diversas palavras sem caracter de comparativo em gothico, latim e portuguez, convertendo-se em *thara, tero, tro, ter*, como *anthar, ter, uter, neuter, alter, citerus, citra, sinister, entre, outro, etc.*, comparativo *dexterior, sinisterior, interior, exterior, inferus*, e preposições e adverbio *præter, propter, pariter*. Como se vê, algumas d'estas palavras, como a preposição *inter*, sanscrito *antâr*, portuguez antigo *antre*, passaram para nossa lingua quasi intactas, como *exterior, interior*, nas quaes ha accumulacão dos dois suffixos do comparativo.

186 Não devemos admirar-nos, diz Bopp, de tomarem as preposições o suffixo do comparativo e superlativo e até nunca serem algumas empregadas sem elles, porque é de sua essencia marcar, ao menos originariamente, a relação entre duas direcções contrarias. Assim *sobre, fóra, antes, a*, teem por pólos oppostos e por pontos de comparação as relações expressas por *sob, em, atrás, de*, como *a direita* é o opposto de *a esquerda, dextra* e *sinistra*. Convem notar ainda que o suffixo comparativo *tara* muda o *t* em *dh* de *dhara*, como o do superlativo *tama* em *dhama*; *dh* que se mudou em latim na aspirada *f*, n. 34, de *inferior, infimus*. Assim de passar para *ior, iyas* tornou-se primeiramente *ius*, e por suppressão do *u, is*, que figura no adverbio *magis*, tendo outro emprego que adiante veremos. *Iyas* tem uma forma forie *iya's*, que Bopp diz ter sido provavelmente usada em todos os casos e da qual vem o *ó* longo, pela suppressão da nasal ('), de *grav-iór-em*, de *grav-iós-em* com o *s* mudado em *r*, por estar entre vogaes.

187 Resta-nos observar sobre os comparativos que

no latim, como em grego ha accumulacão dos suffixos do comparativo e superlativo, como dissemos e se realisa com *is* e *ter* em *mag-is-ter*, *min-is-ter*, e com *simus* em *nov-is-simus*; accumulacão que passou para o portuguez em *me-s-tre*, *min-is-tro*, e talvez tambem em *sin-is-tro*. A mesma accumulacão, de que nem o latim, nem o portuguez já tem consciencia, se opera no superlativo, como veremos. Em *me-s-tre* vê-se que houve suppressão do *g*, dando *ma-is-tre*, contrahindo-se depois as duas vogaes do guna em *e*, como prova o francez *ma-î-tre* (antigamente *ma-is-tre*), que, alem do *g* supprimio o *s*, pelo que alongou o *i*. Esta palavra pois offerece-nos a prova irrecusavel de que em muitos casos o portuguez deixa de lado o latim, preferindo outra formacão, talvez do gothico, do qual, como vimos adoptou o adverbio *mais* intacto, sendo então o intermediario entre o sanskrito e a nossa lingua. *Mestre* apresenta-nos a syllaba *ma* identica ao *ma* de *mahá* grande, contrahido o *a* com o *i* de *iyas*, e o *tre*, igual a *tara*, ou *ma(hi)-y(a)-st(a)-ra*, cujo *a* final enfraqueceo-se em *e*, como é constante nas syllabas finaes breves, dando a *mestre* o sentido, perdido, de *maior*, pelo qual talvez fosse conhecido nas primeiras sociedades o *gurú* dos Indios, do qual veio *gravis*, o *grave*, isto é, o *mestre*.

LICÇÃO 23.^a

DOS SUPERLATIVOS.

§ 101. O terceiro gráo admittido na significacão dos adjectivos e adverbios é o superlativo, que supõe implicitamente muitos termos de comparacão, ao passo que o comparativo, do qual se deriva, só admitte dois. Seu suffixo em sanskrito é *tama*, que é pro-

vavel, diz Bopp, ter sido applicado a outras palavras, como os pronomes, que implicam a idea de dualidade e pluralidade. Este suffixo não tem origem satisfatoria, parecendo ser forma mutilada de *tar-ama*, por *tara-tama*, composto de *tar* por *tara* e *ama* (por *tama*), que, como vimos, é suffixo do colectivo, como o outro suffixo tambem do superlativo *ishāna* é derivado do do comparativo *iyas* com auxilio do suffixo *ta*, *ta*.

188 Em latim *tamas* converteo-se em *tumus* ou *tinus* (como *pos-tumus*, *in-tinus*), *simus* pela mudança do *t* em *s*, muito frequente em grego e latim, como *maximus* (por *mac-simus* ou *mag-simus* por *mah-simus* por *mah-tamas* ou *maha-tamas*), *proximus* (por *proc-simus* por *prop-simus* por *prope-simus*), no qual ha mais a troca da labial pela guttural.

189 Depois de *r* e *l*, em latim *rimus*, *linus*, ha assimilação do *s* de *simus* todas as vezes que o positivo acaba em *r* e *l*, como *pauper-rimus* por *pauper-simus*, *humil-linus* por *humilis-simus*; e quando o positivo acaba na duplice *x*, ha desdobramento d'ella com perda de seu segundo elemento, como *feroc(s)-issimus*; excepto: *maximus*, *proximus*, porque a duplice não é primitiva, mas o resultado da combinação da guttural do primitivo com a sibilante do suffixo. *Summus*, diz Bopp, é formação unica no genero e está em vez de *supmus* por assimilação, com perda da syllaba final de *super*, que sobreviveo em *supremus*, portuguez *supremo*, por metathese e suppressão do *ti*, passando para a ultima lingua tambem *summo*. *Optimus* é outro superlativo, que se explica pela preposição *ob* por *op* de *apa*. *Primus* parece estar por *primitus*, se é superlativo com a significação primitiva de mais amado, como veremos adiante; *infimus* pode estar por *infra-tinus*.

190 Observa-se nos superlativos latinos um *is* precedendo o suffixo proprio (ordinariamente *simus*), o qual é a mutilação do suffixo comparativo *iyas*, como já vimos, n. 186. Jacob Grimm, diz Bopp, é de opi-

não que o *i* de *is* é vogal de ligação e que o *s* é o dobramento phonetico do *s* de *simus*, dobramento que o Dr. Sousa diz ter por fim alongar o *i*. Mas Bopp, citando Corssen, apresenta a forma *sollistimus* (todo, são e salvo) de *solus*, que tendo uma vogal, dispensaria a de ligação, e cujo *s* não assimilou o *t* de *timus*, ao passo que a assimilação operou-se em *sanct-is-simus* de *sanctus*, o que prova não ser o primeiro *s* de *is-simus* da mesma natureza que o segundo, posto por *t*, mais no caso de ser dobrado, dando *sancti-timus*. Quanto ao *i*, elle já é de si longo por ser a contracção de *ius* de *iyas*, n. 182. Talvez possa ser explicada a accumulacão dos suffixos, como meio de estender pela expressão a comparacão entre os dois primeiros termos do comparativo a mais outro termo alem d'esses, tanto que, como vimos, o suffixo do superlativo é composto de *ana* que é colectivo.

191 O outro suffixo superlativo é em sanskritto *istha*, *ista*, que já mencionamos no § 75, em grego *ιστη* (*isté*), como *Καλλιστη* (*Callisto*), a mais bella. Assim *optimista*, *organista* são verdadeiros superlativos de que a lingua já perdeu a lembrança, sendo depois substantivados, como *Evangelista*, *Baptista*. Estes superlativos supõem positivos, como *purista*, de *puro*; outros porem não os tem ou os perderam, como *chicanista*, *contrabandista*. Em *istha* Bopp vê a contracção de *iyas* e *tha*, e por isso, comparado com o portuguez, o *is* de *jurista* é o mesmo *is* de *mais*. Resta observar que é com o suffixo do superlativo *timus*, que se formam os nomes de numeros ordinaes; como *septimus* e com *ius tertius*, o que não deve surprehender, porque a idea do superlativo está estreitamente ligada a idea de ordem, que taes numeros exprimem.

LICÇÃO 24.^a

DOS DETERMINATIVOS.

§ 102. Além das desinencias proprias do genero e numero, o portuguez emprega outras palavras em separado para determinar a significação do nome. Assim, por exemplo, passando este ao plural, não designa quantos são os objectos por elle significados; para determinar-se o numero d'elles, já é preciso recorrer-se a outra classe de palavras, isto é, aos determinativos chamados numeraes, como *duas casas*. Os determinativos dividem-se, segundo Sotero dos Reis, em *articular, conjunctivo, interrogativo, numeral, quantitativo, possessivo e pronominal*, além do *patronimico*, que tambem pode ser considerado como qualificativo, como os *gentilicos e patrios*. Nesta licção trataremos, além de outros, do *numeral*.

192 Este é o que determina o objecto, significado pelo substantivo, com a idea de numero. Divide-se em *cardinal*, se exprime simplesmente o numero, e *ordinal*, se exprime o numero por ordem. *Um* é cardinal; *segundo* ordinal.

193 Bopp, tratando da origem dos nomes de numero, aproxima o latim *unus* do sanskrito *âná-s*, que significa propriamente *menor*, e é posto antes de certos numeros, para indicar que d'elles se diminue uma unidade, como *ânavinçati*, um de vinte ou *dezenove*. O latim antigo era *oinos*, do qual procedeo *unus* pela mudança ordinaria do *o* em *us* com o alongamento destinado a compensar a suppressão do *i*. Conservado *âná-s* do modo mais perfeito, diz Bopp, só teria podido dar em latim *ânú-s*, ou mais antigamente *ânno-s*. Por outro lado, diz ainda, deve-se attribuir *oinos* (grego *οἰνος* *oinos*) ao pronome defectivo *éna illum*. O Sr. Fidel Lopes deriva *unus* do pronome da primeira pessoa em sanskrito *aham*, como veremos, n. 196. De *unus* procedeo o *um* portuguez com perda do *s* e troca de *n* em *m*, por ser final,

supprimindo o *u*. O latino *duo* procedeo do pronome sanskritto da segunda pessoa, como mostra o gothico *tva*, de *dva* dois. O latim trocou a dental tenue pela media e vocalisou o *v*, por não estar entre vogaes, em *u*, e o grego em *y*, por não ter *u* (ou este era pronunciado como o francez, *iu*), sendo o *a* de *tva* representado por *o* em ambas as linguas. É o *v* de *tva*, que figura na terminação *bi* de *tibi*, *sibi* (resto da desinencia do dual) e nã syllaba *bo* de *ambo*, talvez composto de *áná*, bem como nos compostos *bi-mano*, *bi-n-oculo*. Em *dois* ha enfraquecimento do *u* em *i*, metathese por *dous* e paragoge pelo accrescimo do *s*. Em composição ainda se encontra no portuguez antigo *dublo* em vez de *dobro* (outro tanto, *dois* ou *um dobrado*), no qual conservou-se o *b* de *bis*, vindo de *twis*, mudando-se em *p* em *duplo*, *triplo*, e perdendo inteiramente o sentido primitivo no ultimo e nos mais compostos, como *centuplo*, pois que *triplo* não significa trez duas vezes, mas qualquer outro numero trez vezes.

194 Bopp faz derivar o nome do numero *trez* da raiz sanskrita *tar*, *tr*, *transgredi*, ir alem, isto é, o numero que excede a *dois*, etymologia que Abel Hovelacque critica em sua *Grammatica Zend*, porque semelhante origem convem a todos os numeros, excepto a unidade. Se *um* e *dois* se derivam dos pronomes da primeira e segunda pessoa, n. 193, é provavel que *trez* se houvesse tambem formado de algum dos pronomes da terceira pessoa. Com effeito vemos que o pronome da primeira pessoa é composto, n. 193. O da segunda parece compor-se de *ta*, este, cujo *a* enfraqueceo-se em *tu*; e como o *u* consonifica-se em *v*, seguindo-se-lhe palavra que comece por vogal diferente, § 53, 1.º, *tu* converteo-se em *tv* antes do *a* de *aham* e por isso é que deo *tvám* por *tu-aham*. *Tu* por conseguinte deve significar litteralmente este outro eu, em opposição a *aham*, este primeiro eu. É pois possivel que tivesse havido um aquelle eu, para designar a terceira pessoa, a par de este eu, que

designava a segunda. Sendo assim, ao *ta* de *tvām* viria rennir-se *as*, que daria *tas* e com *aham*, *tas-aham*. Ora, desde que o *s* se achou entre duas vogaes, elle converteo-se em *r*, fazendo *tar-aham* e com suppressão do primeiro *a*, *traham*, depois *trā*, cujo *ā* enfraqueceo-se em *i*, dando *tri*, thema, que se ampliou em *traya*, trez, e proveio de *tarāham*.

195 No numero *quatro*, latim *quatuor*, sanskrito *tchatur*, cujo thema feminino é *tchatasār*, que se declina como *tisār* (trez), forma feminina especial do thema *tri*, se contem o numero trez, segundo Bopp, visto que, sendo muito semilliantes as duas formas, *tasar*, em que termina o primeiro, pode ser a forma dobrada *tatar*, conservando o *a* do thema ao passo que *tisar* o enfraqueceo em *i*. Tendo *tch* provindo de *k*, *tcha* seria identico a *ka*, segunda syllaba de *ēka* um, formando assim o numero quatro; o que justifica nossa opinião derivando não só um de *ēka* de *aham*, como *trez* de *ta*, *as* e *aham*, representados pelas letras *t*, *r* por *s*, que se mostra em *tisar*, *tasar*, e *i* que, sendo longo, prova a contracção dos dois *aa* de *aham*, seu enfraquecimento e suppressão das outras letras.

196 *Panhtcha*, cinco, latim *quinque*, compõe-se, segundo o mesmo auctor, de *pa* por *ka* (um) e *cha* unica syllaba de *tchatur* (quatro). Os outros nomes de numeros são: *shash*, *sex*, seis, que parece composto de trez mais trez, ou da ultima syllaba de *panhtcha* e *ēka* (cinco mais um); *saptam septem*, sete, talvez de *sas* e *p*, por *ka* de *ēka* por *aham* (seis mais um); *ashṭāu*, *octo*, oito, composto parece, de quatro mais quatro, ou de seis (*ash* por *sha* de *shash*) e *tāu* (por *tva*) dois; *nāvan*, *novem*, nove, talvez composto de *nā* por *âná-s*, e *dācan*, que perderia o *d* e o *ç*, enfraquecido o *a* em *u*, que endureceo-se ficando entre os dois *aa*. Bopp explica o numero *dez*, *dācan*, *decem*, como composto de *da* por *tva*, dois e *ça*, primeira syllaba de *panhtcha* (por *pan* sem a aspirada), cinco, isto é, duas vezes cinco. *Onze* é a mutilação de *un-*

decim ou *unum et decem*, um mais dez; doze a de *duo et decem* (*duodecim*) dois mais dez, e assim por diante treze de *tredecim* por *tres et decem* até quinze, porque, se o numero menor em latim precede o numero dez, em portuguez é a *dezena* que precede o numero menor, como *dez-e-no-ve*, ao contrario *novemdecim*; é que a lingua popular achou mais facil pronunciar primeiro o nome do numero dez do que os dos que lhe são inferiores, por analogia, segundo parece do que tem lugar nos compostos das outras dezenas, como *viginti tres*. A formação de *viginti* já foi explicada no n. 8, 2.^a; de *vinte* a *noventa* os numeros formam-se com *inte*, *enta*, latim *inti*, *inta*, que já foram explicados. Em sanskritto a idea de dezena é marcada por *çati*, *çat* ou *ti*, e o nome do numero cem por *çatâm*, em latim *centum*, *cento*, já tambem explicado. Como se vê, as denominações são semelhantes, conservando-se a ultima quasi intacta até chegar ao portuguez.

§ 103. Os numeros ordinaes formam-se com o suffixo do superlativo *tama*, tanto em sanskritto, como em latim e portuguez, empregando os dois ultimos idiomas ora a primeira, ora a segunda syllaba do mesmo suffixo; só *septimo*, sanskritto *saptamâ-s*, latim *septimus*, emprega *tama-s* na forma latina *timus*; os nomes das dezenas e das outras colleções empregam o mesmo suffixo sob a forma latina *simus*, como *decimo*, *nonagesimo*, *centesimo*, *millesimo*, com accumulção do suffixo do comparativo *is* que em *nonagesimo* se mudou em *ge* e em *e* em *millesimo*, *cent-e-simus*, e, que parece existir em *mille*, sanskritto, *sahâsra*, que parece compor-se de *çat* e dos suffixos do comparativo *tara* e *is* de *iyas*. Este *e* enfraqueceo-se no *i* de *centi* (em composição). Em *quarto*, *quinto*, *sexto* o *ta* de *tama* se alongou em *omega* (ω) em grego, mutilando-se em portuguez por ser syllaba final, sob a forma *to*, *tus* em latim, como *quinto*; em *o*, como *primus*, *primo*, como numero que occupa o extremo opposto ao *ultimo* (que tambem tem a forma de superlativo),

sendo *tinus* mutilado em *imus*; em *do*, como *segundo* que Bopp diz ser participio. Em *primeiro* e *terceiro* figura um suffixo differente do superlativo, que pode ser resto do suffixo do comparativo *tara* n. 181, e confundir-se com *eiro*, variação de *arius*, que se vê em *quingagenario*, tanto mais, que *terceiro* em latim é *tertius* (com um *t* e *ius*, suffixo do comparativo, n. 182), como *tertiarius*, cujo *t* converteo-se em *n* naquella primeira palavra e em *bi-n-arius* e *quartern-arius*, *quaternario*, n. 126. Talvez por analogia de *or* ou *ior*, suffixo do comparativo a lingua formasse o distributivo como o ordinal, n. 144, imitando *primeiro*, *terceiro*; suffixo, que figura em outras palavras com o sentido mais ou menos do superlativo, como *derradeiro* a par de *ultimo*, *dianteiro*, *trazeiro* e em *forasteiro*.

197 Os nomes patronimicos são nomes derivados do nome proprio do pai da pessoa, que d'elles usa, como *Gonçalves* o filho de *Gonçalo*, *Nunes* o filho de *Nuno*, e formam-se com a terminação *es* talvez resto do suffixo grego $\tau\alpha\text{-s}$ (*té-s*), $\tau\alpha\text{-r}$ (*tér*), com que se designam nomes de parentesco, como *pater*. Nesta formação dominam as mesmas regras que nas outras, o *c* muda-se em *q*, por exemplo, *Marques* de *Marcos*; se o primitivo acaba em *o*, esta letra resolve-se na semivogal *v*, supprimido o *a*, § 53, n. 4.º, quando o *o* não se contrahe com o *e* de *es*, como *Lopes*, o filho de *Lopo*; mas *Antunes* já se formou de outro modo, de *Antonio*.

Os nomes *patrios* são os que indicam a patria de alguém, e os *gentilicos* a nação a que pertence. O modo de sua formação e os suffixos nelles empregados já foram indicados na lição 11.^a

LICÇÃO 25.^a

DOS PRONOMES PESSOAES.

§ 104. O pronome, como a palavra está dizendo, é a que se põe em vez do nome, para indicar a pessoa e a distancia em que esta se acha. Os pronomes são de diversas especies, como *pessoaes*, *demonstrativos*, *interrogativos*, *relativos*, *indefinidos*, *reflexivos*.

198 Os *pronomes pessoaes* são trez e servem: *eu* para indicar a pessoa mais proxima, a que falla (a primeira), *tu*, aquella a quem se falla (menos proxima do que a primeira, isto é, a segunda), *elle* a de quem se falla, a mais distante (terceira). D'estes trez pronomes só o da terceira pessoa é que distingue os generos, e nisto consiste um dos caracteres das linguas indo-europeas, a que pertencem o latim e portuguez, ao passo que o hebraico faz esta distincção. No sanscrito não ha um pronome exclusivamente da terceira pessoa, ou antes ha mais de um, o que é mais natural, porque todos os outros pronomes indicam pessoas, que estão mais ou menos distantes, como *este*, *elle*, *aquelle*, *o qual*.

198 E' para notar que o pronome da primeira pessoa varia de modo muito diverso d'elle, e é realmente digno de attenção como é que *mim*, *me* poderam ter sabido de *eu*, e no latim *mei*, *mihî*, *me* de *ego*. Bopp diz que o pronome pessoal da primeira pessoa tem um thema *a* para o nominativo e outro *mâ* para os casos obliquos: do primeiro sahio o nominativo *ahâm*, *ego*, *eu*; do segundo sahiram os outros sete casos. O thema do plural é *a-smé*. O thema da segunda pessoa, o qual serve tanto para o nominativo, como para os casos obliquos, é *vâ*; o do plural é *yu-smâ*. Em grego o pronome da primeira pessoa é *εγω* (*egô*), *ego*, gothico (com o qual o portuguez tambem tem relação), *ik*, neo-zelandez *ahan*, malaio

ákú, javanez *aku*, tagaliano *aco*, madecasse *ahan*, tupi *a* (*xe*, *x'a*), francez *je*. Por esta differença de pronomes verifica-se o facto da troca das letras *c*, *g*, *h*, *j*, *k*, isto é. da aspirada pela guttural media e d'esta pela tenue correspondente. D'aqui se pode inferir a possibilidade do completo desaparecimento da consoante, e ver como de *ahé* (de *a*) veio *ego* e de *ego* *eo* e depois *eu*.

200 Mas a passagem de *ego* para *eu* não se fez, como acontece em outros casos, immediatamente. O *Elucidario de Viterbo* dá *ere*, indeclinavel, correspondente a *eu*, *elles*, etc. Diez dá *ieu* (*eu*), escripto por D. Diniz, e na canção de Egas Muniz Coelho, que vivia no XII seculo, encontra-se *ei* (*eu*). O que parece é que este pronome pessoal se escreveu antigamente com *j* (como o francez *je*) com o contacto dos arabes, e que depois *j* se vocalizou em *i* de *ieu* e de *ei* e afinal desapareceu, enfraquecendo-se o *o* de *ego*, em *u* como já havia-se enfraquecido o *a* de *ahám* em *e* de *ego*.

201 Deve-se aqui notar a singular coincidência entre o pronome da primeira pessoa latino e grego *ego*, *εγω*, *egó* e o tibetano e chinéz *nga*, quichua *rhoca*, egypcio *nuk*, *anuk*, hebraico *anokhi*, quiché *in*, *nu*, *nuw'*, e entre o tupi e sanskritto *a*, tupi e allemão *iché*, *iche*. Outra coincidência não menos notavel é que o pronome da primeira pessoa tem a mesma raiz que o nome do numero *um*, em sanskritto *éka* (mudança de *h* em *k*), sendo que o *n*, que figura nos pronomes quichua, chinéz, hebraico e outros vai-se encontrar no nome do numero *um* latino, *unus*, e quiché *hun*, com cujo *h* tambem se escrevia o portuguez antigo *hun* (*um*).

202 A influencia do gothico sobre o portuguez antigo é tambem sensivel, e parece-nos assim poder explicar a irregularidade de *mim*, que antigamente se escrevia *mhi*, e ainda em Camões *mi*, cujo *m* Diez apresenta como caso enigmatico. Por isso damos

adiante a declinação do pronome da primeira pessoa nas linguas seguintes:

NUMERO SINGULAR.

Sanskrito.	Gothico.	Portuguez.	Latin.
N. Ahám.	ik.	eu.	ego.
Genit. máma, mē.	meina.	de mim.	mei.
Dat. máhyam, mē.	mis.	a mim.	mihi.
Ac. mām, má.	mi-k.	me.	me.
Abl. mat.	. . .	de mim.	a me.

NUMERO PLURAL.

N. vayám, asmē.	veis.	nós.	nôs.
Genit. asmakam, nas.	unsara.	de nós.	{nostrum. }nostrî.
Dat. asmabhyam nas.	{unsis. {uns.	nos.	nôbis.
Ac. asmân.	unsis.	nos.	nôs.
Abl. asmât.	. . .	de nós.	nôbis.

A vista d'esta declinação comparativa parece que a forma *mim* veio do sanskrito *mâma* (por intermedio do gothico), cujo primeiro *a* enfraqueceo-se em *i*, perdendo o segundo, gothico *meina*, que perdeu o *a* final, bem como o primeiro elemento do diphthongo *ei*, e passando depois, por analogia, para o dativo. Tambem pode ser que, tendo *meina* sido ampliado de *mi*, esta ampliação tivesse sido produzida pela supressão do antigo *m* de *mam*, forma mutilada de *mama*. Entre este e *mi* pode-se suppor um intermediario *mim*, emquanto não foi suprimido o *m*.

202 O pronome *eu* não tem plural; o que como tal se apresenta, não o é realmente, porque, se *eu* tivesse plural, seria *eus*. É por abuso da lingua que *nós* (ainda o *n* do pronome quichua e outros) se fez plural de *eu*. Explica-o Bopp assim: Dos dois themas do singular do pronome sanskrito da primeira pessoa (*ahám* por *agham*), *a* vem do demonstrativo *a* para indicar a pessoa mais proxima, ao qual ajuntou-se a particula annexa *ha* ou *gha* (enclitica) e *m*, desinencia

do nominativo dos pronomes pessoaes, Michel Bréal, *Introduction* (a Bopp), XXVIII. Ou por que este *a* seja o mesmo demonstrativo, ou por que seja resto do segundo thema do singular *ma*, que perdeu o *m* por *apherese*, é certo que elle se unio ao pronome *sma* da terceira pessoa para formar o thema do plural de *eu*,—*asmâ*, vedico *asmé*. Neste caso *asmâ* não significa *eu* mais *eu*, porem *eu* mais *elle*, isto é, *nós*.

203 Ao lado das variações de *asmâ* e *yushmâ* figuram as formas secundarias *nas*, *vas*, que se podem considerar mutilações d'aquellas, porque então o *m* enfraqueceu-se em *n*, desaparecendo o *t* de *tva*, ou seu amollecimento *y*. Em tal caso *nas*, *vas* são iguaes a *eu* mais *elle* e *tu* mais *elle*, isto é, *nós* e *vós*, sendo esta a origem dos pronomes latinos *nós* e *vós*, que passaram para o portuguez com a mesma forma, mas com o accentto, menos no dativo e accusativo, *nos*, *vos*, casos justamente que teem em sanskritto o *a* breve.

204 O pronome da segunda pessoa é em sanskritto *tvam*. Na maior parte das linguas europeas este pronome perdeu não só a desinencia, como a vogal final do thema, segundo a opinião de Bopp; *tu*, portuguez latim, slavo antigo, é em gothico *thu*, em armenio *du*. Parece-nos porem que antes de perder essas duas letras, o pronome vocalizou seu *v*, como bem mostra o *û* longo do zend *tûm*; é provavel que pela suppressão do *m* o sanskritto alongasse o *a* de *tvá*, com o qual depois misturou-se um *i*, que deo em resultado *tvé*, como aconteceu com o pronome da primeira pessoa *ma*, *mé*, sendo da suppressão do *v* neste caso, que se originou o latim *te*. É provavel tambem que o *va* de *tvam* tivesse sido contrahido em *u*, como em gothico.

205 O latim, como o gothico, enfraqueceu o *ma* em *mi*, o que fez passar o pronome da primeira pessoa da segunda para a terceira declinação, como indica o accusativo *mê* (por *mem*), em vez de *mu* (por *mum*) e o ablativo *mê* (por *med*) em vez de *mô* (por *mod*,

igual ao sanskrito *mat*). O gemitivo *mei* representa o locativo *máy-i* (por *mé-i*), podendo ser o *i* explicado pela fusão do *i* contido no thema *mé*, igual a *mai*, com o *i*, signal casual do locativo. A segunda pessoa devia ser por analogia da primeira *twei*, correspondente ao sanskrito *tváy-i*, o que seria impossível em latim, que só admite que ao *v* precedam as consoantes *q, g, r* ou *l*. Todas as vezes que o *v* é precedido de outra qualquer consoante, ou elle se vocalisa em *u* com a supressão da vogal seguinte, como em *sudo* do sanskrito *svíd* suar, cu desaparece, como em *canis* de *çvan* cão, ou faz supprimir a consoante precedente, como *bis* por *divis*. *Tibi* é mutilação por *twibi*, como *sibi* por *svibi*. *Mé* e *té* podem se considerar como locativos formados a semelhança dos themas em *a*, como veremos.

Segue-se a declinação do pronome da segunda pessoa:

NUMERO SINGULAR.

Sanskrito.	Gothico.	Portuguez.	Latim.
N. Tvam.	thu.	tu.	tu.
Genit. Táva, tê.	theina.	de ti.	tui.
Dat. Tubhyam, tê, tvê.	thus.	a ti.	tibi.
Ac. Tvam, tvâ.	thuk.	te.	tê.
Ab. Tvat.	. . .	{ de ti, por ti, contigo.	te (d).

NUMERO PLURAL.

N. Yüyâm, yushmê.	jus.	vôs.	vôs.
Genit. Yushmákam, vas.	{ isvara	de vós	{ vestri. vestrum.
Dat. Yushmâbhyam, vas.	{ isvis	vos, a vós.	vôbis.
Ac. Yushmân, vas.	inqvis.	vos.	vôs.
Ab. Yushmât.	.	{ de vós, por vós, comvosco.	a vobis.

LICÇÃO 26.^a

DA TERCEIRA PESSOA. OS REFLEXIVOS.

§ 105. A importancia do pronome da terceira pessoa obrigou-nos a separa-lo das duas primeiras. Esta importancia lhe vem do emprego que d'elle se faz, quer como reflexivo, quer como artigo. O testemunho das linguas da Europa, diz Bopp, prova que deveria ter existido um pronome declinavel da terceira pessoa em sanskritto, o qual só nos apparece em composição, e cujo thema deveria ter sido *sva*.

206 Em latim, como em portuguez, a acção reflexiva na primeira e segunda pessoa exprime-se por meio do accusativo dos respectivos pronomes *me*, *te*, como *gladio percussi me*, *tu te glorias*. Estas formas se derivam sem duvida dos accusativos sanskritos *má*, *tvá*; a exemplo d'ellas o pronome da terceira pessoa *sva* deveria ter-se derivado do *svá*, latim *se*, portuguez *se*, que se empregam como caso obliquo. De *své*, combinado com a desinencia do nominativo pronominal *am*, (por *m*, *a*, vogal de ligação), vem *svayam* (o *i* de *ai* resolveo-se em *y* por seguir-se-lhe uma vogal, o *a* de *am*, § 53, 1.^o), indeclinavel, e pode-se empregar em todos os casos, numeros e generos, porem só como caso obliquo, sendo o primeiro membro de composto e com sentido reflexivo. Ao *sva* sanskritto corresponde o *sui*, *sibi*, *se* latino; a *sva-y-am* o *ipse*, *ipsa*, *ipsum*. Ora, se *mei*, *mihi*, *tibi* são formas do locativo e dativo sanskritos, correspondentes a *máyi*, *máhyam*, *mé*, *twayi*, *tu-bhyam*, vedico *tvé*, *sui*, *sibi* não podiam ter sabido do indeclinavel *sva*, o que prova que este pronome foi declinavel e teve todos os casos, sendo esses do latim analogos aos do sanskritto que se pode suppor terem sido *sváyi*, *svábhyam*, *své*, como o *se* latino deveria ter sabido do *svám*, *svá* sanskritto, por analogia dos pronomes das outras duas pessoas. Estas formas provam que o referido pronome teve um nominativo, *svam*, por analogia de *ahám*, *tvam*.

207 Diz Bopp, que se *svam* houvesse passado para o latim, sua forma nesta lingua seria só ou *su*, por analogia de *ego*, *tui*. Mas, se o *e* breve latino representa o *a* breve sanskrito, n. 28, *svam* poderia tambem dar *se*, sendo *su* por *sum*, de *svam* a forma neutra, como *só* de *svá* seria a feminina, não por analogia de *aham* (*ego*), *tvam* (*tu*), que não distinguem o genero, n. 198, mas de *ipse*, *ipsa*, *ipsum* e *ille*, *illa*, *illud*. Com effeito *ipse* corresponde a *sváyam*, nominativo, e é assim explicado por Bopp, que o divide em *i*, thema do pronome *is*, e *pse*, metathese de *spe*, como no dialecto dorio $\psi\omega$ (*psin*) por $\sigma\phi\omega$ (*sphin*), igual a *svam*, sendo o *p* endurecimento do *v* de *sva*, talvez por intermedio do *ph* de $\sigma\phi\omega$. Por outro lado *ille*, como o indica sua primeira parte, compõe-se, tambem conforme Bopp, do mesmo thema *i*, conservado em *is*, *ea*, *id*. Como as liquidas se trocam facilmente com as semivogaes, o *v* de *sva* poderia ter-se mudado em *l*, e como o grupo *sl* é pouco sympathico ao latim, resultaria do encontro do *s* de *is* com o *l* de *le* uma assimilação, cujo resultado seria *ille* por *isva*. Por este modo *ille* e *ipse*, procedendo da mesma fonte *sva* por vias diferentes, isto é, *ille* por troca e assimilação de letras e *ipse* por intermedio do grego $\sigma\phi\omega$ por troca e metathese, encontrar-se-hiam com a mesma significação, mas sendo ambos declinaveis, distinguindo-se o simples *pse*, ou com perda da consoante inicial *se*, como se distingue o *le* de *ille*, que não sobreviveram em latim, como já havia desaparecido do sanskrito, no estado isolado. Mas isto não prova que desaparecessem de todos os idiomas indo-europeos, nem que o portuguez não o tenha, porque esses idiomas, incluindo o latim, usam-no no sentido reflexivo, e temos visto que nossa lingua recebeu do sanskrito por intermedio de outras linguas formas, que não existem no latim.

208 Não ha duvida que *su* é a forma latina de *sva*, que figura em *su-us*, *su-a*, *su-um* (com declinação nominal), pois que o sanskrito empregava este pronome

com sentido possessivo. Mas, se esta forma losse exclusiva e se de *sva* não podesse ter sahido um nominativo *se*, nem *sibi* poderia ter sahido de *svá-
bhyam*, porque deviamos ter *subi*, nem *svâm*, *svâ* poderiam ter dado o accusativo *se* pela mesma razão, mas *sum*, *suam* por analogia, por um lado do genitivo *sui* e por outro de *ipsum*, *ipsam*, *illum*, *illam*. D'aqui se conclue que *sva* deo quatro formas ao latim, a saber: trez com declinação nominal *ipse*, *ille* e *suus* e uma com declinação pronominal *se*, *sui*, *sibi*; d'estas só duas formas passaram para o portuguez, a saber: *se* e *elle*. Quanto a *seo*, *sua*, é inegavel que nossa lingua não poderia ter recebido uma herança que sua mãi não lhe deixou, se não tivesse existido no latim o nominativo *se*, para na terminação masculina formar o possessivo com *se*, afastando-se de *su*, *su-a*. Logo existio no latim um nominativo *se*, que por ter forma semelhante ao accusativo e porque o pronome se usava no sentido reflexivo, desapareceo, ficando o ultimo caso e tornando o mesmo pronome defectivo, mas não indeclinavel, como no sanskrito. E porque assim é, torna-se facil restabelecer a declinação completa de *se* em latim e portuguez, como se segue, regulando-a por *pse* de *i-pse*:

NUMERO SINGULAR.

	Sanskrito.	Latim.	Portuguez.
Nom. } Vocat. }	Svâm.	(p)-se, (p)-sa, (p)-sum.	se.
Genit.	Svâma, svê.	(p)-sius.	{ de si.
Locat.	Svâyi.	sui.	
Dat.	Svahyam, svê.	(p)-si, sibi.	se ou a si.
Ac.	{ Svâm. { Svâ.	{ (p)-sum, (p)-sam, { (p)sum, se.	se.
Ab.	Svat.	{ (p)-so, (p)-sa, { (p)-so, a se.	por si.

NUMERO PLURAL.

Nom.	} Svayám.	{ (p)-si, (p)-sæ,	se.
Vocat.	} Svè.	{ (p)-sa, se.	
Genit.	Svákam.	{ (p)-sorum, (p)-sarum,	} de si.
		{ (p)-sorum.	
Locat.	Svàsu.	sui.	
Dat.	Svábhyám.	(p)-sis, sibi.	a si.
Ac.	Svam.	{ (p)-sos, (p)-sas.	se.
		{ (p)-sa, se.	
Ab.	. . .	(p)-sis, a se.	por si.

Antepondo a declinação latina o demonstrativo *i*, obtem-se a declinação de *ipse*. Comparando a declinação de *sui*, *sibi*, *se* com a de *ipse*, *ipsa*, *ipsum*, resulta que, por esta completa-se aquella, e que em *ipsius*, *p* por *v* é o unico representante de *sva*, sendo *sius* por *sya* o signal do genitivo nominal, ao passo que *sui* está por *svi* por *svè*, supprimido o *a* contido em *è* do genitivo pronominal; em *ipsi* por *i-spi* foi conservado o *p*, que representa o *v*, supprimido em *si* de *svi*, que figura em *sibi* com a terminação *bi* por *bhyám* do dativo; em *ipsum*, *ipsam*, *ipsum* foi conservado o *m*, signal do accusativo, supprimido em *se* por *sá* de *sam*, sendo no ablativo de ambos tambem supprimido o signal casual, estando *se* por *set* por *sat* por *svat*. A mesma comparação se pode fazer entre *se* e *le* de *ille*, cuja declinação se pode regular pela de *ipse*.

209 Dissemos que, por ter o nominativo do pronome latino forma semelhante á do accusativo, perdeu elle aquelle caso, pois que, não podendo derivar-se do sanskritto, que era indeclinavel, a regular-se pelos pronomes das duas primeiras pessoas, devia fazer no primeiro caso *svám* e no segundo *svá*, e *se* seria a forma commum a ambos. Não se funda isto em ter o pronome sanskritto uma só forma para todos os casos, visto que o latino não é indeclinavel mas defectivo, o que não é a mesma cousa, mas em ser o *è* longo latino representante do *á* dos sup-

postos accusativo e nominativo sanskritos sendo ambos alongados pela supressão do *m*. D'aqui concluimos que o pronome latino não era propriamente reflexivo, mas pessoal da terceira pessoa, e só tornou-se reflexivo depois que perdeu o nominativo.

210 Era por ser indeclinavel o pronome sanscrito, e por isso só ser empregado como reflexivo, que, segundo Mr. Michel Breal e Leupol, empregava-se a palavra *âtman*, alma, pelo dicto pronome, quando este era sujeito; substituição que se faz tambem em tupi com a palavra *ang*, que tem o mesmo sentido; em francez com *homme*, de que veio *on*, actualmente pronome indefinido; em portuguez *homem*, como se vê em: *não ha mayor vencer que vencer-se homem a si*, e provençal. Mas é preciso attender-se que *âtman*, *ang*, *homem* substituíram, não o reflexivo *se*, mas o pronome da terceira pessoa, *sva*. *Homo*, *homem* desapareceram do latim e portuguez, ficando o *le* e *pse* que se tornaram declinaveis, ajuntando-se a *is*, que o era e continuou a se-lo no composto até perder a declinação, absorvida pela ultima parte d'elle, como ainda se lê em Festus: *opera, factis, consiliis reque eapse, bene meritus*. Isto indica que a lingua sentio a necessidade de ter um sujeito indeterminado, que não podia, por não se-lo, ser *ille*, tendo perdido o sentido da palavra que substituiu o pronome; facto que não podia deixar de ter por fim tornar o sujeito bem saliente, visto que, por ter o nominativo do pronome forma semelhante á do accusativo, podia occasionar confusão entre o dicto pronome e o reflexivo, o que se reconhece pelo sentido, que depois teve *ipse*, de elle mesmo, o mesmo, differente do de *ille*, aquelle.

O que aconteceu em latim deixou de verificar-se em francez, porque esta lingua criou um pronome especial da palavra destinada para substitui-lo, sem todavia perder a memoria d'elle, porque o emprega no sentido indeterminado. Mas em portuguez os dois pronomes se confundem exteriormente, porem não no

sentido, ou porque a lingua conservou a consciencia da natureza especial do pronome *se*, de servir de sujeito indeterminado, ou porque lhe dê esse sentido por influencia do francez, traduzindo por elle o pronome *on*; traducção que muitos grammaticos reputam forma passiva, mas sem razão, porque *se* reflexivo é indeclinavel em sanskritto e d'elle não podia derivar-se o *sui, sibi, se* latino, como já mostrámos, do mesmo modo que o *se, si* portuguez, pois também não se confundem *eu, tu* com *me* e *te, ego*, com *me, tu* com *te*; ou por outra: o nominativo do pronome da terceira pessoa, que serve de sujeito, não se confunde com os casos obliquos do mesmo pronome, que servem de reflexivos. Tornaremos isto mais claro, quando tratarmos do pronome *se* na Syntaxe.

Resumindo diremos que *elle, se* correspondem a *te, pse, sva; si, sé* a *sui, sibi, se, svāyi, svabhyām, sca; si* serve para o genitivo, dativo e ablativo, correspondendo a *sui* por syncope do *u*, a *sibi* por apocope de *bi; se* a *sibi*, também por apocope e antithese do *e* pelo *i* final, dispensando a preposição necessaria a *si* para indicar a outra forma d'este caso e o accusativo latino *se*. Quanto a *ipse*, litteralmente significa *este elle* e não *elle mesmo, o mesmo*, sobre o qual trataremos no lugar competente.

LICÇÃO 27.^a

DOS ARTIGOS.

§ 106. Bopp é de opinião que os casos foram substituidos nas linguas que os não teem, por preposições para marcar a relação no espaço, e pelo artigo para marcar a relação pessoal. Parece-nos mais razoavel seguir a opinião de Diez, o qual diz que, se o artigo representasse este papel, elle não se

encontraria nas linguas de flexão completa, como o grego.

211 Ha dois artigos: o *definido* *o, a*, e o *indefinido* *um, uma*, que precede o substantivo, quando este é tomado em sentido indeterminado. A lingua latina não tem o artigo definido, mas como tal reputou-se o pronome *hic, hæc, hoc*, porque os grammaticos antigos emgregavam-n'o para indicar o genero, Diez: *hic vir, hæc femina, hoc animal*. Talvez fosse por esta razão que Sotero dos Reis fez derivar o artigo portuguez *o, a, os, as* d'este pronome latino, dando como prova o facto de escrever-se antigamente com *h*, como *ho homem, ha mulher*. Mas esta opinião é hoje insustentavel, não só porque antigamente se escrevia com *h* palavras, que não se encontra em latim escriptas com esta lettra, entre outras *hum* de *unus*, como porque, não havendo duvida de que a origem dos artigos é pronominal, o nosso deriva-se de *ille, illa, illud*, havendo mais de uma prova, que concorre para assim fazer julgar. Mas antes de produzi-las, convem observar que em vista do que ficou dicto, é fora de duvida que não foi do latim que o portuguez tirou a idea do artigo definido, mas *indica com elle que a trouxe de outra fonte, embora convertesse nelle o referido pronome; o corpo sem duvida alguma é latino, mas a idea, que d'elle se revestio parece ser arabe, tanto mais que, sendo o artigo arabe *el* e o pronome latino *ille*, é natural que se houvesse dado a palavra latina o emprego, que tinha o referido artigo, do qual ainda resta um vestigio em *el-rei*, sendo, ao que parece, pela terminação feminina e neutra do pronome já portuguez, *ella, ello (illa, illum)*, que se operou a passagem de *el* para *o, a*, porque é sabido terem passado os nomes latinos neutros em *um* para o genero masculino em portuguez. Do que ficou dicto deduzimos que o artigo *o, a* é historico e indica ter tido origem durante o dominio arabe da península iberica. Passemos as provas.

1.º É a primeira d'ellas que todas as linguas neo-

latinas usam do pronome *ille* como artigo e não de *hic*; umas porem da primeira parte d'elle por ser accentuada, outras da segunda por conter a flexão. O italiano e o hespanhol usam da primeira parte, *il*, *el*, mas o ultimo, confundindo-a visivelmente com o artigo arabe; o francez e o provençal empregam a segunda, *le*, *lo*; o valaco parece que usa de ambas, mas separadas. Deve-se porem observar que usam da primeira parte do pronome os povos, que estiveram em menos contacto com os arabes.

2.º A segunda prova é que as mencionadas linguas não usam exclusivamente de uma só d'essas partes, mas empregam nas variações de genero, numero e caso a outra parte, o que prova até certo ponto a confusão do pronome latino com o artigo arabe e sua conversão ao emprego d'este. O italiano usa de *gli*, *li* (segunda parte de *il-li*, plural), como plural masculino, singular feminino *la* (de *il-la*), plural feminino *le* (de *il-le*). O hespanhol usa do feminino *la* (de *illa*), ao qual acrescenta um *s* para formar o plural, como no masculino *los* (de *el-lo*); o provençal de *il* no singular feminino e no plural masculino e feminino, e tambem de *la* (de *il-la*); o francez antigo de *l* de *il*, no dativo singular, combinado com a preposição *à*, *al*; o valaco faz no accusativo singular *l*, no nominativo e accusativo singular *le* (de *il-le*), e bem assim no nominativo e accusativo plural.

3.º A terceira prova é que o portuguez não só conservou o *el* do hespanhol, como encontra-se o antigo *lo* (de *el-lo*, que parece ser a combinação do artigo *el* como a segunda parte de *il-lum*) nos *Foros de Santarem, sobre los santos; todo-los* (antigo). *Foros da Guarda*, 586. Em *pollo, polla*, dos quaes vieram os actuaes *pelo, pela*, o primeiro *l* é antithese do *r* da preposição *por*, o segundo o mesmo *l* de *lo, la* (*o, a*).

4.º A quarta prova é que o accusativo singular do pronome *elle, ella* é *o, a*, e o plural *os, as*, formas identicas ás do artigo cuja terminação masculina pa-

rece, como ficou dicto, ter procedido da antiga neutra *ello*, com a unica differença que *o, a, os, as* artigo sempre precede o nome substantivo, ao passo que o pronome sempre segue ou precede o verbo e as vezes põe-se antes de outras partes da oração, como *o de que se trata; Pedro deo sua casa e eu vendi a minha.*

212 Ainda se poderia dar como razão que, sendo um dos empregos do artigo *o, a, os, as* substantivar nomes de qualidades e outras partes da oração, é susceptivel de substituir-se por *ille* latino, cujo verdadeiro sentido é *aquelle*, pois neste caso o artigo preenche as funcções de verdadeiro pronome, porque está substituindo um nome occulto, como *o sabio é feliz*, que equivale a: *aquelle (homem), que é sabio, é feliz*, ou *o (homem) sabio é feliz*. Se o artigo se derivasse do *hic, hæc, hoc, dir-se-hia: este que é sabio*, etc, o que não se usa. No exemplo seguinte mostra-se claramente que *o, a*, deriva-se de *illa, illum: de é a parte da oração chamada preposição, amar é a que chamam verbo; o a* que precede *parte*, sendo artigo, é identico ao que precede *que*, derivado de *illa*, por ser pronome, pois *a que* equivale a *aquella parte da oração que chamam verbo*.

213 Ainda temos de observar sobre o artigo definido que é elle, que fornece ao portuguez as terminações *o, a* com que se destingue os generos nesta lingua, pois é este um de seus fins, o que ainda prova sua origem do latino *illa, illum*. Pret-o quer dizer litteralmente *pret-ello*, isto é, *o que tem a cor preta*. Quando se diz *o preto* subtende-se o *objecto*, o *homem* ou outro qualquer nome designativo da cousa que tem essa cor. O portuguez nesta parte imita até certo ponto as linguas que não teem a flexão do genero completa, como o inglez, que para designar os generos em certos casos, usa antes das palavras *man, woman* ou *he* elle, *she* ella, antepostos aos nomes de quadrupedes, etc.

§ 107. O artigo indefinido *um, uma* procede do

latim *unus, una, unum* (de oinos de *aná-s*) e empregase tambem como pronome indefinido. É a datar, segundo Diez, do seculo VI, que o pronome *ille* se encontra nas cartas com emprego de artigo definido, sendo o do indefinido mais tardio, e, por assim dizer, introduzido aos poucos, a principio como numeral ou como pronome indefinido. Em latim elle tambem tinha o sentido especial de *só* e *unico*, e podia ter plural. Em portuguez tambem se usa em ambos os numeros, como: *eram uns homens virtuosos*.

Sua declinação é a seguinte:

NUMERO SINGULAR.

Latim.	Portuguez.
Nom. unus,-a,-um.	um, uma.
Genit. unius.	de um, de uma.
Dat. uni.	a um, a uma.
Ac. unum,-am,-um.	um, uma.
Ab. ab uno,-a,-o.	de um, de uma, etc.

N. PLURAL.

Nom. Uni,-æ,-a.	uns, umas.
Genit. unorum,-arum,-orum.	de uns, de umas.
Dat. unis.	a uns, a umas.
Ac. unos,-as,-a.	uns, umas.
Voc. uni,-æ,-a.	uns, umas.
Ab. ab unis.	de uns, de umas, etc.

Declinação do pronome *elle* e artigo definido *o, a*.

N. SINGULAR.

N. PLURAL.

Nom. elle, ella; ei, eli (antigos), o, a.	elles, ellas; olli (antigo), os, as.
Genit. d'elle, d'ella, do, da.	d'elles, d'ellas, dos, das.
Dat. lhe ou a elle, a ella, lhelo, lhilo, lhila, li, lo (antigos), ao, á.	lhes ou a elles, a ellas; lis (antigo), aos, ás.
Ac. o, a,-o, a.	os, as,-os, as.
Ab. d'elle, d'ella; nelle, nella; enle (antigo) do, da.	d'elles, d'ellas; nelles nellas; d'ende, enlhes (antigos), nos, nas.

Um e outro são correlativos, *unus et alter*, que correspondem a *uterque*; *unus alterum* ao classico *alter, alterum, alius, alium*, Diez.

LICÇÃO 28.^a

OUTROS PRONOMES.

§ 108. A *sva* segue-se *ta*, que o latim só emprega no estado livre, como adverbio em *tum, tunc, tam, tandem, tam-en* (dos quaes nos occuparemos em outro lugar), e como derivados *talis, tantus, tot, totidem, totiés*. Em composição temos *is-te*. Bopp diz que ou a primeira parte d'este pronome é um nominativo masculino petrificado, que conserva nos casos obliquos o signal casual, cujo valor deixou de ser comprehendido (*is-tius* por *ejus-tius*), ou, o que é menos provavel, o *s* de *is* é uma addição puramente phonetica, que se explicaria pela inclinação, que tem o latim, de aproximar as lettras *s* e *t*, como já vimos. O nominativo de *ta*, é *sa, sá, tat*, que só se usa neste caso, sendo provavel que houvesse tido declinação completa, porque temos em latim *sum* por *eum, sam* por *eam, sós* por *eos* e o nominativo feminino *sa-psa* por *ea ipsa*. Este pronome não tem signal casual do nominativo, como os latinos *hic, huc, hoc, ille, ipse* em vez de *his-ce* (compare-se *hunc*, vindo de *hunc, illus, istus, ipsus* (com effeito empregado), distinguindo-se *qui* de *quis*, o qual é alguma cousa mais energico por causa do referido signal, não só por provir elle do thema *sa*, como porque, sendo o principal papel dos pronomes designar as pessoas, não tem necessidade do signal da personalidade, Bopp. *Iste* significa—*aquelle que está perto de vós; hic, o que está perto de mim; ille, o que está longe. Iste* tem as vezes o sentido de despreso, e se traduz em portuguez por *esse, esses, essa,*

essas, como esses, que tanto fallavam em honra. Segue-se sua declinação:

N. SINGULAR.

Latim.	Portuguez.
N. Iste, -a, -ud.	esse, essa, isso.
G. istius.	d'esse, d'essa, d'isso.
D. isti.	a esse, a essa, a isso.
Ac. istum, -am, -ud.	esse, essa, isso.
Ab. ab isto, -a, -o.	d'esse, d'essa, d'isso, etc.

N. PLURAL.

N. isti, -æ, -a.	esses, essas, isso.
G. istorum, -arum, -orum.	d'esses, d'essas, d'isso.
D. istis.	a esses, a essas, a isso.
Ac. istos, -as, -a.	esses, essas, isso.
Ab. ab istis.	d'esses, d'essas, d'isso.

Do que ficou dicto se deduz que *hic* corresponde a primeira pessoa, *iste* á segunda, *ille* á terceira; o *c* do primeiro pronome é o mesmo *g* de *ego* e *h* de *aham* (compare-se *hic* com o gothico *ik*, eu, n. 198); o *t* do segundo o mesmo *t* de *twam*, tu, e o *l* do terceiro identifica-se com o *s* de *sva*. Com effeito, se o *ha* de *a-ha-m* é uma enclitica, que M. Bréal apresenta sob a forma *gha*, n. 202, da qual procedeo o *go* de *ego*; e se o *c* de *hic* é tambem enclitica, como diz Bopp, verifica-se ser a mesma em ambos os casos, mas em um o *h* mudou-se em *g*, em outro em *c* ou *k*, como no gothico, vindo a ser *hic* metathese de *a-gha*, como *pse* o é de *sva*, n. 207.

214. Alem dos mencionados pronomes, derivam-se do mesmo pronome *ta* pela mudança de *t* em *d*, *i-dem* (compare-se *ita*, *item*), de *idam* e *quidam*, *au-tem*, *dum*, *dé-mum*, *dó-nec*, *dóni-cum*, *dén-i-que* e talvez *dudum*, considerando-o como composto de *do* por *to* dobrado. O dobramento nos pronomes, diz Bopp, significa multiplicidade. Assim, se *totum* não vem da raiz *tu* crescer, pode-se considerar como um dobramento do pronome *ta*, para significar as duas metades, o todo;

shash dois tres, ou seis. Entre *dudum* e *totum* ha a mesma relação phonetica, que entre *dum* e *tum*.

§ 109. Do thema sanskrito *i*, indeclinavel, derivaram-se *is* e os adverbios *iterum*, *ibi* (locativo) e os archaicos *i-m*, *i-bus*. Bopp faz derivarem as duas formas do pronome latino *e-a*, *e-um* do relativo sanskrito *ya*, que tomou o sentido demonstrativo, pertencendo assim a 1.^a e 2.^a declinação. Em osco: diz elle, este pronome tem sempre *i* e não *e*, como no accusativo masculino *ion-k* (*eum*), que contem a enclitica *k*, e no accusativo neutro *io-k* (por *io-d-k*, cujo *d* não podia conservar-se antes de *k*), e como correspondente do sanskrito *it* e latino *id*, *id-ik*, sendo o segundo *i* vogal de ligação destinada a sustentar a enclitica (masculino *iz-ik*). Mas ao *y* sanskrito corresponde o *j* latino e por isso o nominativo feminino *ea* vem de *ia* (em vez de *ja*, igual a *ya*), e corresponde ao osco *iû-k*; o dativo e ablativo archaico *ea-bus* (*yâ-bhyas*) de *iâ-bus* por *ja-bus*; o dativo *ei* de *joi* (como *illi* de *illoi*) no masculino e de *jai* no feminino, no qual tambem se encontra *æ*. *Ejus* corresponde no masculino e neutro a *yâ-sya*, no feminino a *yâ-syas*, desaparecendo a vogal final do thema *ya*, e vocalisando-se a semi-vogal em *i* e depois em *e*, que tornou-se longo por posição.

215 Como a escriptura em osco e latim não distingue o *j* do *i*, e é impossivel dizer se o accusativo osco é *jon-k* ou *ion-k*, pode-se aproximar as formas latinas como *eum*, *eô*, *eorum* do verbo *eo* (de *yâ* ir), no qual o *y* está vocalisado no *i* de *iens*, igual a *yan* e no *e* de *euntem*, igual a *yântam*. Do pronome composto sanskrito *i-ma* proveio (no accusativo *i-mam*, masculino, e *i-mâm* feminino) o latim archaico *emem* por *eundem* (compare-se *euntem*). *Idem* é composto de *is*, como vimos, estando o nominativo por *is-dem*, neutro. Não se deve confundir *idem* com *ipse*; *idem homo* é o mesmo homem e não outro qualquer, *ipse homo* o homem mesmo. Em portuguez antepõe-se o pronome *mesmo* no primeiro caso e pospõe-se no se-

gundo, traduzindo-se por este pronome os latinos *ipse* e *idem*, sendo que o ultimo se confundio, tomando o sentido neutro, com *item*, adverbio e substantivo empregado no fôro no sentido de artigo, ponto

216 Sobre o pronome *mesmo* temos a observar que elle se compõe, ao que parece, do pronome annexo *sma* repetido, e que se ajunta em latim aos pronomes pessoaes sob a forma *met*, Bopp, § 337, em *ego-met*, *tu-met*, *me-met*. Esta ultima palavra nos fez suppor a principio que o pronome em questão compõe-se do thema da primeira pessoa *ma*, do demonstrativo *i* e do pronome annexo *sma*; em tal caso o *a* da primeira parte se contrahiria em *é* com o *i* do outro pronome e faria *me-smo*. O adverbio *immo*, cujo primeiro *m* é assimilação do *s* de *sma*, estando por *i-smo*, parece justificar esta explicação, porque este adverbio tambem se compõe do demonstrativo *i*. A primeira explicação acharia justificação na assimilação do *t* de *met* pelo *s* do *sma*, convertido em *smo*, comparado com *immo*; a segunda torna-se plausivel admittindo um *s* euphonico em *memet* e seu uso immoderado, a ponto de ser applicado a todos os pronomes pessoaes, quando a forma é só da primeira pessoa, ou então que, contrahindo-se, como já dissemos o *a* com o *i*, não teve lugar a assimilação do *s*, como em *immo*, porque neste caso seria necessario para formar syllaba com o *é*, igual a *a* mais *i*, o que não é difficil de admittir, sabendo-se que o grupo *sm* não é repellido pelo latim. O facto de não ter esta lingua um pronome primitivo para *mesmo*, é que difficulta qualquer explicação. O italiano *medesimo* parece apoiar-se na primeira, admittindo a troca do *t* de *met* em *d*, mas o hespanhol *mismo* torna mais plausivel a segunda, suppondo que o *i* é demonstrativo e diferente do do italiano, que parece-se mais com o *is* do superlativo, significando *mesmissimo*.

Declinação de *totus, quis, is* e *idem*.

N. SINGULAR.	N. PLURAL.
N. totus,-a,-um.	toti,-æ,-ta.
G. totius.	totorum,-arum,-orum.
Dat. toti.	totis.
Ac. totum,-am,-um.	totos,-as,-a.
Ab. a toto,-a,-o.	totis.
N. quis, ou qui, quæ, ou qua, quod, ou quid; qui, quæ, quod.	qui, quæ, quæ.
G. cujus.	quorum,-arum,-orum.
Dat. cui ou quoi;	queis, quis, quibus; quibus.
Ac. quem, quam, quod, ou quid; qui, quæ, quod.	quos, quas, quæ.
Ab. a quo, qua, quo, ou qui; a quo, qua, quo.	queis, quis, quibus; quibus.
N. is, ea, id; idem, etc.	ii, ei, eæ, ea; iidem, etc.
G. ejus; ejusdem, etc.	eorum, earum, eorum.
Dat. ei.	iis ou eis.
Ac. eum, eam, id.	eos, eas, ea.
Ab. ab eo, ea, eo.	iis ou eis.

Por *is* se declina *idem* e por *quis*, que é interrogativo, *quisquis*. Quando a pergunta é relativa a duas pessoas ou cousas, substitue-se *quis* por *uter*, qual dos dois? Observe-se que *quid* é sempre substantivo e *quod* adjectivo; *quis* interroga sobre o nome, *qui* sobre a qualidade. A declinação de *qui, quæ, quod* é a mesma de *quis*, com a diferença que este tem duas formas neutras em nominativo *quid* e *quod*, sendo a ultima só d'aquelle. No ablativo *quis* faz tambem *qui* e no dativo *qui* tem mais *quoi*. No plural a declinação é a mesma. Os compostos regulam-se por *qui*, acrescentando somente as particulas *dam, dem, vis, libet* e *cumque*.

§ 410. Do thema neutro sanskrito *kat* derivaram-se os casos do pronome interrogativo e relativo latino

quod, quó e no plural *quí, quórum, quós*. O *æ* do plural neutro e nominativo feminino singular, é o enfraquecimento do *â* longo primitivo d'estas duas formas. No accusativo plural feminino *quás* é quasi identico ao sanskrito *kás* e *qua-rum* representa *ká-sám*. Ao thema sanskrito *ka*, que se enfraqueceo em *hu*, poder-se-hia filiar o genitivo *cu-jus* e dativo *cu-i*, que de alguma forma pertencem a 4.^a declinação, como as formas archaicas *quojus, quoi*, vindas do thema latino *quo*, pertencem á 2.^a, das quaes não são alterações as primeiras, porque o thema *cu* (por *ku*) é tão usado como *quo*. *Cujus* ou *cujatis, cui* poderiam d'elle ter sahido e ter coexistido com *quojus, quoi, quojas*, como *quid*, vindo do thema *qui*, existe ao lado de *quod*, vindo de *quo*. Mas, como em sanskrito toda a declinação do pronome interrogativo, com a excepção unica de *kim*, vem de *ka*, igual a *quo*, a lithuamia de *ká* e gothica de *hva*, e *ku* não deixou renovo algum incontestavel nas linguas da Europa, parecerá mais verosimil que *cujus, cui* venham de *quojus, quoi*, supprimindo-se o *o* e mudando-se o *v* em *u*, do que ha exemplos, como *quatio*, que tornou-se *cutio* em *concutio, loquor* e *sequor, locutus* e *secutus*, conforme ensina Bopp.

§ 141. Do mesmo modo *uter* deriva-se do referido pronome (*ka*), pois nesta palavra, como em todas as expressões interrogativas e relativas, que começam por *u*, deve-se entender supprimida a inicial *k* do thema *ku* (segundo Bopp), como veremos, quando tratarmos dos adverbios; e, com quanto cessassem de ser interrogativas, vê-se que o mesmo aconteceo com *quisque, quispiam* e *quisquam*, porque as syllabas *que, pe, quam, piam*, como o *c* de *hic*, teem a propriedade, como encliticas, de despojar *quis* de seu valor interrogativo. Mutilada a syllaba *cu* (de *quo*), poder-se-hia sustentar que o *u* de *uter* e de outras expressões, que começam por *u* nada teem de commum com o *u* euphónico de *quo* por *qvo*, mas é enfraquecimento do *a* primitivo de *ka*, e que *uter* é alteração de *ka-tarás*,

por exemplo, cujo *k* perdeo-se, mudando-se o *a* em *u*. Mas isto só tem lugar antes de líquida ou de *s*; o *a* de *katarás*, segundo as leis phonicas do latim, teria permanecido, ou com mais verosimilhança, mudar-se-hia em *ó*, ou ainda em *e* ou *i*. *Quis* deriva-se do vedico *kis*, nominativo masculino, só empregado em composição com as particulas negativas *na*, *má*, *nakis*, *nemo*, *má-kis*, *nequis* com sentido prohibitivo. *Qui* se emprega as vezes por *quis*. *Uter* tambem se emprega por *quis*, tratando-se de duas pessoas ou cousas, ajuntando-se *uter* ao comparativo e *quis* ao superlativo. *Uter* tambem se emprega em casos diferentes na mesma proposição, significando *outro e qual dos dois*, e como relativo *aquelle dos dois que*. Os compostos de *qui* são: *quidam* um certo, *quivis* qualquer, *quilibet* qualquer, *quicumque* todo aquelle, que; os de *quis* alem dos mencionados: *quisquis* qualquer que, *aliquis* algum, *ecquis* por ventura alguem? (*ec* vale por *ecce*), *nunquis*, *siquis*, *ecquisnam* quem? *unusquisque* cada qual; os de *uter*: *neuter* nenhum dos dois, *alteruter* um ou outro, *uterque* um e outro, *utervis* (litteralmente: o que quizeres), um dos dois indistinctamente; *uterlibet* (litteralmente: o que agradar), *utercumque*, qualquer que seja dos dois que. *Vis* é do verbo *volo*, *libet* é outro verbo. *Neuter* tem *alter* por correlativo; *alteruter* pode se oppor a *alter*, que com *uter*, *neuter*, *alius*, *nullus*, *ullus*, *unus*, *totus* e *solus* podem ter genitivo e dativo triforme. Os compostos se declinam pelos simples.

Declinação de *uter*.

N. SINGULAR.

N. *uter*, *utra*, *utrum*.G. *utrius*.Dat. *utri*.Ac. *utrum*, *-am*, *-trum*.Ab. *ab utro*, *utra*, *utro*.

N. PLURAL.

utri, *utræ*, *utra*.*utrorum*, *-arum*, *-orum*.*utris*.*utros*, *utras*, *utra*.*utris*.

217 Em latim o pronome *hi deo*, entre outras palavras, existencia ao antigo plural masculino *quis* e ao genitivo *qui-um*, como a *hic*, que em tudo segue a analogia de *quis*, *qui*, pois que o primeiro participa da declinação mixta dos dois ultimos e todas as particularidades e anomalias de uns se acham no outro; *quis* e *qui* tiram seus casos, como *hic* de dois ou trez themas differentes, o que se vê, comparando *hujus* com *cujus*, *hos* com *quos*. É verdade que não ha ao lado de *hæc* uma forma feminina *ha-c*, que corresponda a *aliqua*, *siqua*, etc., por ser *hæc* empregado como ultimo membro de palavra composta. Com effeito a redução de *quæ* em *qua* resulta da sobrecarga produzida pela composição; *si-quis*, *ne-quis* escrevem-se separados e fallando-se pode-se separar por meio de alguma palavra, e por isso não formam menos palavras compostas. A substituição da tenue pela aspirada em *hic* por *hic* é contraria as leis phonicas do latim; mas pode o *c*, junto no fim do pronome, não ser estranho a esta modificação, por ter parecido desagradaveis ao ouvido *hic*, *hæc*, *hoc*, dobrando as gutturaes. O *c* final de *hic* é um resto da syllaba *ce*, porque antigamente dizia-se *hi-ce*, *ha-ce*, *ho-ce*, que comsigo se acha combinada em *hic-ce* e que se converte em *pe*, outra forma de *que*, do qual só differe pela ausencia da lettra puramente phonetica *v*, particulas encliticas, cujo emprego indica Bopp, e já acima mencionámos (veja-se preposições). Este *c* devia achar-se em todos os casos de *hic* e talvez se tivesse achado originariamente; Burnouf affirma que se usa em todos os casos acabados em *s*, como *hujus-ce*, *his-ce*. No neutro *hoc* foi supprimido o signal casual, por ser *hodc* de pronuncia muito difficil no latim. É a enclitica *uh*, segundo Bopp, empregada para o mesmo fim, correspondendo ao *c* de *hic*, *hæc*, *hoc*, ou ao *que* de *quis-que*, e *hváh*, *svah*, *ni-h* são identicos no sentido e formação a *hæc*, *sic*, e *nec*. A *hic*, *hæc*, *hoc* corresponde o portuguez antigo *aqueste*, *aquesta*, *aquisto* (*este*, *esta*, *isto*).

Declinação de *hic, hæc, hoc*.

N. SINGULAR.	N. PLURAL.
N. hic, hæc, hoc.	hi, hæ, hæc.
G. hujus.	horum, harum, horum.
Dat. huic.	his.
Ac. hunc, hanc, hoc.	hos, has, hæc.
Ab. ab hoc, hac, hoc.	his.

§ 112. O pronome sanskrito composto de *a* e *na*, *ana*, combinado com *ya* deo *anyá*, do qual procedo *alius* outro, n. 35, 109, e com o suffixo do comparativo *tara, antara*, do qual com a mesma significação veio o latim *alter* um e outro. *Alius* pode ser repetido e exprimir-se por *ac, atque* e *et*; uma só proposição pode conter *alius* em dois casos, como: *alius alio more vivebat*. *Alter* repete-se, tratando-se só de dois, ou substitue-se por *unus*. *Alius* entende-se por opposição a muitos, um outro: *alter*, fallando-se de dois. O portuguez outro tem o neutro *al*.

Declinação de *alius* e *alter*.

N. SINGULAR.	N. PLURAL.
N. <i>alius, -a, -ud.</i>	<i>i, -æ, -a.</i>
G. <i>alius</i> e <i>alii, -æ, -ii</i> ou só <i>alii.</i>	<i>aliorum, -arum, -orum.</i>
Dat. <i>ali, ou alio, -æ, -o.</i>	<i>aliis.</i>
Ac. <i>alium, -am, -ud.</i>	<i>alios, -as, -a.</i>
Voc. <i>ali, -a, -ud.</i>	<i>ali, -æ, -a.</i>
Ab. <i>alio, -a, -o.</i>	<i>aliis.</i>
N. <i>alter, -a, -um.</i>	<i>alteri, -æ, -a.</i>
G. <i>alterius.</i>	<i>alterorum, -arum, -orum.</i>
Aat. <i>alteri.</i>	<i>alteris.</i>
Ac. <i>alterum, -am, -um.</i>	<i>alteros, -as, -a.</i>
Voc. <i>alteri, -a, -um.</i>	<i>alteri, -æ, -a.</i>
Ab. <i>ab altero, -a, -o.</i>	<i>alteris.</i>

Por estes declinam-se os compostos.

§ 113. *Ullus*, diz Burnouf, é diminutivo de *unus*; *nullus* é composto de *nec* e *ullus* nenhum ou *nem um*. O *gum* de *algum* é o mesmo *hum* com a aspirada mudada em guttural media, a qual reaparece em *nenum*; *algum* é composto de *alius* e *unus* e significa litteralmente *outro um*. Em *nenum* o *m* de *nem* está mudado em *n*, em vez do *c* de *nec*. *Algum* tem o antigo neutro *algo*, com que se compõe *fi-d-algo* por filho de algo, e tambem se compõe do neutro de *outro*, *-al*.

Declinação de *ullus* e por este a de *nullus*.

N. SINGULAR.	N. PLURAL.
N. <i>ullus</i> , -a, -um.	<i>ulli</i> , -æ, -a.
G. <i>ullius</i> .	<i>ullorum</i> , -arum, -orum.
Dat. <i>ulli</i> .	<i>ullis</i> .
Ac. <i>ullum</i> , -am, -um.	<i>ullos</i> , -as, -a.
Ab. ab <i>ullo</i> , -a, -o.	<i>ullis</i> .

§ 114. Os pronomes possessivos latinos, como os gregos, são formados dos pessoaes com o auxilio, segundo Bopp, do suffixo do comparativo. *Meus* vem de *ma-ius* e corresponde em sanskritto a *ma-ya-s*, de *mé* por *mai* e *a*, suffixo derivativo; *tuus* (thema *tuó* de *tvó*), e *suus* (thema *suó* de *svó*), são identicos a *tvā* e *svā*, ao mesmo tempo pessoaes e possessivos. A lingua oppõe a pessoa ou pessoas, que possuem às que não possuem e cria d'esta sorte um dualismo, que o suffixo do comparativo, junto aos pronomes, tem por funcção exprimir. Assim *mēus*, *maya-s*, quer dizer *mais eu*, ou eu de preferencia. Em latim tambem se forma, como no antigo slavo, o pronome possessivo *cujus* (thema *cu-jó*, feminino *cu-ja*), cuja segunda parte nada tem de commum com a desinencia *ius* de *cujus* (de *quis*), de quem?

218 Em *nostrī*, *vestrī*, *nostrum*, *vestrum* poder-se-hia considerar o *r* como enfraquecimento do *d* do sanskritto *asmadiyas* nosso, *yushmadiyas* vosso, como

acontece na composição de numeros, em que entra dez, em algumas linguas como o industani, Bopp. Não se deve confundir *meus, tuus, suus* com *mei, tui, sui*; assim *pars mea* é a porção que me pertence, *pars mei* é uma parte do meu ser. *Nostrî, vestrî*, genitivo de *nos, vos* (e de *noster* e *vester*), tomam-se em sentido colectivo; *nostrum, vestrum*, genitivo de *nos, vos* (nominativo singular de *noster, vester*), tomam-se em sentido partitivo. Em latim e em portuguez não se faz distincção em *suius seu* do numero dos possuidores, como em *meus, tuus, meu, teu*, que indicam um só e *noster, vester, nosso, vosso* mais de um. Burnouf affirma que isto assim é em latim porque *suius* se forma do reflexivo *sui, sibi, se*, que não distingue os numeros. Mas como derivar o nominativo *suius* de um pronome que não tem nominativo, como *sui, sibi, se*? Não indica isto que o latim teve um pronome da terceira pessoa com declinação completa, que antes de perder-se, deixou derivados na mesma lingua e em outras com um nominativo *su, se*, dos quaes o ultimo se confundio com o accusativo *se*, passando antes para o portuguez? Ora *svas* sanscrito era já empregado como possessivo em vez de *svamadiyas*, e como este não era usado, o sentido possessivo absorveo e apagou o pessoal em *svas*, do qual procedeo *suius, seo*, sendo deixado o resto da declinação, por essa razão incompleta, para exprimir a significação reflexa. A mesma absorpção se operou em latim de *se* nominativo por *se* accusativo, não impedindo que o portuguez faça distincção entre um e outro, tanto mais que, não tendo casos, vemos que muitas palavras se derivaram d'este e não d'aquelle caso, como *acção*, que se escrevia *acçam*. *Suius* vocalizou o *v* de *svas* e enfraqueceo o *a* em *u*, senão faria *suster*, como *noster, vester*, com o suffixo comparativo *tara*. De *noster, vester, cujus*, talvez por *cu-jius* de *svasiyas*, sem o annexo *sma*, para fazer, como os derivados das duas primeiras pessoas, distincção entre os possuidores, derivam-se os possessivos *nostras,*

nostratis de nossa patria, *vestras, vestratis* de vossa patria, *cujas, cujatis*, de que patria?

Declinação de *meus* e *noster* e por estes *tuus, vester, suus*, que não tem vocativo.

N. SINGULAR.	N. PLURAL.
N. meus, -a, -um.	mei, -æ, -a.
G. mei, -æ, -ei.	meorum, -arum, -orum.
Dat. meo, -æ, -o.	meis.
Ac. meum, -am, -um.	meos, -as, -a.
Voc. meus, mi, -a, -um.	mei, mi, -æ, -a.
Ab. a meo, -a, -o.	meis.
N. noster, -tra, -trum.	nostri, -træ, -tra.
G. nostri, -træ, -tri.	nostrum, -arum, -orum.
D. nostro, -træ, -tro.	nōstris.
Ac. nostrum, -tram, -trum.	nostros, -as, -a.
Voc. noster, -tra, -trum.	nostri, -æ, -a.
Ab. a nostro, -tra, -tro.	nostris.

• *Nostras, vestras, cujas* seguem a 3.^a declinação.

§ 115. Nas palavras *tantus, quantus*, que Bopp chama pronomes correlativos, como em *malo* por *navolo*, ha suppressão de uma syllaba, e estão por *tāvantus, kāvantus*, ampliações de *tāvans, kāvans*, nos quaes entra o suffixo sanskrito *vant*. É provavel que o primeiro *a* d'estas palavras seja longo, porque, a não ser assim, elle teria sido mudado em *e* ou *o*, representantes em latim do *a* breve sanskrito, como em *tot, quot*, equivalentes a *tāti, hāti*, derivados dos themas pronominaes *ta, ka* por meio do suffixo *ti*, que, como as desinencias pessoaes dos verbos, perderam o *i* final, restabelecido nos compostos, com *dem, die, dianus* (talvez restos de *divus* dia, Bopp, § 392), como *toti-dem, quotidie, quotidianus*. O *i* longo de *quoti-die* e *quoti-dianus* é inorganico e talvez resultado de um erro, tendo sido *quoti* tomado em ablativo, Bopp.

219 *Tot, quot* são indeclináveis, como em sanskrito, no nominativo e accusativo singular, a maneira dos nomes de numeros de cinco a dez, que em grego e latim são indeclináveis, ao passo que em sanskrito teem um resto de declinação. Em sanskrito ha uma palavra *daç*, que, derivando-se do verbo *daç*, ver, significa semelhante, e unida como suffixo dos pronomes alonga a ultima vogal d'estes, como *tâdaç*. Mas este suffixo só é empregado em composição. As linguas da Europa mudaram o *d* do mesmo suffixo em *l*, mudança, que já verificámos a respeito de outras palavras. Em grego temos o mesmo suffixo mudado em *λίκος* (*likos*), em gothico *leiks*, em allemão moderno *cher*. Ora, a vogal sanskrita *n* é um resto da syllaba *ra*, de modo que, perdido o *r*, o *a* enfraqueceo-se em *i*. Por outro lado o *ç* tornou-se em grego *k*, em gothico *ks*, em pakrito *s*, em latim *s*, de modo que *daç*, *likos*, *leikos*, *lis*, junto ao pronome sanskrito *ta*, deram *tâdaç*, *τᾶλίκος* (dorico, *tâlikos*), *svaleiks* por *thêleiks*, do qual veio o allemão moderno *solcher*, *tâlis* e vem a significar a mesma cousa, *tal*, formando-se do mesmo modo *qualis*, *qual*. Este suffixo é o mesmo em anglo saxonio, *lic*, inglez *like* (semelhante), antigo slavo *liko*. Restâ só notar que o latim perdeu a guttural *k*.

§ 116. Passando agora a tratar das enclíticas, parece-nos que ellas são antigos pronomes, que, reunindo-se a outros, perderam a significação. Mr. Michel Bréal, occupando-se dos pronomes, diz que suas agglutinações fazem-se de tres modos: ou são themas indeclináveis que se soldam uns aos outros, tomando só o ultimo as flexões casuaes, como no pronome sanskrito *a-smê* e latino *u-nus* de *oi-no-s*, é a composição mais antiga e mais organica; ou dois pronomes juxtapostos se declinam ambos, como em latim *quisquis*; ou enfim declina-se o primeiro membro do composto, ficando o segundo invariavel, como *i-dem* por *is-dem*, *quidam*, etc. Diz elle mais que estas tres sortes de compostos representam tres estados successivos da lingua, e até se vê o mesmo

pronome passar de um a outro, como *hic*, que antigamente declinava seus dois themas, como se vê em uma inscripção de Mommsen, 5882: *Protogenes Cloul suavei heicei situs minius*. «Estas palavras nos mostram como a vida grammatical se retirou aos poucos do segundo termo, que, privado do accento tonico, servindo só para repetir as desinencias do primeiro pronome, perde a declinação que parece superflua e desce então ao estado de simples enclitica».

Ainda existem outras irregularidades. Só se pode explicar *is-te* e *ipse* do modo, pelo qual já o fizemos. É a necessidade de dar, diz M. Bréal, mais corpo a estas palavras, junto ao desejo de mostrar mais expressamente os objectos, accumulando raizes indicativas, que fazem crear tantos pronomes compostos. Os idiomas modernos muito se adiantaram a este respeito; os antigos menos, sendo esta inclinação dos pronomes de se attrahirem, que, segundo uma theoria muito verosimil, produzio os genitivos e dativos latinos *illius*, *illi*. Mas o exemplo mais curioso é o pronome *ego*, sanskritó *aham*, em que se descobrio trez raizes differentes como já vimos. Quanto ao portuguez, esta lingua não só accumula pronomes, mas outras palavras a exemplo do latim, como o verbo *quer* de *qualquer*, que perdeu o sentido interrogativo, como *quivis*. Em rigor quase que não ha em portuguez pronome simples, porque, ou elles são herança de linguas primitivas, em que já eram compostos, ou são de composição portugueza, como *cada qual*, *quem quer que*, etc. A respeito de encliticas, ellas existem em nossa lingua, mas já desconhecidas. *Quer*, por exemplo, já é uma inclitica de formação puramente portugueza, porque, segundo a natureza d'estas palavras, tendo a de que se trata perdido a significação verbal, que tinha, supprimio a interrogativa de *qual* e *quem*.

LICÇÃO 29.^a

DOS THEMAS.

§ 117. Talvez pareça sem cabimento tratar em uma Grammatica portugueza e latina de themas, cuja existencia só tem lugar em sanskrito e em poucas linguas mais. Se o fazemos porem, é por entender que é do conhecimento dos themas, que depende em muitos casos a verdadeira determinação das desinencias.

Thema é uma forma invariavel e fundamental que as palavras teem alem dos casos, e que as torna aptas para receberem as desinencias. Os themas podem acabar em vogal breve ou longa, ou em consoante. Os acabados em *a* breve são em sanskrito masculinos ou neutros e jamais femininos. Em epoca muito antiga encontra-se no latim o *o* representando o *a* primitivo: na epoca classica este *o* mudou-se em *u*, posto que não desaparecesse de todos os casos. O *i* breve, que se encontra nos trez generos em sanskrito, em latim corresponde a mesma letra e alterna com *e*, como *facile* por *facili*, *mare* por *mari* de *vári* agua. O *u* breve tambem se acha nos trez generos em sanskrito. Em latim este *u* encontra-se na 4.^a declinação. As vogaes longas *á*, *í*, *ú* acham-se em sanskrito principalmente no feminino, nunca no neutro e raras vezes no masculino. O latim abreviou o *á* do feminino no nominativo e vocativo sem flexão. Quanto aos masculinos latinos em *a*, já tratámos d'elles na formação das palavras. A 5.^a declinação latina em *é* é originariamente identica á 1.^a Em latim o *i* longo do feminino cessou de ser declinavel, e desapareceu, ou foi ampliado com um complemento inorganico encarregado de supportar as desinencias casuaes, o qual é *c*, *d* em grego e *u* em gothico, como *genitri-c-s* (sanskrito *ghanitri*, a que páre). Em gothico o *i* feminino se mudou em *j*, para evitar o hiato produzido pela addição de um *ó*, que é feminino. Os

themas em *ú* longo, ordinariamente femininos, são raios em sanskrito, como *cvacrú*, latim *socrus* sógra. Só ha um pequeno numero de themas sanskritos acabados em diphthongo; nenhum acaba em *é*, um só em *ai*, que é *rai* masculino, do qual veio o latim *ré* (nominativo *rê-s*). Dos acabados em *ó*, *dyó* é feminino. Com perda da dental media e mudança de *y* em *j*, a esse thema corresponde *Jovis*, *Jovi*, representante do dativo sanskrito *dyāv-é*, e ampliado em *Jupiter* (*ter*, indica parentesco, -o deos pai, *pitar*). O outro thema sanskrito acabado em diphthongo é *nau*, feminino, ao qual corresponde o latim *nav-i-s* (portuguez *náu*, igualmente feminino), com endurecimento do *u* em *v*, *navio*; d'elle veio para o latim e portuguez *naufragus*, naufrago, e seus derivados não tomam complemento inorganico, como *nauta*.

220 Dos acabados em consoante os mais frequentes são os em *n*, *r*, *s*, *t*; as outras consoantes só apparecem no fim das palavras raizes e themas de origem incerta. Nenhuma guttural se acha no fim de thema verdadeiramente usado, o que acontece frequentemente em grego e em latim não só no fim de thema, como de raizes; *g* e *c* só no fim d'estas, como *duc*, *vorac*, *edac*, *leg*, *conjug*, *lúc*, *vóc*. As cerebraes não são usadas no fim de thema; pelo contrario as dentaes o são frequentemente, como o participio em *nt*, *pecud*, cujo *d* é complemento de data recente. O gothico termina seus themas em *d* e *an*. A nasal *n* termina em germanico todas as palavras de declinação fraca, que, como os nomes sanskritos, masculinos e femininos latinos, regeitam no nominativo o *n* do thema. As labiaes, comprehendido o *m*, terminam em latim, como em grego, palavras raizes ou de origem desconhecida, e em latim themas ha em que a labial só é final aparentemente, porque se supprimio um *i* no nominativo, como *pleb-s* por *plebi-s*, genitivo do plural *plebi-um*. A declinação latina em *i* reagio sobre a das palavras que acabam por consoante e introduzio um *i* em diversos lugares, em que é impossivel que

existisse de principio, e por isso é difficil distinguir themas verdadeiramente acabados em consoante dos que o são só em apparencia. No dativo e ablativo plural pode-se explicar o *i* de formas como *amantibus*, como vogal de ligação, mas é mais exacto dizer que themas como *voc*, *amant*, não podendo combinar-se com a desinencia *bus*, ampliaram o thema em *voci*, *amanti*, de modo que se devem dividir em *voci-bus*, *amanti-bus*. Tanto isto assim é, que antes do *um* do genitivo plural e *a* do neutro, vemos muitas vezes o *i*, sem que se possa dizer que elle é necessario para facilitar a ligação das desinencias. Pelo contrario, os themas *juveni*, *cani* fazem no genitivo plural *juvenum*, *canum*, formas que lembram os themas em *u*, como em sanskrito *çvan* cão. Os nominativos *pede-s*, *vocé-s*, *amanté-s* derivam de themas em *i*. O germanico se parece com o latim, porque ajunta um *i*, para facilitar a declinação em muitos nomes de numero, cujo thema acabava primitivamente em consoante.

221 Entre as semivogaes *y* e *l* nunca se acham no fim de thema, *v* só em *div*; *r* é muito frequente, sobretudo por causa dos suffixos *tar*, *târ*, que se acham nas outras linguas. Em latim, alem do *r*, esta lettra se põe em vez de *s*, como no comparativo *ior*. *Sal* vem da raiz sanskrita *sal* mover-se, da qual vem *salila* (neutro) agua; *sol* de *svar* ceo, do qual veio o grego $\sigma\epsilon\text{-}\lambda\alpha\varsigma$ e $\sigma\epsilon\text{-}\lambda\eta\text{-}\nu\eta$ (*sé-las* e *seléné*). Em grego o *s* é supprimido ordinariamente, quando está entre duas vogaes, sobretudo na ultima syllaba; por isso os neutros $\mu\acute{\epsilon}\nu\omicron\varsigma$, $\gamma\acute{\epsilon}\nu\omicron\varsigma$ (*ménos*, *génos*) fazem no genitivo $\mu\acute{\epsilon}\nu\epsilon\omicron\varsigma$, $\gamma\acute{\epsilon}\nu\epsilon\omicron\varsigma$ (*néneos*, *généos*), e como o *o* do nominativo tem a mesma origem que o ϵ dos casos obliquos, que fazem suppor os themas $\mu\acute{\epsilon}\nu\epsilon\varsigma$, $\gamma\acute{\epsilon}\nu\epsilon\varsigma$ (*ménes* *gènes*), a differença está em que, para alliviar o thema pelo ajuntamento das desinencias, os casos obliquos substituiram o *o* pelo ϵ , menos pesada, como nos mesmos casos e palavras o latim substitue o *u* pelo *e*, como *opus*, *operis*. Em latim o *s* primi-

tivo muda-se em *r* entre duas vogaes, mas fica invariavel nos casos sem flexão, como *genus*, *gener-is*, *opus*, *oper-is*.

LICÇÃO 30.^a

DOS CASOS.

§ 117. O nominativo do singular nas linguas indo-europeas tem um *s* por signal casual, que se deriva do demonstrativo sanskrito, *sa*, *sá* e limita-se a este caso nos nomes masculinos e femininos, variando nos outros para *ta*, *tá*. Este signal é supprimido em latim, como em gothico, juntamente com o *a* e *i* nos nomes acabados em *ra*, *ri*, quando o *r* precede uma vogal ou mais de uma syllaba, e conserva-se, quando precede consoante, como *puer*, *celeber*, que deviam fazer no nominativo *puerus*, *celebris*. Mas quando o *r* é precedido em latim de *a*, *o*, ou *e*, *i* e ainda *e* breve, a terminação é conservada, como *severus*, *purus*, *murus*, *merus*, *ferus*, excepto alguns da 2.^a declinação, que perdem o *us*, como *gener*, *puer*.

222 Os themas acabados em *á* e *i* polysyllabicos perderam o signal casual no sanskrito e outras linguas, com excepção dos latinos acabados em *e*. O *s* da 3.^a declinação, identica á 1.^a, foi restituído no latim por analogia dos nominativos da 3.^a declinação, acabados em *és*, como *caedés*. Depois de consoante conservou-se em latim o signal casual, mas não em sanskrito. Quando a consoante final do thema não se une facilmente com o *s*, o latim renuncia de preferencia a uma parte do thema, como *virtus* por *virtuts*: mostra-se pelo *t* de *amantis* que o thema devia ser *amant*. Se a consoante é *n*, supprime-se juntamente com o signal casual só depois de *ó* longo e não de outra qualquer vogal. Por *sermonis* vê-se que o thema era *sermon*, devendo ser o nominativo *ser-*

mons. Os femininos, como *actiôn*, são provavelmente uma ampliação dos *themas* em *ti*. O *i* dos casos obliquos é um enfraquecimento do *ô*, como *homin*, *homon-em*, do qual veio *homo* em vez do nominativo *homin-s*. Mas nos *themas*, que não terminam nem terminavam em *ôn*, não ha suppressão simultanea do *n* e *s*; ou este é conservado, como em *sanguin-em*, vindo de *sanguin*, cujo nominativo é *sanguis*, ou aquelle, como em *pecten-is*, cujo nominativo é *pecten*. Nos outros nunca se suprime o *n*, com quanto isso acontecesse antigamente, sendo depois reintegrado, como *nomen*, do qual veio o genitivo *nomin-is*.

223 Os *themas* latinos, gregos e germanicos acabados em *r*, conservam-n'ô no nominativo, como *frater*, supprimindo o signal casual: em *pars*, *ars*, *iners*, *concors* o *thema* não termina em *r*, mas em *t* e *d*, como se vê nos casos obliquos *part-is*, *concord-is*. Nos acabados em *s* conserva-se esta letra, que nos casos obliquos se transforma em *r*, como *flos*, *floris*. No grande numero de *themas* latinos em *r* por *s* primitivo, o poder da analogia teve por effeito introduzir um *r* no nominativo, posto que não houvesse neste caso a mesma razão, que nos casos obliquos para mudar *s* em *r*, pois que não está ahi entre duas vogaes, perdendo por isso o signal casual, como *labos* ao lado de *labor*, Bopp. Outros supprimem o *e* breve, que precede o *r*, como *ager*, *aper* (Burnouf), em *agri*, *apri*.

§ 118. O locativo é expresso em latim pelo genitivo nas duas primeiras declinações, como *sum Mediolani*, estou em Milão. O signal do genitivo em latim é *æ*, *i*, *is*, *us*, *ei*, em sanskrito *s*, *as*, *sya*, *ás*; nas duas primeiras e na 4.^a declinação, como nos pronomes das duas primeiras pessoas o latim perdeu a desinencia primitiva do genitivo e a substituiu, como ficou dicto, pela do locativo, excepto na 3.^a declinação, como *hostis*. Na 4.^a declinação em *u* o alongamento do *u* substitue o *guna* sanskrito, ou a perda da vogal antes de *s*, como em grego. O *Senatus Consulto* das *Bacchanaes* tem o genitivo *senatu-os*. A

terminação em *is* dos *themas* acabados em consoante provem do enfraquecimento do *a* da desinencia *as* *sanskrita*, a qual também se enfraqueceu em *u*, dando o genitivo archaico em *us*, como *nomin-us* por *nomin-is*. Outras inscripções dão os genitivos *Venerus*, *Castorus*, *Cererus* (tupi *Cereré*), *exercitu-us*. Da desinencia *sya* e latim derivou *jus*, que se vê nos genitivos pronominaes *cujus*, *hujus*, *ejus*, etc. Foi então preciso mudar o *a* em *u*, como ordinariamente acontece nesta lingua, antes de *s* final. Bopp, de cuja obra tirámos estes apontamentos faz derivar a desinencia do genitivo de *sya*, composto do mesmo pronome *sa*, *sâ*, do qual veio o signal do nominativo, combinado com o relativo *sanskrito ya*, perdendo sua vogal final. Como a essencia do genitivo é personificar um objecto, ligando-lhe uma idea secundaria de relação local, foi pela combinação dos dois pronomes (*sa* e *ya*), que se chegou a exprimir a relação do genitivo em *sanskrito*, combinação que passou para o latim e depois para o portuguez no adjectivo *cujo*, *sanskrito kâ-sya*.

224 O locativo tem por signal casual *i*, derivado do *thema* demonstrativo *i* este, o qual passou para o genitivo latino (ao contrario do zend, em que o signal do genitivo é que passou para o locativo), tomando *s* na 3.^a declinação. E tal foi o poder da analogia, que nos parece ver neste *i* o mesmo do genitivo da 5.^a declinação *rei*, *spei*. Era portanto facil confundir os dois casos desde que suas desinencias em latim eram as mesmas. Bopp, em apoio d'esta confusão ou substituição diz que os dois dialectos do Lacio, o osco e umbrio nunca dão o sentido de locativo a seu genitivo, pois, pelo menos em umbrio, estes dois casos são distinctos. Em osco o locativo tem na 4.^a declinação a forma *ai*, semelhante a desinencia do dativo, e na segunda *ei*, distincta do dativo, que termina em *ui*, como *esai viai mesiai*, *in ea via media*; *muinihei terei*, *in terra communi*. Em umbrio a 4.^a declinação tem um *e* (contração de *a* mais *i*) por desinencia locativa, combinada com *me*, como *tate-me (in urbe)*, e na

segunda sua desinencia é a mesma do accusativo, pois o lugar onde não se distingue do lugar para onde, isto é, só se encontra a preposição em combinação com o accusativo, ou emprega-se o accusativo só e despojado de seu signal casual, como *vuku-men* ou *vukun-men*.

O locativo forneceu ao latim os adverbios derivados de nomes da 2.^a declinação, como *nové*, cujo *é* é longo, do sanskrito *návé* (*in novo*).

§ 119. A desinencia do dativo em sanskrito é *é*, que, segundo Bopp, provavelmente provem do pronome demonstrativo *é* (nominativo *ayam*, igual a *é* mais *am*, este), que parece ser ampliação do *a*, como muitas vezes se observa em seus casos, como *a-smai*, *a-smim*. Como se sabe, este *é* é igual a *a* mais *i*. O latim supprimio o *a*, e para compensar a suppressão alongou o *i*. Mas não se deve confundir este *i*, que é longo, com o *i* do genitivo, que proveio do locativo sanskrito por elle representado, supprimindo-se naquelle caso a desinencia primitiva que é provavel ter se fundido no mesmo *i* do locativo, para alonga-lo tambem, § 117. É somente nos adverbios de lugar *ibi*, *ubi*, *alibi*, *alicubi* que se acha expresso o sentido locativo, com quanto as desinencias sejam do dativo, pois que ellas se encontram em *mihi*, *tibi*, *sibi*. No latim classico a declinação em *o* breve perdeu o signal do dativo, o que compensou alongando esse *o*: prova-o o latim antigo, em que se lê: *populoi romanoi* (*populo romano*), que Bopp põe na mesma linha que os dativos oscos, como *Manúi*. Na declinação pronominal conservou-se o signal do dativo a custa da vogal final do thema, como *ist'i* por *istoi* ou *istó*.

225 Que o dativo latino corresponde ao sanskrito em suas desinencias, prova-o a terminação feminina d'este pronome *ist'i* por *istai* ou *istæ*, os dativos archaicos, como *familiái*, os oscos, como *toutai* (nhe-gatu *ta*) *populo* e umbrios, semelhantes aos sanskritos, como *tuté* (por *tutai*), mais tarde *toté*, ao povo.

Nos themas latinos em *i* o *i* final do thema se funde com o signal casual, como *hosti* por *hosti-i*.

§ 120. O signal casual do accusativo sanskrito é *m*, que tambem o é em latim, o qual, como o zend, põe a vogal de ligação *e* e o sanskrito *a* antes do *m*, quando o thema acaba em consoante, como *patr-e-m*. Nos monosyllabos sanskritos, como os themas acabados em consoante, tomam *am* em vez de *m*, e este *am* é substituído em latim por *em*. Mas o *e* da 3.^a declinação latina em *em* tem duas origens: ou elle procedeo de themas sanskritos em *i*, em cujo lugar está, como *igne-m* (de *agni-m*, fogo), como se prova com certas palavras, em que figura o *i* como excepção, como *siti-m*, *tussi-m*, *Tiberi-m*; ou é o enfraquecimento do *a* sanskrito, como *pad-am*, *ped-em*. O mesmo acontece nas formas unicas no genero, como *gru-em*, *su-em*, cujos themas são monosyllabicos, *grá*, *sú*, e por isso não seguem a 4.^a declinação.

226 Os themas neutros sanskritos e latinos em *a*, como o masculino e feminino, tomam uma naza como signal do accusativo, muito de conformidade com a natureza do neutro, que tem a mesma letra em seu accusativo, como *donu-m* (por *dona-m*) de *dona*. Os substantivos e adjectivos neutros não acabados em *a*, salvo algumas excepções em latim, ficam sem signal casual em nominativo e accusativo; o *i* final muda-se em latim em *e*, como *mare* por *mari*, e como themas em *u* temos *pecû*, *genû*. O *û* longo se explica em latim pela regra exposta nos §§ 117 e 118, que sem dvida se funda na suppressão das fléxões dos casos obliquos, a qual determina o alongamento do *u* do nominativo, accusativo e vocativo, como no ablativo o *u* e o *o* da segunda declinação, primitivamente breves se tornaram longos com a suppressão do *d*, como finalmente o dativo plural *ubus* mostra ainda claramente que o *u* da 4.^a declinação era primitivamente breve. O *s* que se encontra em *genus*, por exemplo, pertence ao thema e é a forma antiga do *r* dos casos obliquos. É por uma sorte de aberração

da lingua, diz Bopp, que em latim a maior parte dos themas adjectivos terminados em consoante, conservam no nominativo neutro o *s* do masculino e feminino, como se pertencesse ao thema, como *capac-s*, igual a *capax*. Em geral o sentimento do genero é muito obliterado em latim, quanto aos themas acabados em consoante, pois o masculino nesses themas não se distingue do feminino, como *brevis*, *breve*. É provavel que os outros themas que não acabam em *a*, mas em *i* e *u*, tenham tido tambem o *m* do nominativo e accusativo neutros sanskritos. Ha pelo menos um exemplo na declinação pronominal, que é *ki-m?* quem? (*quem*, portuguez), de *ki*, *quis?* quem? O *qui-d* latino que tem o *d* em lugar do *t*, flexão do nominativo e accusativo neutros sanskritos, vem sem duvida do thema neutro *ki-t* do mesmo pronome *ki*. O pronome *i* segue em latim a analogia do gothico, que transportou o *tu* por *t* dos themas pronominaes para a declinação dos adjectivos em *a*. A origem d'este *t* é a terminação neutra do pronome sanscrito *sa*, *sâ* (*hic*, *hæc*), e *ta* (*hoc*). A origem do *m* tambem é pronominal: ao thema *amû* (*ille*, *illud*) o sanscrito, diz Bopp, substitue no nominativo masculino e feminino a forma *asâû*, em que ha um *s*, entre o qual e o *m* de *amu-m* (*illum*), ha a mesma relação, que ha entre o *s* do nominativo masculino e feminino e o *m*, signal casual do nominativo e accusativo neutro.

§ 121. Em regra o vocativo não tem signal casual. Em latim, excepto os masculinos da 2.^a declinação, emprega-se sempre o nominativo em vez do vocativo. É por abuso, diz Bopp, que o vocativo reproduz em certas palavras a forma do nominativo. O grego e o latim preferem para seu vocativo sem flexão o *e* ao *o* e *u*, sendo o *e* o guna do *a*, que em sanscrito se insere nos themas masculinos e femininos em *i* e *u*. Em latim só seguem a regra geral os nomes proprios em *ius* da 2.^a declinação e *filius*, que fazem o vocativo sem flexão casual, como *Antoni*, *fili*.

§ 122. A nosso ver é o ablativo o caso mais im-

portante, de que temos de tratar. O signal do ablativo em sanskritto é *t*, que, segundo Bopp, é restò do pronome demonstrativo *ta*, tambem signal do nominativo e accusativo neutro e que se converteo na lingua latina em *d*, como se vê na Columna rostral e Senatus Consultus das Bacchanaes. As palavras acabadas em consoante tomavam então *ed* ou *id*, como no accusativo tomam *em* em vez de *m* simplesmente, *dictator-ed*, *convention-id*, ao passo que *navale-d*, *in alto-d* *mari-d* ha simplesmente um *d*, porque nestas palavras a vogal pertence ao thema, ora em *o*, ora em *i*.

227 Os ablativos oscos empregam tambem este *d* sem excepção alguma, como *touta-d* (*populo*), *suva-d* (*sua*). Do ablativo sanskritto todavia conservou o latino um signal no pronome annexo *met*, que, indicando a 3.^a pessoa, se junta aos pronomes da primeira e segunda, como *memet*, *tumet*, *semet*. Esta particula ou é forma mutilada do pronome annexo sanskritto *sma*, que no ablativo é *mâ-t*, do mesmo modo que *memor* é mutilação de *smesmor*, de *smar*, *sma* (lembrar-se), ou corresponde ao ablativo *mat* de mim. Talvez se podesse assignar como origem do signal casual do ablativo a ultima parte do pronome annexo *met*, o que seria razoavel suppor, visto que, exprimindo o ablativo a idea de afastamento de um lugar, a terceira pessoa é a que se considera mais distante, attendendo a que poderia primitivamente ser empregada em todos os nomes que estivessem em ablativo, como é nos pronomes, a cujo ablativo fosse restringido seu uso. Neste caso *servo(me)-t* é igual a *servo-d*, igual a *servo*.

228 A esta significação de afastamento expressa pelo ablativo conservou-se o latim fiel a respeito de seus nomes de cidades, villas e aldeas. D'esta idea se passa facilmente á de causa, motivo, considerado como o lugar, d'onde parte a acção, chegando seu uso a aproximar-se do instrumental, com o qual se confunde, não só por causa da mudança do *t* em *d*,

que talvez por analogia dos em *é* se formassem os adverbios em *ô*.

§ 123. No plural, a excepção do sanskritto, que no vocativo recua o accentto para a primeira syllaba, todas as linguas indo europeas teem o nominativo e vocativo semelhantes. Em sanskritto os masculinos e femininos teem para signal d'estes dois casos *as*, ampliação do do nominativo singular *s*, o que é uma indicação symbolica da pluralidade. n. 162 e 163, e do qual é privado o neutro no plural. O latim, e mais vezes tambem o gothico, perdeu a vogal de *as*. Bopp considera como pertencente ao thema o *é* das formas latinas como *você-s*, *fratrê-s*, como o de *ovê-s*, admittindo que a uma consoantê primitivamente final veio ajuntar-se um *i*, depois ferido de guna; o que acontece nos themas originariamente terminados em *i*, como *ovi*. Os themas pronominaes sanskrittos e gothicos em *a* não tem a terminação plena do nominativo; substituem-n'a, ampliando-a com um *i*. Mas este *i* em latim não se limita aos themas pronominaes em *a*; todos os outros themas da 1.^a e 2.^a declinação seguiram-lhes o exemplo, como *equi* (vindo de *equoi*), *equâ* (vindo de *equai*). A 5.^a declinação latina, posto que originariamente identica á 1.^a, conservou o *s* da desinencia casual, como *rê-s* (sanskritto *raî-s*). Não é por apresentar o latim antigo no nominativo plural da 2.^a declinação ao lado de formas em *i* (*ei*) outras formas em *ei*, *es* e *is*, como *vireis*, *facteis*, *leibereis*, *duomicres*, *ministris*, que se deva concluir que as formas em *i* ou *ei* sejam pura e simplesmente restos das em *eis*. Com effeito, a relação estreita, que ha entre as formas latinas em *ei*, *i*, *ai*, *æ* e as gregas em *oi*, *ai* prova que ellas remontam a uma época, em que estas duas linguas eram identicas; o que não impede admittir que no latim antigo as formas organicas em *s* tinham co-existido com as em *ei*, *i* no nominativo plural da 2.^a declinação; mas ainda no periodo mais antigo os nominativos em *s* eram muito menos numerosos do que os outros. Ao inverso

temos na declinação pronominal formas como *ques* por *quí*, *hisse* por *hice*, *eis* por *ii*, a menos que se prefira, o que será melhor, fazer derivar estas formas de *themas* em *i*, como *que-m*, *qui-bus*, e no accusativo archaico *i-m*, igual ao gothico *in-a*; neste ultimo caso *quê-s* forma-se pelo mesmo principio de *ovés*. Pott é de opinião de considerar-se o *s* como desinencia nova, que veio ajuntar-se aos pluraes em *ei* por analogia da 3.^a declinação. Se pois a primeira explicação não é verdadeira, as formas em *eis*, igual a *is*, nasceram de *ei*.

Em osco e umbrio nem os adjectivos e substantivos, nem os pronomes, tomam *i* no nominativo plural. O primeiro apresenta na 2.^a declinação nominativos pluraes em *û-s*, como *Nuclanûs* (*Nolani*). A declinação pronominal dá-nos *pu-s* (*qui*). Aufrecht e Kirchoff reconheceram, diz Bopp, o nominativo plural na forma *scristas* (*scriptæ*) e em *pas* (*quæ*). *Pas ex aiscen legis scristas set* traduz-se: *quæ ex hisce legibus scriptæ sunt*. O umbrio tem em seu periodo mais antigo nominativos pluraes em *o-s* (2.^a declinação), e femininos em *a-s*: no periodo mais recente mudam-se em *o-r*, *a-r*; mas não ha exemplo neste dialecto de nominativo plural pronominal. Para chegar as formas latinas archaicas em *ei-s* e *e-s*, não se pode pôlos na mesma classe com pluraes oscos em *û-s*, e umbrios em *o-s* ou *o-r*; só se parecem pelo signal casual *s*, e se fosse necessario renunciar a explicação de Pott, a forma em *e-s* (*ê-s*) deveria ser considerada como mais antiga, e *virê-s*, *duumvirê-s*, como pertencentes a declinação em *i*, isto é, aos *themas* *virî*, *duumvirî*, com o guna, como *ocê-s*, igual a *ocai-s* de *ovi*, chegando-se assim da forma *ê-s* a *ei-s* (que provavelmente se pronunciava *î-s*), pelo mesmo principio que fez do *i* do dativo singular (*ped i*, igual ao sanskrito *pad-ê*) o ultimo elemento de diphthongo *ai*, que foi alongado. A mudança que teria feito passar para a declinação em *i* dos nomes pertencentes á em *o*, seria da mesma natureza que a dos *themas* *anno*,

jugo, que em composição se enfraquecem em *enni*, *jugi* (*bi-ennis*, *bi-jugis*) e fazem no nominativo plural masculino *ennē-s*, *jugē-s* em vez de *anni*, *jugi*. Esta explicação é confirmada pelo osco. Como neste dialecto não ha exemplos de nominativos pluraes terminados por consoante, no genitivo singular estes themas são ampliados pela addição do *i* inorganico, e ha boas razões para admittir que esta ampliação não se limita ao genitivo, pois o *i* do accusativo *medikim* pertence ao thema e talvez tambem o *i* do ablativo *praesentid* e formas semelhantes. Pode-se fazer vir o dativo *medikei* de *mediki*, como de *medik*, porque os themas em *i* terminam o dativo em *ei*. Antes dos nominativos ordinarios em *i* supprime-se a vogal final do thema: tem-se *equi*, *isti*, *illi*, em vez de *equoi*, *istoi*, *illoi*.

231 O latim em seus themas em *u* (4.^a declinação) substitue o guna dos themas em *u* do sanskritto pelo alongamento do *u*, como *fructūs* em opposição ao singular *fructus*. Mas o *i* é ferido, como em sanskritto, de guna com contracção de *ai* em *e*, como *ovē-s*. A proposito dos themas terminados em consoante, e que tomam um *i*, como *ovē-s*, *ferentē-s*, que não vem de *vóc*, *ferent*, mas de *vóci*, *ferenti*, lembraremos que certo numero de palavras e de classes de palavras terminadas em consoante, entre outras os themas dos participios em *ant*, ampliam o thema e ajuntam um *i* antes da desinencia neutra *a* e da do genitivo em *um*. Em sanskritto *yúvan*, *evan*, receberam a addição do *i* no nominativo (*juven-is*, *can-is*).

A desinencia do nominativo plural neutro nas linguas da Europa é *a* breve, talvez resto do masculino e feminino *as*, supprimido o *s*, por ter character muito pessoal para o neutro e conservado o *a* no accusativo. Nos themas em *a* a desinencia se funda com este *a* longo, que foi abreviado, sendo esta e sorte ordinaria de todas as vogaes longas, sobretudo no fim das palavras. Por isso o *a* do latim *dona* não pertence a desinencia por ser muito antigo e

herança da epoca, em que a 2.^a declinação tinha themas em *a* breve, o qual tornou-se depois *o*, *u* ou *e*, e só demorou-se no plural neutro, resultado de *a* mais *a*, igual a *á*, que abreviou-se, porem que é mais pesado do que se tivessemos pluraes neutros como *dono*, *done*.

§ 124. A desinencia sanskrita para o genitivo plural é *âm*. Sob a influencia da nasal de *um* o latim abreviou a vogal precedente; assim em *ped-um*, igual a *pad-âm* o *u* breve faria *suppor* em sanskrito um *a* breve, como em *equium*, igual a *áçvam*. Os pronomes da terceira pessoa teem em sanskrito *am*, *sam*, que talvez seja a forma primitiva do suffixo do genitivo, cuja primeira parte, a essencial, figura no genitivo singular. Em latim temos *rum* em vez de *sum* como desinencia do genitivo plural, como *istorum*, *istarum*, terminação que vem da declinação pronominal, e que, introduzindo-se na 2.^a e 5.^a declinação, devia nella implantar-se tanto mais facilmente, quanto todos os pronomes no genitivo plural pertencem á 1.^a ou á 2.^a, como vimos a respeito do nominativo pronominal do plural. Encontra-se aliás na lingua antiga formas que mostram não ter sido a desinencia *rum* usada em todas as epocas do latim (*dé-um*, *soci-um*, *amplor-um*, etc.), não obstante ensaiar introduzir-se na 3.^a declinação, como se vê em Varro e Charisio: *bove-rum*, *rege-rum* (por *bovi-rum*, *regi-rum*), tambem por *bovi-um*, *regi-um*. Bopp considera o *e* das primeiras formas como um antigo *i*, que veio juntar-se ao thema, o mesmo *i*, que se introduzio nos nominativos pluraes *bové-s*, *regé-s* de *bovi*, *regi*.

A 1.^a declinação umbria tem *rum*, a osca *zum* (*z* no meio das palavras é *s* pronunciado mollemente), no genitivo plural, como *eiza-zum-k* *egma-zum* (*illarum rerum*). A 2.^a declinação tem *um* ou *om* em ambos os dialectos, com suppressão da vogal final do thema, como em latim *soci-um*, em umbrio *zicol-om* (*dierum*). Quanto ao *ó* longo de *equó-rum*, *quó-ru...*, que corresponde ao sanskrito *ké-shâm* por *kai-shâm*

de *ka*, Bopp o julga compensação pela supressão do *i*, como no dativo singular. Nos *themas* femininos o *á* é longo por natureza, *quá-rum*, do *sanskrito* *ká-sham*.

§ 125. O signal em *sanskrito* do dativo e ablativo plural é *bhyas*, em latim *bus* (em vez do qual se devia esperar *bius*) e provavelmente *bis* de *no-bis*, *vo-bis*, a menos que estas formas não pertençam por origem a outro caso ou correspondam á *sanskrita* *bis*. Na primeira *hypothese* deve-se considerar *bis* por *bius*, tendo por analogia o comparativo adverbial *magis* por *magius*; por seu lado *bus*, que pelo contrario supprimio o *i*, deve ser assemelhado a *minus* por *minius*. Bopp suspeita que o *bhi* da preposição *abhi* (a, para, contra) com o qual estão ligados os suffixos casuaes *sanskritos* *bhi-s*, *bhy-am*, *bhy-âm* e *bhy-as*, é identico ao *thema* pronominal *sva* ou *svi*, e que depois da perda do *s*, a semivogal seguinte endureceo-se do mesmo modo que o zend *bis*, *bitya*, e o latim e portuguez *bis*, *bi*, como em *bi-pes*, *bi-lateral*.

O suffixo latino *bus* soffreo notavel alteração na 1.^a e 2.^a declinação, como em certas palavras da 4.^a (segundo Nonio, Bopp), e só restou d'elle o *s*, porque o *i* de *lupî-s*, *terrî-s*, *specî-s* (por *speci-bus* de *spec-bus*), deve ser contado no *thema*. *Lupî-bus* está por *lupo-bus*, comparado com *ambô-bus*, *duó-bus*. De *ô-bus* a lingua chegou primeiro a *i-bus* (*parvi-bus*, *dii-bus*) por um abreviamento da vogal final do *thema*, analogo ao do primeiro membro de *multi-plex* por *multum-plex* ou *multo-plex*. Na primeira declinação, cõservado em *filia-bus* e outros, falta a transição de *abus* a *îs*, que é *i-bus*, o que é difficil de crer, sendo pelo contrario admissivel que o *á* se enfraqueceo primeiro em *i*, alongado para compensar a supressão de *bus*. *Terrî-s* vem pois de *terrî-bus*, como *malo* de *marvolo*. Encontra-se em osco na 2.^a declinaçãe dativos e ablativos pluraes em *ius* ou *ois*, como *zicol-ois*, *nesim-ois*, *legatuis*, *Nuwan-ius*. Na 1.^a declinação a forma regular seria *ais*, contrahida em umbrío em *ês*, Res-

taria pois *is* para desinencia casual. Se com effeito a desinencia é *is*, é preferivel a assemilha-la a desinencia do dativo e ablativo *bhyas*, e *is* seria contracção de *yas*, como em latim o *bis* de *nobis*, contraído de *bius*. Se assim é, deve-se renunciar a explicação acima dada e explicar o alongamento do *i* pela suppressão da primeira parte do diphthongo, como no nominativo plural *equi* de *equo-i*, igual ao dativo singular da declinação pronominal *illi* de *illo i*.

§ 126. A desinencia do accusativo plural sanskrito é *n*, se o thema masculino termina em vogal, que se alonga; *n*, que Jacob Grimm julga ser resto de *ns*, conservado em gothico, e com uma ou outra parte perdida nas outras linguas. O latim tem em seus themas masculinos em *o* no accusativo plural *ós*, cujo *ó* é longo por compensação da perda do *n*, como *equó-s*, que vem de *equo-ns*. Ha identidade entre o nominativo e accusativo plural, quanto aos themas em *u* da 4.^a declinação em *i* e em consoante, ampliados por addição de um *i*, sendo preferivel pensar que no accusativo a ampliação se faz para compensar a perda do *n*. Assim, *o é* dos themas em *i* está por *a* mais *i*; *fructús* está por *fructu-ns*, não sendo para suppor que o latim perdesse os accusativos do plural em questão e em seu lugar fosse empregado o nominativo.

§ 127. Em sanskrito o signal do locativo plural é *su*, que se perdeu em latim, confundindo-se este caso com o ablativo *bi*, que se acha na declinação pronominal em *ti-bi*, *si-bi* e nos adverbios *i-bi*, *u-bi* formas que vieram de *ti-fi*, *si-fi*, etc., pela mudança de *bh* em *f*, que é correspondente a umbria *fe* em *i-fe* lá e provem da do dativo pronominal sanskrito *bhyam*. A desinencia do instrumental plural sanskrito é *bhis*, quarta forma congenera de *bhyam*.

Já tratámos no dativo e ablativo pluraes da origem d'estas desinencias, confundindo-se a do instrumental na forma do ablativo originaria de *bius*.

LICÇÃO 31.^a

DAS DECLINAÇÕES.

§ 128. Declinação é a variação dos nomes pelos casos; esta palavra significa queda, de *cado*, isto é, a relação de uma idea com outra, o acto pelo qual uma palavra cahê e apoia-se em outra. Em sanscrito ha seis declinações, em latim cinco. A 1.^a declinação latina é a dos nomes que acabam em *a*, letra que a caracteriza, em nominativo (e *as*, peculiar a palavra *familia* nos compostos *pater* e *mater familias*), semelhante ao vocativo, e *æ* no genitivo singular, semelhante ao dativo, como *hora*, *horæ*, e cujo ablativo é em *â* longo por compensação da perda do *t*, § 124. A 2.^a é a dos nomes acabados em *us* e *um* no nominativo e *i* no genitivo singular, como *servus*, *servi*, *regnum*, *regni*, *gener* (por *generus*), *generi*. A 3.^a, tendo differentes terminações no nominativo, faz o genitivo em *is*, como *corpus*, *corporis*. A 4.^a tem o nominativo e genitivo do singular em *us*, como *manus*. A 5.^a tem o nominativo em *es* e o genitivo do singular em *ei*, como *fides*, *fidei*.

§ 129. 1.^a declinação.

LATINOS.			GREGOS.		
N. singular.	N. plural.		N. singular.		
N.	Hora, poeta.	æ.	Musica. Epitoma, -e.	Æneas.	
G.	æ.	æ. arum.	æ, es.	es.	æ.
D.	æ.	æ. is.	æ. e.	e.	æ.
Ac.	am.	am. as.	am, en.	en.	am, an.
Voc.	a.	a. æ.	a, e.	e.	a.
Ab.	â.	â. is.	â, e.	e.	â.

O plural dos gregos é o mesmo que o dos latinos.

Por este modelo de declinação se vê que *hora* é declinação puramente latina; que *poeta* é d'aquelles nomes gregos, que seguem a mesma declinação; *musica* tem declinação latina e grega, bem como *epitome*. Os gregos em *e* são femininos, os em *is* e *as* masculinos, os quaes fazem somente o genitivo em *æ*. O accusativo em *am* dos nomes em *as* é mais usado na prosa; o em *an* no verso. Ao vocativo dos masculinos tira-se o *s*; os em *es* fazem-n'o ordinariamente em *a* breve. Nos latinos os poetas por syncope fazem nos patronimicos o genitivo do plural em *um* por *arum*, bem como n'os compostos de *colere* e *gignere*. Tambem se encontra *drachmum* e *amphorum* por *drachmarum*, *amphorarum*. *Dea* e *filia* usam-se com dativo e ablativo plural em *abus*, para não se confundir com o masculino *deus* e *filius*, forma usada tambem nas inscrições com os nomes *asina*, *equa*, *mula*, *conserva*, *liberta*, *nata*, e tambem, mas sem exemplo, *anima*, *domina*, *famula*, *serva*, *socia*.

§ 130. 2.^a declinação.

LATINOS.

	N. singular.				N. plural. (1)
N.	Servus.	Regnum.	Filius.	Caius.	i. ^{ta} .
G.	i.	i.	ii.	ii.	orum.
D.	o.	o.	o.	o.	is.
Ac.	um.	um.	um.	um.	os, a.
Voc.	e.	um.	i.	i.	i, -a.
Ab.	o.	o.	o.	o.	is.

(1) Das duas formas do plural a primeira é masculina, a segunda neutra.

GREGOS.

N. singular.				N. plural.
Nom.	Theatrum.	Barbitos.	Perseus.	} Como nos latinos.
Genit.	i.	us, i.	ei, os.	
Dat.	o.	o.	o, ei.	
Ac.	um.	on, um,	em, ea.	
Voc.	um.	e.	en.	
Ab.	o.	o.	eo.	

232 *Latinos*. Os neutros teem no singular e plural o nominativo, accusativo e vocativo emilhantes; e tambem o dativo e ablativo, assum como os masculinos. Os adjectivos derivados dos nomes proprios em *ius* fazem o vocativo em *e*, como *Delius*, *Delie*. A forma dos genitivos em *ii* só prevaleceo depois dos ultimos tempos de Augusto, pois d'antes se contrahia em *i*. Os poetas usam o genitivo do plural em *um* por *orum* (*Danaum* por *Danaorum*); na prôsa estende-se esta syncope aos nomes de moedas, medidas e numeros, às palavras *deum*, *liberum*, *socium* e às que significam profissões ou empregos publicos, como *fabrum*, *triumvirum*. Pelo modelo vê-se que os nomes proprios em *ius*, *filius* e tambem *genius*, fazem a contração no vocativo. *Deus*, *agnus*, *chorus* teem este caso como o nominativo. No plural *deus* faz, nominativo e vocativo, *dii*, *di* e as vezes *dei*; dativo e ablativo *dii*s, *dis* e as vezes *deis*. A vogal *o* é que predomina na 2.^a declinação, como na 1.^a o *a*; os auctores mais antigos faziam o nominativo em *os* breve.

233 *Gregos*. Vê-se no modelo que alguns conservam a declinação grega a par da latina; os em *eus*, da 3.^a declinação grega passam para a 2.^a latina e podem conserva-la em poesia. Outros nomes proprios seguem a declinação attica, como *Androgeos*, nominativo e vocativo; *Androgeo*, -*ei*, genitivo; *Androgeo*, dativo e ablativo; *Androgeon*, -*ona*, accusativo. *Perseus*, rei da Macedonia, é declinado por Tito Livio como *Orpheus* e por Cicero como *cometes*, 1.^a decli-

nação, nominativo; *cometem* e *cometam*, accusativo; *cometæ*, genitivo e dativo; *comete*, vocativo; *comete*, *cometa*, ablativo, Burnouf.

§ 131. 3.^a declinação.

LATINOS.

N. singular.

N. plural.

N.V.	G.	D.	Ac.	Ab.	N.V.	G.	D.	Ab.	Ac.		
Dolor,	-is,	-i,	-em,	-e.	Dolores,	-um,	-i-bus,	es.			
Sol	—α	—α	—α	—α	Soles	—	i-bus,	-es.			
Ren	—α	—α	—α	—α	Renes	-um,	i-bus,	-es.			
Lar	—α	—α	—α	—α	Lares	{ -um i-um }	i-bus,-	es.			
Ver	—α	—α	—α	—α	Não tem plural.						
Fel	—α	—α	—α	—α	} Só tem no plural os casos em <i>a</i> e dobram a consoante nos casos obliquos.						
Mel											
Far											
Pater	} e os em <i>ter</i> supprimem o <i>e</i> , excepto <i>later</i> , como <i>patris</i> por <i>pateris</i> . Os trez ultimos fazem o genitivo plural em <i>ium</i> . Nos mais casos do plural fazem como os anteriores.										
Mater											
Frater											
Accipiter											
Venter											
Uter											
Linter											
Ebur	} or-is, -o-ri. Mudam o <i>u</i> em <i>o</i> .	} ebur, -or-e	} femur —α	} robur —α	} jecur —α	} Eborā	} Femorā	} Roborā	} Jecorā		
Femur										} -orum, -or	} -i-bus, etc. a.
Robur											
Jecur											
Numen	} in-is etc. Mudam	} Numina, -orum, etc.									
Sanguis	} o <i>e</i> em <i>i</i> .	} Não tem plural.									
Caput, -it-is, -it-i, caput, etc.					} Muda o <i>u</i> em <i>i</i> .						
Leo	} Thema em <i>on</i> e <i>in</i> .	} Leones									
Virgo										} um, -ibus, -nes.	

N.V. G. D. Ac. Ab.

Flos
Os
Ros
Mus
Glis
Mas

Mudam o *s*, signal do nominativo, em *r*, por seguir-se-lhe vogal, fazendo *r-is*, *ri*, *r-em*, *e*.

Vas is, -i, vas, -e.

Os, s-is, -etc.; dobra o *s*.

Cinis
Cucumis
Fœdus
Vulnus

R por *s*, signal do nominativo, er-is, -er-i, etc. Antes de *s* o latim pre-fere *e* e *o* a *i* e *u*.

Sidus -er-is, -er-i, ora, -e.

Tempus-or-is, -i, tempus, -e.

Litus - « -« litus, -e.

Pulvis -er-is, -i -em, -e.

Vomis - « -« -« «

Frigus -or-is, -« frigus «

Corpus - « -« corpus, «

Pectus - « -« pectus, «

Nemus - « -« nemus, «

Daps
Ops
Trabs
Plebs
Hiems

S, signal do nominativo; intercalase *i*, signal do locativo, fazendo *is* ou *ei*, *i*, *em*, *e*.

Dux
Bex
Lux
Pax
Pix

A estes tambem se accrescenta *s*, signal do nominativo, que com *c* ou *g*, dá *x*, (por acabar em guttural), que se desdobra.

N.V. G. D. Ab. Ac.

Flores
Ores
Rores
Os mais fazem em -ium
-ibus, -es.

Não teem genitivo plural.

Vasa, -orum, etc., 2.^a declinação.

Ossa, -um, -ibus, ossa.

Cineres
Cucumes,
-res, etc.
Fœdera, etc.
Vulnera, etc.

Mudam a vogal radical e a consoante.

Sidera
Tempora
Litora
Pulveres
Vomeres
Frigora
Corpora
Pectora
Nemora

Mudam a vogal radical, por estar antes de *s*, e a consoante, por ficar o primeiro *s* entre duas vogaes.

Dapes etc.
Opes -«
Trabs -«
Plebes -«
Hiemes -«

A estes se accrescenta *s*, signal do nominativo, por acabarem em *b*, *p* e *m* em *hiemes*.

Duces
Reges
Luces
Paces
Pices

Desdobram a duplice.
-um, -ibus, -es.
e os casos semelhantes só.

N.V.	G.	D.	Ac.	Ab.	N.V.	G.	D.	Ab.	Ac.
Princeps	e	ou	outros	mudam	Principes, etc.				
Judex	} o e	breve	em i.		Judices, etc.	(desdobra).			

Aries, -t-is, etc.	} Os do no-	minativo	Arietes, etc.
Salus -a- -a		converte-	Todos com genitivo do
Heres, -dis -a		se em d	plural em <i>um</i> .
		e t.	

Dos	} Tambem conver-	tem o signal do	nominativo em t.	Genitivo plural <i>um, ium</i> .	
Miles				Milites, etc.	Mudam tam-
Comes				Comites, a	bem o e breve
Eques				Equites, a	em i. Geniti-
Cespes				Cespites, a	vo em <i>um</i> .

Pietas,	} t-is, -i, -em, -e	e outros, como	Pietates etc.	} etc. Sup-		
Sanctitas			Sanctitates a		primio-se	
Paupertas			ætas, civitas,		Paupertates a	o t antes
Æstas			virtus, servitus.		Æstates a	de s, como
						em outros.

Stirps	} e outros acabados	em duas conso-	antes, tomam s,	que se combina	com c, igual a x.	Com genitivo em <i>ium</i> com
Arx						excepção dos imparisyl-
Urbs						labos sem excepção, que
Galx						todos fazem o ablativo
						do singular em e e o
						genitivo do plural em
						<i>um</i> .

Lac } Thema *lact* e *cord*, cujas dentaes, por serem
 Cor } neutros e não terem signal de nominativo, não
 foram supprimidas nos casos obliquos.

Lis, nix, strix, fauces, compedes fazem o genitivo do plural em *ium*. *Occiput, pars, sors, lux, mel, lapis* e outros teem o ablativo singular archaico em *i*. *Collis, nubes, turris*, como todos os parisyllabos, teem por caracter do genitivo plural *um*, do accusativo em *em* ou *im* ou só *im*. Em *Avis, torquis, cædes, callis, mens, clades, hostis, piscis, fames, testis, messis, rupes, ensis, ovis, sedes, orbis, vallis*, o ablativo toma a vogal do accusativo que faz em *em*. Os ablativos em *i*,

como *colli, orbi, torqui, messi, ovi* são archaicos. Os parisyllabos são os que teem o nominativo igual em syllabas ao genitivo singular. Em *amnis, unguis, postis, fustis, finis, vestis, avis, civis, classis, ignis, neptis* o accusativo é em *em* e o ablativo em *e* ou *i*. A igualdade dos parisyllabos provem de se accrescentar *i* breve ou *e* longo ao radical, vogaes que se elidem nos casos obliquos com as das desinencias. *Avi* significa agouro, *fusti* o supplicio do bastão, *fuste* o proprio bastão, Burnouf. *Imber* faz o accusativo singular em *em*, ablativo em *e* ou *i*, genitivo plural em *-ium*. *Tiberis, Liger, Athesis, Arar, Araris, Albis*, nomes de rios, teem accusativo em *im*. *Clavis, febris* fazem o accusativo em *em* ou *im* e o ablativo em *e* ou *i*, como *navis, pelvis, puppis, restis, securis, sementis, strigilis*, tendo este o genitivo do plural em *um* ou *ium*. Nos imparisyllabos os radicaes acabados em consoante fazem o ablativo singular em *e* e genitivo do plural em *um*, as vezes *ium*. Os parisyllabos acabados em vogal fazem o ablativo singular em *e*, as vezes *i*, genitivo do plural em *ium*, raras vezes *um*. O *i* neste caso, como o *e* ou *i*, introduzido nos parisyllabos, explica-se pela euphonia, pois consoantes ha, a que não se pode ajuntar *s*. *Amnis, ruris, ravis, tussis, sitis, cannabis, sinapis, cucumis* teem o accusativo em *im* e o ablativo em *i* sem plural. De nomes de rios *Scaldis* faz *Scaldin* e *Scaldem*, *Lirin* ou *Lirem* com ablativo em *i*; mas diz-se também *Arare, Scalde* por causa de *Arar* e *Scaldem*. Fazem também em *e* *Bibracte, Arelate* e *Arelas, Praeneste* e *Praenestes*. Os nomes de povos fazem o genitivo plural em *ium*, bem como *nostras, optimates, penates*, que também fazem em *um* na poesia. O ablativo *cannabe* é de Perseo, *sinape* de Varrão. *Senex* (genitivo *senis* por *senicis*), *juvenis, canis*, que como os mais adjectivos fazem o ablativo só em *i*; *apis* (genitivo do plural *apum* ou *apium*), *panis* (*panum* preferivel a *panium*), *vates, strues, proles* (raro no plural), teem todos o ablativo em *e* e o genitivo do plural em *um*. *Grus* ou *gruis*,

sus ou *suis* fazem *gruum*, etc., *suibus* ou *subus*; *cubile cubilia*, -ium, -ibus, -ia. *Animal*, *altar*, *cervical*, *pulvinar*, *tribunal*, *rectigal* são parisyllabos neutros, em que, como em outros, foi apocópado o *e* breve, e fazem em *ia*, -ium, -ibus. *Rete* faz o ablativo singular *reti* e *rete*. *Baccar*, *jubar*, *nectar* não teem plural e declinam-se por *far* e *marmor*.

Os nomes em *en* breve tem um *i* no radical e fazem o genitivo em *inis*, como *numen*. O genitivo *neminis* é muito raro. Quando o genitivo faz em *ris*, o *r* está por *s*, que faz parte do radical; ao contrario *s* é signal do nominativo. Os adjectivos substantivados, como os nomes de mezes e de povos* fazem o ablativo singular em *i*, posto que dos primeiros se encontre o mesmo caso em *e*, excepto *cedillis*, que faz melhor *cedille* e *patruelis*, que faz em *e* ou *i*; os de povos parisyllabicos, que fazem também em *e*, como *Atheniense*, e os imparisyllabicos em *e* ou *i*, como *Quiris*, salvo quando são tomados substantivamente, porque então prefere-se *e*, como os adjectivos tomados como nomes proprios, como *Clemens*, *Clemente*, *Constante* com muito raras excepções. Teem o genitivo do plural: *parens*, os pais, mais *parentum* do que *parentium*; *ambages*, só usado o ablativo no singular, *ambagum*; *sapiens sapientum* por *sapientium*; *recens recentum* em vez de *recentium* e os participios em *ans* e *ens* que fazem pela maior parte em *um* na poesia. Não se deve empregar *caedum*, como *cladum*, *mensum* e *sedum*; *ales* faz *alituum* por *alitim* na poesia, os em *as*, como *eivitas* podem ter *atum* ou *atium*; *fraudum*, *paludum* são mais usados que *fraudium*, *paludium*; dos nomes de festas e outros, como *Bacchanalium*, *Saturnalium*, *Ancilium* o são mais do que *Bacchanaliorum*, *Saturnaliorum*, *Anciliorum*. O accusativo plural era primitivamente em *eis* e *is*, ainda no seculo de Augusto, nos nomes, cujo genitivo do plural é em *ium*.

234 Nomes irregulares:

N. singular.

N. V.	G.	D.	Ac.	Ab.	N. V.	G.	D.	Ab	Ac.
Jupiter.	Jovis.	Jovi.	Jovem.	Jove.	Diespiter, ⁽¹⁾	-is,	-i,	-e,	-em.

N. singular.

N. plural.

Iter, itineris, -i,	iter, -e.	Itenera, -um, -eribus, -era
Jecur, jecoris e jecinoris, etc.	e assim os mais	Já decli-
Supplex, -ctilis, etc.	ilia e iles, etc.	nados.

Vís, não tem,	-vim, vi.	Vires, -ium, -ibus, -es
Bos, - vis,	-vi, -em, -e.	Boves, boum, bobus e bubus.

O accusativo é *boves*. *Boum* vem de *bou*. No genitivo plural suprime-se o *v* por seguir-se-lhe *u*.

235 *Nomes gregos*. Estes, *parisyllabos* ou *imparisyllabos*, seguem geralmente a declinação latina. Outros admittem também as formas gregas. Alguns *imparisyllabos* fazem o accusativo em *a* e *n*. Outros são ao mesmo tempo *parisyllabos* e *imparisyllabos*, como os próprios em *es*, que teem declinação latina. A forma regular e geral de seu genitivo é *is*. Alguns teem accusativo em *en*, como se fossem da 1.^a declinação, continuando a te-lo em *em*. Os patronimicos em *ades*, *ides*, *iades* são da 1.^a declinação. Os femininos em *is*, *eis*, *ias* são da terceira e fazem *idis* *eides*, e *iadis*. Os próprios femininos em *ô* longo fazem o genitivo em *us* por *oos* e o accusativo em *o* por *oa* e tinham também a forma latina, como *Cetas*. *Pélagus* tem a 2.^a e 3.^a declinação. Os neutros em *ma* teem o dativo da 2.^a e fazem mais em *is* do que em *ibus*. Seguem-se, como exemplos, as declinações de

(1) De *Dies* por *Deus* e *piter* por *pater*.

N. singular.			N. plural.			
N. V.	G.	D.	Ac.	Ab.	N. V.	G. D. Ab. Ac.
Atta-	-is.	-i,	-en,	-e.	Attagena,	-um, -ibus, -a.
gen.						
Æneis	{ -dæ -dos	-æ	{ an in a	-a.	Æneidæ, -um, -is, -as.	
Poesis	{ -is -ios -eos (raro)				-i	{ -im -in
Thetis,	-dos,	-di	{ -a -im	-i.		
Thetys,	-yos				{ -a -in	-i.
Odonis	{ -is -idis	-i	{ -im, -in, -idem, -ida.	-e.	} Parisyllabicos e imparisyllabicos.	
Socrates,	-is,	-i,	-em,	-e.	} Os em <i>as</i> teem as vezes o vocativo em <i>e</i> , como se fossem da 2. ^a declinação.	
Archi-	-i,	-i,	-em,	-e.		
medes,						
Mithri-	-i,	-i	{ -em, -e,	{ e.	} Como se fosse da 4. ^a	
dates,						

Ulysses e *Achilles* fazem em *ei*, *i*, *eos* (genitivo) *-i*, *-ea*, como se o nominativo fosse em *u*; *Priamides*, *Thespiades* seguem a 1.^a declinação, como outros parisyllabicos ou imparisyllabicos e patronimicos masculinos da primeira. *Nereis* (*-idis*, *-idi*, *-idem*, *-e*), *Thespias* (*-iadis*, *-iadi*, *-iadem*, *-e*), patronimicos femininos da 3.^a declinação: *Dido* (*-us*, *-o*, *-o*, *-o*), feminino em *o* longo (forma latina: *-onis*, *-oni*, *-onem*, *-one*), *pelagus* (n.) tem em Lucrecio o plural neutro *pelage*; *Cetas*, *Epos*, *Melos*, *Argos* (que tambem tem o plural *Argi*, *Argorum*), usados só nos trez casos semelhantes, como *Tempe* (sem singular, plural *Tempea*), *chaos* (dativo e ablativo *cháio*), *pelagus*, teem o plural *Cete*, *Epe*, *Mele*;

poema, emblema, ænigma, toreuma, diadema, diploma, epigramma fazem: *-tis, -ti, -ta, -te*, sendo o genitivo do plural em *on* só empregado em títulos de livros: *Palas* (nome de heróe), *Atlas* (*-antis, -anti, -anta, -ante*), *Palas* (nome de deosa, *-adis, -adi, -ada, -ade*), fazem o vocativo em *a*; *Alexis, Chelys* (por *Chelyos*), *Tibris* (declinado como grego), fazem o vocativo sem o *s* (*-is, -i, -em, -e*): *Zeuxis, Bacchis, Mysis, Thais* conservam o *s* no vocativo em Plauto e Terencio. Ovidio e Propertio empregam em algumas palavras femininas o genitivo grego em *si* e *sin*, como *Lemniasi, Troasi*. Cicero, a excepção de *æra* e *æthera* e de alguns outros sempre prefere as formas latinas. O accusativo em *as* é o caso mais usado, principalmente nos nomes geographicos gregos ou latinos, Burnouf.

§ 132. 4.^a declinação.

N. singular.			N. plural.	
Masculino.	neutro.		Masculino.	neutro.
N. V. <i>us,</i>	} <i>u, cornu.</i>	} Indeclinavel.	N. V. <i>us,</i>	} <i>ua, cornua.</i>
fructus.			fructus.	
Genit. <i>ûs,</i>	} <i>cornuum.</i>		Genit. <i>uum,</i>	} <i>cornuum.</i>
fructûs.			fructuum.	
Dat. <i>ui,</i>	} <i>cornibus.</i>		Dat. <i>ibus,</i>	} <i>cornibus.</i>
fructui.			fructibus.	
Ac. <i>um,</i>	} <i>ua, cornua.</i>		Ac. <i>ûs,</i>	} <i>ua, cornua.</i>
fructum.		fructûs.		
Ab. <i>u,</i>	} <i>cornibus.</i>	Ab. <i>ibus,</i>	} <i>cornibus.</i>	
fructu.		fructibus.		

O *u* do nominativo é inserido e contrahê-se com o *i* do genitivo em *us* por *ius* (o em *is* é archaismo), com o *i* do dativo em *û* por *ui*, o que é ordinario em Cezar, e torna este caso semelhante ao ablativo, e o *e* d'este em *û* por *ue*. Nos indeclinaveis ha 44 casos do genitivo em *us* e 5 em *u*: *cornus* é mais usado do que *cornu*. O nominativo, accusativo e vocativo do plural tambem contrahem o *u* por *us*, e o genitivo

em *um* por *uum*. *Arcus*, *acus*, *lacus*, *artus*, *partus* e os quatro seguintes: *quercus*, *tribus*, *specus*, *pecus*, que não contrahem o *u* do genitivo do plural (*uum*), fazem o dativo e ablativo *ubus* por *ibus* (em que o *i* é de ligação, supprimido o *u*), para não se confundir com *arcibus*, *artibus*, etc. *Portus* (*-uum*, *-ibus* e *-ubus*), *veru* (indeclinavel, *vera* *-uum*, *-ibus* e *-ubus*), *tonitrus* (*uum*, *-ubus*, as vezes *-ibus*), *domus* da 2.^a e da 4.^a (*domi* só nos poetas comicos tem o sentido de genitivo, do contrario é adverbio); *domo* dativo e *domu* ablativo são archaismos; *domorum* e *domuum* são igualmente usados; *domos*, accusativo, mais do que *domus*; *Jesus* (*-us*, *-u*, *-um*, *-u*). Alguns nomes de arvores (ordinariamente da 2.^a declinação), tomam na poesia as formas em *u* e *us* da 4.^a, e bem assim *colus*, que não tem genitivo. Burnouf.

§ 133. 5.^a declinação.

N. singular.

N. plural.

N.V. G. D. Ac. Ab. • N.V. G. D. Ab. Ac.

Meridies, -ei, -ei, em, -e, Sem plural.

Dies, ros, » » » » Dies, dierum, diebus, dies.

Fides, *acies*, *effigies*, *eluvies* não teem as formas *-erum*, *-ebus*. O *e* d'esta declinação faz parte do radical e a caracteriza, como o *u* breve a 4.^a; é um accrescimo em *dies*, *fides*, etc. *Acies*, *effigies*, *eluvies*, *facies*, *glacies*, *progenies*, *series*, *species*, *spes* são os unicos, cujo plural é empregado só nas formas em *es*. O genitivo do singular da 1.^a e d'esta declinação tem trez formas differentes: *as*, *es*; *ai*, *ei*; *æ*, *e*, sendo as usadas *æ* e *ei* e as mais archaicas. Como a 4.^a declinação é variedade da 3.^a, assim a 5.^a foi identica á 1.^a, e a prova é que *barbaries* e outros nomes são tambem d'esta, mas as formas, como *barbaria*, são empregadas só no nominativo, accusativo e ablativo. A forma *es* do genitivo encontra-se em *Dies-piter*, como *as* em *pater-familias*, e *die*, *acie*, *fide* por *diei*, etc. Os antigos

diziam *dii* por *diei*, contrahindo o *ei* em *i* em vez de *e'*. No dativo encontra-se *fidē* por *fidei*. Nos outros casos as duas declinações se correspondem, como singular (nom. e voc.) *hora, dies* (genit.) *terrai, diei* (dat.) *horæ, diei* (ac.) *horam, diem* (abl.) *hora, die*; plural *horæ, dies, horarum, dierum, horis, diebus, horas, dies*.

Tendo a primeira declinação perdido o *s*, signal do nominativo singular e plural, segue-se que este se conservou na 3.^a, enfraquecendo-se o *a* d'aquella no *e* d'esta.

§ 134. Nos nomes compostos de substantivo e adjectivo, n. 140, declinam-se ambos; nos de nominativo e genitivo ou ablativo só aquelle. Os *superabundantes* ou o são em todos os casos, ou em uma parte d'elles, ou as formas duplas pertencem a mesma declinação ou finalmente só ao nominativo. Os *defectivos* não teem ou algum dos numeros, ns. 165 e 167, algum ou alguns dos casos; outros teem só um caso isolado. Os *indeclinaveis* são os que debaixo de uma só forma se empregam em todos os casos. *Fas, nefas* não são indeclinaveis mas defectivos, porque representam os trez casos semelhantes do singular. Os *heterogeneos* são de um genero no singular e de outro no plural, ou de um no singular e de dois no plural. Exemplos:

Compostos:—singular (nom. e voc) *respublica, triumvir* (genit.) *reipublicæ, triumviri* (dat.) *reipublicæ, triumviro* (ac.) *republicam, triumvirum*; plural: *republicæ, triumviri, rerumpublicarum, triumvirorum* (dat. e abl.) *republicis, triumviris*, (ac.) *respublicas, triumviros*. *Jusjurandum* declina-se como *respublica* e *jurisconsultus* ou *jureconsultus* como *triumvir*.

Superabundantes, 1.^o caso, singular:—*attagen* (m.), *attagena* (f.), *-enis, -enæ, eni, -entæ, enem, -enam, ene, -ena*; plural: *enes, -enæ, enum-enarum, enis-enas, enis*. Por este se declinam *fulix, -cis* e *fulica, -æ*; *mendum, -i* e *menda, -æ*; *juventus, -tutis* e *juventa, -æ*; *eventus-ūs, eventum, -i*; *pālumbes, -is* e *palumbus, -i*; *vultur, -uris* e

e *vulturius*, -ii; *paupertas*, -tatis e *pauperies*, -ei; *senectus* e *senecta*, *druides*, -um e *druidæ*, -arum.

2.º caso:—*Plebs*, -is, -i, -em, -e; *plebes*, -ei, -ei, etc.; *fames*, -is, -i, -em, -e; *requies*, -etis, -eti, -etem, -ete; *requies*, -ei, -ei, etc.; *jugum*, -i, -o, -um, -o e *jugere*; *jugum* (pl.), *juge-ribus*; *cancer*, -cri, -cro, -crum, -cro, -canceres, -eris (raro), etc.; *sequester*, -trum, e -tres; *penus*, -ūs (f.), -oris (pouco usado); *materia*, -æ e *materies*, -ei e outros; *compressus*, *fagus* e outros gregos; *tigris*, -is, -i, -em, -e e *tigris*, -idis, -idi (como os gregos).

3.º caso — *Cucumis*, -is, -i, (parisyllabo no singular); *cucumis*, -eris (imparisyllabo em ambos os numeros.) *Felēs* e *felis*, *vulpes* e *vulpis*, *torques* e *torquis*, *vehes* e *vehis* são nominativos de duas formas.

Defectivos, sem um dos numeros.—*Scipio*, -onis, -oni, -onem, -one, *Cæsar*, -ris, -ri, -rem, -re (tambem se diz *Scipiones*, *Cæsares* no plural); *vulgus*, -i, -o, *vulgus* ou *vulgum*, -i, -o (não tem plural); tem só singular: *juventus*, *senectus*, *pietas* etc. e os nomes de metaes, como *aurum*, *argentum*; só tem plural: *insidæ*, *odia*, *mortes*, *paces*, *vera* etc.

Exprimem uma ideia no singular e outra no plural:

Ædes, -is, o templo, *copia*, -æ, *ædes*, -ium (casa), *copiæ*,
tropas,

Aqua, -æ, as aguas; *castrum*, -i; *aquæ*, -arum, aguas
thermaes, etc.

Auxilium, -i, o soccorro, *littera*, *auxilia*, -æ, os auxi-
lios; *litteræ*.

Opera, -æ, o trabalho, *pars*, -tis; *operæ*, os opera-
rios; partes.

Sal, -is, o sal (m e neutro), *sales*, *salibus*, a graça, etc.

Defectivos na declinação.

Sing. n. só.	ac., voc.
Fas.	Mella, furia,
Nefas.	Fella, muria.
Instar.	Farra.
Nihil.	Ara, aribus.
Nil.	Jura, juribus.
Secus por	Pura.
Sexus.	Rura.
Parum.	

Não tem singular aeri-
bus, jurius aeri-
tum são archaismos
Burnout.

Labes de labes,—is
Neces » nex,—is
Soboles » soboles,—is
Vehes » vehes,—is
Paces, plebes e os outros
Pices, spes, | excepto
Grates, acies | dies, res.
Metus, os temores.
Astûs, as astúcias.
Sitûs, as posições.

Só usados nos tres casos se-
milhantes do plural Grati-
bus só uma vez em Tacito

As, assis, m.
Bes, bessim, m.
Cos, colis, f.
Foex, foecis, f.
Fax, facis, f.
Adeps, -pis, m. e f.
Præs, -dis » »
Vas, vadis, m.
Stips, itis, f.
Sal, (pl. sales).

Não teem genitivo
plural que, faziam em
ium (bem como sco-
bs, scobis; scrobs, scro-
bis, m. e f), por cau-
sa dos nominativos
duplos, como dolus,
para não confundir
com dolorum de do-
lor,—is.

Os seguintes só teem:

N. singular.					N. plural.				
N. V.	Genit.	Dat.	Ac.	Ab.	N. V.	Genit.	Dat.	Ab.	Ac.
Astus,	nom. e ablat.				Só os casos em us.				
—	—	—	—	— ambage, f.	Ambages	-um, -ibus,	—	—	—
—	—	—	—	cassem, e, m.	Casses,	-ium -»	—	—	—
—	—	—	—	— compede, f.	Compedes	-» -»	—	—	—
Ditio	(des.)-is, -i,	-em,	-e.						
—	—	—	—	— fauce, f.	Fauces,	-» -»	—	—	—
Fors, f.	—	—	—	— forte.	Não tem.				
Frux, f.	-is, -i,	—	—	— -e.	Fruges,	-um, -»	—	—	—

O dativo emprega-se como adjectivo indeclinavel. *Glos* tem só o nominativo singular; *inquietus*, f. (-em, -i, adjectivo); *impetis* (genitivo em *Lucretio*, e-, masc.); *lues*, f. (-em, e); *mane*, n. (nominativo, ac. e ab.); *obice*, *objice* (ac., m. e f. *obices*, -ibus, -es, -ibus, pl.); *opis* (genitivo, -em, -e, sing.), *opes* (*opum*, -ibus, pl.), que como nome de deosa tem o singular completo; *pollis*, m. ef., (*pollen*, n. -inis, -i, -em, -e) só se acha nos casos indirectos; *pondo* (só no ablativo singular e tambem *prece*, f., que no plural é *preces*, -um, -ibus; *sordem* (ac. f.), pl. *sordes*, *sordium*, *sordibus*; *sentis* (genit.), *sentem*, *sentem*, *sentibus* (dat. pl.); *tabi* (abl. sing. m.); *veprem*, m., *vepre*, *vepres*, *veprum*, *vepribus*; *verberis* (genit. sing. m.), *verbere*, *verbera*, *verberum*, *verberibus* (dat. pl.); *vesper*, m., *vesperem*, *vespere* ou *vesperi*, *vespera*, f., *vesperam*, *vesperá* (quando significam *Venus*, teem declinação completa e é da 2.^a); *vespera*, f., *vesperam*, *vesperá*; *vicis*, *vici* (genit. e dat. raros), *vicem*, *vice*, *vices*, *vicibus* (dat. pl.); *vis*, *vis*, *vi* (genit. e dat. raros) *vim*, *vi*, *vires*, *virium*, *viribus* (dat. pl.)

Casos isolados.—Genit.: *dicis causa*, *nauci homo* (de *naucum*, desusado).

Dat.: *despicatui habere*, *divisui esse*, *ostentui esse*.

Ac.: *pessum ire*, *dare* (de *per-versum*, como *sursum* de *sus-versum*), *venum ire* (*venire*), *dare* (*vendere*); *veno* e *venui* são raros.

Ab.: *ergo*, *fortuitu*, *natu*, *sponte*, *ostentu* (*Aulo Gellio*), *in promptu esse* (de *promere*), *consensu principis*, *rogatu meo*, *oratu*, *permissu*, *jussu*, *injussu*, *mandatu*, *accitu*, *admonitu* e outros.

Ac. pl.: *infutias ire* (de *in* e *fatori*), *suppetias ferre*, *venire* (de *suppetere*). *Suppetiæ* é muito raro.

Ab. pl.: *ingratiis* e *ingratis*, apesar.

Os indeclinaveis são: as letras do alphabeto grego, *gummi* (n.), *semis* (tambem se diz *gummi*, -is, *semmissis*, -is, m.), as palavras e nomes proprios hebraicos, como, *Adam*, *Adæ*. Comtudo declinam-se: *pascha*, -æ, *Hierosolyma*, -orum (n.), *Abr-am*, *Abr-æ* e *Abrah-am*, -æ, *David*, -idis; *Daniel*, -elis; *Jacobus*, *Josephus*, -i, *Adamus*, -i; *Joannes*, -is; *Judas*, -æ; *Maria*, -æ.

Nomes heterogeneos.

Singular masculino.		Plural neutro.
Avernus, -i toma o genero de <i>locus</i> .		Averna.
Tartarus, -i idem de <i>carcer</i> .		Tartara.
Dindymus, -i	} Tomam o genero nero de <i>mons</i> .	Dindyma.
Ismarus, -i		Ismara, etc.
Pangæus, -i		
Taygetus, -i		
Gargarus, -i		
		} Tomam o genero de <i>juga, cumes</i> .
Singular neutro.		Plural masculino.
Elysium, -ii (sc. <i>nemus</i> .)		Elysii, -orum (sc. <i>campi</i> .)
Cœlum, -i.		Cœli, -orum (<i>cœlos, Lu- crecio</i> .)
Sing. feminino.		Plural neutro.
Carbasus, -i.		Carbasa, -orum.
Singular neutro.		Plural masculino.
Porrum, -i.		Porri, -orum.
Jocus, -i, -m. s.		Joca, pl. n. <i>joci, -orum, -m.</i>
Locus, -i, m. s.		Loca, pl. n. <i>loci, -orum, -m.</i>
Sibilus, -i,		Sibila, <i>sibili</i> .
Rastrum, -i, s. n.		Rastra, <i>rastri, m.</i>
Frenum, -i.		Frena, <i>freni</i> .
Ostrea, -æ, s. f.		Ostrea, n. <i>ostreae, f.</i>
Epulum, -i, n. (<i>festim publico</i>)		<i>epulae, jantares</i> .
Balneum, -i	} n. banhos particulares.	Balneæ { <i>banhos</i> .
Balineum, -i		Balineæ { <i>publicos</i> .

Encontra-se tambem *loci* na significação de lugares, isto é, o trecho ou passagem de algum auctor; *loca* é qualquer lugar. **Sibili* é mais commum na prosa, *sibila* no verso, como *freni* e *frena*. *Joca* é preferido por Cicero a *joci*. *Rastri* é preferivel a *rastra*,

§ 134. Declinação dos adjectivos. Os adjectivos ou seguem a 1.^a e 2.^a declinação, ou a 3.^a Os primeiros teem trez terminações: uma para o genero masculino (2.^a declinação), outra para o feminino (1.^a) e outra

para o neutro (2.^a), dando-se em alguns a mesma syncope, que nos substantivos em *er* e apocope de *us*, como *liber* por *liberus*. Os segundos são parisyllabos e imparrisyllabos; aquelles teem duas terminações: *is* para o masculino e feminino e *e* breve para o neutro com o ablativo sempre em *i*, genitivo do plural em *ium*, havendo doze com uma terceira terminação só no nominativo e vocativo singular; estes teem uma só terminação para os tres generos, tendo nominativo e genitivo plural em *ia*, *ium* e ablativo singular as mais das vezes em *e*, se o adjectivo é tomado como substantivo; ou em *i* fóra d'este caso, sobretudo, se o nominativo é em *ns*, *rs*, *x*, e *concors*, *discors* e compostos de *cor*. Seguem-se exemplos de todos:

1.^a especie, n. singular.

N. plural.

N.V.	G.	D.	Ac.	Ab.	N.V.	G.	D.	Ab.	Ac.
Bonus,	-i,	-o,	-um,	-o.	Boni,	orum			-os.
Bona,	-æ,	-æ,	-am,	-a.	Bonæ,	-arum,	-is.		-as.
Bonum,	-i,	-o,	-um,	-o.	Bona,	-orum			a.
Liber,	-i,	-o,	-um,	-o.	Como estes e <i>sinister</i> , <i>cæger</i> , <i>piger</i> , <i>pulcher</i> , <i>sa-</i> <i>cer</i> , <i>ater</i> , <i>niger</i> , <i>ruber</i> , <i>tacter</i> , <i>creber</i> .				
Libera,	-æ,	-æ,	-am,	-a.					
Liberum,	-i,	-o,	-um,	-o.					
Dester, etc.									

2.^a especie, parisyllabos.

Fortis, e, -is, i, -em, -i. Fortes, ia, -um, -ibus, -es, -ia

Celer, is, e, -is, i, -em, -i. Celeres, ia.

Conserva o *c* antes de *r*.

Acer, cris, e, -is, -i, -em, -i. Acres, ia, -ium, -ibus, -es, -ia.

Alacer, equester, paluster, } e volucer, que fazia vo-
Celeber, pedester, silvester, } lucrium, mas faz volu-
Saluber, campester, terrester. } crum, substantivo fe-
minino, que significa ave.

Tambem se encontra *celebris*, -e, *silvestris*, -e, etc. *Felix* faz -is, -i, -em, -e ou *i*, *felices*, -ium, -ibus (dat. e abl) -es; *consors*, -tis, -ti, -tem, -te ou *ti*, *ancipites*, -ia, -ium, -ibus, -es, -ia; *quadrupes*, -dis, -di, -dem, -de ou *di*; *vetus*, -eris, -eri, -erem, -ere ou -eri, que sô tem os casos em *a* do

plural. Os seguintes não teem no plural neutro os casos em *a*: *cicur,-uris, uber-eris, decolor,-oris, deses, desidis, particeps,-ipis, pauper,-eris, dives,-itis, praepes,-etis, puber,-is, sospes,-itis, supplex,-icis, supers,-tis,-stis, trux,-ucis*; nem os casos em *ibus*: *degener,-is, compos,-otis, immemor,-oris, redux,-ucis, memor,-oris, caelebs,-bis*. Não teem a terminação masculina do singular: *cætera,-um* (pl. *-i,-æ,-a*, muito usado), *ludicra,-um*; nem a terminação neutra: *semnex,-ecis*. (genit. pl. *semnecum*); *sons, sontis* e *insons* não tem os tres casos semelhantes em *a* do plural. Não tem nominativo masculino *exspes*, nem o nominativo e accusativo neutro *necesse* e *necessum* (archaismo, como *volupe* e *volup*). *Nequam* e *frugi*, indeclinaveis, servem para todos os casos, generos e numeros. *Ales, artifex, vigil*, como adjectivos teem o ablativo em *e* ou *i*; como substantivos fazem-n'o só em *e*; *index, hospes*, e *princeps* sempre em *e*. *Hospes*, masculino e feminino, tambem se encontra na forma *hospita-æ* e *hospita,-um*, neutro plural. Todos os mais são privados do plural neutro dos casos em *a* e fazem o genitivo plural em *um*, e de mais: *juvenis, senex*. Os em *tor* e *trix* fazem o ablativo singular em *e* e o genitivo plural em *um*, por serem considerados mais como substantivos do que como adjectivos, que tem o ablativo singular em *e* ou *i* e o genitivo plural em *ium*. *Ultor, victor*, tendo um plural neutro. — *ultricia, victricia*, como os d'esta classe, não teem singular neutro, e muitos o feminino em *trix*. Alguns pronomes seguem, como vimos, na declinação, as duas classes de adjectivos.

LICÇÃO 32.^a

DOS CASOS EM PORTUGUEZ.

§ 135. Não é absolutamente exacto dizer que a lingua portugueza não tem casos, pois que não só os pronomes os teem, como, se seus nomes não se de-

clinam, individualmente se derivam de algum caso dos latinos. E' assim que os nomes acabados em *ão*, que fazem o plural em *ões*, vindos do latim, derivam-se do accusativo de ambos os numeros e os que fazem o plural em *ães* do nominativo dos latinos em *anis*, todos da 3.^a declinação como *actiones*, *acções panis*, *pães*, do mesmo modo que os acabados em *ade* e tambem em *ude*, vêm por analogia do ablativo singular dos latinos em *as* e *us* tambem da 3.^a declinação. como, de *civitate* *cidade*, de *virtute* *virtude*. Os acabados em *a* podem derivar-se do nominativo ou ablativo singular, ou ainda do accusativo de ambos os numeros dos analogos da 1.^a declinação, como *hora*. *horas*, de *hora*, *horã*, *horam*, *horas*. Os acabados em *ão* que fazem o plural *ãos*, derivam-se do nominativo e accusativo plural dos latinos em *nus* da 2.^a e 4.^a declinação, como *christão*, *christãos*, *mão*, *mãos*, de *christianus*, *manus*. Os acabados em *o* derivam-se do dativo ou accusativo pela perda do *m*, ou do ablativo singular ou do accusativo plural dos acabados em *us* da 2.^a declinação, ou só do nominativo accusativo, vocativo do singular dos latinos neutros em *um*, que tem esses trez casos semelhantes no singular pela perda do *m*, ou finalmente do nominativo, accusativo e vocativo dos neutros em *us* da 3.^a declinação do singular, que tambem tem esses casos semelhantes, como *corpo*, *corpus*, por analogia dos primeiros, e ainda do accusativo e nominativo plural dos neutros da 2.^a declinação derivam-se alguns portuguezes em *a* que ordinariamente contem em si a idea de collecção. como *ferramenta*. *arma*. Do accusativo, ablativo singular e nominativo plural dos da 5.^a derivam-se os acabados em *ie*, *em*, como *espécie*. *rem* (antigo). e os acabados em *de*. como *sêde* (*siti*), *parêde* (*pariete*). Os acabados em *en* e *r* derivam-se do nominativo singular dos latinos assim terminados. como *regimen*, *nectar*. Dos acabados em *al*, *sal* mostra a evidencia que se derivou só do nominativo singular pois que sendo esta palavra do

genero masculino em latim, não tem outro caso semelhante, do qual podesse ter vindo, e é pouco provavel, que se derivasse do ablativo com perda do *e*, quando já havia uma forma sem elle, que regulasse a derivação. Do genitivo e dativo singular derivaram-se os compostos de *unus*, *binus* e outras palavras, como *unicorne* por *unicorno* de *unicorņu*, *binoculo*, *verosimilhança*. Por este modo pode obter-se uma declinação completa, posto que mixta de nomes portuguezes, como se segue:

N. singular.					N. plural.				
N.V.	Genit.	Dat.	Ac.	Ab.	N.V.	C.	Dat.	Ac.	Ab.
Hora	unicorne	mil	rim	cie	mãos	—	—	especies	—
					man-os)				

Mas é sobretudo em composição com preposições ordinariamente, que os casos se revelam mais claramente, como *compadre* (*cum patre*), *extra-ordinario*, *mente-(capto)* de *mente* e *captus*, e que não pode deixar de considerar-se em ablativo; *vero-simil* (*vero* em dativo,—*vero-similis*), *vini-cultura*, *agri-cultura* (genitivo) *circum-stancia* (de *stancia* por *stantia*, de *stans*), accusativo do plural, e talvez genitivo de mesmo numero, já recebido do latim,—*horario* (regido do *numeratio*), a relação das horas, etc.

CAPITULO 5.º

DO VERBO.

LICÇÃO 32.ª

DO VERBO E SUA COMPOSIÇÃO.

§ 136. O verbo é a palavra que exprime um acto, quer este seja de simples existencia (*substantivo*), ou encerre em si a idea do attributo (verbo adjectivo). E' só em certos tempos que se pode verificar a combinação do verbo substantivo com o attributo, como vere-

mos, para a formação do verbe adjectivo. Este é de acção *transitiva* ou *intransitiva*, sendo o primeiro o que tem a acção empregada em palavra diferente d'elle e que passa alem; o segundo o que contem a acção em si e não vai empregar-se alem em outra palavra, como: *amo a liberdade, choveo hontem*.

336. *Conjugar* é variar a terminação do verbo pelos *modos, tempos, numeros e pessoas*. *Modo* é a maneira pela qual o verbo exprime o acto; *tempo* a forma de que se reveste para exprimir esta idéa; *numero* a que indica se o sujeito é um ou mais de um; *pessoa* a que exprime de qual das tres é o sujeito no singular ou plural. *Voz* é a forma que o verbo toma para mostrar que a acção é feita ou recebida pelo sujeito d'elle.

237. Em sanskritto as raizes verbaes são destribuidas em dez classes, § 56. mas isto é com relação aos tempos especiaes; estas dez classes formam quatro cathogorias, comprehendendo a 1.^a a das raizes puras (2.^a, 3.^a e 7.^a classes); a 2.^a a dos radicaes em *a* (1.^a, 4.^a, 6.^a e 10.^a classes); a 3.^a a dos radicaes em *u* (5.^a e 8.^a classes); a 4.^a a dos radicaes em *i* (9.^a classe). Destas quatro cathogorias a 2.^a pode-se considerar como representando a conjugação geral sanskrita. Bopp porem divide os verbos sanskritos em duas conjugações principaes: a 1.^a, quasi a unica representada nas linguas da Europa, comprehende a 1.^a, 4.^a, 6.^a e 10.^a classes, isto é, as que ajuntam a raiz nos tempos especiaes a vogal *a*, ou syllaba que comece por *a* (*ya* ou *aya*), a qual aproxima esta conjugação da latina, sobretudo a que acaba em *are*. A 2.^a conjugação comprehende trez sortes de verbos: os que combinam immediatamente as desinencias pessoaes com a raiz (2.^a, 3.^a, e 7.^a classes); os que tem por syllaba intermediaria *ni* ou *u* (5.^a e 8.^a classes) e os que inserem a syllaba *na* (nona classe). Os verbos da 2.^a conjugação são submettidos ao effeito do peso das desinencias pessoaes, os da 1.^a não.

As conjugações latinas são quatro e se regulam

pela segunda pessoa do singular do presente do indicativo e pelo infinito, fazendo a 1.^a em *as* e *are*, como *amas*, *amare*; a 2.^a em *es* e *erē* longo, como *mones*, *monere*; a 3.^a em *is* e *ere* breve, como *tegis*, *tegere* e a 4.^a em *is* e *ire*, como *vestis*, *vestire*.

Dutrey, *Grammatica Latina*, § 59 e seguintes, citado pelo Dr. Souza em seu *Tratado de Suffixos da lingua latina*, diz que só ha realmente uma conjugação em latim, a 3.^a, chamada a dos verbos *puros*, em opposição aos *contractos*, nos quaes contrabe-se no e d'aquelles as vogaes *i*, *e*, *a* em que acabam muitas vezes os radicaes, d'este modo: *ama-ere* faz *ama-re*, *mone-ere* *mon-ere*, *audi-ere*, *audi-ere*. O Dr. Souza accrescenta que os verbos *puros* denotam uma acção ou estado simplesmente, e entre elles, os em *go* (*gere*) mais particularmente acção simples; os em *no* (*nerē*) a acção com seu resultado; os em *uo* (*uere*) a acção com resultado duradouro. Os da 4.^a conjugação denotam geralmente actividade continua e tendo certa duração, em quanto os da 3.^a indicam acção mais passageira e momentanea. Os da 1.^a exprimem mais uma especie de acção manifesta, que mui frequentemente materialisa-se em acto, ou quando o verbo é intransitivo, a manifestação interior de um estado. Os da 2.^a exprimem geralmente estado prolongado e duradouro, e por isso é que a maior parte dos verbos d'esta conjugação são intransitivos. Os verbos da 3.^a conjugação podem considerar-se ou são os inchoativos ou causativos dos da segunda.

Diez, dividindo tambem as conjugações em duas, chama a uma *forte* e a outra *fraca* e diz que a primeira é *simples* e a segunda *derivada* e precisa de composição; que o signal distinctivo dos dois modos de flexão consiste simplesmente em romano em que a 1.^a e 3.^a pessoa do singular do perfeito (esta mais constantemente), recebem na flexão forte o *accento tonico* no radical, na fraca na flexão. Passamos a resumir o que elle diz nos seguintes pontos, que nos parecem mais importantes: 1.^o que a flexão fraca tem

sua origem no latim, lingua em que a construcção das conjugações primitivas differe da allemã em que a primeira em seu segundo periodo admittia, como a conjugação fraca allemã, verbos auxiliares (*fui* e *esi*). A lingua latina formava o perfeito, ou por meio de dobramento, ou por modificação da vogal radical, como em *concurri*, *feci*. Mas, para evitar a confusão com o presente e quando a mudança de vogal não podia ter lugar, unia ao radical o perfeito *esi*, como *man-si*, sendo primitivos todos os verbos d'esta classe. Nos derivados ella empregou outro auxiliar, *vi* por *fui*, unido as vogaes longas *á*, *é*, *i*, suffixo também adaptado aos verbos primitivos sob a forma *ui*, como *colui* a par de *ama-vi*; 2.º, que os verbos novos tomam somente a forma fraca, visto que a flexão forte misturou-se ou passou para ella, bastando para isso ás linguas derivadas, que se desloque o accento tonico, que de tudo decide; 3.º que o latim substitue as formas accentnadas na flexão ás que o eram no radical, para mais distinctamente realçar a mesma flexão, motivo pelo qual a conjugação em *ire* se deve dividir em duas classes: uma simples e outra mixta e composta da syllaba *isc* intercalada no presente dos trez modos, como *flor-esco* (forma inchoativa) e *floro*; 4.º que a conjugação mixta já havia entrado profundamente no latim, em que numerosos verbos fortes formavam certos tempos segundo a 1.ª (*are*), 2.ª (*ere*) e 4.ª conjugação (*ire*), não sendo muito usada a mistura com a 1.ª transformação, que exerceo a maior influencia nas linguas filhas; 5.º que a transformação da forma forte em fraca já se tinha provavelmente operado em latim, com quanto os exemplos sejam pouco numerosos; 6.º que o portuguez antipathisa com a flexão forte, passando um pequeno numero de verbos da 1.ª conjugação para a 2.ª, como *tremare*, *tremar*; da 3.ª para a 1.ª, como *minjere*, *mijar*; da 4.ª para 2.ª com *e* originariamente breve, como *morire*, *morrer*; com *e* originariamente longo de infinitos que seguem ao mesmo tempo a 3.ª e 4.ª conjugações,

como *lucere, luzir, florere, florir*; da 3.^a latina para a 3.^a portugueza, que tem a forma da 4.^a latina, como *consumere, consumir*. O maior numero fica fiel ao *e* do infinito, pertencem a forma fraca e constituem agora a 2.^a conjugação romana. Muitos verbos latinos passando para o romano, trocaram sua conjugação fraca por outra tambem fraca; 7.^o que a 1.^a e 2.^a pessoa do plural do presente do indicativo accentuam sempre a vogal de flexão, ainda sendo breve em latim, como *credimus, cremos*; no perfeito a 1.^a pessoa do plural passa o accento para a syllaba seguinte, como *fecimus, fizemus*; mas outras vezes em virtude de contracção de duas vogaes o accento permanece em seu lugar, como *cantémus* por *cantaimos* de *cantavimus*; a mesma cousa tem lugar na 3.^a pessoa do plural como *amaram, amaverunt*. Em virtude tambem de contracção pela perda de consoante media a 1.^a e 2.^a pessoa do plural do imperfeito do conjunctivo recuam o accento para a syllaba anterior, como *cantassemos* de *cantavissémus*; 8.^o que o portuguez fez grandes progressos, empregando e meio de flexão por *apophonia*, ns. 30 e 34, o que é uma vantagem, de que o latim já tinha dado exemplo, sendo a *atracção* outro meio empregado em nossa lingua.

§ 137. Como se vê, as doutrinas de Diez e Dutrey se parecem muito. Para melhor comprehensão da materia, de que tratamos, parece-nos conveniente fazer aqui um parallelo entre as dez classes de raizes sanskritas e as conjugações latinas e mostrar como se correspondem, deixando para quando tratarmos da formação do infinito, dizer como ella se faz.

A 1.^a, 2.^a e 4.^a conjugações latinas correspondem a 10.^a classe sanskrita, que tem por característica *aya*, cujo *y*, sendo supprimido na 1.^a e fundidos os dois *aa* breves em um longo, deo em resultado *am-ás* por *am-aas* de *am-aya-s*. Na 2.^a conjugação foi supprimido o ultimo *a* da característica e o primeiro contrahido em *e* (com o *i* no qual se havia resolvido o *y* por seguir-se-lhe o *a* final, que foi supprimido, § 53,

1.^o), no que o latim concorda com o prakrito, germanico e slavo. como *hab-ê-s* (latim e antigo alto allemão); *chint-ê-mi* (prakrito), *cel-ê-tu* (slavo). Na 4.^a conjugação o *aya* foi contrahido em *i* longo (supprimido o ultimo *a* e depois o primeiro, como *aud-î-s*, *aud-î-mus*; *i* que se abrevia antes de consoante, excépto *s*, como *aud-i-t*. A 3.^a conjugação latina corresponde geralmente a 1.^a e 6.^a classes sanskritas, visto que a longa de *dî-co*, *fid-o*, *dûc-o* está em lugar do guna da 1.^a classe, *fid-o* por *faid* n. 29, sendo o complemento *i* enfraquecimento do antigo *a* (*fid o* por *faid-o*, de *faid-o* de *fid-o*), ao passo que na 6.^a classe, *rump-i-t* insere a nasal, como *lump-â-ti* de *lup*. O *i* é a característica *a* da 1.^a e 6.^a classe, § 56, como se vê em *veh-i-tis* de *vah-a-thas*, gothico *vig-i-th*. O latim confundio com a inserção da nazal os verbos da 6.^a classe: 1.^o com os da 7.^a que inserem a syllaba *na* antes de desinencias ligeiras e uma nazal do organ da consoante final antes das pesadas; sendo taes verbos representados por *ju-n-gi-t* (sanskrito *yu-nâk-ti* de *tchid*); 2.^o com os de 9.^a classe, que insere a syllaba *nâ* antes das desinencias ligeiras e *nî* antes das pesadas. mas este *i* de *nî* não se deve confundir com o *i* breve latino, que é enfraquecimento do antigo *a* como *sterno* de *str-na-mi* de *str*. Outras vezes o *n* parece transformar-se em *t*, como em *necto*, *pecto*, *plecto*, *flecto*, verbos, que, a ser assim, correspondem a 9.^a classe. A 3.^a conjugação latina tambem corresponde a 4.^a classe sanskrita, que insere *ya* nos tempos especiaes. Como *y* é representado por *j* e depois vocalisado, enfraquecido o *a* em *i*, o latim, como sempre que se encontram dois *î*, supprimo um d'elles convertendo *kûp-ya-si* em *cu-p-jis* e depois em *cup-î-s*; finalmente em *cup-î-s* contracção, que não se effectua em *cup-io*, *cup-iu-nt*, porque o *a* de *ya* converte-se em *o* e *u* em *kûp-ya-mi*, *kup-ya-nti*. A 4.^a conjugação coresponde a outros verbos da 4.^a classe. «E' verdade, diz Bopp, que o *i* da 4.^a conjugação corresponde ordinariamente ao sanscrito *aya*, ao

passo que *ya* é representado pelo *i* da 3.^a Mas, como este *i* torna-se as vezes em *î* (como *fod-i-o*, *fod-î-ri*, *grad-i-or*, *grad-î-ri*, *par-i-o*, *par-î-ri*, *mor-î-or*, *mor-î-ri*), não deve admirar que certos denominativos da 4.^a conjugação latina pertençam a formação em *ya* e não á em *aya*. Consequentemente *equ-îo*, *equ-îs* representaria pelo thema e derivação o vedico *ashvâ ya-mi* «equos cupio». Só restam da 2.^a classe sanskrita, que se fundiram na 1.^a nas linguas da Europa, por ser mais facili sua conjugação. as seguintes raízes, que se conservaram em latim: *ed*, *i*, *da*, *stâ*, *fâ* (*fa-tur*) *fla*, *qua*, (*in-quam*), *fer* e *vel* (*vul*), conservando as duas ultimas algumas formas de sua antiga conjugação, pertencendo umas á 1.^a, outras á 3.^a e outras á 4.^a conjugação. A 3.^a classe sanskrita fornece verbos de raiz dobrada a mais de uma conjugação latina, como *bi-bo*, de *pâ* beber, que passou para o portuguez; *do* dar, que tambem passou para a mesma lingua com o dobramento occulto pela suppressão da dental da raiz em *de-i* (por *de(d)-i*); *sistit* (por *stâ-stat*), na qual o *a* se acha enfraquecido em *i*, portuguez *sentar* ou *assentar*, em que o *n* parece occupar o lugar do *t* da syllaba dobrada. e outros

238. Pela exposição que se acaba de fazer, vê-se, correspondendo os verbos allemães, que J. Grimm chama fortes a 1.^a, 4.^a e 9.^a classes sanskritas, e os fracos a 10.^a, os fortes que Dutrey e Diez chamam puros e fortes, coincidem com a 3.^a conjugação latina. e os fracos ou derivados com a 1.^a, 2.^a e 4.^a Resta observar que alguns dos verbos latinos, passando para o portuguez, mudaram de conjugação, como se terá observado.

§ 438. Em todas as linguas indo-europeas, diz Bopp, os verbos só se ajuntam com preposições, e é muitas d'estas deixaram de ser empregadas em sanskrîto no estado independente, ao passo que outras são usadas em separado dos verbos a que pertencem, interpondo sem prejuizo do sentido outra palavra, o que tambem acontece em latim, como *circum*

brachia dare por *circumdare brachia*. Em portuguez tambem ha preposições, que não teem sentido, estando separadas dos competentes verbos, e por isso não se pode interpor outra palavra. Em latim tambem se usa compor verbos com outra especie de palavras, como substantivos, adjectivos e adverbios, o que não é frequente em sanskrito. Esta sorte de composição passou para o portuguez, como *significar* (*significo*), *bem-dizer* (*benedico*), etc

239. Diez divide a derivação verbal em *mediata* e *immediata*; aquella se opera por meio de suffixos proprios, como *cavalgar*; esta ajuntando as letras de flexão a qualquer especie de palavras, sendo unicamente aptas para a ultima a 1.^a e 4.^a conjugações, sem que se possa determinar bem o principio em que se apoia. Todavia não se pode recusar o facto de ser sobretudo a 4.^a conjugação que pertence a maior parte dos verbos novos, como a 1.^a e 2.^a declinação a formação nominal, em quanto em latim a 4.^a conjugação presta-se melhor ao valor intransitivo do que a 1.^a Os derivados de adjectivos pertencem, como os de particulas, sobretudo *ad* e *in*, a 3.^a conjugação latina. Com suffixos ha as derivações seguintes: *ia*, *agoniar*; *aticum*, *viajar* (por *victicar*), *uceus*, *encolerisar*; *ecius*, *flagelar*; *culus*, *trabalhar*; *eta*, *querellar*; *ilis*, *assimillar*; *b-ilis*, *sensibilisar*; *alia*, *ilia*, *batalhar*, *maravilhar*; *anus*, *imus*, *inus* (breve), *caminhar*, *medicar* (por *medicinar*), etc. Quanto a derivação mediata, o latim se servia de varios suffixos com significação determinada (Diez). D'ella trataremos adiante.

LICÇÃO 33.^a

DAS VOZES, MODOS, TEMPOS, NUMEROS E PESSOAS

§ 139. As vozes em sanskrito são trez: a *activa*, *media* e *passiva*. A primeira é sempre transitiva; a

segunda ordinariamente transitiva ou neutra, emprega parte de seus tempos ao verbo passivo e tem sentido reflexivo; a terceira é sempre passiva.

§ 140. Os modos em sanskritto são: o *indicativo*, o *imperativo* e o *optativo*, que apresenta muitas analogias com o *conjunctivo* latino. Quanto aos participios, gerundios e infinitos, elles são em sanskritto verdadeiros nomes. O modo *indicativo* exprime a acção como fazendo-se de modo positivo sem accrescentar-se-lhe alguma outra circumstancia, como *forirei*; o *subjunctivo* ou *conjunctivo*, que a exprime com condição, como dependente de outro e com certo grão de duvida, como eu *faça*; o *imperativo*, que exprime com imperio e ordem, e o *optativo*, que exprime o desejo de que ella se faça, como *desejo que fique*. Em latim e portuguez não se pode deixar de considerar o *infinito* como um dos modos. Nesta lingua principalmente o infinito faz papel muito importante, porque se elle exprime a acção em si e em geral, as vezes de modo indeterminado e sem numero nem pessoas, e tal é o *infinito impessoal*; outras vezes é susceptivel de ter sujeito differente do verbo, que o leva ao infinito e tal é o *infinito pessoal*, como (infinito impessoal) *gosto de fazer versos*, (infinito pessoal) *mandas me fazer versos*. No primeiro exemplo o sujeito de *fazer* (*eu*) é o mesmo de *gosto*; no segundo o de *fazer* (*me*) é diverso do de *mandas* (*tu*), exemplo este, em que a lingua portugueza se mostra identica à latina, e nestes exemplos: *promitto tibi, pater, non magis componere versus; me vis non facere versus*. O mesmo se dirá dos *participios presente* com relação ao *gerundio*, e *passado*: se o sujeito é diverso do de outro verbo é o caso do participio presente ou passado: se é o mesmo, trata-se do gerundio em *ando*, *endo indo*, como: *chegando a noite, sahio a passeio; feita a chamada, abre-se a sessão; foi dançando para casa; foi irritado ao passeio*. O gerundio indica que uma acção é feita ao mesmo tempo que outra, e deve ser precedido da preposição *em*, como no terceiro exemplo: *em*

danzando foi para casa, isto é, em quanto ou ao mesmo tempo que dançava, foi para casa. O *supino* exprime uma acção em um tempo indefinido, em que ella está a passar-se successiva e indeterminadamente e sem sabermos o principio nem o fim. d'ella. Sua forma em portuguez é a mesma do presente do infinito precedido da preposição *a*, Leoni. Em latim elle conserva a natureza de verbo, tendo complemento objectivo. se procede de verbo activo, e de substantivo, sendo declinavel e tendo quatro casos: o nominativo, o accusativo em *um*, dativo e ablativo em *u* e ablativo em *o*.

§ 141. O *presente* é o tempo que exprime a acção que actualmente é feita, como *firo*; o *futuro* o que a exprime como tendo ainda de fazer-se, como *ferirei*. Distingue-se no preterito o *perfeito*, que exprime a acção como acabada em tempo completamente passado, cuja epocha é determinada, como *ferio*; o *imperfecto*, que exprime a acção feita como presente em relação a outra igualmente feita, como *feria*; o *mais que perfeito* que exprime uma acção terminada, quando outra começou, como *eu tinha ferido*. Do *futuro simples*, *imperfecto* ou *absoluto* distingue-se o *composto* ou *anterior* em ser este o que exprime a acção que se tem de praticar antes de outra, que se ha de tambem praticar, como *terei ferido*, e o *futuro latino relativo* ou *periphrastico*, isto é, composto de muitas palavras, o que é formado com o verbo latino *esse* e os particípios em *rus*, *ra*, *rum* e *dus*, *da*, *dum*, como *amaturus sum*, *laudandus est*

§ 142. O portuguez conservou todos estes tempos, inclusive o *mais que perfeito*, que falta ao italiano e é differente do condicional, que se parece com um verdadeiro futuro, pois nelle a realisação da acção não tem lugar, senão quando é realisada a condicção de que depende: mas confunde-se com o imperfecto do conjunctivo, podendo até chamar-se optativo, como *cantarem* (*eu cantara*, de *cantaveram*), e tendo em portuguez outra forma composta (*eu tinha cantado*).

Do *conjunctivo* diz Diez que extinguiu-se o imperfeito e perfeito em todas as línguas neolatinas, conservando-se nellas o mais que perfeito *amasse, amavissem*; que do imperativo conservou-se um dos tempos, o primeiro, que parece possuir forma própria (*cantai*), e que do infinito só se salvou o presente, existindo o gerúndio sob a forma de seu ablativo (*cantando*) e o participio presente com o valor do adjectivo e o passado (o que não é exacto, porque os participios teem valor verbal, em vista do que se disse no § 140), faltando os *supinos*, cujas funcções foram tomadas pelo infinito. Explica-se o desaparecimento destes tempos pela semelhança mais ou menos exacta com outras formas, como *cantarem* com *cantaram*; *cantabam* com *cantabo*; *audiam*, futuro, com *audiam*, presente do *conjunctivo*, etc, sendo a forma periphrastica a unica que podia substituir depois os tempos, como já acontecia em latim com o verbo *habeo* (em Cícero: *satis dictum habeo*), que, sendo verbo activo, só podia unir-se com o participio passado, que se deve considerar em accusativo, ao contrario da forma passiva, em que elle está em nominativo. Depois o portuguez empregou a par do verbo *habere*, usado com o infinito como suffixo do futuro do indicativo e condicional e do futuro do *conjunctivo*, como *cantar-ei* por *cantar-hei*, *cantar-ia* por *cantar-havia*, *disse-r* por *dizer houver*, o verbo *tenere* em outros tempos compostos com o infinito e participio passado. Só no futuro do *conjunctivo* é que não houve agglutinação do verbo haver, consistindo esta excepção em alguns verbos, como *vir*, *ir* (que se completa com os tempos de *esse* e *vadere*), *ter*, *haver*, *ser*, *poder*, *dizer*, *fazer*, em estar o *er* por *houver* e fazendo-se a agglutinação nos outros verbos somente pela junção ao infinito do *r* de *houver*, com o que ella se confunde com a forma d'este tempo, devendo-se escrever: eu *amar-r*. Se em *amar-ia* este *ia* está por *havia*, em *tiver*, *vier* (por *vir-her*, por *vir-houver*), e nos outros verbos em que o *e* aberto substitue o *e* fechado

do infinito, o *er* deve estar por *houver* e não por *haver*, não sendo usada a forma *ter-te-her*, como é *amar-te-hei*. Nos outros verbos é pois preciso fazer a distincção de *amar* com *amar-r*. Este modo de formação do futuro tem fundamento no latim com a raiz *fu*, como veremos. nem era estranho ao grego com *heko* e ao gothico com *haba*, do qual parece vir a forma portugueza.

240 Observa-se mais, segundo Diez, que na formação da conjugação romana se opera a passagem de uma forma de tempo ou modo a outra, o que se explica pelo facto de haver formas duplas. uma synthetica outra analytica, preponderando esta sobre aquella, o que aconteceo, por exemplo, no imperfecto do conjunctivo, cuja forma era menos expressiva, equivalendo *cantassent*: a *cantarem* (*cantaria*, que por ambos se explica) e no participio presente, cuja forma é a do gerundio. Nota-se mais a formação de uma, por analogia, da outra, não só em relação as pessoas de um tempo pelas correspondentes de outro, como de tempos inteiros, como já acontecia no latim da idade media. Em portuguez ainda se encontra em textos antigos *seenta*, *vinte*, etc.

§ 143. Em sanskrito, se os tempos e modos apresentam desinencias plenas, chamam-se *principaes*, e são: o presente, os dois futuros e o perfeito dobrado, e em grego tambem o subjunctivo. Se as desinencias são ligeiras ou não plenas, isto é, se tem menos letras ou letras mais breves e menos sonoras que as das primeiras, os tempos chamam-se *geraes*. São desinencias ligeiras em sanskrito, singular presente: *mi*, *si*, *tí*; imperfecto singular: *m*, *s*, *t*. São pesadas, activo presente, dual: *vas*, *thas*, *tas*; imperfecto dual: *va*, *tam*, *tâm*; plural: *mas*, *tha*, *nti*, *ma*, *ta*, *n* (*t*); medio presente singular: *é*, *sé*, *té*, imperfecto: *a*, *i* (por *mâm*), *thas*, *ta*; dual presente: *vahé*, *âthé*, *âté*; imperfecto: *vahi*, *âthâm*, *âtâm*; plural presente: *mahé*, *dhvé*, *nté*; imperfecto: *mahi*, *dhvam*, *nta*. Os tempos principaes parecem-se nas flexões e

differem nos suffixos, havendo as mesmas analogias nos tempos secundários, e tendo estes em sanskrito os mesmos suffixos que aquelles. Os tempos em sanskrito são nove: o presente, os dois futuros, o perfeito, o imperfeito, o condicional, os dois aoristos e o mais que perfeito, posto que periphrastico.

241 Ainda é visível em latim o resto desta divisão, postoque esteja invertida a relação que existia entre estas duas sortes de flexões. Nos tempos e modos que tinham a flexão mais plena *m* a desinencia desapareceu completamente. Pelo contrario, nos que a desinencia era menos plena *mi*, este se conservou. Em *khsip-amī* (*jac-io*), vê-se que a desinencia *mi* desapareceu, ao passo que em *amabam* (eu amava) o *m* se conservou, como em *ā-bhavam* (*eram*, eu era), *kāmāyēyam* (eu amo), *ānem*. Na 2.^a e 3.^a pessoas as desinencias se assemelham, perdendo-se o *i* das formas primarias, como *legis* (*-i*), *legit* (*i*), *legunt* (*i*), como *legas*, *legat*, *legant*.

LICÇÃO 34.^a

FORMAÇÃO DAS PESSOAS

§ 144. A flexão da 1.^a pessoa em sanskrito é *mi*, que o latim perdeu, como já vimos. A desinencia *o*, que esta lingua apresenta na 1.^a pessoa representa a caracteristica *a*, que é de lei em sanskrito, se alonga antes de *m* ou *v* seguido de vogal, ainda que esse *a* tenha outras letras antes. Ora, supprimida a flexão, o *o* latino devia alongar-se por compensação nos verbos, que teem a penultima breve, como em *dixero*, pois, se a teem longa, é por posição, ou em virtude de composição, cuja carga é nessa syllaba que se faz sentir, como em *nescio*. Nas formas secundarias a expressão da 1.^a pessoa em latim é, como tambem já vimos, *m*, resto de *ma*, thema do pronome da 1.^a

pessoa. No plural o latim conservou esta desinencia enfraquecida em *mus*, do sanskrito *mas*, em todos os tempos, a qual se poderia explicar por *m-as*, ou por *a-smé* eu e elles, n. 202. O portuguez conservou as mesmas desinencias, tanto no singular, como no plural, com a differença que no ultimo o *u* mudou-se em *o* em virtude de ser o *o* final sempre breve e breve se conservou no plural por causa da carga do *s* da respectiva composição.

242 A desinencia da 2.^a pessoa do singular em sanskrito é *si* e no plural *tha* que se explicam pelo pronome *iva* e *sma*. Nas formas secundarias temos o *s* no singular e *ta* no plural. Foi a primeira desinencia que o latim adoptou para sua 2.^a pessoa do singular (*laud-a-s*). No plural conservou a antiga desinencia sanskrita *thas*, mas supprimindo a aspiração e enfraquecendo o *a* em *i* (*laud-a-tis*), excepto no imperativo, em que *tis* enfraqueceo-se ainda mais em *te* conservando no singular a característica *a* (*laud-a!*), como em sanskrito *lksip-a!* lança! O portuguez seguiu o latim na 2.^a pessoa do singular, supprimindo no plural o *t* (*louv-a-s, louv-a(t)-is*), enfraquecendo a raiz e endurecendo o *u* em *v*. Temos pois *lou* (raiz), igual a *lau* (*t*)*v*(*a*, desinencia), igual a *d*(*va*), a característica contrabida com o *a* da desinencia e *s*, igual a *laudas* e *louvas; louv-a(t)-is*. No imperativo o portuguez seguiu de perto o latim no singular (*am-a-s, am-a*); no plural desfez o guna de *te*, igual a *tai* e supprimio o *ta* (*a-ma-te, am-a(ta)i*). Na 2.^a, 3.^a e 4.^a conjugação latinas a característica transformeu-se em *e*, o *i*. § 137. Em portuguez esta contracção só se operou em *e* e só na 2.^a e 3.^a pessoa das trez conjugações, como *recedes, recebe, recebemos, recebeis, definimos, etc*

243 A desinencia da 3.^a pessoa do singular em sanskrito é *ti* nas formas fortes e *t* nas fracas. Como signal da pluralidade o sanskrito insere um *n* na 3.^a pessoa do plural antes de *t* nas formas primarias; nas formas fracas, supprimindo a vogal final é de

lei nesta lingua que a palavra não pode acabar em duas consoantes, e por isso, desaparecendo a ultima que é o *t*, a desinencia que resta é *an*. A desinencia da 3.^a pessoa em sanskrito procede do thema pronominal *tā*, que se enfraqueceo em *ti*. Em latim, supprimida a vogal final, a forma fraca é que vigora na 3.^a pessoa do singular, mas como o grupo *nt* não é repellido nesta lingua, a desinencia da mesma pessoa no plural é esta, por não ser observada aquella lei do sanskrito.

§ 145. Diz Diez que na flexão pessoal os sons são submettidos as mesmas leis e mudanças que ha sem a flexão. O *a* é extremamente variavel, como se vê em *laudabatis* (*louvaveis*); o *i*, quando não desaparece, muda-se geralmente em *e*, como *laudavisti* (*louvaste*) e fica intacto, quando serve para distinguir uma forma de outra; o *u* passa habitualmente a *o*, o que já se observava em latim, como *cantatis*, *cantais* (*cantae*, antigo), *cantamus*, *cantamos*. Das consoantes de flexão *m*, *t* e *n* desaparecem, *s* conserva-se, sendo a supressão do *t* observada nas linguas italias, como o volsco e umbrio (*fasia*, *facia*, latim *faciat*). O portuguez até o fim do seculo XIV empregava ainda *des* na 2.^a pessoa do plural, como *queredes* por *quereis*, passando o *e* a *y*, que depois vocalisou-se em *i*, como *guardays* e tambem *metes* por *meteis*. O *d* primitivo, que representa o *t* sanskrito e latino, como vimos, e sem duvida veio do gothico, que usa d'esta letra entre duas vogaes em vez do *t*, mudando-o em *tā* depois da supressão da ultima vogal, conservou-se apoiando-se no *n* em alguns verbos, como *pondez*, e geralmente no *r* no futuro do conjuntivo e infinito, como *cantardes*, mas tambem perde-se, e o *a* que o precedia se muda em *e*, não sendo fortificado pelo accentto, como *cantaes*, *cantarieis*. A 3.^a pessoa do plural, como em sanskrito, terminava em *n*, que as vezes se muda em *ão*, ás vezes em *m* e antigamente se escrevia *om* e até *o*, como *chamaram*, *chamarão*, *foro* por *foram*. Na do singular antigamente se

escrevia *u* por *o*, como *vendeu* por *vendeo*. No presente as terminações fortes *eo*, *eam*, *io*, *iam* são ainda sensíveis em *tenho*, *tenha*, *venho*, *venha*, *caibo*, *caiba* (*capio*), *vejo*, *veja*, (*video*). Tornaram-se fracos os verbos *sajo*, *valho*, *paio*, *ouço* (*audio*) e os arcaicos *arço* (*ardeo*), *menço* (*mentior*). Na 3.^a pessoa *o* e de flexão desaparece em alguns verbos, como *tem*, *vem*, etc. No imperfeito do indicativo os verbos *pôr*, *ter*, *vir* apresentam as flexões particulares *punha*, *tinha*, *vinha* com mudança da vogal radical e recuando o accento provavelmente para melhor fortificar o *n* radical que perdeu-se no infinito, dizendo-se outrora *ponia* por *ponha*, e mudando-se o *o* e *e* em *u* e *i* para distinguir este tempo do presente do conjunctivo, não obstante também ter se dicto *teya*, *via* ao lado de *tinha*, *vinha*. No perfeito, *tive* resulta da perda do *n* de *tenui* com atracção da vogal, como não deixam duvida *houte* de *habui*, *jouce*, *prouve* (por *jougue*, *prougue*), com seu diphthongo. A 1.^a pessoa d'este tempo no singular toma um *e*, ou regeita de todo a vogal, não obstante encontra-se no portuguez antigo numerosos exemplos do *i* latino, como em *figi* (*feci*), *pozy* e *puyy* (*posui*), *jogui* (*jacui*), *digi*, (*dixi*), *dixi*, *pudi*, *quigi*, *uvi* na 3.^a pessoa, e alguns signaes do *o* hespanhol, como *fezo*, *quizo*, *prugo* (*placuit*).

§ 146. O peso d'estas desinencias influe em sanskrito em todas as raizes em *a* dos verbos da 3.^a classe, isto é, dos que a dobram, e por este facto sobrecarregados supprimem, abreviam ou mudam este *a* antes das pesadas, conservando-o antes das ligeiras, como *dâ*, *dar*, *dhâ*, *pôr*. Em latim o peso das desinencias não influe mais na syllaba precedente. A primeira d'estas raizes abreviou a vogal antiga longa e perdeu a syllaba dobrada. O latim enraqueceo, como o grego em *e* ou *o*, o *a* da caracteristica *na* em *i*, mas este *i* se muda em *e* antes de *r*, como *ster-ni-mus*, *si-ni-mus* (*ster-ne-re*), por *ster-na-mas*, etc. O portuguez parece conservar intacta a caracteristica, como *con-ster-na-mos*, ou então muda-lhe

a consoante, como *de-spre-zamos*. Em *ster-ni-mus* o *ni* não é abreviação do *nī* sanscrito, mas enfraquecimento de um antigo *a*, como em *veh-i-mus* (por *veh-a-mus*). As raízes em que se insere esta característica são da 7.^a classe, pertencente a 1.^a conjugação sanskrita. Pode ser que o portuguez convertesse a raiz latina *spre* por *sper* em raiz da 1.^a classe, introduzindo um *z* euphónico entre ella e a característica *a*. Outros verbos, como no grego, mudam o *n* da característica em *t*, como *ne-to* (*atar*), *pec-to* (*pentear*), *plec-to* (*tecer*), *flec-to* (*dobrar*). Em *pe-n-te-ar* parece que o portuguez combinou o *n* da característica com um *t* euphónico, sem duvida pedido pelo *n*. Estes verbos pertencem a 7.^a classe sanskrita. Bopp considera as características *ya* da 4.^a classe e *aya* da 10.^a como verbos auxiliares. Com a 1.^a forma-se o passivo sanscrito nos tempos especiaes; com a 2.^a os causativos nos mesmos tempos. A primeira das características é representada no latim pelas formas em *io*, como *cup-io*, *cap-io*. Ora, vocalisando-se nestes verbos o *y* de *ya* em *i*, este encontra-se com o *i*, enfraquecimento do *a* e um d'elles é supprimido. *Cup-i-s* está por *cup-ii-s* (tambem por *cup-ji-s*, visto que o *y* é representado por *j*), bem como *cup-i-t*, *cup-i-mus*, *cup-i-tis*, mas não *cup-io*, igual a *kép-yá-mi* e *cup-iu-nt*, porque o *a* de *ya* é aqui representado por *o* e por *u*. Os dictos verbos representam a 4.^a classe sanskrita. Bopp diz que as linguas romanas se mostram igualmente sensiveis ao effeito exercido sobre a raiz pelo peso das desinencias pessoaes, e dá como exemplo o francez *tenons* e *tiens*, que se explicam pelo mesmo principio, que existe em grego entre *τίδο-μεν* e *τίδο-μι*. A 3.^a pessoa do plural segue a analogia do singular quanto a vogal radical, porque tem, como o singular desinencia mais ligeira do que a 1.^a e 2.^a do plural, pois a desinencia é muda, como se vê, comparando-se *tiennent*, *tenons*, *tenez*. Diz o mesmo auctor que a mudança da vogal em *tiens* e *tenons* não é devida, como explica Diez, a differença

de accentuação das formas latinas *téneo* e *tenémus*, pois na 3.^a conjugação o accento não muda de lugar, e contudo o hespanhol tem *quiero* e *querimos*, francez *acquiers* e *acquerons* (portuguez *adqueres*, *adquerimos*). Pode ser que o *i* do francez *sais* seja identico ao de *sapio*; mas nem por isso sua suppressão em *savons* deve ser menos explicada pela mesma causa da do *i* adventicio de *tiens*. No portuguez *adquerir*, antigamente *acquerir*, vê-se que o *e* de *quero* se enfraqueceo em *i* em virtude do peso da composição e tambem das desinencias mais pesadas das tres pessoas do plural.

LICÇÃO 35.^a

DA FORMAÇÃO DOS TEMPOS.

§ 147. O presente não tem signal especial que o caracterise, e se forma unindo-se simplesmente as desinencias especiaes a raiz, que recebe as ampliações caracteristicas das classes nos tempos especiaes (*vah-a-mi*, latim *veh-o*). Este *o* representa em latim a característica, porque supprimo-se a desinencia da 4.^a pessoa, § 144. Em portuguez o mesmo, *am-o*. Supprimem-se porem as vogaes *e* e *i*, como *gaud-e-o gozo*, *sent-i-o sinto*, as quaes conservam-se em alguns verbos fracos, dando lugar a irregularidades e ajuntando as vezes ao radical pelo exemplo dado por outros verbos, uma vogal de derivação, como *cado caio*, *pono ponho* (por *ponio*). Na 4.^a conjugação ajunta-se ao *e* alongado depois do qual se supprimo alguma consoante nos verbos em *ear* um *i* que serve de sustentar de alguma forma a quantidade, como *semear* (*seminare*) *semeio*. O mesmo acontece as vezes com os verbos em *iar*, como *medeiar*, *medeio*. Na 2.^a conjugação *sco* latino é expresso por *ço*, como *cresco*, *cresco*, *cognosco*, *conheço*. Na terceira os verbos que modi-

ficam a vogal radical, dividem-se em duas classes: os que mudam o *e* em *i*, como *sentir*, *sinto* (mudança que tem lugar no presente do indicativo e conjuntivo, 1.^a pessoa do singular) e os que mudam o *u* em *o* na 2.^a pessoa do singular do presente do indicativo, no imperativo e participio, como *cupro*, *cobres*, *cobre*, *co-berto*. Comõ se vê a mudança é inversa nestas duas classes, e em *despir* e *cuspir*, ella chega a produzir-se na particula de composição, comõ *despir*, *dispo*, *dispa*, *cuspir*, *cospes*, *cospes*, *cospido*. Os outros verbos em que se operam mudanças são: (*e* em *i*) *ferir*, *fregir*, *degerir*, *mentir*, *repetir*, *seguir*, *servir*, *advertir*, *vestir* e outros; (*u* em *o*) *bulir*, *subir*, *acudir*, *sacudir*, *engulir*, *fugir*, *construir*, *sumir*, *consumir*, *surgir* e outros. *Dormir*, *sortir* e outros teem o *o* radical.

§ 148. O sanskritto exprime o passado com o imperfeito, aoristo e perfeito, e não existe nesta lingua tempo algum que tenha por emprego exclusivo exprimir o acabamento da acção, e tem o mais que perfeito periphrastico. O imperfeito sanskritto se faz preceder sempre de um *a* privativo, para negar a idea de existencia actual, o qual se chama *augmento*. Em latim não ha tempo algum com esta composição. O que assim se chama acaba em *bam* e o futuro em *bo*, desinencias que conteem a raiz *bhu* do verbo substantivo *ser*, que deo em latim o perfeito *fui*, o infinito *fore* e o subjuntivo archaico *fuam*. Não deve admirar que o verbo substantivo, diz Bopp, intervenha na composição dos verbos attributivos: seu lugar ahi está de antemão marcado, pois elle serve (d'ahi seu nome de copula) de unir o sujeito representado pelas desinencias pessoais, com o attributo expresso pela raiz. O mesmo fazem o sanskritto e o grego no aoristo, e as linguas celticas no futuro. Como a 3.^a conjugação latina corresponde a 1.^a classe sanskritta, cujo *a* breve torna-se em latim *i* e *e* antes de *r*, é notavel que seja longa a característica *e*, que precede o *bam* do imperfeito desta conjugação. Agathon Benary, segundo Bopp, diz que a característica *a* (1.^a classe) fundio-se com

o *a* do *augmento*, característica do imperfeito sanskrito. Mas Bopp diz que se deve admitir a possibilidade de se haver alongado a característica de *leg-e-bam* simplesmente para dar ao thema do verbo principal a força de supportar o peso do verbo substantivo annexo. O portuguez, para aliviar-se d'esse peso na mesma conjugação, supprimio parte da desinencia, as vezes, parte da raiz e as vezes tambem enfraquece a característica em *i*, como *re-ceb* (por *cap*)-*i-a*, *l-i-a*, *mov-i-a*. Na 4.^a conjugação latina o *é* de *aud-ié-bam* representa o *a* da característica *aya*; elle está com este *a* na mesma relação que o *é* de *veh-é-bam* com a característica do sanskrito *a-vah-a-m* (trazia). Houve pois fusão da vogal da característica com o augmento do verbo auxiliar, ou ha, ainda aqui, um alongamento puramente phonetico. Parecem confirmar a primeira explicação futuros archaicos, como *aud-i-bo*, mas já não se encontra *dor-m-ié-bo*, porque, se *aud-ié-bam* está por *aud-ie-ebam*, e não tendo o futuro augmento, só poderia ter lugar explicar formas, como *and-i-bo*, como estando por *and-ie-bô* com *ié* igual a *aya*, característica da 10.^a classe. Os imperfeitos como *scibam* por *sc-ie-bam* são contracções evidentes de *ie*. É verdade que encontra-se na 3.^a conjugação um pequeno numero de futuros archaicos em *ebo*, como *dic-e-bo*, *viv-e-bo*, sem duvida explicaveis por uma mistura com a 2.^a conjugação em que o *é* pertence a característica. Como ha no imperfeito identidade apparente de flexão entre *mon-é-bam* e *leg-é-bam*, talvez a lingua estendesse esta identidade ao futuro. Sendo longo o *a* da raiz sanskrita *dâ*, este *a* devia ser longo tambem em latim, que o abreviou, e por isso temos *das*, *da-bam*, *da-bo* e *de-mus*, *de-tis*. Seja como fôr, não é de admirar que haja augmento ou dobramento no meio dos verbos, pois temos em latim *cré-didi*, *ven-didi*. Compare-se *stâ-s*, *stâ-mus*, *stâ-bam*, *stâ-bo* em face da raiz sanskrita *sthâ*. Em portuguez é a syllaba *va*, que corresponde ao *bam* latino com suppressão da nazal final: *va* portanto re-

presenta o verbo substantivo. Em *ouv-i-a* é preciso distinguir *ouv* (raiz), *-i*, que nos parece contracção de *ie*, pelo que o *i* se alongou, e *a*, resto da terminação *bam*. Portanto os verbos em *ir* da 3.^a conjugação portugueza correspondem aos da 10.^a classe sanskrita, como alguns em *er* da 2.^a, derivados da 3.^a latina, correspondem a 1.^a classe sanskrita. Estes verbos no imperfeito só deixam da forma *ebam* e *iebam* da 2.^a, 3.^a e 4.^a conjugação latina a syllaba *ia*, como *dev-ia* (*debebam*), *cab-ia*, (*capiebam*), *vestia* (*vestiebam*), naturalmente porque se derivaram da forma latina contracta, a que nos referimos, *scibam*, *vestibam*, por *sciebam*, *vestiebam*, etc.

§ 149. Ha semilhança surprehendente entre o aoristo medio sanskrito da primeira formação e o preterito latino, como diz Bopp; entre *ákshipsé* e *scripsi*, abstrahindo da quantidade do ultimo. A 3.^a pessoa *scripsit* concorda melhor com o activo do mesmo tempo *áksháipsit*, sem *vriddhi* *ákshipsit*; assim *vexit* (*vec* por *veh*, *sit*), *ávaksit*, transportou. Pelo contrario a 1.^a pessoa *vexi* parece-se com o medio *ávakshé*. A 2.^a pessoa *veristi* pode aproximar-se do medio *ákship-thás* (por *ákships-thás*), *lançaste*; o *s* final perdeu-se e o *a* enfraqueceu-se em *i*. Assim o perfeito latino corresponde a um dos aoristos sanskritos em todas as suas formas sem excepção dos dobrados, como *cucurri*, *momordi*, *cecini*, que perderam simplesmente o augmento (*a*); como tambem *scripsi*, *vexi*, *mansi*, a maneira do imperfeito, o que lhes dá o aspecto dos perfeitos gregos e sanskritos. É para notar aqui que a primeira formação do aoristo sanskrito, a qual corresponde o perfeito latino, contem em si o verbo auxiliar *as ser*, com o augmento. *Vah*, latim *veh*, por motivos de euphonia mudaram o *h* em tenue guttural (*c*) antes do *s* do verbo substantivo, como se vê em *vec-sit*. Estas formações passaram para o portuguez, cujo perfeito tambem se deve reputar aoristo. Assim em *escrevi*, *eser* por *scr* é a raiz, e a característica da classe, *vi* por *psi* o

verbo ser *bhu*; *amei* deve-se dividir *am-e-i* (compare-se *am-a-v-i*), *trou* por *tra*), *e* por *h*), *se* por *si* (*t*). Neste verbo é visível a existencia do verbo auxiliar (*sit*), e ainda mais em *disse*, que antigamente se escrevia *dixe* (de *dic-si*, igual a *dixi*, estando o *e* por *h* e *se* por *si*, isto é, *dih-sit*). A differença unica está em que *escrevi* emprega a composição latina com a raiz *bhu*, ao passo que *disse* emprega a sanskrita, que o latim tambem emprega em *dixi*, *véri*, isto é a raiz *as*, significando ambas *ser*. Deve-se observar que o *i* de *vêxi*, *mansi*, *scripsi*, etc. procede de um *a* que o sanskrito insere na segunda formação do aoristo entre o *s* do verbo substantivo e as desinencias pessoaes, e é alongado na 1.^a pessoa do plural antes da desinencia *mas* (*mus*, *mos*). Estes perfeitos precedem da segunda formação do aoristo medio, quanto a 1.^a pessoa do singular, sendo o *a* supprimido antes do *i*. É verdade que, quando o latim se destacou do sanskrito (Bopp) a forma mutilada ainda não existia, mas a forma provavel *ádikshama* ou *ádikshamam* conduz mais facilmente do que *ádiksham* a *dixi*, porque foi precisamente onde o *m* era seguido de vogal, que a 1.^a pessoa em latim perdeu sua desinencia. Em *dixerunt* o *r*, por estar entre duas vogaes, occupa o lugar de *s*; isto é, *dic-sésunt* como *ero*, *eram* por *eso*, *esam*, estando o verbo substantivo repetido ou porque *dic sésunt* deva ser incluído na quarta formação do aoristo sanskrito, ou antes por que a repetição tenha sido operada no periodo latino. Uma vez esquecido o sentido e origem do *s*, não admira que de novo se houvesse combinado esta forma com o verbo auxiliar, para o que devia concorrer a claresa, alem de, sem este verbo, ficar a desinencia muito curta, a ponto de não formar syllaba. Do mesmo modo *disseram* está por *disseseram*, tambem por *dissesunt*, se é que para a composição do verbo portuguez não foi preferido o imperfeito *eram* ao presente *sunt*, do verbo substantivo. Neste caso a traducção litteral será: *elles eram o dicto* e

não: são o dizer ou o dicto. Como *i* se muda ordinariamente em *e* breve antes de *r*, devia ser *dixerunt* e não *dixerunt*, forma não menos notavel do que *dic-ê-bam* por *dic-i-bam*, o que só se pode explicar pelo facto de conter o *e* o augmento, tanto mais que, se assim é, comparando o portuguez *disseram* com *diziam*, vê-se que na primeira forma ha o mesmo é longo, ao passo que na segunda occupa o mesmo lugar um *i*. Objectar-se-ha que o *e* é breve em *dic-erem*, *dic-se-rim*; mas se o optativo grego e o potencial sanscrito, aos quaes corresponde o subjuntivo latino, não tem augmento, este também não deve tê-lo. *Dice* em *dic-erem* representa o sanscrito *dica* (raiz *dic*, mais a característica *a*) e *dic-se* (mais antigamente *dic-si*) representa o sanscrito *dik-sha*, grego *δειξ-σα* (*deik-sa*). Em *dic-si* é a raiz *es* que o latim emprega; em *amavi*, *audici*, *monui* é *fu*, como em sanscrito; mas talvez o *v* ou *u* não represente o *f*, supposto perdido, como o *d* de *duo* em *viginti*. É regra geral que o *u* se muda em *v* entre duas vogaes; mas conserva-se quando é precedido de consoante. Temos pois *am-a-vi*, *aud-i-vi* em presença de *mon-ui*. Foi para aliviar o peso da palavra que *fui* perdeu o *f* inicial. Assim no portuguez *onze*, *doze*, *treze*, etc., desapareceu a syllaba *de* do latim *undecim*, *duodecim*, etc. Se é o presente de *ser* que figura em *disse*, devemos explicar *se* por methathese em vez de *es*, raiz latina do verbo substantivo. Mas em *am-ei* a composição parece ser outra, por que posto que já nada mais reste de *fu*, vê-se que foi supprimido o *f* inicial e depois o *v*, no qual se endureceu o *u*, em *am-a-vi*, sendo a forma restante *am-a-i*, como o italiano e o francez, a qual enfraqueceu em portuguez seu segundo *a* em *e*. Esta é a composição regular dos verbos da 1.^a e 3.^a conjugação portugueza. Na 2.^a porem conservou-se o *v* ou *u* do latim. Compare-se *am-e(v)-i*, *lice*, *vesti(-vi)*. Mas ha excepções nesta conjugação tão numerosas, que podem constituir a regra geral, pois temos *corr-i* (já vindo do latim *cucurri*),

dev(u)-i, romp(u)-i. A prova mais clara que Bopp apresenta de se achar o verbo substantivo contido em *am-a-vi, mon-u-i, etc.*, é a forma *pot-u-i*, que em sua conjugação se combina com elle, como *pos-sum* por *poti-sum* em vez de *pūti-sum* (*sou poderoso*). Como no perfeito a forma *es* não pôdia mais ser empregada, pois já o tinha sido no presente, recorreo-se a *fu*, e d'ahi *pot-ui* por *pot-ē* por *pot-fui*, que também poderia ter sido *pos-fui*, como *pos-sum*. Ora, se *potui* é forma composta, também o são *mon-ui, am-a-vi, aud-i-vi, sē-vi, si-vi, etc.* Sendo *fui* aoristo, também o são as formas d'elle compostas. Compare-se *fuit* com o aoristo sanskritto *á-bhūt*, pondo de parte o augmento, desusado em latim.

§ 150. O aoristo sanskritto tem sete formações. Os perfeitos latinos *scābi, vidi, legi, fūgi, fōdi*, que por causa da vogal longa em latim não se pode aproximar da 1.^a formação, pertencem (Bopp) a 7.^a, e contem dobramento occulto, pois estes preteritos estão por *le-egi, fu-ugi, etc.*, que também estão por *lelegi, fufugi, etc.*, não se parecendo o *l* da segunda syllaba com o de uma syllaba dobrada por causa da suppressão do outro *l*. Ora, desde logo se reconhece nos preteritos portuguezes *li, vi* pelo *i* longo, não só que nelles se occulta uma syllaba dobrada, como que se supprimio as letras *eg* e *di*. Em formas como *cēpi, frēgi, fēci* ha dobramento, como aoristos da 7.^a formação, pois que *cēpi* está por *cacipe*. Quando o *ē* latino está por *a* mais *i* corresponde as vezes ao *é* sanskritto. Na segunda syllaba o *a* radical enfraqueceo-se em *i* por causa da sobrecarga do dobramento: pode-se aproximar formas suppostas, como *cacipe, safice* das realmente usadas *accipe, cecini, tetigi*. Mas a contracção de *cēpi, fēci, frēgi* deve remontar a uma época em que o *a* da syllaba dobrada ainda não se tinha enfraquecido em *i*, como em *cecini*, podendo estas formas ternos vindo por intermedio de *ceipe, feice*, alongando-se a primeira vogal, depois de ter absorvido a segunda, como no subjuntivo *legās, legāmus* por *legais, lejalmus*.

Egi é contracção de *a-igi* ou *e-igi*, como também podem estar *édi*, *émi* por *e-edi*, *e-emi*, havendo em uns e outros um resto do augmento e differençando-se de *cépi* por não terem perdido a consoante entre os dois elementos de que se compõe seu *é*, isto é, entre a syllaba dobrada e a radical. As terminações *stí*, *stis* dos perfectos latinos, como *serpsisti*, *cepisti*, contem em si a desinencia *thas*, e com quanto a 4.^a formação do aoristo medio seja desusada em sanskritto, é provavel que seu uso não tivesse sido antigamente tão restricto; d'ella poderiam ter derivado esses perfectos. O *s* que precede a terminação é letra euphonica que o precativo sanskritto une immediatamente ou por meio de alguma vogal de ligação, as desinencias pessoais que começam por *t*, como em latim o *e* é a vogal de ligação em *cucurr-is-tis*, portuguez *cor-restes*. A 2.^a pessoa do singular do perfeito latino contem uma desinencia media.

§ 151. A 6.^a formação do aoristo sanskritto distingue-se da 5.^a em inserir um *a* entre a raiz e a desinencia pessoal, mas este *a* distingue-se da característica da 1.^a classe pela ausencia do guna. Em latim pertencem a esta formação *fidi*, *scidi* e *táli*, raiz *tul*, 1.^a classe. É verdade que ao lado de *táli* ha uma forma antiga *tetuli*, podendo as duas formas ser igualmente antigas. Quanto a *tetuli* deve-se suppor que um antigo *tutuli*, comparado com *tutudi*, teria podido dar, contrahindo-se, *táli*. A *fidi*, *scidi* (archaico *scicidi*), *táli* ajunta-se *bibi*. Posto que *bibo* seja antiga forma dobrada, não é por isso que deva deixar de ser considerada em latim como tendo vindo de uma raiz *bib*, o que indica o supino *bibitum*. O certo é que este verbo se conservou no portuguez *beber* na forma dobrada, o que se verifica pela raiz sanskrita *pá*, 1.^a classe, e *pivámi*, sanskritto, *píbámi*, vedico por *pípámi*, o que mostra que, se o latim fez de uma forma dobrada uma raiz especial, esta forma é muito antiga, vendo-se por ella como certos phenomenos da palavra perduram nas linguas, apesar dos seculos. As raizes

que acabam em vogal tomam raras vezes a 6.^a formação do aoristo. O latim, segundo a regra dos grammaticos indios, pela qual ha suppressão da vogal radical final antes de vogal de ligação, tem perfectos como *fuv-i* (*fuvimus* em Ennio, *fucisset* em Cicero), *pluit*, *pluv-isse*. O *v* d'estas duas ultimas formas pertence a flexão, como em *am-a-vi*, como mostram *pluv-ia*, *pluv-ius*, *diluv-um*, *diluv-ies*, sendo impossiveis formas como *am-a-via*, *aud-i-via*. A 7.^a formação do aoristo sanskritto distingue-se da 6.^a por uma syllaba dobrada, que se põe antes da raiz, da qual já aproximamos os perfectos latinos, como *cucurri*, *cecini*, tendo observado que *cēpi*, *frēgi*, *fēci*, *lēgi*, *fōdi*, *scābi*, *vidi*, *fāgi* occultam dobramentos. O latim, como o grego, qualquer que seja a vogal radical, tem sempre *e* na syllaba dobrada, se a raiz começa por consoante, como *cecini*, *tetigi*, não sendo obrigado a tomar este *e*, senão quando a raiz contem *a*, a mais pesada de todas as vogaes, e não teme dobrar *o* ou *u*, como *momordi*, *tutudi*. Quanto as consoantes da syllaba dobrada o sanskritto substitue a guttural por palatal, aspirada por não aspirada correspondente, e quando começa por duas consoantes, dobra ordinariamente a primeira, o que tambem faz o gothico, quando a segunda consoante é liquida, mas, se é muda, dobra ambas. Em antigo alto allemão não ha restricção a esta regra, mas as vezes parece que ha suppressão de uma das consoantes, ou que o *r* substitue *l* ou *s*, permutando-se frequentemente as liquidas entre si. *Pleruzzi* estaria pois por *pletuzzi* e tambem por *plepluzzi*. Pode-se aproximar d'estas formas os perfectos latinos *sponondi*, *steti*, que sacrificaram na segunda syllaba uma das duas consoantes iniciaes, com a differença que o latim em vez de supprimir a segunda letra (o que daria *sponondi*, *stesi*, e mudando o *s* em *r* *sporondi*, *steri*), preferio desembaraçar-se da primeira. Quando a raiz começa por duas consoantes, a primeira sibilante e a segunda muda, como *sp*, *st*, *sk*, o sanskritto dobra a segunda e o latim a primeira,

como *sthá*, que faz *tastháú*, *sisto*. No perfeito *steti* o dobramento é pelo outro principio, que, se fosse seguido no presente daria *stito*. Em latim o *a* radical dos tempos especiaes substitue-se pelo *u*, como *calco*, que faz *conculco*. O latim, como o sanskritto e o gothico, contrahê a syllaba radical com a dobrada, o que se explica pela necessidade de aliviar a palavra do peso do *a*. O sanskritto *séd* está por *sasad*, o gothico *sét* por *sát*, que tambem está por *sasat*; nas formas *momordi*, *tutudi* o latim conservou a syllaba dobrada; em *cecini*, *tetigi* enfraqueceo o *a* radical em *i*, o *a* dobrado em *e*; mas em *cépi*, *fécí* operou-se a contracção, pois devia ser *cá* (por *ca*)-*ci* (por *ca*)-*pi*, *fe* (por *fa*)-*fi* (por *fa*)-*ci*. A raiz sanskritta *sthá* dobrada devia dar *sthásthá*. O latim desembaraçando-se da primeira letra da segunda syllaba (*sthásthá*) enfraqueceo o primeiro *a* em *e* e o segundo em *i*, supprimindo a aspiração (*sthethi*, igual a *steti*). Por outro lado supprimio a segunda letra da syllaba dobrada *sásthá*, enfraquecendo os dois *aa* em *ii*, e fez *sistit*. Em *testis* (litteralmente *o que está em pé*), comportou-se como em *steti*; mas supprimindo só a primeira letra da syllaba dobrada. Estas alterações passaram para o portuguez nos verbos *estar* e *consistir*, mas não em tudo, porque nem se enfraqueceo o *a* radical, nem se conservou o *t* da syllaba dobrada, apesar de manter o dobramento no primeiro verbo e o segundo sem alteração do latino, posto que tambem dobrado (*con-s(t)-i-st-ir*). Com effeito, parece-nos que o *s* representa a syllaba dobrada e o *t* a radical, exactamente como em *s(i-s)-to*. D'aqui se pode deduzir com segurança que o dobramento da raiz não é estranho a lingua portugueza, apezar de dizer Diez que elle desapareceo das linguas romanas; nem talvez seja erro affirmar que é commum a todas as linguas, mostrando que todas tiveram uma só origem. Um dos empregos que o tupi faz do dobramento é exprimir a frequencia da acção, e nisto se encontra

com a lingua portugueza, que tem os verbos *pipitar*, *yaguejar*, *papaguear*, *cacetear* (de *khash* ferir), *chispar* (de *kship* lançar, preterito *chikshépa*, medio *chikshipé*), *beber* (de *pâ*, 1.^a), *papar* (de *pâ* sustentar, 2.^a), *mamar* e muitos outros. Ordinariamente estes dobramentos são occultos e parece-nos que muitas palavras em que ha syllabas com a mesma consoante são derivadas de raizes, que nos verbos se dobram, como *doudo*, *doudejar*, ou em que ha simplesmente uma consoante dobrada, formando duas syllabas, em uma das quaes se supprimio a respectiva vogal, ou finalmente em que ha duas consoantes differentes, mas do mesmó organ e que se pode trocar uma pela outra. A prova se vê no verbo *estar*, em que parece não haver o dobramento já mencionado. *Adduzir* por sua significação não se compõe de *ad* e *duc* por *duh*, raiz sanskrita que significa *ordenhar*, *extrahir*; *ad* significa que a acção é dirigida para algum lugar, ao passo que em *adduzir* a acção parte de algum lugar, o que fica bem indicado com a preposição *a*, que mostra a origem d'essa acção. Parece-nos pois que se deve dividir a palavra assim: *a-d* (por *duh*)-*duz* (por *duh*)-*ir*. Do mesmó modo *accumular* tem um dobramento occulto, porque deriva-se da raiz *çu* ou *çvi* por *ku* crescer; dobramento que se manifesta em *cuculo* ou *cogulo*. Da mesma raiz derivou-se o verbo *crescer* por intermedio do latim *creresco*, cujo dobramento se manifesta pelo *s* da syllaba radical, que tem o *c* repetido na dobrada, sendo talvez o *r* metamorphose da sibilante *ç* (e neste caso se acha tambem na ultima) e o *c* o endurecimento do *v*, ligados pela vogal *e*, conversão talvez do augmento, ou resultado do guna operado por este e o *i* de *çvi*, havendo methathese. No perfeito e tempos que d'elle se derivam a 2.^a conjugação se distingue da 3.^a pelas vogaes caracteristicas *e* e *i*. Na 3.^a conjugação a 1.^a pessoa do perfeito escrevia-se até o seculo XVI com *ii*, como a 2.^a, *crii* por *cri*, *lii* por *li*, e a 3.^a com *yu*, como *oyu* por *ovio*.

244 Ha em latim uns verbos (Bopp), em cuja composição entra a raiz sanskrita *dhá*, 4.^a, pôr, fazer, e taes são *credo* (sanskrito *craddhâmi*, creio, litteralmente: *ponho crença*), *perdo*, *abdo*, *condo* e *vendo*, bem como *pessundo*, *pessundo*. Em *venundo* a primeira palavra está em accusativo (como no composto *icânh-chakâra*). *Vendo* sem o perfeito *vendidi* supportaria da mesma conjugação que *veho*, mas ha a differença que o *i* de *vend-i-s* corresponde ao *a* de *dâdhâ-si*, ao passo que o *i* de *veh-i-s* representa a característica *a* de *vâh-a-si*. Pertence a mesma raiz o inglez *do*, o slavo *dé*, o lette *deh*, em que, como em portuguez, é empregado em composição, como *ven-dê-r*.

§ 452. Em latim, como em portuguez, o mais que perfeito é formado do imperfeito do verbo substantivo com o thema do perfeito, como *amaveram*, *amâra* (em portuguez ha suppressão da syllaba *re* e *m* final). Pergunta-se se *fueram*, *amaveram* contem a forma completa, ou se perdeu o *e* de *eram*? Se contem, deve dividir-se: *fu-eram*; se não, *fue-ram*. Bopp adopta a segunda hypothese e faz *fueram* vindo de *fui-ram*, porque o *i* sempre se muda em *e* antes de *r*, e a opposição que ha entre *leg-e-rem* e *leg-i-tur*, é a mesma que ha entre *fue-ram* e *fu-issent*. Em geral o latim apresenta muitos casos em que *i* se converte em *e*, sem estar antes de *r*, mas não ha um, em que *e* se mude em *i*, e só se pode explicar como *fu-issent* se converteo em *fu-issent*, admittindo com Bopp que o verbo auxiliar annexo perdeu a vogal inicial, porque não admira que este verbo, entrando em composição, perca parte de sua raiz. Não concordamos com a opinião de ser o mais que perfeito portuguez derivado do infinito com o verbo substantivo, convertido na syllaba *ar* de *am-ar*, pois que o infinito presente é tempo tambem derivado da mesma raiz, como *am-a-ra*, sendo que em *am-â(ve)-ra* houve a mesma suppressão do *v*, que em *am-e* (por *a*, característica)-*i*. De mais, a primeira derivação oppõe se o sentido: *amara* significa: *era o que amou*, ao passo que, se

amara se compuzer de *amar* mais *a*, o sentido é: *era amar*, significação do imperteito *am-a-ra* (por *fa* por *fu* de *bhu*), e neste caso a forma já seria outra. Bopp ainda diz: «de *ser fueram* e *amaveram* compostos de *fui* e *amavi*, não se segue que *fui* e *amavi* sejam verdadeiros perfeitos de origem. Como, pergunta Curtius, um aoristo podia tornar-se um mais que perfeito? Mas *fui* e *amavi*, embora sejam antigos aoristos pela formação, teem em latim ambos os sentidos de perfeitos e aoristos, e é com a significação de perfeitos que entram em composição com *eram*», combinando as duas raizes *bhu* e *as* com *am* em *am-a-re(bhu)-eram (as)*.

§ 153. O sanskritto em um de seus futuros combina um participio futuro, sempre no masculino, com o presente do verbo *as*, *ser*. O mesmo acontece em latim com a forma *am-a-mi-ni*, equivalente a *am-a-mi-ni estis*, de que trataremos adiante. Ao lado do futuro de participio existe em sanskritto, zend, grego, lithuano, latim e por conseguinte em portuguez, o futuro de auxiliar *as*, *sum*, *ser*, como *dâ-syâ-ti*, *faciam*, *farei*, sendo *sya* futuro desusado, fora de composição, do verbo *as*, convertido em latim em *cia*, em portuguez em *ze* (compare-se *fa(ze)-rei*), raiz *bhu* *ser* causa, latim e portuguez *fa*. Por conseguinte a idea de futuro é unicamente expressa por *ya*, latim *ia*, portuguez *e*, pois que o *s*, *c*, $\frac{z}{s}$ (por *s*), é a consoante radical do verbo *as*, *sum*, *ser*, seguido em portuguez de outro auxiliar *ei* por *hei* de haver, como já vimos. *Farei* por *fazerei* significa pois em portuguez litteralmente: *eu hei (ei)*, *ser (z)*, *desejo (e)*, *fazer (faz)*, como em *far-te-hei* o *r* se solda a raiz, para formar o presente do infinito. Se o sanskritto conservou o futuro de *as* só em composição, o latim pelo contrario usa de *ero* no estado independente. O *r* em *eris* está por *s*, o *i* pelo *a* de *as*, que perdeu-se nas formas sanskritas correspondentes; *eris* está por *sya-si*, como *estis* por *s-ti-a-si*. O *i* é a contracção de *ya*, caracter do futuro, derivado da raiz sanskrita *i* *desejar* e a ca-

racterística da 1.^a e 6.^a classe *a*. O *o* de *ero*, em vez do qual se poderia esperar *eris*, representa o *á* de *yá*, está por *syámi*, como *veho* por *váh-á-mi*. Assim também *erunt* (pór *eriunt*) está por *syanti*, como *vehunt* por *váhanti*. Voltemos, diz Bopp, ao futuro do verbo *fazer*, para observar que sua composição é mais complicada do que parece. Com effeito, *farei* admite duas composições: a sanskrita e latina com o verbo substantivo e a slava com o verbo *haver* (*glagolati-imati* fallará, tem de fallar), e significa: *tenho desejo de ser causa*. Além do que dissemos a respeito do futuro latino em *bo*, acrescentaremos que elle se forma do mesmo modo que em anglo-saxonio com *beo*, *bys*, *bydh*, igual a *bo*, *bis*, *bit*. *Bo*, forma iraná de *bam*, conjuga-se exactamente como *ero*, e está por *bío*, *bunt* por *biunt*, sendo *bio* igual a *b* mais *ya*, *bunt* igual a *b*, mais *yanti*. Se o verbo sanskrito *bhu*, em vez de formar seu futuro com *as* (*bhav-i-shyámi*), ajuntasse logo a syllaba *ya*, teríamos *bháyami* e com o auxiliar *bhúsyámi*, igual a *fazerei* com a forma correspondente latina *fecero*, *fuis*, *fuit* (não contrahindo o *ya* em *i*), mas o *u* de *fu* foi supprimido, restando *bo*, *bis*, *bit*. A mesma suppressão ha em *fio*, *fis*, *fit*, e este verbo, propriamente passivo de *fu*, igual a *bhu*, e que responde a *bhúyé*, substituiu em latim as desinências passivas pelas activas, como no prakrito. *Bo* derivase do futuro *bháyami*, como vimos, ou comprehenderá o outro verbo auxiliar que significa ser, de modo que está por *furo*, *fuso* e mais antigamente *fusio*? Bopp inclina-se a segunda hypothese, e vê que, estando *amabo*, *amabis* por *amaburo*, *amaburis*, são precisamente as formas sobrecarregadas de composição as que tendem a enfraquecer-se. Poder se-hia negar ao latim *bo* sua qualidade de futuro: o *i* de *bis*, *bit*, indicaria então a característica *a* do sanskrito *bhá-v-a-si*. Note-se que o subjuntivo archaico *fuam* supõe um presente *fuo*, *fuis*. Parece todavia que *bo*, *bis* é formado com *ero*, *eris* e por consequente *amabo*, *amabis* são verdadeiros futuros. Não é duvi-

doso que a 3.^a e 4.^a conjugação não tenham tido a a principio futuros em *bo*.

§ 154. Ya tambem se emprega em sanskritto para formar o potencial, precativo e desiderativo, mas o potencial tem sempre o *a* longo e o futuro o tem breve. O latim, como muitas linguas, fez pelo contrario servir o futuro para exprimir a vontade, comparado *esurus* com *esurio*, *parturus* com *parturio*. Abreviou-se o *u*, ajuntando-se o *i* da 4.^a conjugação latina, que representa o *aya*, a caracteristica da 10.^a classe, empregada em sanskritto igualmente para a formação de muitos verbos denominativos. O subjuntivo latino corresponde na forma ao optativo grego e potencial sanskritto, cujo caracter modal *yā* contrahio-se em *i*, como em *sim* (por *sim* de *syām*), como mostram as formas archaicas *siem*, *siēs*, *siet*, concluindo-se que *edim* fôra precedido de *edim*, *celim* de *veliem*, *duim* de *dajen*. No plural temos a contracção *simus* por causa do acrescimo de syllabas, e é crível que seja esta a razão, porque não ha na lingua antiga formas como *velim*. Pelo contrario na 3.^a pessoa do plural ao lado de *sint* na lingua antiga ha *sient*. O umbrio *fuia* (que elle seja), osco *fuid*, que conservou o signal pessoal que o umbrio perdeu, perdendo o *ā* da expressão modal, ficando em *stai-ed* (que elle esteja em pê), a vogal do expoente modal sob a forma de *e*, aproxima-se do optativo aoristo grego. Com a syllaba *bi* do subjuntivo lithuano concorda a mesma syllaba do futuro latino da 1.^a e 2.^a conjugação, comparando *dabimus* com *dētumbime*, encontro que não é fortuito, pois vemos a respeito de futuros como *legēs*, *legēt*, *legēmus*, *legētis*, a afinidade existente entre o futuro e o subjuntivo da 4.^a conjugação, pois tem a mesma forma. Encontra-se no subjuntivo da 1.^a conjugação latina, como no sanskritto, uma *e* proveniente da contracção da caracteristica *a* com a vogal modal *i*, que o latim abrevia antes de *m* ou *t* final, como *amem*, *amet*, comparado com *amēs*, *amēmus*, que comparados com o sanskritto *kāmāyēs*, *kāmāyēt*, *kāmāyēma*,

kāmáyêta, admittir-se-ha que foi o ultimo *a* da característica *aya* que se contrahio em *i* modal, sendo o primeiro supprimido. Em formas archaicas, como *verberit*, *temperint* o segundo falta igualmente, de modo que só resta o elemento modal. Estas formas explicam-se ou como nascidas do sentimento de que o *i* estava contido no *e* de *verberit*, *temperit*, ou como creadas a exemplo de *velit*, *edit*, *sit*. Pelo contrario os subjuntivos *duim*, *perduim* são regulares, porque o verbo *do* é conjugado como os verbos sanskritos da 2.^a conjugação principal, ou como os verbos gregos em *mi*, a cujo optativo corresponde, como o *i* de *duim*, *perduim*, ao *y* do sanskrito *dadyâm* e grego *δίδωιν* (*didoiên*). O enfraquecimento do *a* em *u* em *duim* provem talvez de ser o grupo *ui* mais frequente em latim do que *ai*. O subjuntivo latino *monéas* por *moneais*, *monéamus* por *moneaimus* nada perdeu do sanskrito *mánāya* fazer pensar: O *ay* sanskrito tornou-se *é*, abreviado antes da vogal seguinte. Se o *i* modal desapareceo, alongou-se em compensação a vogal precedente. Pelo contrario, *carint* está por *careânt*, vindo de *careaint*, como *verberit*, *temperint*. Entre *dís* e *audiás* por *audiais* ha a mesma relação, que entre *monés* e *nonéas*.

§ 155. O futuro da 3.^a e 4.^a conjugação é um subjuntivo. Conservou o elemento modal *i*, que, contrahindo-se com a característica *a*, deo *é* em todas as pessoas, como *legés*, excepto na 1.^a do singular *legam*, *dicam*, *faciam*, que Catão, segundo Quintiliano, escrevia *dicem*, *faciem*, sendo provavel que a 4.^a conjugação tinha igualmente formas como *audiem*. Na 3.^a e 4.^a conjugação latina o futuro e subjuntivo são representantes de uma só forma primitiva. No subjuntivo o *i* do diphthongo *ai* reentrou no *a* precedente que se alongou: no futuro o *i* contrahio-se com o *a* precedente e mudou-se em *é*. Seindindo-se, a forma primitiva deixou uma parte de sua significação a cada uma das duas formas que d'ella nasceram. É por isso que *daturi* e *datores* vêm ambos de *dátiras*, que

reunio em si a significação das duas formas latinas. Havia desde os tempos mais antigos verdadeira afinidade entre a expressão do futuro e as das relações indicadas pelo subjuntivo latino. Na 3.^a conjugação porem o *é* de *vehés*, *vehemus* contem a antiga característica, que em *veh-i-mus*, *veh-i-tis* enfraqueceo-se em *i*, mantendo-se o *a* na verdadeira forma no futuro e no subjuntivo, graças ao diphthongo em que estava englobado. Antes de terem-se no indicativo as formas *veh-a-s*, *veh-a-mus* degenerado em *veh-i-s*, *veh-i-mus*, já se tinha tido o futuro *veh-é-s*, *veh-é-mus* e o subjuntivo *veh-ás*, *veh-á-mus*: assim a alteração da característica no indicativo não influio no futuro e subjuntivo sobre o *a* fundido com a expressão modal.

§ 156. Os perfectos do subjuntivo latino, como *am-a-ve-ri-m* por *am-a-sim*, são de formação nova; o *r* (*s*) modou o *i* de *am-a-vi* em *e*, o que é conforme aos habitos do latim. O imperativo latino supprimio na 1.^a pessoa, como o gothico nos verbos fortes, a característica da classe, excepto em *fac*, como *dic* por *face*, *dice*, *duce*. O *to* da 2.^a pessoa vem de *tât* do dialecto vedico, melhor conservado em osco *licitud*, *stud*. Nesta forma *tât*, como na 2.^a do plural *tote*, a expressão da pessoa está contida duas vezes. A 3.^a pessoa do plural é em *nt* (*leganto*), que se pode aproximar do sanskrito medio *autâm*, podendo tambem ser que, assim como ha singulares em sanskrito como *ghiva-tât* (elle viva), poderiam tambem haver pluraes como *ghivantât* (*vivunto*), do qual viesse o latim por intermedio do grego (Bopp). O imperativo portuguez não tem formas especiaes para a 3.^a pessoa, o que nos parece conforme as ideas de ordem e mando contidas no imperativo, as quaes, como é natural, referem-se mais a pessoa com quem se falla.

§ 157. A forma que mais se aproxima em latim do condicional sanskrito, de pouco uso, é o imperfecto do subjuntivo, que, como já vimos, é de formação propria e se effectua por meio do verbo substan-

tivo. O condicional portuguez se affasta d'este modo de formação, como tambem já vimos. Os futuros como *faxo, capso, axo, accepso*, como os perfeitos e mais que perfeitos do subjuntivo *auxim, ausim* apresentam uma analogia exterior com os infinitos sanskritos em *se*. Mas a maior parte d'elles não teem perfeitos em *xi*, igual a *c* mais *si*, e haveria difficuldade em explicar como, por exemplo, *extinxim* teria vindo de *extinxim, capso, axim* de *capxi, axi*. Bopp para explicar estes futuros suppõe que elles provêm de verdadeiros perfeitos perdidos, pois o tempo assim chamado em latim é na realidade aoristo, e que ao lado dos aoristos *feci, cepi, dixi* ter-se-hia outrora *sesaca* ou *pesaca, cecapa, didica*. etc. Estas formas acabaram por perder a syllaba dobrada, como o imperfeito e aoristo perderam o augmento, ou teve isto lugar quando o verbo substantivo (*fac-so, dic-sis, vic-sit*) veio ajuntar-se-lhes? Qualquer que seja a resposta, diz elle, que suppõe ter havido tempo em que esses futuros eram dobrados e em que se dizia, por exemplo, *pesaxo* ou *sesaxo, cecapso*. Se esta explicação não é justa, continua, resta considerar taes futuros como verdadeiros futuros primarios, sendo impossivel a menor differença entre *axo* e *acso*. Em apoio d'esta opinião, cita-se os antigos infinitos em *ssere* com a significação de futuros primarios. Pondo de lado o suffixo do infinito, em tudo o do infinito aoristo e o dobramento do *s*, às formas como *impetrassere* correspondem aos infinitos gregos como *ὑπέλασσειν, guelassein*. Suppõe-se que estes infinitos não eram limitados a 1.^a conjugação, mas havia tambem formas como *habessere, faxere, capsere*. O umbrico, que, como o osco, apresenta formas mais antigas que o latim, na maior parte de seus futuros une *a* do verbo substantivo ao thema do presente, ou a raiz nua do verbo principal; mas o *f* de, *fu* é supprimido depois de consoante e até depois de vogal, como *i-ust, iverit*. *Fak-ust* significa: *elle terá sido o que faz*, ao passo que o latim *fecerit* quer dizer: *será o que tem feito*. Do

mesmo modo *convort-ust* (*converterit*), *ampr-e-fus* (*ambiverit*; compare-se *fus* ou *fust* com *fuert*), *fak-urent* (*fecerint*). O mesmo em oscó, mas neste dialecto não temos exemplos do *f* conservado, o que não impede Mommsen de reconhecer a raiz *fu* em *dik-ust* (*dixerit*), *pruhib-ust* (*prohibuerit*), *sefak-ust* (*fecerit*), ainda antes de ter o umbrio posto o facto fóra de duvida. Como a raiz *fu* não entra regularmente na conjugação do verbo substantivo, senão no perfeito, adquerio de alguma sorte a faculdade de exprimir por si o passado, o que não impede de significar *fecerit* o osco *fust*, e é talvez no sentido de futuro que se deve explicar igualmente o auxiliar contido em *sefakust*: nesta forma, que significaria litteralmente: *será o que tem feito*, a idea do passado seria expressa pelo dobramento, e o futuro por *ust* (por *fust*).

§ 158. Dispondo a lingua latina de duas raizes: *as* e *fu* para significar a idea de existencia, usou de uma no imperfeito do indicativo e de outra no do conjuntivo, senão encontraríamos naquelle *stá-rem* por *stá-eram* em frente de *stárem*, ou neste *stá-bam* por *stá-baim* em frente de *stá-bam*. Em consequencia achou-se até certo ponto interrompida a symetria entre *stá-bam* e *stá-rem*, tendo o *r* d'este o ar de participar da expressão modal, posto que realmente esta expressão reside somente no *i* contido no diphthongo *é*. Se *pos-sem* por *pot-sem* contem o verbo substantivo, e é formação propria do latim, o mesmo se deve dizer de seu analogo *es-sem* (de *ed-sem*, que eu comesse), e de *fac-sem* (imperfeito do subjuntivo, como *fac-sim* é presente), porque, se estas formas fossem derivadas do perfeito *fui*, ter-se-hia *sexem* ou *sexim*. Em *pos-sem*, *es-sem* e *fac-sem* conservou-se o antigo *s* do verbo substantivo, assimilando-se a liquida precedente depois de *l* ou *r*, como *fer-rem*, *vel-lem*, e mudando-se em *r* entre duas vogaes, porque o imperfeito tem direito a vogal caracteristica da classe, sendo por isso que temos *leg-e-rem*, *dic-e-rem* por *leg-*

i-rem, dic-i-rem. Se o imperfeito do subjuntivo se derivasse do aoristo do optativo grego, teríamos *di-xem* por *dic-e-rem*. As formas *es-sem* (que eu comesse) e *fer-rem* são regulares, porque não tomaram originariamente a vogal característica, como vemos ainda em *ê-s, est, es-tis, fer-s, fer-tis*. Para fazer vir *fer-rem* de *fer-e-rem* pela supressão do *e*, seria preciso para explicar a ultima suppor que este verbo inserindo um *e*, introduzio-se na conjugação mais usada, como effectivamente ao lado de *es-sem* temos *ed-e-rem*. Para explicar *es-sem* (eu fosse), em vez do qual devíamos ter *erem*, correspondente a *eram*, observe-se que *eram* está por *esam*, sanskrito *âsam*, do qual sahio *esem* por *esêm* pela inserção da vogal modal *i*, sem que fosse observada a regra, que não é absoluta, de mudar-se o *s* em *r* entre duas vogaes, dobrando-se depois a sibilante conservada no subjuntivo (mudada em *r* no indicativo), pela razão euphonica de serem dobradas as vezes em latim, como em grego, as consoantes mais fracas (as liquidas e *s*). Pode ser que, abreviando-se *essem* de *esam* em *sem*, mais tarde *rem*, fosse juata a uma raiz attributiva, e, perdido seu valor, *se* e *re*, tomados como expoente da relação modal, se combinassem com a propria raiz *es*, e *es-sem* significaria: *eu fosse estando*, como *pos-sem*: *eu fosse podendo*. Podê tambem ser que *es-sem* (eu comesse), *pos-sem* (eu podesse) tenham influido na forma *es-sem* (eu fosse), e a lingua dobrasse o *s* de *e-sem* a exemplo d'esses verbos. Seja como for, pode-se considerar *essem*, e a forma que devia preceder, *e-sem*, creações novas, porque, nem em sanskrito, nem em grego, o imperfeito sahe do indicativo, e o termo de comparação mais proximo do subjuntivo latino é o aoristo do optativo grego: *esem* sahio de *esam* (*eram*).

LICÇÃO 37.^a

DOS PARTICÍPIOS, INFINITO, SUPINO E GERUNDIOS.

§ 159. Em sanskrito emprega-se também, mas raramente, como participios do futuro, as formações em *tar*, correspondentes às em que o latim emprega o suffixo *tor*, como nomes de agentes. Da forma *tor* sabio, como vimos, outra, *-turo*, empregada somente no sentido do participio do futuro nesta lingua.

245 O participio presente forma-se com o suffixo *nt* nas linguas indo-europeas, o qual o latim, como o borussiano, amplia com a addição de um *i*. Salvo o nominativo, o thema *laudant* segue em todos os casos a analogia dos themas em *i*. Assim *laudanti-a*, *laudanti-um*, *laudant-em* são exactamente formados, como *facili-a*, *facili-um*, *facile-m* por *facili-m*, posto que se possa dividir:—*laudant-ia*. No participio presente do verbo substantivo *sens* o latim conserva o *s* do nominativo em *prae-sens*, *ab-sens* ao abrigo das preposições *prae*, *ab*, pois que a forma isolada é *ens*. O *e* dos participios latinos da 3.^a conjugação, como *leg-ens*, *teg-entem*, é da mesma origem da vogal característica *i* (por *a*) de *veh-is*, *veh-i-t*; em geral o latim antes de duas consoantes prefere o *e* a *i*. Na 4.^a conjugação *ie*, como em *aud-ie-ns*, representa o *aya* sanskrito. Na 1.^a e 2.^a, como *am-a-ns*, excepto *da-ns*, *sta-ns*, *fa-ns*, *fla-ns*, o *a* pertence a raiz. As mesmas regras vigoram em portuguez. Léoni diz que os participios portuguezes são iguaes aos latinos, de que se derivam, em numero e propriedades; que ha trez participios activos: um do presente, outro do preterito e outro do futuro. Já vimos que em portuguez os participios do presente se extinguiram, e perdendo a significação activa que tinham, d'elles só restam hoje poucos, como *obediente*, *tocante*, *conducente*, *pertencente*, *temente*, *tendente*, *attinente*, etc. O participio do preterito toma no portuguez a significação activa (propriedade que já tinha este participio

em latim), o que tem lugar ainda quando se deriva de verbos intransitivos, ou é empregado como substantivo; sua forma antiga era em *udo* de *utus*, a par de *ido*, applicado a 2.^a conjugação, como entre outros: *agradecido* (o que agradece), *arrojado* (o que se arroja), *atrevido* (o que se atreve), *calado* (o que se cala), etc. Com a forma *udo* havia: *creúdo*, *avudo* e actualmente: *manteúdo*, *teúdo*. Alguns d'estes participios conservam a forma em *ato* de *atus*, *eito* de *eptus* e *ectus*, *ito* de *itus*, como *pacato* (*placatus*), *conceito* (*conceptus*), *constricto*. Os participios activos do futuro são hoje desusados em portuguez, e antigamente se confundiam com os participios passivos do futuro. Entre os que ainda restam apontaremos: *vindouro*, *duradouro* e outros e com a forma latina: *futuro*. Muitos d'estes participios acham-se actualmente substantivados, já com a forma propria da lingua, já com a desinencia latina, como *ancoradouro*, *ventura*, *costura*.

246 Os participios passivos do preterito servem tambem de adjectivos e variam em genero e numero. Tomam significação activa, quando se ajuntam aos verbos *ter* e *haver*, para formar tempos compostos dos verbos sem variação de genero e numero, no que se distinguem dos da lingua franceza, posto que antigamente tivessem sido assim usados. Estes participios tambem tem duas formas: uma propriamente portugueza, outra latina, como *aceito*, *affecto* e outros muitos. Nos tempos compostos dos verbos usam-se dos participios com a primeira forma e não com a segunda, porque esta denota um estado que não pode ser causado por alguem. Muitos dos da segunda forma já se acham hoje substantivados, como *escripto*, *assumpto*, *colheita* e outros. Poucos participios passivos do futuro tem a lingua portugueza, e estes não perderam inteiramente a significação primitiva, como *venerando*, *examinando*, sendo tambem substantivados, como *viverda*, *lenda*.

§ 160. Em sanskritto chama-se *participio perfeito* a

uma formação, cujo suffixo é *vā'ns*, *vat*, *ush*, fazendo este ultimo no feminino *ūsi*, por euphonia *ushi*. Bopp diz que a palavra *secūris* talvez nos effereça um resto d'estes participios femininos, e que pode-se ver no suffixo latino *osus*, (*ōso*) o *vā'ns* dos casos fortes, como *pisc'osus*, sendo quase a mesma a relação entre o suffixo comparativo *iyā'ns* ou *yā'ns* e *ior*, com a differença que *oso* conservou a antiga sibilante, mas perdeu o *v*, como em *sōpio*, igual a *scāpāyāmi* faço dormir. Quanto a ampliação do suffixo pela addição de uma vogal, compare-se a relação existente entre *tōr*, § 76 e *tūro*. O *s* do suffixo, segundo a opinião do mesmo auctor, é primitivo. Os participios passivos sanskritos, que tem relação com algum tempo do indicativo, formam-se com o suffixo *māma*, que serve para a 1.^a conjugação principal, excepto a 10.^a classe, e sua mutilação *ama*, que serve para a 2.^a conjugação principal e para o perfeito. Este suffixo entra na composição de muitas palavras latinas e portuguezas, como *al-u-mnus*, *al u-mno*, *Vert-u-mnus* (§ 478, Bopp), sendo o primeiro *u* alteração do *a*, suprimida a media do suffixo, por *al-u-minus*. Este suffixo, § 66, já era empregado em portuguez desde 1285, e talvez nos diminutivos em *im*, como *espadim*. Bopp diz que a palavra *femina* parece participio medio da raiz *fe*, que se encontra em *fe-tus*, *fe-tura*, *fe-cundus*, e significa *a que pare*.

§ 461. O participio do futuro passivo em *nd* é proprio da lingua latina, e deriva-se do participio do presente, como *ferendus* de *ferent*. Alem de que a forma *nd* conserva os signaes caracteristicos das classes e sabe-se que estes signaes sò se acham no presente, no imperfeito e nas formas derivadas do presente. Assim o *n* de *sternu*, o *t* de *pecto*, *pecto*, o dobramento de *gigno* (*gen-ti*, *gen-ti-tum*) conservou-se em *ster-ne-ndus*, *pect-e-ndus*. De mais, os gerundios que são identicos na forma ao participio do futuro passivo, provam que este deveria ter tido o sentido activo e presente: *docendi*, *docendo* suppoem um no-

minativo *docendus*, cujo sentido primario deveria ter sido: *o que ensina*. Os substantivos abstractos e sobretudo os que, como os gerundios latinos, exprimem pura e simplesmente o acabamento da acção, formam-se naturalmente de participios presentes activos, como *abundantia* de *abundant*. Ha em latim substantivos abstractos, que derivam de participios em *tûro*, ou antes estes participios se convertem no feminino em nomes abstractos, mas renunciando a qualidade de futuro, tomam o valor de participios presentes ou nomes de agentes. Assim *ruptura* deve-se entender como a personificação da acção de romper, propriamente a pessoa que rompe, e assim *junctionura*, *mistura*, *genitura*, etc. *Secundus* conservou-se fiel ao sentido originario do suffixo, pois não é contracção de *sequebundus*. As palavras em *bundus*. § 59 e ns. 94 e 121, são da mesma formação, se conteem o suffixo *ndo*, combinado com o verbo substantivo, que reconhecemos aos imperfeitos e futuros, *bam* e *bo*, mas não derivam d'elles, com quanto sejam duas formas irmãs, porque *gemebundus*, por exemplo, não é o que *gemia* ou *generá*, mas o que *gema*. Bopp ve em *bundus* o participio presente da raiz *bhu* (*fu*) com ampliação do suffixo *nt* em *ndo*, como no participio passivo do futuro. O *u* de *bundus* não é vogal radical de *bhu*, mas a alteração de um antigo *a*. A prova de que as formas em *bundus* são derivadas do participio é que regem accusativo, como em Tito Livio: *vitabundus castra*. Se entretanto, diz Bopp, se deve derivar estas formas de outro tempo e não do presente, poder-se-hia ver nellas antigos participios do futuro, de uso pouco a pouco mais raro com mudança de significação, porque havia a seu lado os participios em *târns*, pois a maior parte das formas em *bundus* pertence a 1.^a conjugação; na latinidade antiga a 3.^a e 4.^a conjugação tambem tinha futuros em *bo*, sendo provavel que a forma em *bo* foi primitivamente usada em todos os verbos; vimos que *legam* e *audiam* são subjuntivos presentes substitutos dos

futuros perdidos. *Lascivibundus* e *sitibundus* deveriam então ser considerados como analogos dos futuros archaicos *scibo*, *dormibo*, com a differença de ser breve o *i*, que precede *bundus*; mas a excepção do *a* da 4.^a conjugação, a vogal posta antes d'este suffixo é sempre breve, e por isso temos *gemebundus* em face de *dicébo*, e *pu**di**bundus* de *pu**d**ébit*.

§ 162. O suffixo de participio passado é em sanskrito *ta*, latim *tu*, portuguez *do*, o qual se ajunta immediatamente a raiz ou por meio da vogal de ligação *i*, como *ghunhá-tá-s*, (*g*)-*nó-tu-s*, conhecido. O latim tira de seus verbos neutros ordinariamente da 2.^a conjugação, formas em *i-dus*, como *plac-idus* e outros. O *d* aqui é enfraquecimento de um antigo *t*, e encontra-se nesta parte o latim com o portuguez; a mesma cousa tem lugar em *quadraginta* em vez de *quatráginta* e outros. Ha em latim um verbo transitivo, cujo participio passado tem significação activa e conserva o *t*: é *fertus* o que produz, fertil, do sanskrito *bhā-tā-s*. Em portuguez os ha tambem, como vimos. Apesar de corresponderem igualmente os verbos latinos da 2.^a conjugação aos sanskritos da 10.^a classe, Bopp julga fortuita a coincidência de suas formas, como *mon-i-tu-s* e *mān-i-ta-s*.

§ 163. O infinito latino deriva-se do infinito vedico em *se* pela mudança d'esta forma em *r*, na qual está contido o verbo substantivo, o que se vê claramente em *pos-se*, por *pot-se*, ser poderoso, porque *possum* em toda a sua conjugação mostra a reunião de *pot* (*pos* por assimilação) com o mesmo verbo. *Es-se* comer, tambem corresponde perfeitamente ao sobre-dicto infinito (existe tambem a forma *ed-ere*); se a raiz sanskrita *ad*, comer, tivesse um infinto d'esta sorte, seria *at-sé*. Em *fer-re* por *fer-se*, e em *velle* por *vel-se* a sibilante do auxiliar se assimilou a consoante precedente. Todos estes verbos ajuntam immediatamente as desinencias a raiz em algumas ou em todas as pessoas, isto é, correspondem a 2.^a classe sanskrita: os outros tem a vogal caracteristica da

classe. A 3.^a conjugação muda o *i* (*a* antigo) em *e* por causa do *r* seguinte: *veh-e-re*, sanscrito *vak-shé*, por euphonia *vah-shé*. Considerando o *a* dos infinitos sanskritos em *asé* como vogal característica da classe, *ghivá-sé* corresponde a *viv-e-re*. Se porem o *a* de *asé* é a vogal radical de *as*, *asé* corresponde a *esse*, salvo se dividindo em *es-se*, a raiz estiver contida duas vezes em uma só palavra. Se assim é, na forma do infinito veio ajuntar-se a desinencia do dativo a raiz nua. Talvez o latim já tivesse infinitos assim formados: é na 3.^a conjugação que se pode conhece-lo. Temos com effeito *amare*, *amari* e *amarier*; *monere*, *moneri* e *monerier*; *audire*, *audiri* e *audirier*. Se *dicere* fosse a forma primitiva, dever-se-hia ter *diceri* e *dicerier*, mas temos *dici*, *dicier*. Podemos concluir que houve mais antigamente um infinito activo *dice*; do contrario deve-se admittir *dici* e *dicier* como mutilações de *diceri*, mais antigamente *dicerier*. Em todo o caso a explicação de Dutrey n 237, não nos parece a mais aceitavel.

247 O infinito passivo se forma, segundo Bopp, do infinito activo com o accusativo do pronome reflexivo *se*, que primeiro se converte em *re*, depois se muda em *er* por metathese e finalmente, para evitar o encontro dos dois *ee*, muda-se o primeiro em *i*. Assim *laudari*, de que depois se fez *laudari*, veio de *laudareer*, este de *laudarere* e este de *laudarese*. Se assim é, *laudari* é mais um infinito medio do que passivo. Em favor de sua opinião diz Bopp que o *e* do infinito latino é breve, porque é no fim das palavras que as syllabas longas estão mais sujeitas a abreviar-se e até a supprimir-se; que *bene* e *male* tem o *e* breve, apesar de terem-n'o longo os adverbios formados de adjectivos da 2.^a declinação; que este *e* é igual ao *e* sanscrito que se encontra no locativo dos themas em *a*, como *nové* de *návé* de *nava-s*; que o *e* se abreviou igualmente em certos imperativos da 2.^a conjugação, como *cave*; que o *i* do passivo é longo para compensar a perda da syllaba *er*, pois que, se o *i* final